

Hunsrückisch

Inventário de uma Língua do Brasil

Cléo Vilson Altenhofen

Rosângela Morello

(Organizadores)



Ana Carolina Winckelmann

Ana Paula Seiffert

Angélica Prediger

Gabriel Schmitt

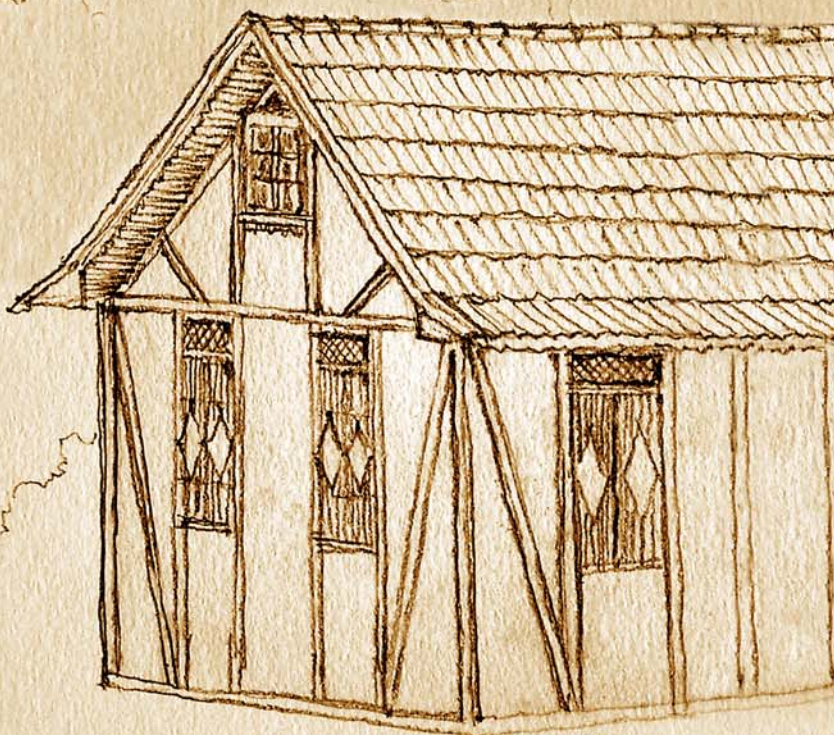
Gerônimo Loss Bergmann

Jussara Maria Habel

Luana Cyntia dos Santos Souza

Sofia Froehlich Kohl

Tamissa Gabrielle Godoi



inventário
HUNSRÜCKISCH
ipól . alma-h . iphan



editora
garapuvu

Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)

Instituição Executora

IPOL - Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística
Rua Lauro Linhares, 2123, sala 713, torre A - Trindade - Florianópolis, SC
Coordenação Geral: Rosângela Morello

Instituição Parceira

Projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch)
Coordenação: Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS) e Harald Thun (Univ. Kiel, Alemanha)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Instituto de Letras
Direção: Sérgio de Moura Menuzzi
Vice-direção: Beatriz Cerisara Gil

Instituição Financiadora

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura, Governo Federal

Equipe de Execução do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)

Coordenação Geral: Rosângela Morello
Coordenação de Pesquisas de Campo: Cléo Vilson Altenhofen
Assistência Executiva: Tamissa Gabrielle Godoi
Pesquisadores: Ana Carolina Winckelmann, Ana Paula Seiffert, André Ricardo Kuster Cid, Angélica Prediger, Chari Meleine Brevers Gonzalez Nobre, Cléo Vilson Altenhofen, Cleuza Hehr, Edenize Ponzos Peres, Eduardo Gonçalves Nunes, Gabriel Schmitt, Gerônimo Loss Bergmann, Jussara Maria Habel, Lívia Gomes dos Santos, Luana Cyntia dos Santos Souza, Lucas Löff Machado, Luciane Ouriques Ferreira, Mariela Felisbino da Silveira, Paola Inhaquite Wollmann, Reni Klippel Machado, Rodrigo Schlenker, Rosângela Morello, Sofia Froehlich Kohl, Tamissa Gabrielle Godoi, Viktorya Zalewski Pietsch dos Santos, Willian Radünz.



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Brasil



INSTITUTO DE LETRAS
UFRGS



Hunsrückisch

Inventário de uma Língua do Brasil

Cléo Vilson Altenhofen

Rosângela Morello

(Organizadores)

Ana Carolina Winckelmann

Ana Paula Seiffert

Angélica Prediger

Gabriel Schmitt

Gerônimo Loss Bergmann

Jussara Maria Habel

Luana Cyntia dos Santos Souza

Sofia Froehlich Kohl

Tamissa Gabrielle Godoi



inventário
HUNSRÜCKISCH
ipol . alma-h . iphan

Florianópolis
2018



editora
garapuvu

Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil

© 2018 dos respectivos autores

Coordenação:

Cléo Vilson Altenhofen, Rosângela Morello

Editoração, Design e Capa:

Rodrigo Dias Pereira/Quanta

Autores:

Ana Carolina Winckelmann, Ana Paula Seiffert, Angélica Prediger, Cléo Vilson Altenhofen, Gabriel Schmitt, Gerônimo Loss Bergmann, Jussara Maria Habel, Luana Cyntia dos Santos Souza, Rosângela Morello, Sofia Froehlich Kohl, Tamissa Gabrielle Godoi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil /
Cléo Vilson Altenhofen, Rosângela Morello [et al.]. – Florianópolis:
Editora Garapuvu, 2018.
14.060kb : il. ; pdf

ISBN 978-85-907418-7-9

1. Hunsrückisch 2. Inventário Linguístico 3. Língua de Imigração
4. Imigração Alemã no Brasil. I. Título

CDD 400



editoragarapuvu@gmail.com

Sumário

Apresentação	11
Introdução	17
1 O Hunsrückisch	23
1.1 Definição do Hunsrückisch.....	23
1.1.1 Origem sócio-histórica e geográfica	23
1.1.2 Base linguística de partida	28
1.1.3 Autodenominações para o Hunsrückisch	37
1.2 Topodinâmica das migrações do Hunsrückisch.....	45
1.3 Áreas tipológicas: Hunsrückisch Rio-Grandense (Hrs.), Leste-Catarinense (Hsc.) e do Espírito Santo (Hes.)	50
1.3.1 Regularidades e traços em comum.....	56
1.3.2 Marcas distintivas entre os tipos <i>Deutsch</i> e <i>Deitsch</i> do Hrs.	67
1.3.3 Marcas com grande variabilidade	72
1.3.4 Contatos com o português e outras línguas românicas.....	73
1.3.5 Escrita do Hunsrückisch.....	80
1.4 Estudos sobre o Hunsrückisch: Teses & Dissertações	86
1.5 Pesquisa censitária e diagnóstico sociolinguístico do Hunsrückisch	94
2 O Inventário	97
2.1 O Hunsrückisch no Inventário Nacional da Diversidade Linguística.....	97
2.2 Equipes de pesquisa: RS, SC e ES	101
2.3 Gestão e logística de trabalho.....	101

2.4 Organização da pesquisa.....	102
2.5 Instrumentos de coleta: tipos de questionários	103
2.6 Comunidades de referência do Hunsrückisch	105
2.7 Especificidades do presente Inventário	112
3 Usos da língua: entre a manutenção e a perda	115
3.1 Sobre a obtenção de dados censitários	115
3.2 Estimativa do número de falantes: uma aproximação.....	116
3.3 Aquisição, transmissão e retenção linguística do Hunsrückisch	121
3.3.1 As línguas faladas	128
3.3.2 As línguas em que aprendeu a falar.....	130
3.3.3 Das línguas que aprendeu, quais ainda fala?.....	131
3.3.4 As línguas faladas em casa e sua transmissão para os filhos	132
3.3.5 Sobre a transmissão e aprendizagem do Hunsrückisch e do alemão padrão	134
3.3.6 As proficiências em fala, compreensão, leitura e escrita nas línguas	136
3.3.7 O que se lê e o que se escreve.....	138
3.4 Domínios de uso do Hunsrückisch	141
3.4.1 As línguas da família: <i>das Deutsch von dehemm</i>	141
3.4.2 Língua da comunidade: <i>die Nachbarschaft unn die Pikoood</i>	149
3.4.3 As línguas nas interações do trabalho	155
3.4.4 A língua no comércio: Hunsrückisch como moeda de troca.....	156
3.4.5 O ingresso na escola: espaços e deslocamentos da língua de casa ...	158
3.4.6 A língua da Igreja e a língua na igreja	166
3.4.7 A presença da língua na administração municipal	171
3.4.8 Usos escritos em Hunsrückisch.....	175
3.4.9 Ambientes virtuais, mídia e produção audiovisual.....	186
3.4.10 Espaços e atividades culturais em Hunsrückisch.....	193

3.5 O Hunsrückisch como patrimônio cultural e língua cooficial.....	198
3.6 “O Hunsrückisch está deixando de ser falado pelas crianças”: O que esperam os falantes para o futuro de sua língua?.....	200
4 O Hunsrückisch após o inventário: resultados e perspectivas	205
4.1 Concurso Literário e Livro 1 com os textos selecionados.....	205
4.2 Consolidação da escrita do Hunsrückisch	207
4.3 Documentário “Viver no Brasil falando Hunsrückisch”	208
4.4 Encontros de Falantes e Encontros do Inventário.....	210
4.5 Livro 2: acervo de cartas de imigrantes.....	211
4.6 Formação e apresentações da equipe	212
4.7 Base de dados do Inventário.....	214
4.8 Relatório final e Livro 3 do Inventário do Hunsrückisch.....	216
4.9 Sínteses e conclusões	217
Referências Bibliográficas	219
Anexos	231



Lista de abreviaturas

al.	= alemão
ALMA-H	= Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch
AR	= Argentina
cf.	= confira, compare
E	= Entrevistador
ES	= Espírito Santo
F	= falante (F1, F2, F3 etc.)
F(f)	= falante (feminino)
F(m)	= falante (masculino)
fr.	= francês
Hdt.	= Hochdeutsch
Hes.	= Hunsrückisch do Espírito Santo
Hrs.	= Hunsrückisch Rio-Grandense
Hsc.	= Hunsrückisch Leste-Catarinense
IHLBrl	= Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração
IPHAN	= Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOL	= Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
l.	= linha
lit.	= literalmente
mhd.	= mittelhochdeutsch ‘médio alto-alemão’
MT	= Mato Grosso
n.	= número
p.	= página
p.ex.	= por exemplo
pl.	= plural
PR	= Paraná
Pt.	= português
Pt.(RS)	= português rio-grandense
PY	= Paraguai
RS	= Rio Grande do Sul
s.	= seguinte
SC	= Santa Catarina
Sg.	= singular
ss.	= seguintes
v.	= veja-se
var.	= varia com

Notações e símbolos especiais

itálico	= usado para formas
apóstrofes ‘...’	= significado
aspas “...”	= citação
negrito	= ênfase
[]	= pronúncia (transcrição fonética) ou inserções
<	= proveniente de, originário de
< >	= grafemas
/ /	= fonemas

Escrita do Hunsrückisch

Guia resumido das regras do ESCRITHU utilizadas na transliteração dos dados

Vogal diante de duas consoantes = curta

Katz, Stenn, Lewwer, Brick, voll, Supp, Kuss

Vogal diante de uma consoante = longa

Lewe, brige, Mode, Blum

Vogal diante de <h> = longa

Hahn, stehn, Stiehl, Vohl, Bohn, Stuhl, Kuhn

<ie> = [i:] longo como em *Kiel, lieb, Lied*

<oo> = [ɔ:] aberto longo como em *Froo, Toooh*

<aa> = [a] longo como em *Fraa, Taach*

<ee> = como em *kleen, scheen, Tee*

<ei> = [ai] como em *Schneider, Klein, Ei*

<eu> = [ɔi] aberto como em *zweu, Eu*

<au> = como em *Haus, raus*

<ui> = como em *Teekui*

Som [ea] final variável:

<ea> = como em *Weat, Schea, mea* 'nós'

<-er> = como em *Wer, her, Lehrer*

<-eer> = como em *Meer, leer*

<-ehr> = como em *Lehr, Kehr*

<-ier> = como em *Bier, hier, vier*

<st> = como em *Stein, Rost, host*

<sp> = como em *Sport*,

<sch> = como em *Schneider*

<ch> = como em *Koch, Bach, ich*,

<x> e <chs> = como em *Taxi, Ax, Hex, wachse*

<ck> = [k] como em *Becker, Rock, backe*

<ng> = como em *Finger*

<nk> = como em *Bank*

<j> = [i] como em *Jung*

<v> = [f] como em *Volkswagen, vier, von*

<w> = [v] como em *Wein, was*

<k> (com aspiração) = como em *Kind, Katz*

<h> = como em *Hahn*

<z> = [ts] como em *Zimmer*

<tz> = como em *Fritz, Katz*

<s> = como em *Sack, Sand*

<ss> = como em *Wasser*

<g> = desonorizado como em *Gewehr, ganz*

 = desonorizado como em *Bock, Backes*

<d> = desonorizado como em *Donnerstach*

<-er> final (palavra de duas sílabas) = como em *Lehrer, Becker, immer*

Palavras gramaticais, como as que seguem, são escritas sempre da mesma maneira, pois são indeclináveis. A regra é se habituar ao padrão da escrita:

Pronomes interrogativos: *was, wann, warum, weche was, wer, wie, wie oft, wievell* ou *wie viel wo, wohin, woher*

Partículas: *so, ooch, net, goo net, sogoo, mol, immer, noch, ganz, oft, genn, neext, nix, niemand, nore* ou *nure, bloss, hier, doch, alles, viel, wenich, en bissche, eenter, nimme, manichmol, eenfach*

Artigos: *de, die, das, dem, en, enne, kenn, kenne*

Preposições: *ab, an, aus, bei, bis, dorrich, fo* ou *fa, hinner, hinnich, iwwer, iwwich, mit, newe, noh, on, unner, von, vor, weche, zu*

Conjunções: *unn, awer, well, dass, wenn, ob, ore, eeb, for ... se*

Pronomes pessoais: *ich, du, de, die, das, mea* ou *mia, dea* ou *dia, die*

Numerais cardinais: *eene, zweu* ou *zwei, drei, vier, fennef, sechs, siwwe, acht, neun, zehn, ellef, zwellef, dreizehn, vierzehn ...*

Numerais ordinais: *eerste, zwette* ou *zweite, dritte, vierte, fennefte, sechste, sibte, achte, neunte, zehnte, elfte, dreizehnte, vierzehnte ...*

Verbos auxiliares: *hot, honn, is, sinn* ou *senn, kann, kenne, misse, muss, soll, solle, derref* ou *terref, derfe* ou *terfe, will, wolle*



Foto: Cléo Vilson Altenhofen

Apresentação

Quando iniciamos, em 2016, o Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI), aceitamos o desafio de demonstrar seu papel na construção da brasilidade como uma língua histórica e de referência cultural para todos os brasileiros, inscrevendo-a no âmbito da Política do Inventário Nacional da Diversidade, para que assim fosse conhecida e reconhecida.

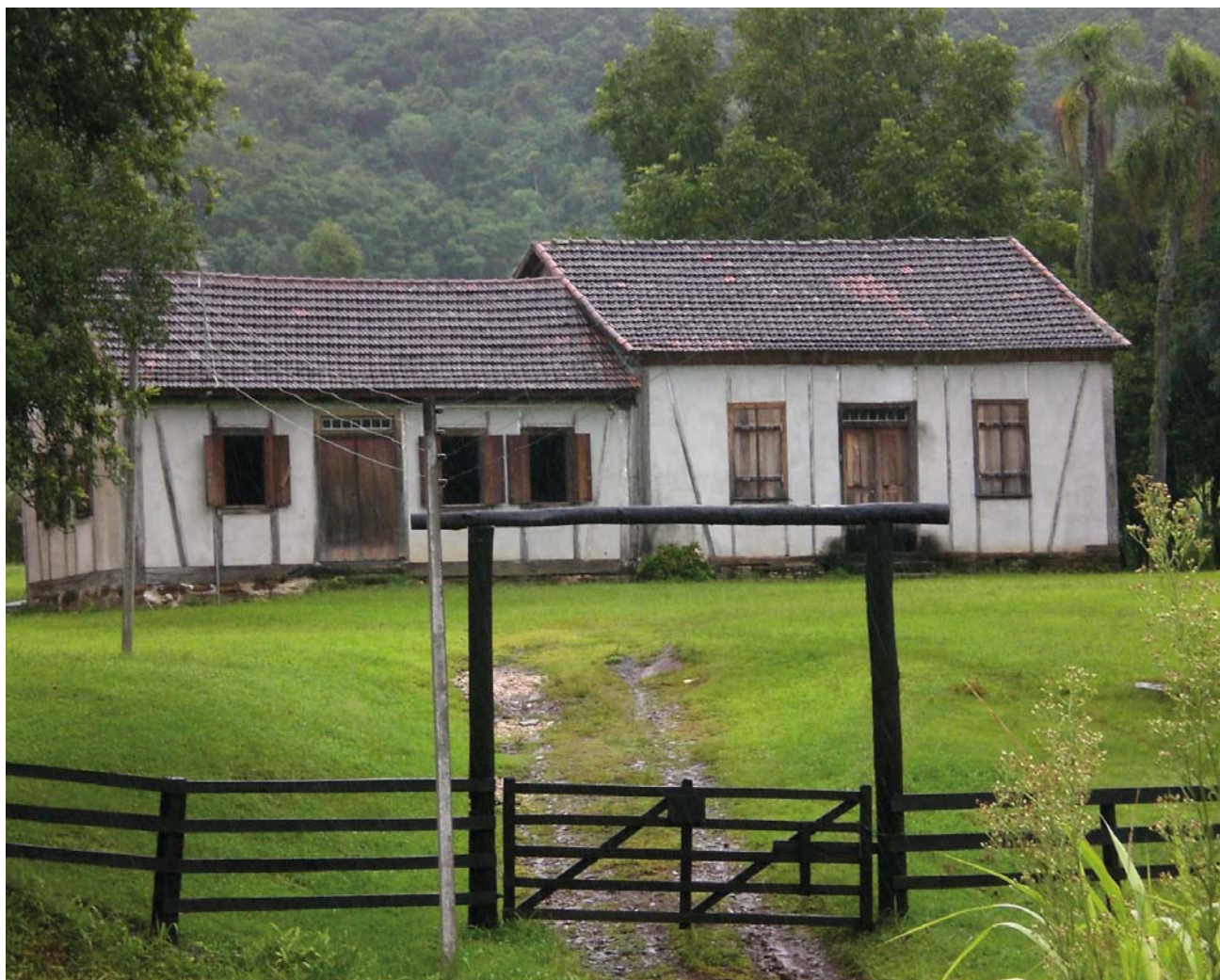
A palavra *inventário*, nas comunidades de falantes de Hunsrückisch, sempre remeteu a um “inventário da terra”; *Die mache das Inventar vom Land*, costuma-se dizer. E o assunto normalmente vem à tona, quando alguém dono de um pedaço de terra morre ou está de cama, prestes a morrer. No que se refere ao objeto de que trata este livro, o que está sendo inventariado aqui é pelo contrário uma língua que, como a terra, precisa ser passada adiante. Diferente, no entanto, da terra, a qual permanece *in natura* onde está, a língua depende de alguém que a continue falando e dela deixe marcas, obras ou ao menos lembranças. Em outras palavras, a língua precisa ser incessantemente plantada e colhida, e replantada. Isso atribui ao inventário linguístico um significado que vai além do simples registro; isto é, há uma preocupação com o que vai ser depois, já que, se não houver mais a língua, o inventário irá se tornar um documento vazio que registra uma língua neste caso semelhante a um dinossauro: sabe-se que existia, mas se perdeu no tempo.

O Inventário do Hunsrückisch é, por isso, acima de tudo o inventário de uma herança cultural trazida por imigrantes da região centro-ocidental da Alemanha que, desde 1824, chegaram ao Brasil. Uma herança presente em vasto território, uma vez que seus falantes se espalharam por toda a Bacia do Prata, parte do sudeste e centro-oeste brasileiro, áreas da Amazônia e, inclusive, para a região nordeste. Portanto, fazer o Inventário do Hunsrückisch significou trabalhar não com uma língua “minoritária” de uma localidade ou região restrita, e sim, sem exagero, de uma língua do tamanho de um continente – como o guarani, como o português, como o espanhol, como as mais de 370 línguas ainda vivas no Brasil e as demais línguas que ainda são faladas deste lado da América. Para abarcar uma territorialidade e realidade tão extensas e diversas, foi fundamental contarmos com a experiência e conhecimentos acumulados em projetos de pesquisa realizados. Nesse sentido, na definição da língua, suas variações e contatos, assumiram papel central o Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do



Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), o ALMA Histórico, o BIRS (*Bilinguismo no Rio Grande do Sul*) e na abordagem da língua na perspectiva do Inventário, foi central a diretriz de pesquisa adotada pelo Inventário da Língua Guarani Mbya (ILG) que, assim como o Hunsrückisch, se configura, ela também, em grandes extensões territoriais supranacionais. Foi igualmente fundamental para a boa execução de nosso trabalho o envolvimento de falantes nas equipes e nos locais onde a pesquisa se deu e as parcerias que construímos nesses lugares.

A ação que conduziu a este livro é, portanto, o inventário IHLBrI. Seu significado está em informar sobre a língua. É uma etapa fundamental, pois muitos deixam de dar valor a uma língua ou a desmerecem justamente por desconhecimento. Os próprios gestores da língua precisam alimentar a humildade permanente de querer conhecer mais e mais sobre as línguas em seu entorno. No Inventário, por outro lado, também aprendemos que o zelo pelo que se herda, a responsabilidade que temos com o patrimônio cultural, tem duas palavras-chave na política linguística e patrimonial que são – podemos dizer – a consequência imediata do inventário: reconhecimento e salvaguarda. Da consciência do reconhecimento e da salvaguarda deriva a tarefa mais propositiva da promoção linguística (*language promotion*).



Igrejinha - RS

Foto: Cléo Vilson Altenhofen

Mas a possibilidade de assumirmos tarefas para a promoção das línguas no Brasil constitui um fato de extrema relevância, mas não simples, dada a história de repressão e silenciamento linguístico que atingiu milhares de cidadãos brasileiros, gerando medo para falar sua língua de origem e vergonha por falar o português com a marca de sua língua. Diante dessa história, o Inventário assume um papel profundamente político de valorização da língua, do falante, da sua história. Um papel que nos interpela por sermos, nós também, coordenadores e participantes do projeto, herdeiros ou falantes de uma dessas línguas proibidas. E essa interpelação nos faz compreender, no sentido profundo desse termo, que falar uma língua desde tenra idade, no berço da família, ao longo dos anos, representa muito mais do que qualquer código novo que se possa aprender. É um conhecimento que a vida dá de presente, como uma língua uma língua materna, uma língua de herança, uma língua da comunidade. Devido às vivências nessa língua, da comunidade de origem a que se pertence, a língua é também uma parte de nossa identidade; é um bem coletivo e por isso também um patrimônio cultural, se assim o reconhecemos. Entretanto, como todo patrimônio que se herda, fala alto nesse caso a consciência de que é preciso zelar pelo que nos presenteiam as gerações passadas e que é fruto de uma elaboração minuciosa, de muito tempo – isto é, de uma longa tradição – e que por isso não pode ser menosprezada ou extinta de uma hora para outra. Contudo, como definir o real valor de uma língua, se nós próprios muitas vezes nos esquecemos dele ou o ignoramos?

A publicação deste livro final do Inventário do Hunsrückisch, como também dos dois volumes que o precedem – *Hunsrückisch em prosa & verso*, que reúne textos do 1º Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017, e *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil* –, busca contribuir neste sentido do conhecimento e reconhecimento da língua e almeja se dar com um convite à reflexão sobre nossa história e sobre a necessidade de avançarmos rumo a uma sociedade cada vez mais plural e respeitosa das diferenças. Ele sela, por ora, a tarefa a que nos lançamos, nos dois últimos anos e meio, de inventariar essa língua de imigração conhecida como *Hunsrückisch*. O que é, de onde vem, onde se fala, quem são seus falantes, o que fazem com sua língua, como a veem, que significado tem para eles, leitores deste livro – são questões que o falante ou não-falante poderá conhecer melhor. Evidentemente, este é o primeiro passo de uma caminhada no sentido de uma educação plurilinguística, de uma *ouverture aux le langues* ('abertura às línguas'), de um plurilinguismo consciente e aditivo que inclua a língua da família e lhe destine o lugar de honra que merece.

Por fim, somos muito agradecidos ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por nos ter oportunizado esse trabalho. Graças a esse apoio, pudemos engajar uma equipe relativamente grande, e necessária, formada por muitos jovens, estudantes do curso de Letras Alemão na UFRGS, falantes e não-falantes, pesquisadores do IPOL e de outras instituições que estiveram conosco nessa trajetória. A parceria entre o projeto ALMA-H / UFRGS,



sob a coordenação de Cléo Altenhofen, e o IPOL, sob a coordenação de Rosângela Morello, foi fundamental. Dada a complexidade do Hunsrückisch e da tarefa de inventariar, unimos as competências diversas. Mas, acima de tudo, nosso Inventário foi, na perspectiva de uma política linguística *in vivo*, o resultado da parceria com as comunidades de falantes, aqueles que nos emprestaram suas falas nas nossas pesquisas de campo, tanto do ALMA-H (2008-2012) quanto do IHLBrI (2017-2018). Ele mescla, neste sentido, a pesquisa – que se orienta por um método e uma teoria – com a voz dos falantes. Ouvir atentamente – dar ouvidos! às diferentes comunidades de falantes – foi um princípio fundamental seguido por este Inventário.

Esperamos que este volume do Inventário do Hunsrückisch sirva aos propósitos aqui imaginados. De nossa parte, saímos com a sensação de que já se produziram resultados em todos os âmbitos: desde a formação dos próprios membros da equipe e do fomento da pesquisa, que dão a base de sustentação do trabalho de salvaguarda e promoção do plurilinguismo, até o despertar de novos gestores da língua que veem, no exemplo do nosso trabalho, uma luz, para eles próprios em suas comunidades “zelarem” pelo patrimônio linguístico herdado. É o que nos instiga o poema a seguir, de João Cabral de Melo Neto:

Tecendo a Manhã

(Poema de João Cabral de Melo Neto)

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Der Moint om Stricke

(Tradução para o Hunsrückisch: Cléo V. Altenhofen)

En Hoohn alleen strickt noch net en Moint:
Der braucht immer annre Hoohne.
Von enne, wo sein Krehe gappscht, wo der
unn en annre weiter langt; von'en annre Hoohn,
wo sein Krehe gappscht, wo en Hoohn ewe
unn en annre weiter langt; unn von annre Hoohne,
wo mit en Haufe annre Hoohne sich die Sunnfedme
von denne sein Hoohnekrehe iwerziehe,
fo dass der Moint, bis von en dinn Spinneweb
sich langsam stricke lesst, unnich de ganze Hoohne.

Unn beim Sich Sterkre in en Tuch, unnich all,
beim Uffstelle von en Hitt, wo die renngehn all,
beim Sich Vegniese fo se all, om Dach
(der Moint) wo frei von Gestell in der Luft schwebt.
Der Moint, Dach von en so liftiche Stoff,
wo, Stoff, von seלבst uffsteiht: Licht Balong.

Porto Alegre & Florianópolis, 14 de novembro de 2018.

Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS)

Rosângela Morello (IPOL)



Foto: Gabriel Schmitt

Santa Cruz do Sul - RS



Introdução

Desde que se instituiu, por meio do decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010 (v. ANEXO 1), a Política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), gerida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Ministério da Cultura, Governo Federal, e destinada ao conhecimento e reconhecimento das línguas brasileiras como bem imaterial, vem produzindo novas articulações para as pesquisas linguísticas e promovendo a participação das comunidades linguísticas na discussão sobre o futuro de suas línguas. No entanto, a cada vez, cada inventário impõe desafios específicos e faz aflorar novas descobertas e possibilidades.

O Inventário do Hunsrückisch não foge a essa regra. Quando o Hunsrückisch entrou em cena, durante o Seminário do Livro das Línguas, em 2006, havia o desejo de tomar parte daquela ação de reconhecimento e respeito aos falantes de todas as línguas no Brasil. E não raro havia quem ainda se digladiasse com a pronúncia da palavra, se atrapalhando na articulação das consoantes em “Huns-r[i]ckisch”.

Hoje, o Hunsrückisch – que, em português, passamos a denominar *hunsriqueano* (com /h/ aspirado) – representa um conceito de alcance internacional; e, apesar da complexidade das relações sociais e linguísticas que seu estudo apresenta, é uma das línguas da diversidade linguística brasileira melhor documentada, graças a uma série de projetos de que se vale o presente Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI). Cada um desses projetos ocupa-se com um tipo de dado:

- 1) ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*):¹ dados de fala, com ênfase na variação do Hunsrückisch em uma rede de 41 localidades de pesquisa, às quais se acrescentaram mais 03 no IHLBrI (v. mapa da fig. 11);
- 2) ALMA-Histórico: dados de língua escrita, com ênfase no acervo de quase mil cartas privadas, escritas em comunidades de imigração alemã, na comunicação tanto intercontinental (“*von drüben* / de além-mar”) quanto

¹ O banco de dados do ALMA-H forma, até onde sabemos, um dos maiores bancos de dados de uma língua de imigração alemã fora da Alemanha. Sua elaboração contou com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt, em uma parceria interinstitucional com a Christian Albrechts-Universität zu Kiel. São coordenadores do projeto Harald Thun (Univ. Kiel) e Cléo V. Altenhofen (UFRGS, Porto Alegre).



intracontinental (por terra, no novo mundo). Este projeto inclui ainda outras fontes escritas, tais como atas de sociedades, cartões postais, diários, etc.:²

- 3) BIRS (*Bilinguismo no Rio Grande do Sul*): dados de censo linguístico por correspondência, com aplicação de questionário nas juntas de Serviço Militar de municípios do Rio Grande do Sul, para obtenção de dados comparáveis sobre as línguas faladas pelos recenseados e pelos pais;
- 4) IHLBrI (*Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração*): dados sociológicos e linguísticos sobre a língua de imigração alemã, para os fins específicos do inventário, reconhecimento, salvaguarda e promoção do Hunsrückisch, abordados neste livro.

O objeto de estudo e de fomento comum a esses projetos e outros estudos derivados, como teses e dissertações, é a língua de imigração *Hunsrückisch* (pt. *hunsriqueano*). A consolidação do conceito *Hunsrückisch*, abordado no cap. 1 deste volume, é, portanto, um processo que se iniciou com os estudos inaugurais da pesquisa direta ou indireta da língua alemã em áreas de imigração alemã (v. ALTENHOFEN, 1996, p. 28-49).

No âmbito do INDL, a realização do IHLBrI se deu na categoria de língua de imigração com grande população e extensão territorial, requerendo a aplicação de princípios e bases metodológicas específicas para essa categoria de língua. Para tanto, apoiamo-nos no Inventário da Língua Guarani Mbya (ILG), uma língua amplamente falada na faixa litorânea das Regiões Sul e Sudeste e na faixa de fronteira do Brasil com Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, cuja investigação como projeto-piloto do INDL produziu a base para inventários dessa categoria de línguas. O ILG foi realizado pelo IPOL, entre 2008 e 2010, tendo por foco verificar a aplicabilidade e validar as orientações metodológicas produzidas pelo Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL), grupo interministerial e interinstitucional responsável por estabelecer os princípios e procedimentos para inventariar línguas, entendidas como um bem imaterial.

A realização dos projetos-piloto consistiu numa das etapas de trabalho que marcaram o processo de construção da Política do INDL, iniciada em 2004. De fato, foram vários os momentos estruturantes dessa política, entre os quais se destacam:³

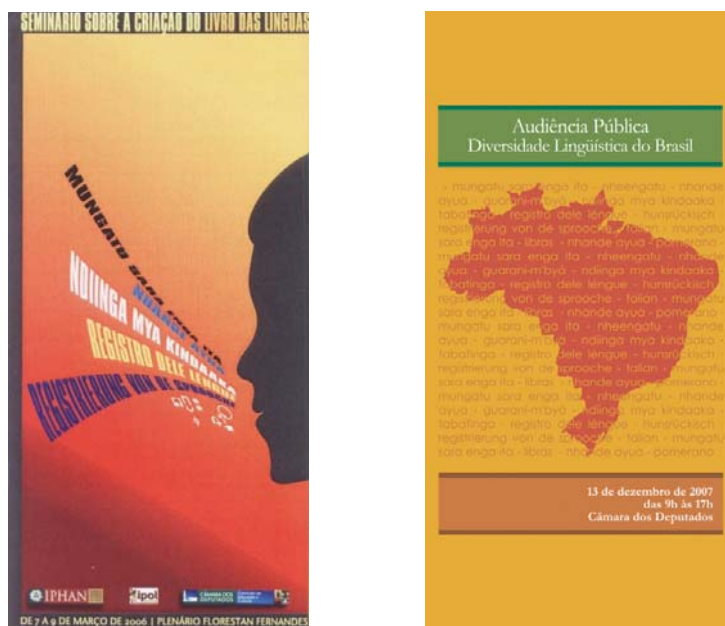
- 1) Solicitação de abertura de um Livro de Registro das Línguas Brasileiras como parte da política de reconhecimento dos bens imateriais conduzida pelo Ministério da Cultura. Essa solicitação foi protocolada pelo IPOL, em 2004, junto à Comissão de Educação e Cultura da Assembleia Legislativa, presidida, à época, pelo Deputado Abi Calil.

2 Papel decisivo na constituição do acervo de cartas de imigrantes foi o estágio de pesquisa de Joachim Steffen, no projeto ALMA-H, entre 2011-2013, com bolsa do programa Feodor Lynen, da Fundação Alexander von Humboldt.

3 Ver Altenhofen & Morello (2013, p. 19).

- 2) *Seminário de Criação do Livro de Registro das Línguas*, promovido pelo IPHAN e IPOL, em março de 2006, na Câmara dos Deputados, em Brasília;
- 3) *Criação do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL)* que, sob coordenação do IPHAN, se reuniu de 2006 a 2010 e elaborou as linhas gerais da política do INDL, incluindo uma proposta de metodologia para testagem pelos projetos-piloto;
- 4) *Audiência Pública da Diversidade Linguística do Brasil*, realizada em Brasília, em 13 de dezembro de 2009, em que o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL) encaminhou a proposta de realização de inventário prévio, como requisito para o reconhecimento dessas línguas;
- 5) Realização de projetos-piloto para validação da metodologia (2008 a 2010), contemplando cinco categorias de línguas (indígenas, imigração, sinais, crioulas e afro-brasileiras);
- 6) Publicação do Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, criando o *Inventário Nacional da Diversidade Linguística*. Ao mesmo tempo, validavam-se os primeiros projetos-piloto para o Inventário (v. MORELLO & SEIFFERT, 2011).
- 7) Entrega da titulação de *Referência Cultural Brasileira* às três primeiras línguas cujos inventários foram realizados através de projetos-piloto: Talian, Guarani Mbya e Asuriní do Trocará, durante o Seminário Ibero-Americano da Diversidade Linguística, realizado de 17 a 20 de novembro de 2014, em Foz do Iguaçu, PR, Brasil.
- 8) Consolidação, pelo IPHAN, da metodologia do INDL, em dois volumes de um Guia de Pesquisa e Documentação, lançado durante o referido Seminário Ibero-Americano da Diversidade Linguística, em 2014.

Fig. 1 – Folders de ações do IPHAN com a participação do Hunsrückisch



Fonte: ALMA-H / IHLBri

No atual momento, o INDL reconhece 07 línguas como *Referência Cultural Brasileira*: Guarani Mbya, Asurini do Tocantins (também conhecido como Asurini do Trocará), Matipu, Nahukwa, Kuikuro e Kalapalo do Alto-Xingu e Talian. Além disso, outros 04 inventários estão em execução: Hunsrückisch (IPOL/UFRGS); LIBRAS (IPOL/UFSC); Ianomami (ISA) e Pomerano (IPOL/Secretarias Municipais).

Aplicando à promoção da língua as noções de *marketing* que Edwards & Newcombe (2006, p. 142-147) utilizam para o galês, e que associam à língua os quatro p's – *product, price, promotion and place* – isto é, um produto com um preço (valor de mercado) que pode alavancar uma promoção social e garantir um lugar na sociedade, podemos dizer que também a logomarca Hunsrückisch tem fortalecido a imagem da língua como um bem cultural com valor social e cognitivo e que tem o direito assegurado de seu uso na sociedade. Apesar das ações de reconhecimento e salvaguarda do Hunsrückisch, existe ainda, é verdade, uma grande demanda de ações de conscientização linguística para o plurilinguismo (ALTENHOFEN & BROCH, 2011) e um desconhecimento do que é ou representa falar uma língua minoritária, não apenas na ótica de membros de fora das comunidades de falantes, como também muitas vezes na visão de dentro.

A política do INDL busca preencher essas lacunas.

Em suas considerações sobre a implementação da política de Inventário, diz o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL) (2007, p. 14):

O Inventário permitirá ao Estado e à sociedade em geral o conhecimento e a divulgação da diversidade linguística do país e seu reconhecimento como patrimônio cultural. Esse reconhecimento e a nomeação das línguas inventariadas como referências culturais brasileiras constituirão atos de efeitos positivos para a formulação e implantação de políticas públicas, para a valorização da diversidade linguística, para o aprendizado dessas línguas pelas novas gerações e para o desenvolvimento do seu uso em novos contextos.

O presente Inventário do Hunsrückisch se alinha a essa perspectiva.

O ingresso da Língua Hunsrückisch na política brasileira do “Inventário Nacional da Diversidade Linguística” (INDL) coloca-a, portanto, como parte do “patrimônio cultural imaterial” do Brasil, em uma nova perspectiva de manutenção, proteção e promoção de bens culturais adotada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). A compreensão e a gestão do patrimônio imaterial pelas referidas instituições – independentemente das línguas – também é bastante recente: sua implementação se deu a partir da publicação do Decreto 3.551/2000, atendendo a prerrogativas previstas na Constituição Federal de 1988. Pode-se dizer que a participação no INDL como parte de ações do IPHAN confere ao Hunsrückisch uma visibilidade e um novo valor no cenário brasileiro. Como previsto pelo INDL, após o Inventário, o Hunsrückisch entrará para o rol das línguas reconhecidas como *Referência Cultural Brasileira*.

O leitor encontra, neste volume, os principais resultados, perguntas e respostas para a descrição e Inventário do Hunsrückisch, o qual, conforme exposto, é o requisito básico para seu reconhecimento como “referência cultural brasileira”. Os levantamentos de dados realizados pelo IHLBrI resultaram, ao mesmo tempo, em um grande banco de dados que inclui amostras da língua, em áudio e vídeo, estudos e informações sobre a língua, acervo fotográfico e iconográfico, impressos, audiovisuais, entre outras fontes. Essa base de dados, sem dúvida, irá suscitar novos produtos e ações. O que está exposto neste livro é apenas um recorte possível, no estágio atual, para embasar e nortear os trabalhos futuros.

Dividimos esta publicação em quatro grandes blocos: o cap. 1 delimita os aspectos linguísticos que definem o Hunsrückisch, sua origem, formação e variação interna, bem como a topodinâmica e as territorialidades de uso e presença de falantes. No cap. 2, apresentamos as linhas gerais do projeto e do Inventário como ferramenta de documentação da língua. Segue-se, no cap. 3, uma descrição da vitalidade linguística e dos âmbitos de uso do Hunsrückisch nas comunidades de referência do Inventário. O capítulo final busca resumir os principais resultados, produtos e ações e apontar as perspectivas futuras da língua, a partir do que aponta o presente Inventário.



Foto: Cléo Vilson Altenhofen



O Hunsrückisch

Um dos aspectos centrais do inventário de línguas é a descrição e tipologização da língua inventariada. Antes de tudo, temos que definir o que estamos de fato inventariando, valendo-nos de critérios como origem, autodenominação e descrição da variação interna. Admitindo que todas as línguas variam – no espaço, entre gerações e classes sociais, entre homens e mulheres, conforme a situação de uso e o meio falado ou escrito – e admitindo também que todas as línguas mudam no tempo, tem-se que também a noção de Hunsrückisch equivale a uma abstração, pois ninguém fala O Hunsrückisch, ou O alemão, O português, e sim uma variedade dessas línguas (COSERIU, 1982). Mesmo assim, a abstração é necessária, para deixar claro qual língua ou “modo de falar” está em jogo. Para isso, é preciso delimitar o que é comum linguística e historicamente e que nos permite dizer “isso é Hunsrückisch”. Vejamos.

1.1 Definição do Hunsrückisch

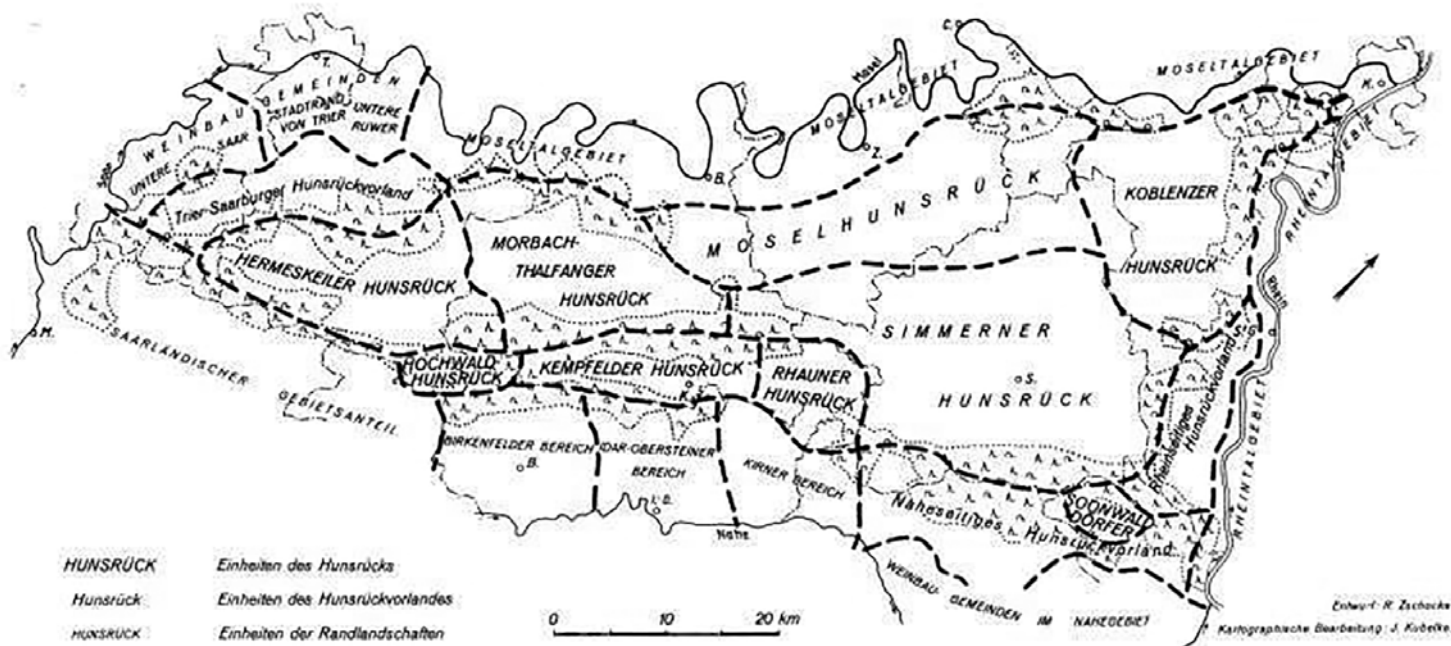
1.1.1 Origem sócio-histórica e geográfica

Do ponto de vista histórico, considerando sua migração e origem, *Hunsrückisch* pode ser visto como a denominação comumente dada pelos falantes a uma variedade do alemão proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück. Essa região engloba, segundo Zschocke (1970, mapa 34), uma área de elevação situada entre Bingen, Trier e Koblenz, na Renânia Central, centro-oeste da Alemanha (v. mapa da fig. 2 abaixo). Ao lado da denominação *Hunsrückisch*, os falantes também mencionam as formas *Deutsch*, *Plattdeutsch*, *Deutsch*, *Hunsbucklisch*, *Hunsrick*, entre outras designações que serão descritas mais adiante, na seção 1.1.3.

A pesquisa linguística do alemão falado em comunidades de imigração apoderou-se especialmente do termo *Hunsrückisch*, para delimitar uma área de pesquisa que se consolida desde Altenhofen (1996). A partir desse estudo, a designação *Riograndenser Hunsrückisch* torna-se uma referência internacional, com destaque inclusive na Wikipédia, onde aparece assim descrita.



Fig. 2 – Áreas culturais do Hunsrück



Fonte: Zschocke (1970, mapa 34)

O projeto de Altenhofen sempre foi de descrever e comparar toda a variação do alemão como língua de imigração no Brasil, e na Bacia do Prata, para onde muitos descendentes migraram. Daí a opção por manter, na identificação das variedades do alemão trazidas pelos imigrantes, o vínculo com a matriz de origem. Essa vinculação à origem leva vantagens sobre termos generalizantes como o que sugere Heye (1981), e que alguns autores, como Damke (1997) e Sulzbach (2004), chegaram a adotar, de que teríamos uma variedade comum que ele chama *in vitro* de *Brasildeutsch*. A vantagem de termos como *Hunsrückisch*, além de ser termo usual *in vivo* que faz parte da identidade dos falantes, está em permitir resgatar com mais precisão o caminho histórico da língua, de sua variação e mudança. É um caminho que, no futuro, terá a parceria dos trabalhos genealógicos.⁴ Sua relevância se deve ao fato de que a origem das famílias que colonizaram uma área no novo mundo também aponta para a variedade dialetal falada nessa mesma matriz de origem. No mosaico de variedades⁵ que constituem o grupo de línguas de imigração alemã trazidas ao Brasil, o Hunsrückisch aparece como a variedade mais difundida dentre as 14 línguas identificadas, até agora:

4 Citem-se especialmente as pesquisas genealógicas dos membros do grupo GenealogiaRS (ver <https://www.genealogiaRS.com/>), que já conta com três volumes publicados (2015; 2017a; 2017b), disponibilizando em sua página diversas outras publicações.

5 O termo *variedade* é usado, aqui, de forma neutra para designar “um subtipo da língua histórica alemã”, seguindo a definição que Coseriu (2017 [1980]) dá para *língua histórica*, como “um conjunto de variedades”. Nesta perspectiva, baseada na dialetologia germanística, Altenhofen opta por incluir o pomerano no grupo de línguas de imigração alemã, mesmo que, do ponto de vista político-linguístico, alguns gestores dessa língua a considerem uma língua à parte. A finalidade, neste quadro, é de ordem linguístico-descritiva.

Tab. 1 – Lista das variedades do alemão identificadas no Brasil, para as quais se registram comunidades de falantes. Tabela adaptada de Altenhofen (2018, no prelo).

GRUPO DIALETAL (denominação original)	AUTODENOMINAÇÃO DA VARIEDADE	PRIMEIRAS COLÔNIAS
Arealidades contínuas e comunidades interligadas em arquipélago		
1. <i>Deutsch, Deitsch</i> (pt. alemão)	<i>Hochdeutsch, Deutsch, Alemão Gramatical</i>	[variedade onipresente] ⁶
2. <i>Hunsrücker</i> , também <i>Deitsche</i> ou <i>Deutsche</i> (pt. hunsriqueano)	<i>Hunsrückisch, Hunsrick, Hunsbucklisch, Hunsrücker Platt, hunsriqueano, Plattdeitsch, Deitsch</i>	1824 [RS, São Leopoldo] 1829 [SC, São Pedro de Alcântara] 1829 [+ PR, Rio Negro] 1847 [ES, Colônia Santa Isabel]
3. <i>Pommer</i> , também „ <i>Pommeraner</i> “ (pt. pomerano)	<i>Pommerisch, Pomerano, Pommer[sch] Platt, Pommeranisch</i>	1858 [RS, São Lourenço do Sul] 1859 [ES, Santa Leopoldina]
4. <i>Westfäler</i> (hdt. <i>Westfalen</i> , pt. <i>vestfaliano</i>)	<i>Westfälisch, Vestfaliano, Plattdütsch, sapato-de-pau</i>	1858 [RS, Vale do Taquari/Teutônia] 1860 [SC, Vale do Capivari]
Comunidades de falantes ou ilhas linguísticas específicas, muitas vezes interligadas em arquipélago		
5. <i>Schweizer</i> (pt. suíço)	<i>Schweizer Deutsch, alemão suíço</i>	1819/1820 [RJ, Nova Friburgo] 1857 [ES, Santa Leopoldina] 1888 [SP, Col. Helvetia/Indaiatuba]
6. „ <i>Kaffeepflücker</i> “ (aqui: originários da Turíngia)	<i>Kaffeeflickersch</i> var. <i>Kaffeeplickersch</i>	1852 [RJ, fazendas de café, e.g. Santa Justa, Santa Rosa e Independência]; 1860 [para SC, Colônia Santa Isabel]
7. „ <i>Böhmer</i> “ (hdt. <i>Böhmen</i> , pt. boêmio)	<i>Böhmisch, Alemão Boêmio</i>	1858 [RS, 9 Colônias/N. Petrópolis] 1876 [RS, Alto Sampaio/V. Aires]
8. <i>Baier</i> (pt. bávaro), <i>Österreicher</i> („ <i>Eestreicher</i> “, pt. austríaco), <i>Tiroler</i> (pt. tirolês)	<i>Bayerisch, Boarisch, Bávaro, Österreichisch, Austríaco, Tirolisch</i>	1859 [ES, Tirol], 1893 [RS, Ijuí] 1933 [SC, Treze Tílias] 1873 [SC, São Bento do Sul]
9. <i>Bukowiner</i> (pt. bucovino)	<i>Bukowinisch, Bucovino</i>	1887 [PR, Rio Negro]
10. <i>Deutsch-Russe</i> (pt. alemão-russo, teuto-russo), <i>Wolhyniendeutsche</i> (pt. alemão da Volínia), <i>Kaschube</i> (pt. cachubo ou cassúbio)	alemão-russo, <i>Wolgadeutsch</i> (?), <i>alemão do Wolga, russo-alemão</i>	1892 [RS, Linha 8/Coronel Barros]
11. <i>Schwaben</i> (pt. suábio)	<i>Schwäbisch, Suábio</i>	1898 [RS, Neu Württemberg/Panambi]
12. <i>Bessarabien</i> (pt. bessarábio)	<i>Deutsch</i> (?), <i>Rumänisch</i> (?)	1928/29 [SC, Mondáí e Itapiranga, espec. Iporã do Oeste]
13. <i>Mennoniten</i> (pt. menonita)	<i>Plautdietsch, Mennoniten-Deutsch, Plautdietsch menonita, Platt menonita</i>	1930 [SC, Colônias no Rio Krauel/Ibirama]
14. <i>Donauschwaben</i> (pt. suábio do Danúbio)	<i>Donauschwäbisch</i>	1951 [PR, Entre Rios]

6 Não podemos perder de vista que, junto com a língua falada na família, muitas vezes representada por uma variedade dialetal, isto é, uma variedade específica de determinada região, os imigrantes trouxeram, em grau maior ou menor conhecimentos da norma *standard* do Hochdeutsch que vão desempenhar papel central na escrita (p. ex. de cartas privadas, atas de sociedades etc.) e em eventos de fala mais formais (p. ex., liturgia da igreja, discursos e sermões, canções etc.).



A tabela acima busca destacar a importância da relação com a origem. Muitos falantes nos perguntaram de onde vem sua língua e por que é diferente do alemão que se ensina na escola. O autoconhecimento da língua de origem e de como ela funciona mostra-se, nesse tipo de reflexão, essencial, para uma política linguística e educacional que respeite as identidades e que queira de fato reconhecer, salvaguardar e promover o plurilinguismo pautado na diversidade como um patrimônio cultural. Não fosse a vinculação com a origem sócio-histórica e geográfica, seja em que âmbito se aplique, perderíamos boa parte da diversidade interna, dificultando a reconstrução da história particular de cada grupo. Além disso, a adoção de um rótulo geral resultaria em um quadro estatístico reduzido desse patrimônio, pois teríamos apenas uma língua, e não catorze.

Para o Inventário do Hunsrückisch, com o qual este volume se ocupa, vale a pergunta sobre o que caracteriza a matriz de origem, o Hunsrück. Há inúmeras interpretações para a origem do nome *Hunsrück* (v. ALTENHOFEN, 1996, p. 6-8). G. Schellack (1975, p. 104) identificou mais de 20 tentativas, que dividiu em quatro grupos:

1º) Um primeiro sentido, talvez o mais provável, é o que liga o nome à forma de seu relevo, que lembraria o ‘dorso de um cachorro’ (*Hunds + Rücken*).⁷

2º) Em uma outra interpretação, o nome *Hunsrück* seria uma referência à presença dos hunos, que teriam chegado até essa região, na época das grandes migrações, e daí retornado (“*Huns + [zu]rück*”).

3º) Outras interpretações, mais abrangentes, reconhecem, na composição do nome *Hunsrück*, formas antigas com sentidos como ‘área de uma centúria (*Hundertschaft*) francônia’ (como *Hundeswerk*, pronunciado *Hundswark* ou *Hundswrok*, segundo STUHL, 1914, p. 248), ‘tribunal de uma centúria’, ‘tribunal de pessoas de um mesmo clã’, ‘posse demarcada de uma corporação rural’ (pressupondo, segundo SCHOOFF, 1960, p. 124, uma reformulação da palavra-base do antigo alto-alemão *Untarôn*).⁸

4º) Seguem-se explicações variadas, como: a) *Hoher* ou *Hünenrücken* ‘costas altas ou costas de galinha’, b) *schlechter unwirtlicher Höhenrücken* ‘cume inóspito’, c) Moselgau entre Enkirch e Raversbeuren. Assim, por exemplo, Bahlow (1965, p. 230) toma como etimologia do nome *Hunsrück* a antiga palavra *hun*, *hund* para um ‘lugar pantanoso’, tendo em vista que “as florestas do Soon-Wald, Err-Wald, Idar-Wald são nomeadas segundo os rios que aí se encontram nas proximidades”.

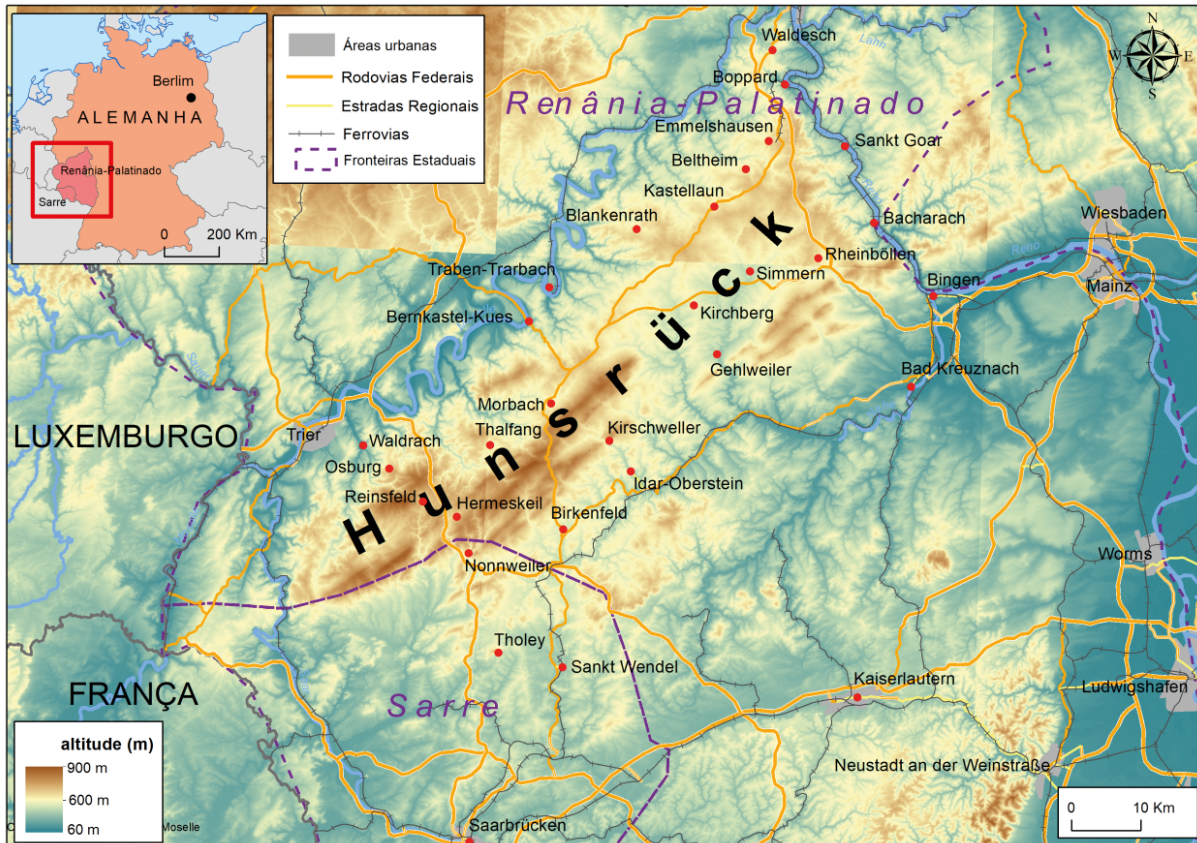
Diante desse quadro, é de se supor que o nome *Hunsrück* foi originalmente usado apenas para uma parte da região e que, só depois, se estendeu a toda a área do atual Hunsrück. O primeiro registro com esse sentido data de 1512, em um escrito de Johannes Cochlaeus (1479-1552), intitulado *Kurzen Beschreibung Deutschlands, der Geschichte und Sitten der Bevölkerung sowie der geographischen Lage* (Breve descrição da Alemanha, da história e dos costumes da população, assim

7 Desta opinião são Armbrust (1897, p. 4), Christmann (1960, p. 225), Jungandreas (1962, p. 551).

8 Cf. a crítica de Christmann (1960, p. 222s).

como da geografia). Cochlaeus aponta que essa era “a área entre Mainz, Trier e Koblenz”, a qual seria conhecida “popularmente como *Hunsrück (tergum canis)*”, não possuindo à época “nenhuma cidade importante”.⁹

Fig. 3 – Localização do Hunsrück, na Renânia Central



Fonte: © Aldomar Rückert (Instituto de Geociências, UFRGS), 2018¹⁰

Pensar, contudo, que o Hunsrückisch brasileiro simplesmente equivale à língua dessa matriz de origem, emigrada para o Brasil, seria uma simplificação bastante forte, que deixaria de fora características essenciais que definem sua configuração linguística e que incluem os contatos linguísticos no processo migratório e a função do Hunsrückisch assumida nesses contatos. Basta lembrar que nem todo falante de Hunsrückisch tem seus antepassados no Hunsrück, ou seja, há muitos falantes de Hunsrückisch oriundos de outras regiões, inclusive de outros grupos étnicos (como italianos e afrodescendentes) que aprenderam essa variedade, em sua localidade, por ser ela a variedade local dominante, usada como língua comum na interação diária (*Gemeinsprache*). Por isso, o termo *Hunsrückisch*, mais do que remeter à origem geográfica do falante, nem sempre comprovada, remete à

9 “Tergum Canis. Inter Mocuntiacum Treverimque ac Confluentiam plaga interiecta dicitur vulgo Tergum Canis, nulla habet oppida insignia.” (COCHLAEUS, 1960 [1512], p. 158).

10 Agradecemos ao Prof. Aldomar Rückert, do Instituto de Geociências da UFRGS, por nos disponibilizar este mapa, elaborado por ocasião de uma visita sua ao Hunsrück, de onde vieram seus antepassados.



origem linguística do que configura sua base dialetal de partida, entendida como “o alemão originalmente falado nessa região centro-ocidental, especialmente na interação familiar”. O mesmo vale para a palavra *hunsriqueano*, que será usada aqui para designar o membro da comunidade de falantes de Hunsrückisch, e não o descendente de imigrantes do Hunsrück, embora estes estejam naturalmente incluídos na definição.

Contudo, que base dialetal é essa que dá origem ao Hunsrückisch, no sentido de uma língua de imigração proveniente de uma matriz de origem específica?

1.1.2 Base linguística de partida

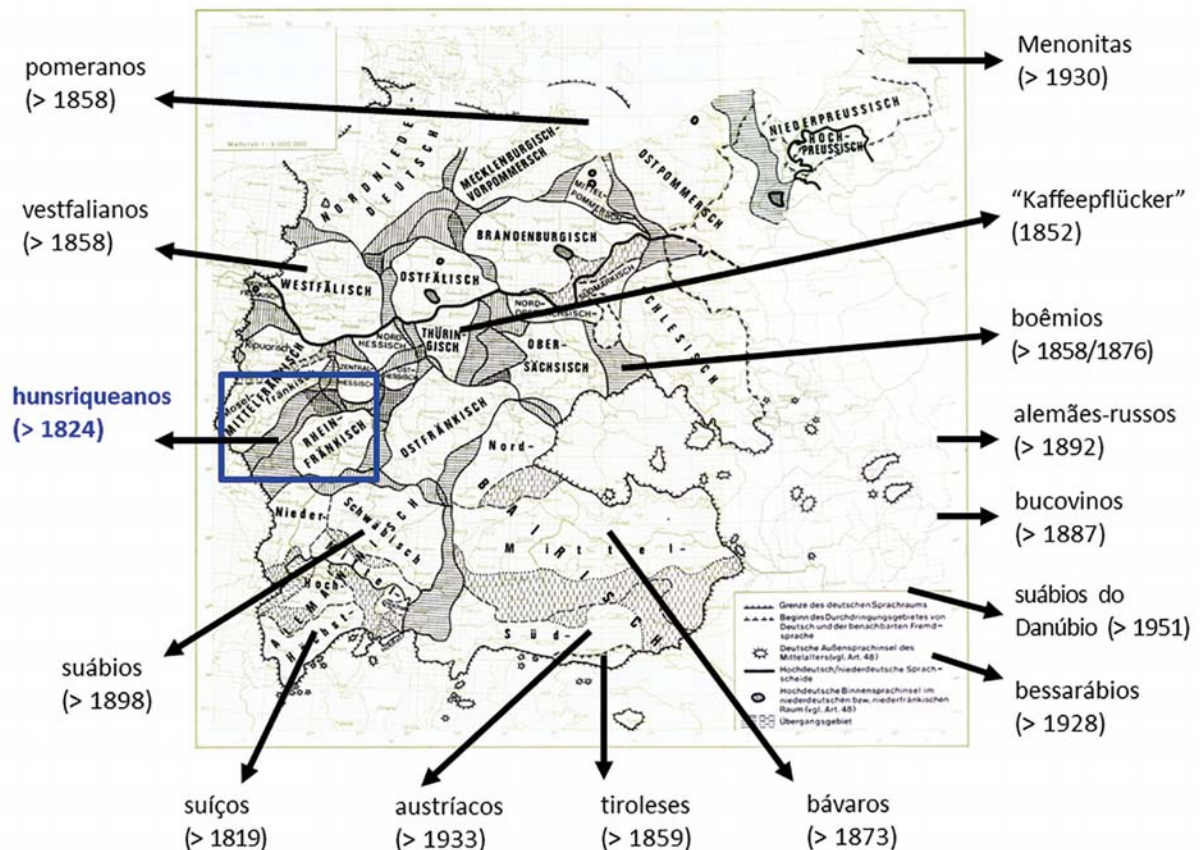
Quando se fala da origem geográfica de uma família de imigrantes, essa equivale ao mesmo tempo a uma origem linguística, ou melhor, a uma área dialetal do alemão. Isso significa que as famílias imigrantes do séc. XIX traziam em sua bagagem cultural o repertório linguístico da sua localidade e região de origem, que incluía provavelmente o dialeto aí falado e que acrescentava os conhecimentos – mesmo que apenas parciais – da norma culta do alemão *standard* que, nesse período, equivalia basicamente ao que Schmidt & Herrgen (2011) chamam de *landschaftliches Hochdeutsch*, ou seja, uma norma de oralização regional em processo de “normalização” no uso coletivo, graças à influência crescente da língua escrita (v. SCHMIDT, 2017[2005]). A pergunta frequentemente formulada sobre qual o repertório linguístico dos imigrantes hunsriqueanos dessa época não pode, portanto, perder de vista que esse repertório não se limitava ao “dialeto de origem”, embora esse devesse ser mais comum do que hoje, e sim podia incluir, como provavelmente foi, determinado conhecimento do *standard*, que os membros dessas comunidades chamam de *Hochdeutsch*. Em alguns casos, podemos suspeitar inclusive de outros conhecimentos, mesmo que parciais, por exemplo, incluindo noções de francês, como fruto de uma primeira romanização. Sobre isso, Thun & Wilkin (2018, p. 45), baseado na análise de cartas de jovens hunsriqueanos recrutados para o exército francês, durante o período napoleônico, que antecede a emigração ao Brasil, afirmam:

“Se pensarmos, em uma perspectiva temporal mais ampla, na relexicalização posterior por meio de palavras portuguesas e espanholas, fica claro, a partir do pressuposto provável de uma continuidade entre soldados e emigrantes, que **a nova romanização do Hunsrückisch na América foi de certo modo facilitada, graças aos galicismos paralelos que já estavam presentes nessas línguas e também, naturalmente, devido à proximidade entre essas línguas românicas** [grifo nosso]. Isso também tem motivos extralinguísticos paralelos. Por essa razão, o processo de re-romanização pôde iniciar rapidamente. Afinal, os imigrantes alemães no sul do Brasil vieram de mal a pior. Mal haviam chegado, já foram intimados ao serviço militar, sendo obrigados a lutar em guerras dentro e fora do Brasil.”

A presença do Hochdeutsch no repertório dos imigrantes fala a favor de outra evidência, defendida, por exemplo, pelo cineasta Edgar Reitz, natural do Hunsrück e diretor do filme *Die andere Heimat* (2013), de que “quem emigrava era aquele que sabia ler” (v. PEITZ, 30.09.2013). Pensando em que implicava a decisão de emigrar, não é de duvidar que o domínio da escrita em Hochdeutsch – como comprova o acervo de cartas de imigrantes que fazem parte do ALMA-Histórico – tenha sido mais frequente do que se imagina. Além disso, é preciso lembrar que, desde 1717, o governo prussiano tinha instaurado a lei de obrigatoriedade da escola (*preussische Schulpflicht*), nas diferentes províncias sob seu domínio, o que incluía também o Hunsrück. Os efeitos crescentes dessa lei, como veremos mais adiante, irão explicar o avanço das marcas de standardização no Hunsrückisch de imigrantes mais tardios, em comparação com a variedade dos imigrantes anteriores, que apresentava um grau de dialetalidade maior.

No que tange à base dialetal ou regional do Hunsrückisch, tem-se na matriz de origem uma variação grande que engloba um contínuo básico que vai do francônio-moselano ao francônio-renano, como se pode ver no mapa a seguir, de Wiesinger (1983), sobre o qual localizamos as diferentes variedades presentes no contexto brasileiro (v. quadro da tab. 1 acima).

Fig. 4 – Localização da matriz de origem do Hunsrückisch e das demais variedades presentes no Brasil, no mapa das áreas dialetais do alemão, conforme Wiesinger (1983)



Fonte: (mapa de fundo): Wiesinger (1983, p. 831, mapa 47.4)



Não temos como dizer de onde exatamente veio a maioria dos imigrantes hunsriqueanos, se da área mais dialetal do moselano, ou da área mais renana. Ambas as subáreas são separadas por uma área de transição, hachurada no mapa de Wiesinger e conhecida, na dialetologia alemã, como *Hunsrückbarriere* ou *Hunsrückshranke* ('barreira do Hunsrück', cf. FRINGS, 1956 [1926], v. 1, p. 113, mapa 7), pois separa uma série de variantes moselanas/renanas, entre as quais, respectivamente (forma à esquerda mais francônio-moselana, forma à direita mais francônio-renana):

dat / das
wat / was,
Korf / Korb,
bleif / bleib,
us, ūs / uns,
schlīn, schlēn / schlān,
wieh / weh,
is / isch
fest / fescht
bist / bischt
host / hascht, hoscht
dut / dot 'tot'
gohn, giehn / gehn
Broder, Brouder / Bruder, Brurer
bloh / blau (também groh / grau)

(ver ALTENHOFEN, 1996, p. 21)

Com base na configuração do Hunsrückisch descrita em Altenhofen (1996), predominam as marcas mais renanas e, portanto, mais próximas do Hochdeutsch. Contudo, é de se esperar certo nivelamento linguístico entre ambas as variantes do contínuo moselano-renano, sobretudo onde não assumem conotação social, isto é, onde passam mais despercebidas. Afinal, modos de falar muito desviantes e peculiares costumam ser tratados com humor pelos falantes, que assim reproduzem determinada fala em uma anedota ou frase mais irônica:

Friher, wenn enne en Schappe mache geloss hot, dann horr'er die Zenn geroppt unu musst noch so zweu bis drei Monat woote, bis der Gaume geheelt woo. Wie der Franz seine neie Schappe hot kriecht, do hot der Ninne [var. Nenne] dann gemennt:

– Mein Gott, der Franz hot jetzt Zenn! Der is scheener gebb.

– Jaaa! – socht do der Fredo – der is awer doch noch ecklich.

Do hot der Ninne awer gemennt:

– *Jaaa! Der woo awer mas eckelhaftich!* (RS07 – Harmonia, R.A.)¹¹

F(f): *Mia soohn mehrste Zeit Pesche.*

F(m): *Sinn viel Leut saahn Firsich.*

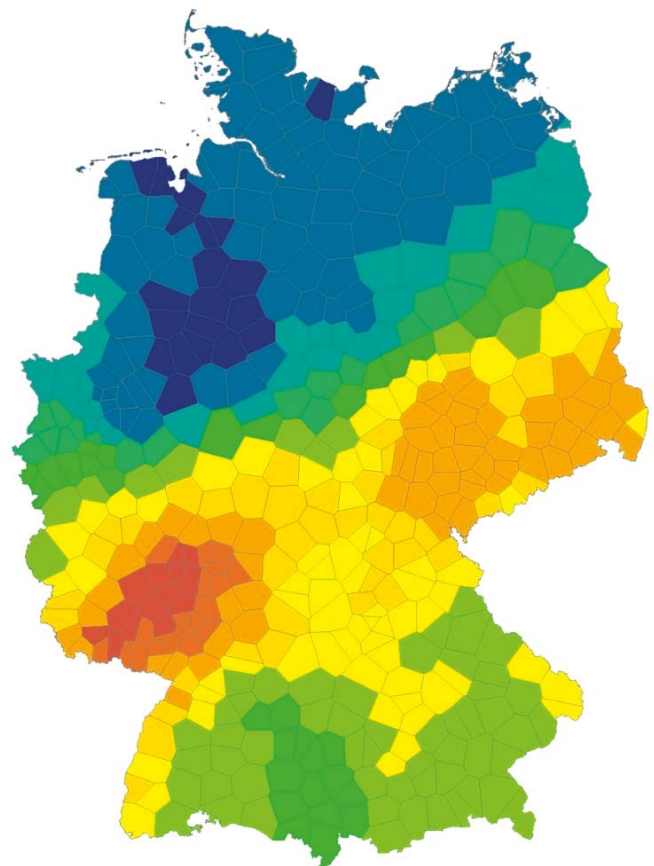
F(f): *Wie die annre Froo saah „Mein Fiersichbaum hat viel Pesche on“.*

(RS09, CbGII – Estrela)¹²

Como mostram os exemplos, o humor hunsriqueano se define pela palavra exatamente empregada, e que aqui faz uma relação entre *ecklich* ‘feio’ e *eckelhaftich* ‘horrendo’ (esta última com certa marca de hipercorreção, no sufixo final), ou ainda entre *Firsich* e *Pesche* ‘pêssego’. Esse tipo de relação torna a anedota praticamente intraduzível.

No entanto, o que por ora é significativo, para a definição da base linguística de partida do Hunsrückisch, é não apenas o fato de essa língua de imigração ter vindo já bem cedo, com os imigrantes pioneiros, mas também constatar, no mapa da fig. 4 acima, que a matriz de origem do Hunsrückisch se situa na área do médio-alemão, mais precisamente do *Westmitteldeutsch*, que é, em certo sentido, o ponto de partida que originou a norma comum do alemão *standard* como o conhecemos hoje. Para o falante leigo em linguística, vale destacar que as diferentes áreas dialetais do alemão se agrupam em três grandes áreas, a saber: ao norte, o baixo-alemão (*Niederdeutsch*); ao centro, o médio-alemão (*Mitteldeutsch*); e, ao sul, o alto-alemão (*Hochdeutsch*, no sentido geográfico de *Oberdeutsch*).

Fig. 5 – Grau de semelhança e de diferenciação do Hunsrückisch de Harmonia (RS07) com as diferentes áreas dialetais do alemão (em vermelho, maior semelhança; em azul, maior diferença)



Fonte: © Alfred Lameli (Forschungsinstitut Deutscher Sprachatlas, Universität Marburg, 2016)

11 Tradução: Antigamente, quando alguém mandava fazer uma chapa (=dentadura), arrancava os dentes e ainda tinha que esperar uns dois a três meses, até a gengiva curar. Assim que o Franz recebeu a sua nova chapa, o Nenne (pt. nenê) deu sua opinião: “Meu Deus! O Franz agora tem dentes. Ele ficou mais bonito.” “Bem” – disse daí o Fredo (pt. Alfredo) – “mas ele ainda continua feio.” Ao que o Nenne replicou: “Tudo bem! Mas ele antes mas era algo mais que feio!”

12 Tradução: F(f): Nós quase sempre falamos *Pesche* (pêssegos). / F(m): Tem muitas pessoas que falam *Firsich* (pêssego). / F(f): Como a outra mulher falou “Meu pessegueiro (*Fiersichbaum*) tem muitos pêssegos (*Pesche*)”.



A semelhança e vinculação topodinâmica do Hunsrückisch com o médio-alemão, e mais especificamente da área do centro-oeste (*Westmitteldeutsch*), onde se situa a matriz de origem do Hunsrückisch, pode ser atestada através do mapa da fig. 5 acima, elaborado por Alfred Lameli,¹³ do Centro de Estudos do Atlas Linguístico da Alemanha, em Marburg. A partir de uma lista de 66 variáveis linguísticas que Ferdinand Wrede considerou determinantes, para medir graus de dialetalidade entre os diferentes dialetos da língua alemã (ver LAMELI, 2013, p. 40-41), foram reunidas as variantes do Hunsrückisch falado em Harmonia, no Rio Grande do Sul (ponto RS07 do ALMA-H) e, com o auxílio de um programa computacional, feita a comparação com as variantes dominantes em cada área original. O mapa da fig. 5 confirma a maior semelhança do Hrs. de RS07 - Harmonia justamente com a variedade dialetal da matriz de origem, no Hunsrück, especialmente no distrito de Bingen¹⁴ (em vermelho mais escuro), que se caracteriza como a área em que se fala ou falava mais próximo do Hunsrückisch de Harmonia. Essa maior semelhança se estende, de certo modo, para toda a área do médio-alemão (área na escala de cor amarelo-laranja-vermelho). No baixo-alemão (área em azul), pelo contrário, registram-se as maiores diferenças.

Voltando à questão do repertório linguístico dos imigrantes, que ao que tudo indica incluía não apenas o “dialeto” como “variedade das relações familiares”, nossos levantamentos para o ALMA-H, complementados pelo IHLBrI, trazem inúmeras evidências dessa associação do Hunsrückisch com a norma local do Hochdeutsch, ou pelo menos como variedade mais próxima, por quem provinha de áreas fora de seu eixo, como o baixo-alemão. Frequentemente, o entrevistador, ao falar em Hunsrückisch, foi surpreendido com comentários de que “*Der spricht schon meh Hochdeutsch.*” Esses partiram nomeadamente de falantes de variedades do baixo-alemão, como pomerano, em Rio do Norte e Melgazo, no Espírito Santo (ponto ES02), ou falantes da variedade turingia do Kaffeepflückersch, falado em SC01 – Barro Branco, São Pedro de Alcântara. Também autores como Willems (1943, p. 450) já fazem essa observação, ao afirmar que “Em certas áreas do Rio Grande do Sul, precisamente, os descendentes de imigrantes pomeranos usam o seu próprio dialeto, na família, e um dialeto renano, quando em contato com outros falantes de alemão. Eles consideram que o dialeto renano é o alemão *standard.*”¹⁵ Em Rio

13 Agradeço (C.V.A.) a Alfred Lameli (Univ. Marburg) pela elaboração do mapa. Os polígonos representam unidades administrativas (*Landkreise*) que são preenchidas, com o auxílio de um programa computacional, com a respectiva cor indicativa do grau de semelhanças e diferenças apontado pela análise estatística das variantes consideradas.

14 Os antepassados da família Altenhofen, por exemplo, chegaram ao Brasil em 16/12/1827, originários de Weiler bei Bingen, de onde vieram também outras famílias, que foram determinantes na formação do Hunsrückisch, na primeira fase, no Brasil. Grande parte dessas famílias instalou-se em Dois Irmãos – RS, de onde migrou para outras regiões, inicialmente ao Vale do Caí, região de Harmonia, mais tarde ao Vale do Taquari, região de Estrela – RS.

15 Citação no original: “In a certain area of Rio Grande do Sul, for instance, the descendants of Pomeranian immigrants use their own dialect within the family, and a Rhenish dialect when in contact with other German-speaking people. They consider the Rhenish dialect to be standard German.” (WILLEMS, 1943, p. 450)

do Norte, Santa Leopoldina - ES, um informante afirmou falar a “língua alta”, que chamou de *Hochdeutsch*, e a “língua baixa”, equivalente ao pomerano falado na família. Note-se que esse *Hochdeutsch*, com a pronúncia /ai/, denota uma concepção de norma localmente fundamentada, ou como já dissemos, baseado em Schmidt & Herrgen (2011), de uma forma de *landschaftliches Hochdeutsch*. Essa percepção da língua comum de interação “com os diferentes” na comunidade, que Altenhofen (2018, no prelo) chama por isso de “língua de meio” (*Mittelfeldsprache*), é exatamente a posição e função que historicamente foi ocupada pelo *Hunsrückisch*, no contato entre as diferentes variedades trazidas pelos imigrantes alemães, para o Brasil.

Apesar dessa percepção do *Hunsrückisch*, da ótica de falantes de variedades com “maior grau de dialetalidade”, é preciso considerar a perspectiva de remigrantes posteriores (al. *Zuwanderer*) que vieram ao Rio Grande do Sul, ao longo dos anos, em levadas sucessivas, e que já traziam uma nova concepção de norma ou do que seria “mais *Hochdeutsch*”. A hipótese é que esses remigrantes tenham reforçado, em função do fato de terem já recebido novas influências do *Hochdeutsch*, a denominação *Hunsrückisch*, definindo-a como [+dialetal] e associando-a aos descendentes dos imigrantes pioneiros, já instalados há mais tempo e radicados na nova terra, majoritariamente provenientes do *Hunsrück*. É curioso o comentário que ouvimos em Misiones, no ponto AR03 – Montecarlo, de que os “Rio-grandenser *Hunsricker*” tinham a vantagem, em relação aos novos imigrantes da Alemanha (entre os quais suábios e vestfalianos), de conhecer a natureza local e, por isso, saber melhor trabalhar a nova terra. A “astúcia e persistência dos hunsriqueanos” são, igualmente, exaltadas nos discursos em Panambi (RS19), antigamente Neu Württemberg, no sentido de que estes falantes resistiram melhor às dificuldades, sendo o que restou de alemão ao final, contrariamente aos suábios, que mesmo sendo um grupo original forte, foram aos poucos se esvaziando enquanto grupo.

Não obstante essa visão às vezes “positivamente romanceada” do hunsriqueano, sua língua – com o reforço do termo *Hunsrück*, ou *Hunsrückisch*, ou ainda *Hunsbucklisch* (*Huns* + *Buckel* ‘costas’, provável reinterpretação de *Huns* + *Rücken*, de mesmo sentido) – foi ao contrário revestida durante os anos de uma série de conotações negativas, como “língua quebrada” (hrs. *vebrochne Sproch*), “língua de mato” (hrs. *Heckesproch*), ou simplesmente “o dialeto” (hrs. *der Dialekt*, ou *Plattdeutsch*). Embora esta não fosse a visão original dos falantes de “um alemão mais dialetal”, especialmente do baixo-alemão (pomeranos e vestfalianos), passou a ser a visão de imigrantes posteriores, que já vinham com a noção de um “novo *Hochdeutsch*”, mais elevado do que o “*Hochdeutsch*” dos imigrantes pioneiros, sobretudo da primeira metade do séc. XIX. É uma interpretação que vale especialmente para o *Hunsrückisch* rio-grandense. No Espírito Santo e no leste de Santa Catarina, como veremos, constata-se outro comportamento.

Existe ainda, no entanto, outro ponto a considerar na delimitação da base linguística do *Hunsrückisch*. Por sua função de língua de meio, o *Hunsrückisch*



passou a ser falado por membros de outras comunidades de fala, para se comunicar. Assim, não sendo o falante necessariamente um “hunsriqueano de origem”, embora na maioria dos casos o seja, retoma-se a pergunta sobre o que de fato faz parte da base linguística do Hunsrückisch e como se distingue do que realmente é Hochdeutsch. Afinal, de um lado às vezes se confundem essas duas variedades, de outro se distinguem até com certa ênfase e, por fim, se desenvolvem a partir da base original francônio-moselana e francônio-renana na direção de marcas [+standard].

De modo geral, encontramos, em relação à posição do Hunsrückisch na constelação de variedades do alemão possíveis em cada localidade, duas situações linguísticas principais. Em primeiro lugar, temos o caso particular daqueles que dominam mais de uma variedade do alemão, especialmente a variedade de origem da família e a variedade considerada [+standard] e que, muitas vezes, coincidiu com a forma do Hunsrückisch. É o que se denomina, na sociolinguística, que é a ciência que estuda as línguas na sociedade, de *diglossia*, isto é, o uso e domínio de duas variedades com funções distintas, uma como língua de família, para situações informais do dia a dia, e outra, para situações formais em que, por exemplo, esteja em jogo o uso de uma norma escrita, por exemplo, no sermão do padre ou pastor, na ata da sociedade etc. É o que vimos dos pomeranos de Rio do Norte (ES), quando afirmaram falar uma “língua alta (= *Hochdeutsch*)” e uma “língua baixa (= *Pommerisch*)”. Adicionalmente, temos observado, nas pesquisas de campo para o ALMA-H e para o IHLBrI, a possibilidade inclusive de uma *triglossia*, em que falantes de variedades desviantes da norma dominam a variedade dialetal da família + a língua comum falada na comunidade, na interação entre diferentes, + a norma escrita e falada do Hochdeutsch, para situações formais. É o caso, por exemplo, de um falante da Segunda Linha (“*die Zwett*”), no ponto SC01a – São Pedro de Alcântara, que, perguntado sobre qual alemão falava, respondeu:

E: *Awer du sprichst drei Soote Deitsch?*

F: *Drei Soote Deitsch.*

E: *Was fo?*

F: *Kaffeeplickersch, Deitsch unn Hochdeutsch.*

(SC01a – São Pedro de Alcântara)¹⁶

Vale ressaltar que, quando se buscava escrever, nesses contextos, optava-se, até onde era possível, fazer uso da norma escrita do Hochdeutsch, chamada por Altenhofen (2018, no prelo) por isso de “variedade onipresente”. Comprovam essa funcionalização as diversas inscrições em alemão (em lápides de cemitérios, em panos de proteção para a parede [*Wandschoner*], em placas públicas etc.), assim como também na imprensa local, em atas da sociedade ou em cartas privadas (v. ALTENHOFEN, STEFFEN & THUN, 2018, publicação produzida no âmbito

¹⁶ Tradução: E: Mas tu falas 3 tipos de alemão? / F: Três tipos. E: Quais? / F: *Kaffeeplickersch, Deitsch e Hochdeutsch.*

deste Inventário). A escrita em Hunsrückisch foi, nas colônias de falantes, antes uma exceção.

Em segundo lugar, constatamos também casos de substituição da variedade de origem (*variety shift*) pelo alemão falado como língua comum na comunidade, o qual muitas vezes coincidiu com o que se configura como Hunsrückisch. Este comportamento é observado com mais frequência no Rio Grande do Sul, onde registramos uma perda maior de variedades [+dialetais] por falantes de outra origem que tenham se inserido posteriormente em comunidades onde já havia hunsriqueanos. Esses imigrantes posteriores – por exemplo, boêmios –, que se instalaram em áreas onde o Hunsrückisch já dominava há algum tempo, parecem ter muitas vezes abandonado a variedade dialetal de origem, restringindo-se ou assimilando-se à variedade [+standard] ou à norma local do Hunsrückisch (v. HABEL, 2017a). No leste de Santa Catarina e no Espírito Santo, pelo contrário, a resistência à substituição por uma língua comum parece ter sido maior, visto que ainda se constata com mais frequência situações em que convivem, lado a lado, formando uma espécie de “arquipélago de ilhas linguísticas”, variedades e grupos de origem distinta que preservam a variedade original.

A substituição de variedades, geralmente em direção a uma variedade mais próxima do alemão *standard*, porém alcançando, na oralidade, via de regra, o meio do contínuo variacional – e que configura justamente o Hunsrückisch como “língua de meio” (cf. ALTENHOFEN, 2018, no prelo) – é especialmente perceptível em relação às marcas do francônio-moselano, as quais no Hunsrückisch Rio-grandense foram quase inteiramente substituídas por variantes do francônio-renano, situado mais próximo do Hochdeutsch. O Hunsrückisch Rio-grandense é, hoje, de modo geral uma variedade mais própria do Pfälzisch. A razão desta substituição de marcas do francônio-moselano, restrito no Rio Grande do Sul, ao menos perceptualmente, a formas frequentes como *dat/wat*, em oposição à *das/was* do francônio-renano e do Hochdeutsch, reside justamente na maior proximidade destas marcas francônio-renanas da norma *standard* do alemão.

Até onde se tem conhecimento, o único reduto ainda intacto de uso de uma variedade do Hunsrückisch que preserva fortemente marcas francônio-moselanas é Löffelscheidt, no interior de Águas Mornas - SC. Comparem-se os seguintes exemplos, levantados pelo IHLBrI:

E1: *Vesteht ihr ooch Hochdeitsch?*

F1: *Bissche, so vestehn jo, awer so schwetze wenig.*

F2: *Unse Sproch is Hunsrick. Mia schwetze in Hunsrick. (SC01b - Löffelscheidt)¹⁷*

E1: *Seeht dea fo Hunsrick ooch Plattdeutsch?*

F1: *Nong. Unse Honsrick kimmt von Deutschland de annre mehmo dat is hie*

17 Tradução: E: Vocês também entendem Hochdeitsch? / F1: Um pouco, entender sim, mas falamos pouco. / F2: Nossa língua é Hunsrick. Nós falamos em Hunsrick.



blieb. Die deutschlenna Sprooch kenne mea gaa net richtig. Sowas het'ma die Sprooch richtig von Deutschland, wat richtig Sprooch is richtig, gell, der Deutsch kenne mea gaa net. Unn Sprooch is Honsrick, awer in Deutschland is ooch Honsrick.

E1: *Is ooch. Woore're schon, in Deutschland gibt's ooch en Löffelscheid?*

F1: *Joo, do gibt ooch en Löffelscheidt, unn do waa schon en Mensch von... wie ma seht, von unsre Municip hier schon ooch hie gewest visitar, schonn zwee Mool, dat weer en Pletzche, klein ooch, weer net gross, weer en Pletzche von achthunnert Habitate blos, achthunnert Leit blos.*

E1: *Unn kommt der Noome von Löffelscheid hier von dat?*

F1: *Von deutschland, ja.*

E1: *Well die mehrster von dem Stedche kommen sinn.*

F1: *Ja bald, wie man seht, bald kemb'ba bie hier so ritschich unn berchich ooch, net gleichne do in Leffelschid von Deitschland ... weer ooch ritschich.*

E1: *Was is 'itschich'?*

F1: *'Ritschich' dat is Modes, Barancos e Modes tem muito lá também.*

E1: *Ah, ritschich. Der rutsch ab.*

F1: *Ritschich unn Berich so né. Lá diz que tem muito barranco e modo também lá em Alemanha, né, em Leffelscheidt em Alemanha também. Montanhas assim né, Berche, wie hier o Leffelchidt ooch sieht alles Berche, is jo nix gleiches, fa hie, wie ma seht, en en Platz finne ohne Maschinn geschafft, [...]*

E1: *Werklich, ich honn net erwoot, dass das so berichsich weer hier.*

F1: *Ja, dat is awer, dat fengst, wo ohne en Maschinn geschafft, net ein Platz, wu... wu... wu kee [...] mache. (SC01b – Löffelscheidt)¹⁸*

Resumindo, falamos até aqui da base linguística de partida do Hunsrückisch, na questão que envolve o contato interno no contínuo de variedades do alemão, entre o *standard* e o dialeto. (Ainda não falamos do contato com o novo meio brasileiro e, de modo especial, com o português e demais línguas presentes nesse contexto). Por ora, fica a conclusão de que a história de formação do Hunsrückisch

18 Tradução: E1: Vocês também chamam Hunsrück de Plattdeutsch? / F1: Não, o nosso Hunsrück veio da Alemanha e ficou por aqui. A língua da Alemanha a gente nem entende direito. Se soubéssemos direito, a língua que é certa, mas o alemão mesmo a gente nem sabe direito. Nossa língua é o Hunsrick, mas na Alemanha também tem Hunsrick. / E1: E na Alemanha, também tem Löffelscheidt? / F1: Sim, lá também tem um Löffelscheidt, e também tinha um cara daqui do nosso município, como se diz, que foi para lá visitar, duas vezes. Lá teria um lugar, pequeno também, não seria grande, teria um lugar com apenas oitocentos habitantes, oitocentas pessoas apenas. / E1: E o nome Löffelscheidt vem de lá? / F1: Da Alemanha, sim. / E1: Porque as pessoas daqui vieram de lá. / F1: É quase todas, como se diz, aqui é tão escorregadio e montanhoso também, não tão plano como no *Leffelschid* de Alemanha. Também seria escorregadio. / E1: O que é *itschich*? / F1: Ritschich 'escorregadio' são os morros, morros e barrancos *tem muito lá também*. / E1: Ah, escorregadio, pois há desmoronamentos de terra. / F1: Escorregadio e montanhoso assim né. *Lá diz que tem muito barranco e morros também lá em Alemanha, né, em Leffelscheidt em Alemanha também. Montanhas assim né*, montanhas, como o *Leffelchidt* lá também parece ser só montanha, não é plano. Pra aqui, como se diz, achar um lugar que não foi trabalhado com máquina, [...], mas aqui tu não encontra. / E1: Verdade, eu não esperava que aqui fosse ser tão montanhoso. / F1: Sim, ali é tudo, tu começa, sem ter uma sido trabalhado por uma máquina, nem um lugar. Onde, onde, onde não [...] faz.

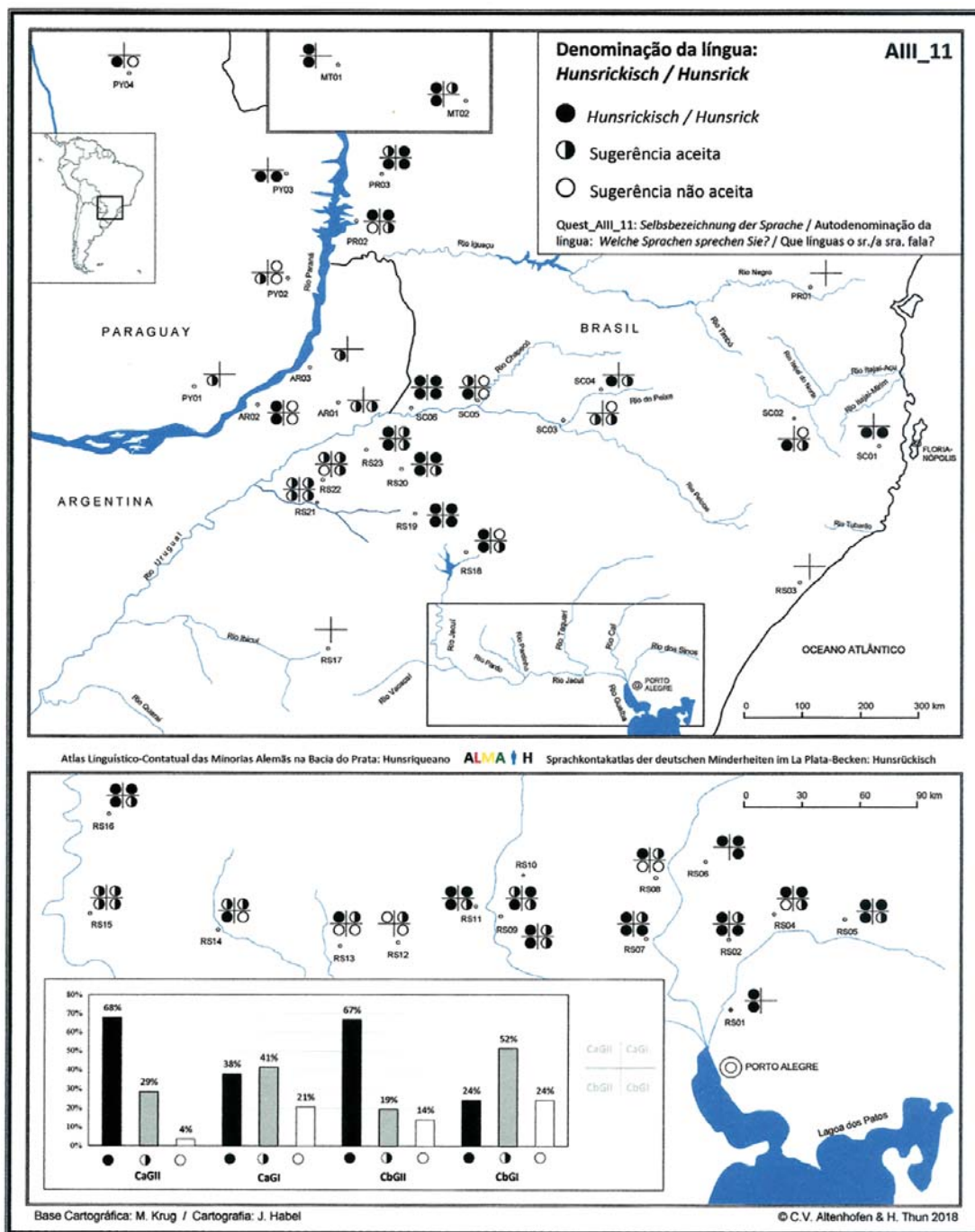
está estreitamente ligada aos contatos linguísticos, às migrações e à função que essa língua de imigração exerceu como norma de oralização local, isto é, como língua da interação diária. Historicamente, o Hunsrückisch se formou a partir de uma base dialetal proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück, e que engloba um contínuo entre o francônio-moselano e o francônio-renano. Linguisticamente, é resultado de diferentes contatos intervioletais, mas também interlinguais, especialmente com o português regional falado no entorno das comunidades. Socialmente, o Hunsrückisch assumiu a função de língua comum da interação diária entre os diferentes grupos de imigrantes.

Diante do exposto, pode-se definir o *Hunsrückisch* como uma língua de imigração, cuja base linguística provém essencialmente da matriz de origem no Hunsrück e Palatinado, no centro-oeste da Alemanha, e que, usando os termos da dialetologia alemã, engloba um contínuo de variantes linguísticas que se estende do francônio-moselano ([+dialeto]) ao francônio-renano ([+próximo do *standard*]) e que, ao longo de sua história no novo mundo, a partir de 1824, agrega influências de contatos linguísticos com demais variedades do alemão, em especial do *Hochdeutsch* local, e com o português e demais línguas faladas no entorno (cf. ALTENHOFEN, 1996, p. 27). Tem-se com isso que o Hunsrückisch não configura uma coíné uniforme, como se costuma afirmar, e sim apresenta grande variação, sempre se moldando, porém, como “língua de meio”, isto é, como língua intermediária entre variedades mais dialetais e a norma culta do alemão *standard*, localmente denominado *Hochdeutsch*, sendo às vezes inclusive confundido com este, enquanto *landschaftliches Hochdeutsch* (cf. SCHMIDT & HERRGEN, 2011). Para uma descrição da configuração linguística do Hunsrückisch, vale considerar, enfim, o que Thun (2010b) chama de *complexo variacional*, isto é, a coocorrência de variantes intercompreensíveis, de origem diversa, selecionadas do contínuo de variantes que constituem o repertório linguístico ativo do falante.

1.1.3 Autodenominações para o Hunsrückisch

Para o inventário do Hunsrückisch e sua conseqüente identificação como “língua inventariada”, é necessário que se analise as autodenominações dadas pelos falantes à sua língua, já que nem a origem, nem a base linguística são condições suficientes e seguras para determinar que “o que se fala (ou o que o pesquisador ouve) é de fato Hunsrückisch”. Em relação à origem, vimos que nem todo falante é categoricamente oriundo do Hunsrück, já que muitos membros de outras comunidades aprenderam o Hunsrückisch devido à sua função como língua de meio dominante na interação entre os falantes da comunidade. Tampouco a base linguística equivale exclusivamente à situação de partida, visto que tanto na matriz de origem quanto no contexto brasileiro há inúmeros fatores que moldam a configuração da língua, no contato linguístico, sendo muitas variantes comuns a mais de uma variedade ou aproximadas da norma julgada [+*standard*].

Fig. 6 – Ocorrência da autodenominação *Hunsrückisch* var. *Hunsrück* como forma usual ou conhecida na rede de pontos do ALMA-H



Fonte: ALMA-H

A autodenominação da língua de origem constitui, neste sentido, um terceiro critério, fundamental na identificação da língua. Para os fins do Inventário, já se convencionou adotar como denominação oficial a forma original *Hunsrückisch*, tendo em vista seu largo uso na literatura e nas comunidades de falantes pesquisadas. Tal é evidenciado pelo mapa da fig. 6 acima, do ALMA-H, em que se observa a ocorrência da denominação *Hunsrückisch* por toda a área onde se difundiu, por

meio das migrações. Se não é usada espontaneamente, ao menos a maioria dos falantes conhece essa denominação, quando é sugerida pelo entrevistador.

Esta constatação legitima a escolha da denominação *Hunsrückisch* como denominação oficial. Em documentos como a lei estadual nº 14.061, de 23 de julho de 2012, que reconhece o Hunsrückisch como “patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul”, a denominação adotada é *Hunsrik* (v. ANEXO2). Preferimos, para o Inventário, a forma *Hunsrückisch*, por ser a denominação mais recorrente nos estudos. Sua tradução para o português, como *hunsriqueano*, justifica-se como correlato para facilitar a interlocução com não-falantes, à maneira como já acontece com a maioria das outras línguas da diversidade linguística brasileira, como por exemplo o pomerano, vestfaliano, iídiche, entre outras. Optamos por manter a etimologia da grafia com <ü>, apesar da possibilidade de grafia com <i>, grafando, neste caso, *Hunsrickisch*, quando se quer ressaltar a palavra na sua pronúncia de dentro do Hunsrückisch.

Um olhar mais atento sobre o mapa acima mostra que, na comparação diageracional, há um recuo considerável no uso espontâneo da denominação *Hunsrückisch* / *Hunsrück*, o que pode sinalizar uma possível mudança em curso na direção da perda da língua, ou pelo menos na perda da consciência linguística sobre seu sentido original, uma vez que muitos jovens (GI, símbolos à direita da cruz) ainda conhecem a forma, porém não a usam mais ativamente, somente a confirmando após sua sugestão¹⁹ pelo entrevistador. Considerando a resposta espontânea um indício de uso ativo, tem-se que este é mais frequente entre os falantes mais velhos (GII, símbolos à esquerda da cruz) e, diatopicamente, também mais usual na área das antigas colônias, anteriores a 1850, localizadas na parte mais a leste. O gráfico confirma essa tendência de redução do conhecimento da noção de Hunsrückisch, na relação entre os índices de uso espontâneo entre os falantes da GII (acima de 50 anos) para os falantes mais jovens, da GI.

A tendência apontada pelo mapa, de perda da consciência sobre a noção de Hunsrückisch, fala a favor da necessidade de uma política de revitalização e conscientização do Hunsrückisch, para a qual este Inventário busca contribuir. O autoconhecimento da língua materna, expresso por um entendimento maior do que está atrás da autodenominação, constitui para tanto o primeiro passo.

Os dados coletados pelo ALMA-H contemplam ainda outras denominações para a variedade do alemão local, que na combinação dos critérios de origem, base linguística original e autodenominação, seria assim uma variedade do Hunsrückisch que queremos inventariar. Entre essas denominações, encontram-se especialmente as variantes *Hunsrück*, *Hunsrückisch*, *Hunsbucklisch*, *Deitsch*, *Deutsch*, *Platt*, entre outras denominações de ordem mais depreciativa, como, por exemplo, “alemão errado” ou “alemão misturado” (ver HABEL, 2017b, p. 321 e 325). No entanto, somando todas as denominações possíveis, chega-se ao seguinte

¹⁹ Este termo é usado para marcar o terceiro passo na técnica em três tempos: perguntar – insistir – sugerir. Essa técnica, desenvolvida por H. Thun (2017 [2005]), é seguida via de regra pelo ALMA-H, nas suas entrevistas.



inventário de variantes, ordenadas conforme sua posição no contínuo [+standard] / [+dialetal]:

[+standard]

Hochdeutsch

alemão gramatical

Hochdeutsch, Hofdeutsch

Deutsch, unser Deutsch, Deutsch von hier

alemão daqui, alemão de casa

Deitsch, unser Deitsch, Deitsch von dehemm

hunsriqueano

Hunsrickisch

Hunsrick

Plattdeutsch

Plattdeitsch

Hunsbucklisch

Laschoode-meessich (falantes de RS13 em relação a RS11)²⁰

Heckedeitsch, vebrochne Deitsch etc.

alemão-cachorro (forma isolada, tradução de falantes no Chaco)

[+dialetal]

Enquanto as formas *Hunsrückisch*, *Hunsrück*, *Hunsbucklisch* são uma alusão ao Hunsrück, na Renânia Central, Alemanha, de onde provém um grupo significativo de imigrantes falantes dessa variedade, as formas mais genéricas *Deutsch* e *Deitsch* (pt. ‘alemão’) acentuam novamente a função de “língua de meio” que Altenhofen (2018) atribui a ela. *Deutsch* e *Deitsch* podem também refletir a perspectiva do olhar de fora, visto que para o brasileiro não habituado a toda essa variação tudo se resume no termo alemão. Por outro lado, a forma *Hunsrückisch* – diferente de nomes de variedades como pomerano, vestfaliano ou boêmio – dá margem a reinterpretações, pois os elementos *Huns-* + *rück* carregam por vezes duplo sentido, se associados aos significados de ‘cachorro’ e ‘costas’. Não por acaso ouvimos de um informante em Loma Plata, no Chaco paraguaio, que para os paraguaios que perguntavam qual língua eles falavam, eles explicavam que “língua de cachorro”, era uma tradução claramente influenciada pelo componente *Huns-*. Evidentemente, esse exemplo é uma exceção e um caso isolado de um informante, mas ele aponta o caráter depreciativo que a própria denominação *Hunsrückisch* pode ter carregado

20 Esta denominação ocorre, sobretudo, em Santa Cruz do Sul – RS13 e Venâncio Aires – RS12, em alusão à marca característica dos falantes do ponto vizinho, Lajeado, que seria a velarização de /a/ para [o] aberto longo, como na oposição entre *Hahn* vs. *Hoohn* ‘galo’, ou *Advogad* vs. *Advogood* ‘advogado’. Esta marca recebeu notoriedade por uma história gravada por Bruno Neher, do grupo Os 3 Xirus, que falava do *Delegood von Lascheood*.

na história da língua. Há, aliás, uma série de palavras compostas e expressões do Hunsrückisch que empregam a noção de *Hunn* ‘cachorro’ com sentido negativo. Exemplos: *Hunnspack* ‘ralé’, *Hunnsputz* ‘palavrão com sentido análogo ao do pt. *cadela*’, *unner dem Hund* ‘em condições miseráveis, abaixo do cachorro’, *vehunnse* ‘debochar’, etc.

Evidentemente, as denominações refletem a variação e o plurilinguismo presentes em cada comunidade. O quadro da tab. 2 a seguir dá uma amostra do repertório linguístico dos falantes e confirma o que já foi descrito na seção anterior, sobre a base linguística variável e a posição dessa base no contínuo variacional do alemão, bem como o papel dos contatos linguísticos em cada comunidade. Para o falante, os limites muitas vezes se confundem e são ressignificados conforme o interlocutor e o foco de análise.

Tab. 2 – A(s) língua(s) do falante, em uma amostra de dados do IHLBri

Línguas faladas pelos informantes do IHLBri, com o respectivo tipo de denominação						
	Alemão daqui	Plattdeutsch / Plattdeutsch	Hunsrückisch	Hochdeutsch	Pomerano	Outras*
ES01 - Marechal Floriano e Domingos Martins	2	0	88	19	17	2
ES02 - Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá	15	2	4	6	12	1
SC01 – São Pedro de Alcântara e Antônio Carlos	39	21	73	4	0	22(**)
SC02 - Ituporanga	13	0	10	10	0	0
SC03 - Piratuba e Ipira	4	0	117	9	0	3
SC06: São João do Oeste	28	0	145	26	0	4
RS01 - São Leopoldo e Novo Hamburgo	5	0	8	5	0	31
RS04 - Santa Maria do Herval	0	0	27	2	0	4
RS06 - Nova Petrópolis	14	0	21	11	0	13
RS08 - Alto Feliz	0	0	17	0	0	1
RS11 - Forquetinha e Lajeado	51	0	37	3	1	3
RS13 - Santa Cruz do Sul	55	0	4	1	1	10
RS15 - Agudo	10	0	0	0	0	0
RS18 - Selbach	6	0	18	1	0	2
RS20 - São José do Inhacorá	13	0	8	7	0	2
RS22 - Santo Cristo	26	0	12	5	0	4

(*) Incluem-se aqui o inglês, espanhol, francês e italiano. (**) Dialeto e Kaffeeflickersch

Fonte: IHLBri

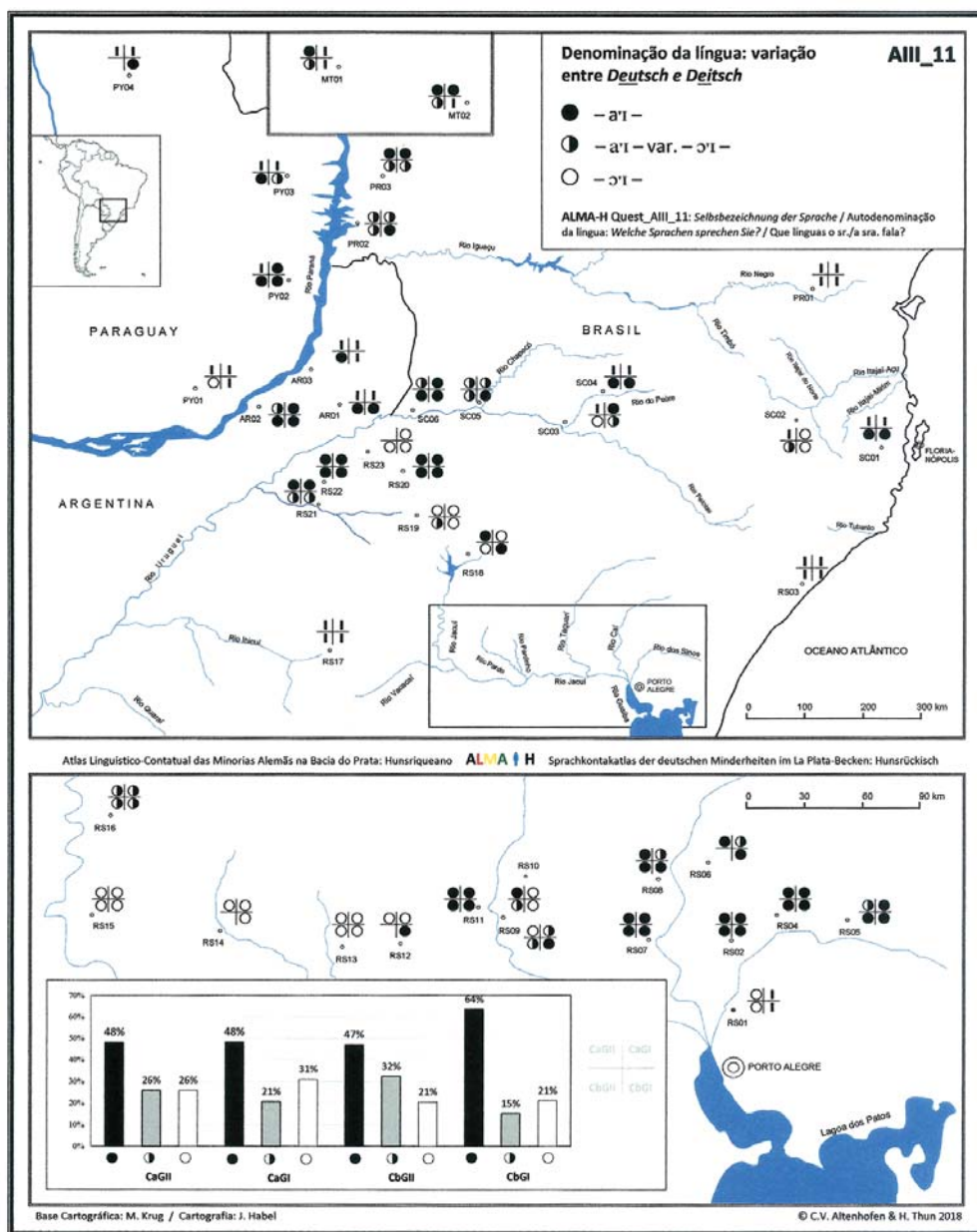
O quadro da tab. 2 confirma, por outro lado, a ambiguidade de função do Hunsrückisch – ora como língua depreciada pelos próprios falantes, ora identificada como *Hochdeutsch* ou também *Hofdeutsch*, ora como língua da identidade e da família. No entanto, quando um falante do ponto RS20 explica que os moradores de Mato Queimado falam “*Hofdeutsch*” e que ele falava “*Deutsch*” em seu grupo, nos damos conta da conotação neutra que assume a denominação *Deutsch*,

que também é referida muitas vezes como *Deitsch*, portanto sem dar margem a interpretações negativas, como no caso das formas com *Huns-*.

Mea tun nenne Hofdeusch. Die [in Mato Queimado] spreche enfach bissche annerschte wie mea, né. Mea tun Deutsch spreche. (RS20 - São José do Inhacorá)²¹

Mir sprechen, denke ich, das Hochdeusch noch bissche, né. Unn dann sind viele, wo der Hunsrück spreche tun. (RS18 - Selbach)²²

Fig. 7 – Ocorrência das variantes *Deutsch* e *Deitsch*, como autodenominações dos falantes



Fonte: ALMA-H

21 Tradução: Nós chamamos de *Hochdeusch*. Os alemães de Mato Queimado falam um pouco diferente do que nós, né. Nós falamos alemão (*Deutsch*). (RS20 - São José do Inhacorá).

22 Tradução: Eu acho que nós falamos um pouco ainda o Hochdeusch, né. E tem bastante gente que fala o Hunsrück. (RS18 - Selbach).



Pode-se dizer que *Deitsch* representa um sinônimo de *Hunsrück* ou *Hunsrückisch*, como se observa no excerto a seguir, de um falante do ponto RS12 – Venâncio Aires, que explica que o alemão por ele falado foi aprendido na comunidade onde morou e que, possivelmente, deveria ser o *Hunsrück*. No entanto, ele afirma que não tem certeza se essa informação procede, porque a língua alemã local já é misturada com o português brasileiro e com o *Deutsch*; como se vê, esse falante também alterna entre *Deutsch* e *Deitsch*.

Der Deitsch, wo ich spreche, honn ich gelennt in der Comunidood, wo ich gewohnt honn, weer der Hunsrück, awer ich weess net, ob es is ore net, das is en Dorichnanner: Bresilionisch mit Deutsch. Unn dann spreche mir so, alles innanner. (RS12 - Venâncio Aires)²³

A distinção entre *Deutsch* e *Deitsch* reflete, por outro lado, a mudança no padrão de fala de imigrantes anteriores a 1850 (que apresentam mais marcas dialetais, por isso *deitsch*) e posteriores, com uma variedade mais próxima do alemão *standard* (por isso, *deutsch*). O mapa da fig. 7 deixa essa distinção bem clara. É curioso observar que a denominação *Deitsch* predomina justamente nos pontos mais antigos das colônias velhas e se estende até as colônias novas, chegando a ampliar seu uso na geração mais jovem, especialmente da classe menos escolarizada (CbGI, com 64% de ocorrências, como se pode ver no gráfico).

A grande ocorrência das denominações *Deitsch* e *Deutsch* coloca pelo menos duas questões relevantes: 1º) por sua representatividade numérica, poderiam ser fortes candidatas para serem a denominação oficial da língua inventariada. Fala, contudo, contra essa opção o fato de não serem suficientemente distintivas, além de muitas vezes se alternarem livremente na fala; 2º) sendo uma denominação mais neutra, e menos distintiva, não se tem sempre garantia de que são equivalentes ao que definimos como *Hunsrückisch* (ver acima). É o que colocam o seguinte depoimento:

F1: *Mia soohn Deitsch.*

F2: *Mia spreche hier in Linha Imperial noch ganz viel Deitsch.*

F3: *Mea spreche Deitsch, Hunsrückisch net.*

(RS06 - Nova Petrópolis)²⁴

Apesar desse tipo de afirmação, se novamente apelarmos aos dois primeiros critérios (origem e base linguística original), ainda assim temos subsídios para acreditar que se trata da mesma variedade que outros falantes chamam de *Hunsrückisch*. Situação parecida é a que coloca outra denominação corrente, em

23 Tradução: O alemão, que eu falo, eu aprendi na comunidade onde eu morava. Isso seria o Hunsrück, mas eu não sei se é ou não, isso é uma mistura: português com alemão. Então falamos assim, tudo misturado. (RS12 - Venâncio Aires).

24 Tradução: F1: Nós falamos alemão. / F2: Aqui em Linha Imperial nós ainda falamos muito alemão. / F3: Nós falamos alemão, Hunsrückisch não. (RS06 - Nova Petrópolis)



que se acentua a oposição entre *Hochdeutsch* e não-*Hochdeutsch*, e em que por isso se identifica o Hunsrückisch como *Plattdeutsch* var. *Plattdeutsch* ou *dialeto*. *Plattdeutsch* é, na verdade, um termo mais genérico que significa, em certo sentido, ‘dialeto’. Remete a variedades com maior grau de dialetalidade, como as das terras planas (*platt*) do norte, portanto do baixo-alemão (*Niederdeutsch*), razão por que variedades como o vestfaliano e o alemão menonita se autodenominam respectivamente como *Plattdüütsk* e *Plaudietsch*. Encontramos essa acepção em diversos pontos de pesquisa, como RS02, RS09 e SC01b. Em alguns casos, chega-se a usar o termo *Plattdeutsch* como uma espécie de definição ou explicação do que seja *Hunsrückisch*, muitas vezes identificado com a língua que o entrevistador usa na interação, no caso o Hunsrückisch:

Ich tun's liebste Hunsrickisch, Plattdeutsch spreche. (RS02 – Ivoti)²⁵

Plattdeutsch is so wie mia jetz spreche tun. [...] Dialeto is das Plattdeutsch. (SC01b – São Pedro de Alcântara)²⁶

Em gravações do IHLBrI, falantes do Espírito Santo (ES01) relataram também que a língua alemã, por eles falada na região, havia sido denominada de *Hunsbucklisch* pelos pais e avós. No entanto, hoje, afirmaram preferir falar que se comunicam em “língua pomerana (*Pommerisch*)” e em “*Hunsrickisch*”. Paralelamente, um dos falantes afirmou que, no momento, preferia denominar a língua que fala de *Hunsrück* e não mais de *Hunsbucklisch*. Quando o entrevistador perguntou o que seria *Hunsbucklisch*, outro falante respondeu que se tratava da mesma língua denominada de *Hunsrick*. Outro entrevistado do ponto de pesquisa ES01 respondeu que, às vezes, há falantes das proximidades que falam o *Plattdeutsch*, mas ele afirma que no grupo dele preferia chamar a língua de *Hunsrick*:

Mea soohn net Plattdeutsch, wir soohn Hunsrück. (ES01 – Marechal Floriano)²⁷

São sintomáticos esses movimentos de ressignificação de um lado para o outro. Esse comportamento, comum em situações de contato linguístico, leva a mesclas entre uma língua dominante e outra variedade rotulada de *dialeto*, ou de alemão misturado com português (RS09), ou alemão boêmio misturado com Hunsrückisch (RS12) ou, ainda, Hunsrückisch misturado com pomerano (ES01) ou vestfaliano, ou suábio (como em um comentário ouvido em SC06 – Mondáí – Linha Taipa Baixa: “*mein Mann hat das Schwebisch, ich hab das Hunsrick*” – ‘meu marido fala suábio, eu falo Hunsrück’).

25 Tradução: A melhor parte das vezes eu falo *Hunsrickisch*, isto é, *Plattdeutsch* (=dialeto). (RS02 – Ivoti)

26 Tradução: *Plattdeutsch* é como nós agora estamos conversando. [...] Dialeto é o *Plattdeutsch*. (SC01b – São Pedro de Alcântara)

27 Tradução: Nós não dizemos *Plattdeutsch*, nós dizemos *Hunsrick*. (ES01 – Marechal Floriano)



Estas percepções e os variados pontos de vista dos falantes de alemão sobre o nome de sua língua são determinantes para o reconhecimento e a valorização do Hunsrückisch no Brasil. No entanto, não queremos apenas debater o nome dado à língua em função da valorização e dos direitos linguísticos, mas também, para dar a oportunidade aos falantes de refletir e conhecer melhor sua própria língua de origem.

Concluindo, vale reafirmar a pertinência de considerar a forma *Hunsrückisch* (pt. *hunsriqueano*) como a melhor opção para representar a língua como Referência Cultural Brasileira. Além de ser uma denominação *in vivo*, usada em quase toda sua área de difusão, e de distinguir claramente sua origem e especificidades, e apesar de poder evocar associações com sentidos depreciativos, ainda assim é a denominação que melhor resume a identidade dessa língua, atrevida e dinâmica ao mesmo tempo, uma língua “periférica” de forte vitalidade, capaz de enfrentar grandes adversidades.

1.2 Topodinâmica das migrações do Hunsrückisch

Identificam-se quatro portas de entrada principais do Hunsrückisch que inauguram a imigração da matriz de origem, no centro-oeste da Alemanha, para o Brasil:

- a) A partir de 1824, São Leopoldo, no Rio Grande do Sul;
- b) 1829, a São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina;
- c) No mesmo ano, 1829, a Rio Negro, no Paraná, sendo que este grupo logo se assimilou ao português, uma vez que ficou isolado em meio à população nativa, essencialmente “cabocla”. Alguns autores afirmam, por isso, que esses primeiros imigrantes “se acaboclam” (v. WILLEMS, 1944, p. 154s.).
- c) 1846, com a vinda de imigrantes a Domingos Martins, no Espírito Santo.

Cada uma dessas matrizes, com exceção de b), formou uma macroárea do Hunsrückisch, como veremos mais adiante, respectivamente do Hunsrückisch Rio-grandense (Hrs.), Leste-Catarinense (Hsc.) e do Espírito Santo (Hes.). Não ocorreu um contato direto entre essas macroáreas, ou seja, elas se desenvolveram de forma relativamente autônoma. Entretanto, será a matriz rio-grandense que irá ser abastecida e reforçada, com mais ímpeto, pela vinda continuada de novos migrantes da Alemanha (ALTENHOFEN & THUN, 2016). Essa característica explica a grande difusão e vitalidade do Hunsrückisch Rio-grandense, inicialmente consolidando sua territorialidade nas colônias velhas originais no Vale do Sinos (a partir de 1824), próximo à capital Porto Alegre, e, a partir daí, ocupando os vales do Caí e do Taquari. Com o término da Revolução Farroupilha, em 1845,



retoma-se a imigração além-mar; chegam, assim, novos imigrantes que vão ocupar a faixa oeste das colônias velhas, ocupando as terras ao norte do rio Jacuí, desde o Vale do Rio Pardinho. Com isso, fecha-se o ciclo das primeiras colônias que formam a base do Hunsrückisch Rio-grandense (pode-se dizer sua *Heimat*), onde se estabelece uma imprensa e escolas em língua alemã e, de onde, os descendentes irão partir em busca de novas terras.

Para desafogar essas primeiras colônias, cuja população crescia vertiginosamente,²⁸ os excedentes populacionais dessas colônias velhas migraram em busca de novas terras. Essas migrações ocorreram basicamente em quatro grandes ondas migratórias:

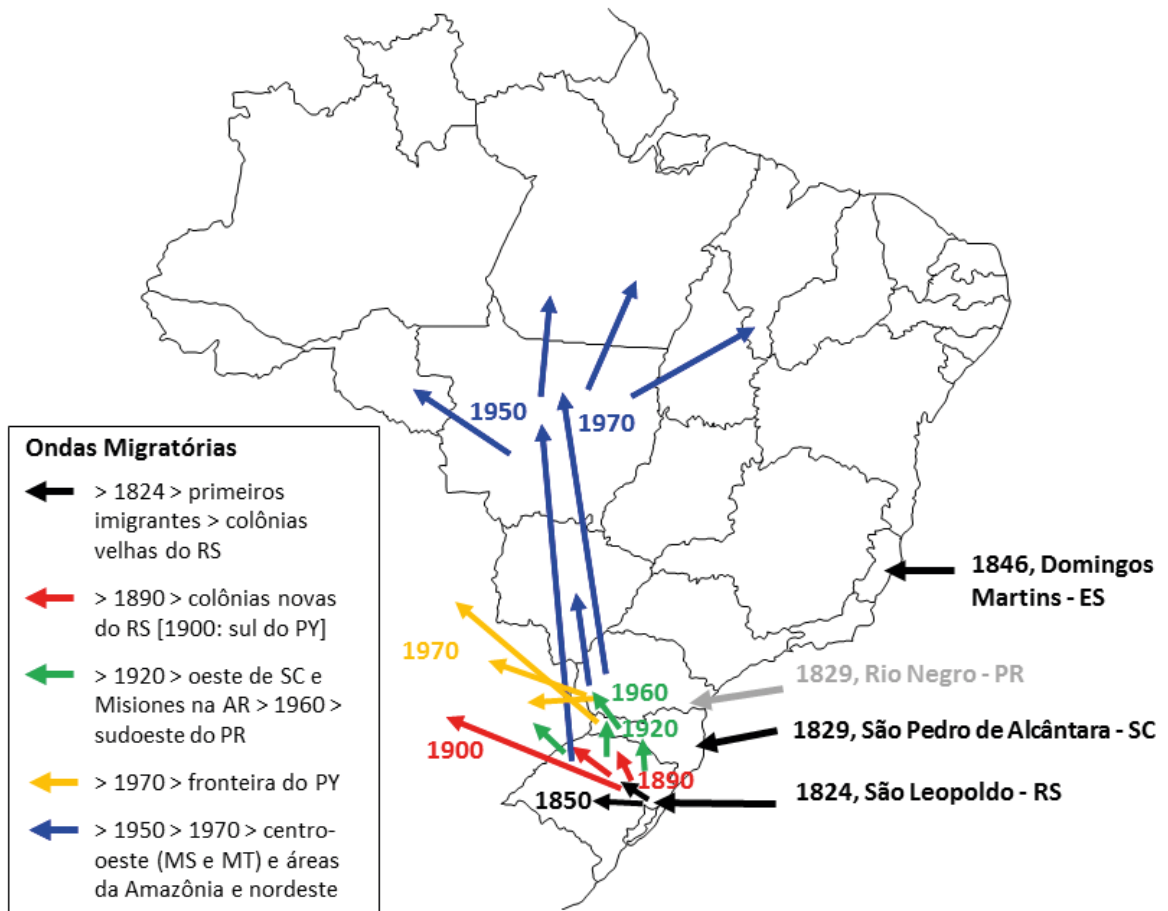
- 1) A partir de 1890, com o fim do Império e início da República, criam-se novas colônias no norte e noroeste do Rio Grande do Sul.
- 2) A partir dos anos 1910-1920, o fluxo migratório ocupa inicialmente o oeste de Santa Catarina e Misiones na Argentina e, posteriormente, o sudoeste do Paraná.
- 3) Dos anos 1950 em diante, a migração desses “gaúchos do sul”, também denominados *sulistas*, entre os quais se incluíam sobretudo os migrantes de fala hunsriqueana, irão abrir o caminho para novas áreas fora do eixo central original a do Rio Grande do Sul ao Paraná.
- 4) Nos anos 70, irão atingir as áreas fronteiriças no Paraguai e região centro-oeste do Brasil (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso)²⁹ e demais áreas da Amazônia (por exemplo, pontos isolados no sul do Pará) e inclusive do nordeste (como no sul do Maranhão).

O mapa da fig. 8 a seguir visualiza com mais clareza todos esses movimentos de migrantes falantes do Hunsrückisch.

28 Uma família de imigrantes possuía, segundo Roche (1969, p. 163), em média, 10 filhos.

29 Esta região ainda carece de um mapeamento mais preciso do plurilinguismo, que é aí maior do que se pode imaginar. Já estão sendo implementados esforços neste sentido.

Fig. 8 – Migrações dos falantes de Hunsrückisch no Brasil e na Bacia do Prata



Na cartografia do ALMA-H, essas diferentes ondas migratórias identificadas no mapa acima podem ser vistas como estágios da macrocronologia de formação e difusão do Hunsrückisch, com impacto sobre a configuração do Hunsrückisch. Esses estágios cronológicos projetam-se, no entanto, majoritariamente em forma de “encaixe” sobre a área ocupada inicialmente (ALTENHOFEN, 2018, no prelo). Isso explica por que esse Hunsrückisch rio-grandense, apesar da vasta territorialidade, mantém tantas semelhanças, a ponto de até neologismos criados nas primeiras colônias a partir de RS01 – São Leopoldo aparecerem nas mais longínquas localidades para onde migraram. Em Steffen & Altenhofen (2014), já se chama atenção para esse fato. Eles exemplificam essa tese, mostrando a projeção do neologismo *Keesboom* var. *Keesbaum* ‘árvore de jaracatiá’ por toda a área abrangida pelo ALMA-H.

O mapa acima também mostra que, via de regra, as migrações dos hunsriqueanos se projetam na direção norte-oeste, à semelhança do que, na literatura, se costuma denominar de “conquista do oeste”. Sua projeção é normalmente sequencial, mas há exceções curiosas, como o sul do Paraguai, no ponto PY01 – Hohenau e Obligado, para onde migrou já bem cedo, em 1900, um grupo de descendentes de hunsriqueanos e boêmios do Vale do Taquari.

Fig. 9 – Fotografia das migrações do sul do Brasil para o Mato Grosso, onde se fundou Porto dos Gaúchos (ponto MT01, na rede de pontos do ALMA-H). Fotografia: Walter Irgang (1956)



Fonte: Acervo CONOMALI – cópia cedida por Henrique Meyer³⁰ ao ALMA-H

Também o ponto MS01 – Porto dos Gaúchos antecipa, no tempo e no espaço, o fluxo para a Amazônia, em um período político nacionalista em que se reivindicava a ocupação dessa área, antes que estrangeiros a tomassem. *Slogans* como *A Amazônia é nossa!*, na década de 50, ou *Integrar para não entregar!*, nos anos 1970, traduzem a propaganda para as migrações. Assim, já na década de 1950, um grupo de migrantes “teuto-gaúchos”, liderados por Hermann Meyer, vai fundar Porto dos Gaúchos – MT01. Como no caso de Hohenau – PY01, essa migração não é um prolongamento de um ponto terminal da projeção migratória, mas sim tem como ponto de partida uma matriz mais antiga, pois inicia direto das Missões no RS, a partir da colônia de Santa Rosa (Santo Cristo e Cerro Largo), de onde também vinha o idealizador desse empreendimento, Hermann Meyer. As marcas teuto-gaúchas dessa migração e colonização no norte do Mato Grosso (BARROS, 2014) podem ser vistas no acervo de fotos da Colonizadora Noroeste Matogrossense S/A (CONOMALI), disponível em <http://conomali.com.br/>.

Essas migrações para fora do eixo migratório sul-rio-grandense reproduzem um cenário bastante parecido ao dos primeiros imigrantes vindos da Alemanha, no séc. XIX. Durante os levantamentos do ALMA-H, tivemos a oportunidade de recolher uma série de depoimentos sobre a memória das migrações. Enquanto os

30 Ver MEYER, Henrique (org.). *Porto dos Gaúchos: os primórdios da colonização da Gleba Arinos, na Amazônia brasileira*. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2015.

imigrantes do séc. XIX abriam picadas na mata, com facão e machado, os novos migrantes já contavam com caminhões, lonas e motosserras. Em relação à migração para o Mato Grosso, relata-se sobre os contatos com os indígenas, a frustração com a qualidade da terra, a ponto de alguns migrantes darem meia-volta para retornar ao Rio Grande. Quem não possuía os recursos para financiar a volta, era obrigado a ficar. Muitas vezes, os homens iam primeiro, para verificar se o empreendimento valia a pena; só depois vinham as mulheres e crianças. Enquanto aqui a migração ocorria por terra, a imigração de além-mar (*von drüben*) se dava por navio.

Nesse universo, a organização em comunidade foi sempre vital – é ela que irá garantir a manutenção da língua de imigração e servir de elo de coesão do grupo: porque migravam em comunidade, usavam em comum a mesma língua, a língua da coesão. Aos poucos, o contato com outras populações que se irá encontrar na rota da migração também irá colocar novas línguas no caminho, em especial novas variedades do português, conseqüentemente novas línguas vão candidatar-se à função de língua de interação da comunidade.

As migrações desempenham um papel central na difusão do Hunsrückisch. O que chama a atenção, no entanto, não é sua difusão, por um território que surpreende não apenas pela distância do extremo sul-rio-grandense ao norte do Brasil e ao Chaco paraguaio, e sim muito mais o modo como as diferentes comunidades se mantêm conectadas em rede, graças a uma série de fatores, entre os quais se destacam as relações de parentesco (“aqueles que ficam e aqueles que vão”), a identidade étnica e linguística ou ainda outros fatores como religião e comércio. Produtos como Olina ou o bálsamo alemão – *die Menze Troppe* (al. *Mainzer Tropfen*) – ou publicações como o *Sankt Paulus-Blatt*, editado em Nova Petrópolis – RS06, ou o *Jahrbuch der Familie*, de Porto Alegre, foram encontrados em nossas viagens de campo aos pontos mais afastados da rede de pontos do ALMA-H. Até mesmo no Espírito Santo, que visitamos pelo IHLBrI, são perceptíveis elementos trazidos por pastores do sul. A difusão da língua de imigração Hunsrückisch – e com ela a escrita em Hochdeutsch – vem acompanhada de uma rede de relações à distância, como se pode constatar nas pontes de papel representadas pela troca de cartas entre parentes e amigos distantes (v. ALTENHOFEN, STEFFEN & THUN, 2018).

Nessa rede de relações, os relatos colhidos de migrantes da geração mais velha, ainda vivos, identificam como sua *Heimat* ‘terra natal, pago’ não mais o Hunsrück dos imigrantes do outro lado do Atlântico, e sim as colônias velhas no Rio Grande do Sul, às quais se referem como “*unne in der alt Kolonie*” (‘lá embaixo, na colônia velha’). Neste particular, um informante de SC07 – Itapiranga & São João do Oeste chega a brincar com as saudades “lá de baixo” (seguindo a orientação do mapa), contando a seguinte história:

Do hot en alte Mann en scheen Meede von uwe noh unne besiehn [mexendo a cabeça de cima a baixo]. “Du”, *hot das Meede do so gemennt*, “was hot der fo dumm Pleen im

Kopp?” – “*Ai,*” *hot do der Mann geantwott. “Ich kenne dich von do unne* [baixando a cabeça], *awer ich komme net druff* [levantando a cabeça].”³¹

As memórias da migração trazem consigo, portanto, uma série de práticas culturais e hábitos do dia a dia, como o chimarrão, o time de futebol do coração, os costumes gauchescos,³² mas, sobretudo, o “alemão ouvido dos avós”, quando se revisita os parentes nas colônias velhas. Segundo um relato que ouvimos, Harald Thun e Cléo Altenhofen, no Paraguai, em PY02 – Santa Rosa del Monday (que tem esse nome em alusão à então colônia de Santa Rosa, RS –, na visita aos “*Parente in Rio Grande*”, a língua comum de comunicação teria sido o Hunsrückisch, pois nem eles dominavam mais perfeitamente o português, nem os parentes brasileiros entendiam suficientemente o espanhol. “*Do hom’ma dann uff unser Deutsch vezehlt*” / “*Aí nós falamos no nosso alemão*” (PY02 – Santa Rosa del Monday), explicou uma informante.

1.3 Territorialidade e áreas tipológicas: Hunsrückisch Rio-Grandense (Hrs.), Leste-Catarinense (Hsc.) e do Espírito Santo (Hes.)

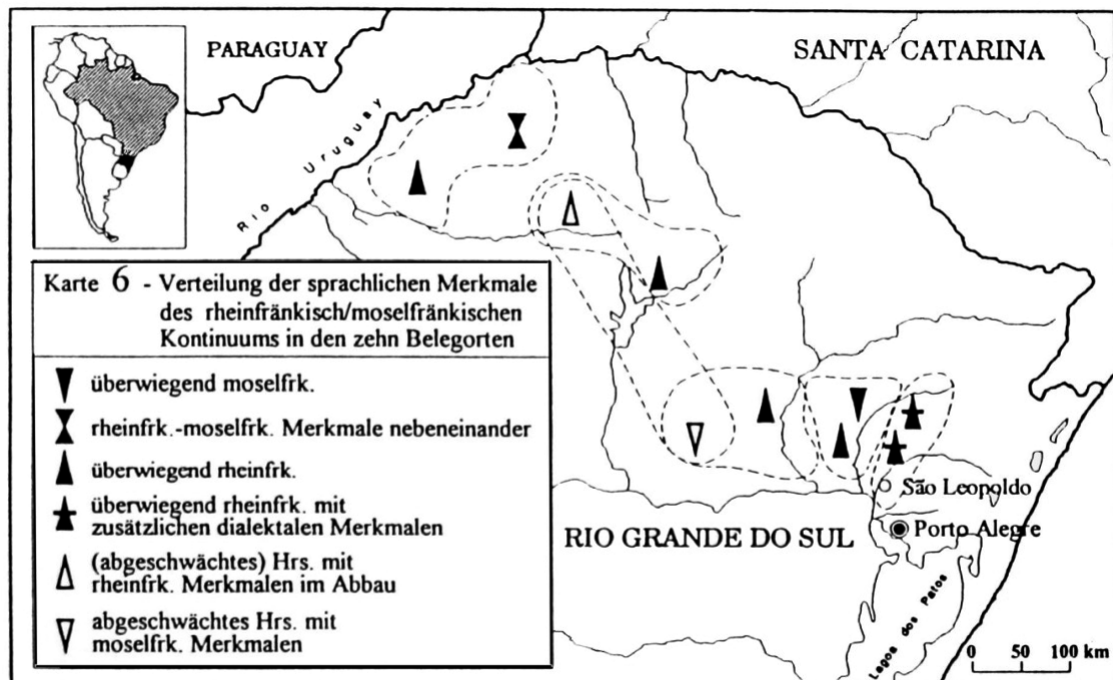
Na trajetória migratória dos hunsriqueanos, é possível, como pudemos ver, identificar áreas específicas de ocupação no tempo e no espaço. Essa ocupação ocorreu de forma progressiva, conforme o período da migração, e, muitas vezes, em ondas, na direção noroeste. Por envolver, contudo, coletividades que compartilhavam uma origem e interação linguística, é de se supor que essas áreas também espelhem padrões de comportamento linguístico que justificam uma tipologia específica do Hunsrückisch.

De fato, através da análise pluridimensional dos dados do ALMA-H (ALTENHOFEN & THUN, 2016; THUN, 1998), confirmou-se a macroárea tipológica do Hunsrückisch Rio-grandense (Hrs.), que já havia sido parcialmente descrita em Altenhofen (1996), por meio de levantamentos em 10 localidades de pesquisa. A tipologia do Hunsrückisch nesses pontos restringiu-se à área então conhecida do tipo rio-grandense e se pautou, conforme o mapa a seguir, no contínuo de marcas francônio-moselanas/francônio-renanas/Hochdeutsch presentes em cada uma das localidades da pesquisa:

31 Tradução: Um homem velho ficou analisando de cima a baixo uma moça que estava à sua frente [mexendo a cabeça de cima a baixo]. “Mas olha só”, pensou a moça, “que segundas intenções esse homem deve ter na cabeça?” – “Olha,” o homem então retrucou. “Eu te conheço lá de baixo [baixando a cabeça], mas não consigo me lembrar, não me vem à memória de onde [levantando a cabeça].”

32 Em PY02 e em MT02, presenciamos a reuniões do CTG local (Centro de Tradições Gauchescas), com participação significativa de teuto-rio-grandenses.

Fig. 10 – Tipologia do Hunsrückisch, conforme Altenhofen (1996, mapa 6)

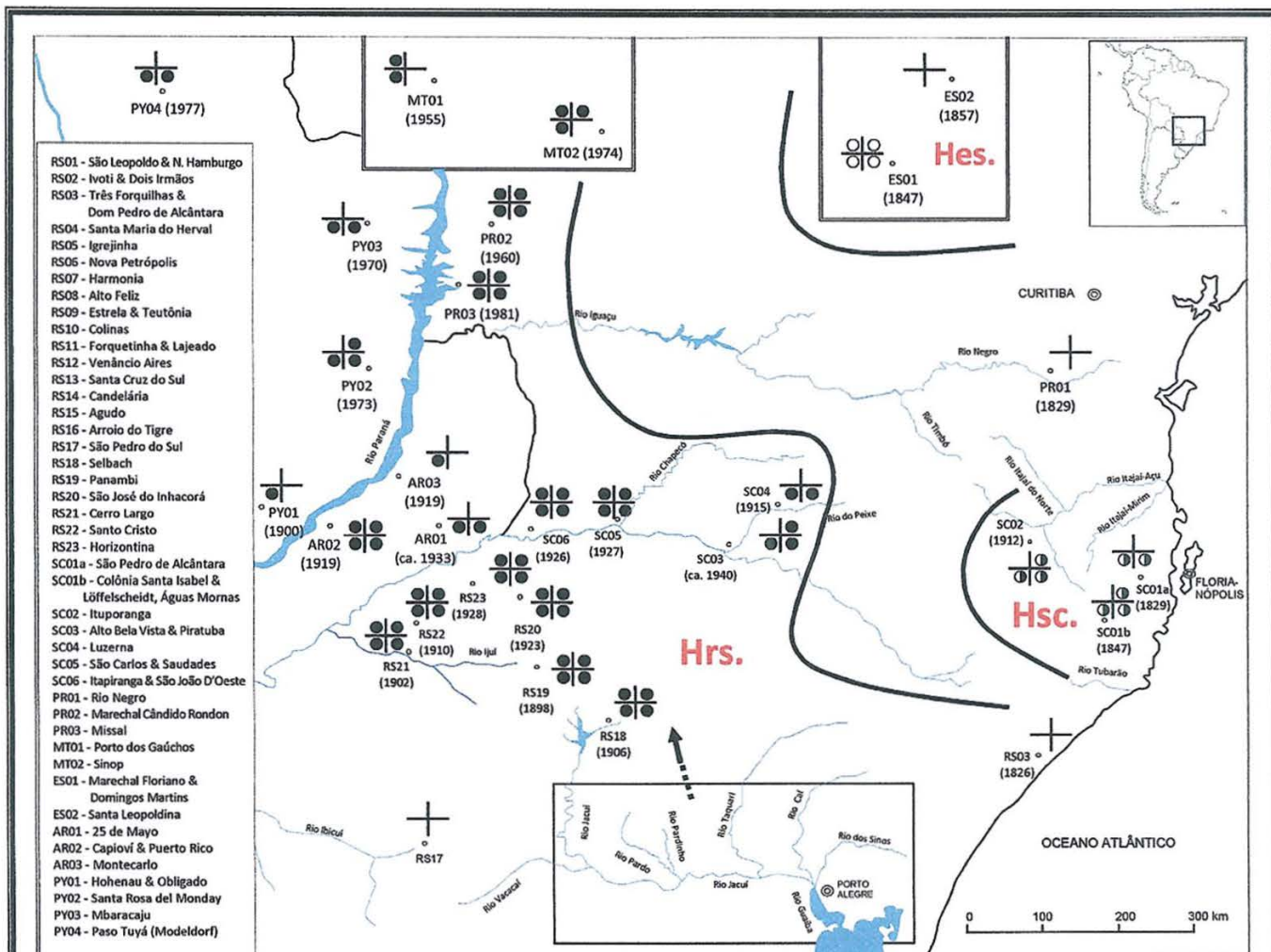


Fonte: Altenhofen (1996, mapa 6)

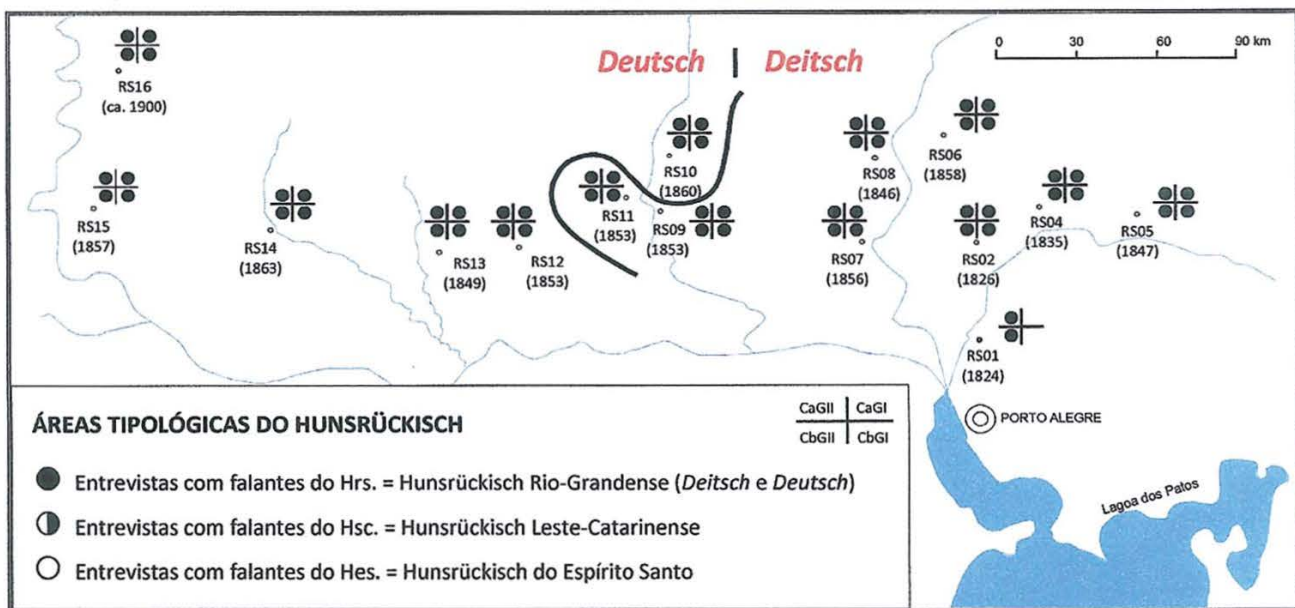
Como se vê, predomina, já nesse estudo, o tipo de base essencialmente francônio-renana, com 06 dos 10 pontos, sendo que dois, os mais antigos (RS02 – Dois Irmãos [hrs. *Boomschnees*] e RS06 – Pinhal Alto [hrs. *Tannenwald*], em Nova Petrópolis) se caracterizam por apresentarem marcas dialetais adicionais, especialmente o rotacismo, isto é, a mudança de /t, d/ para [r], como em *Boddem* > *Borrem* ‘chão’, *brote* > *brore* ‘assar’, *das Meede* > *das Meere* ‘a moça’. O ponto onde se encontrou ainda mais marcas francônio-moselanas, nessa rede de pontos, foi RS08 – Alto Feliz, enquanto, em RS20 – São José do Inhacorá, Altenhofen (1996) constatou a coocorrência de marcas renanas e moselanas. Por fim, os tipos de “Hunsrückisch atenuado” (*abgeschwächtes Hunsrückisch*) antecipam o que o ALMA-H, com uma rede de pontos mais ampla, passou a chamar de Hunsrückisch do tipo *Deutsch*, ou seja, um tipo de Hunsrückisch mais próximo do Hochdeutsch.

Os 10 pontos pesquisados em Altenhofen (1996) são retomados, no ALMA-H, cerca de 10 anos depois. O campo de visão, no entanto, se amplia, agora, para um total de 41 localidades. O IHLBrI acrescenta ainda mais 03 pontos (ES01 e ES02 e SC01b). Com isso, não apenas foram identificados os dois tipos de Hrs. – *Deutsch* e *Deutsch*, que explicaremos na sequência, – como também se adicionou no foco de análise o Hunsrückisch Leste-Catarinense (Hrs.) e o Hunsrückisch do Espírito Santo (Hes.), a que já aludimos anteriormente. O mapa a seguir visualiza essas áreas na grande área de ocorrência do Hunsrückisch desde seus pontos no Brasil até núcleos para além das fronteiras, em Misiones (Argentina) e no Paraguai, para onde emigrou.

Fig. 11 – Macroáreas tipológicas do Hunsrückisch na rede de pontos do ALMA-H e IHLBrI



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch ALMA-H | IHLBrI Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração



Base Cartográfica: ALMA-H / Cartografia: C. Altenhofen

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2018

Muitos falantes do Hunsrückisch, os quais foram ouvidos nas pesquisas de campo, tendem a enxergar uma variação muito maior no seu entorno do que sugere o mapa acima. Os comentários dão conta de uma variação entre localidades, num raio de poucos quilômetros. Assim, por exemplo, observa uma falante de ES01 – Marechal Floriano: “*In Boa Esperança schwetzt ma meh Hunsrickisch. Mea soohn alleen, unn die soohn alloan.*”³³ Contudo, para delinear corretamente uma política de salvaguarda da língua, as sínteses e, com isso, também uma tipologização bem fundamentada têm sua razão de ser, pois permitem adequar o tipo de ação ao tipo de língua e comportamento linguístico. Afinal, todas as línguas variam. Quer dizer, a variação é algo inerente a qualquer língua. Quando se pensa, por exemplo, no português, implicitamente se faz uma síntese ou abstração, que não exclui a constatação de que há variedades dentro desse conceito “português”. Com o Hunsrückisch não é diferente.

As três macroáreas tipológicas identificadas para o Hunsrückisch – Hrs. (*Deutsch + Deutsch*), Hsc. e Hes. – possuem, evidentemente, uma base linguística comum, senão não seriam o que, na seção 1.1, definimos como sendo *Hunsrückisch*. Na sequência, mostraremos **marcas variáveis, marcas mais ou menos regulares e marcas distintivas** que os dados e estudos que nos servem de base para o Inventário apontam. Mas, antes, cabe apontar os critérios que justificam identificar esses três grandes tipos do Hunsrückisch, e que se resumem da seguinte forma:

- (1) Grau de nivelamento linguístico (o que a literatura chama de *coiné*): Hunsrückisch seria uma *coiné*, isto é, uma língua resultante do nivelamento linguístico entre variedades dialetais dessa língua em contato;
- (2) Grau de predomínio de marcas francônio-moselanas ou francônio-renanas (aqueles que dizem *dat/wat/et*. E os que dizem *das/was/es*);
- (3) Grau de dialetalidade ou proximidade da norma *standard* do alemão (o que, popularmente, se denomina *Hochdeutsch*; por exemplo, os que dizem *deutsch/veliere/klein/Frau/Hahn/reeche/flanze*, e os que dizem *deitsch/veleere/kleen/Froo/Hoohn/reene/planze*);
- (4) Grau de conservadorismo ou inovação na língua (entre uma fala mais arcaica, que mantém marcas da variedade original trazida pelos imigrantes, e uma língua com elementos novos). Por exemplo, se alguém diz *wanneh* ao invés de *wann* ‘quando’, ainda usa *Fixfeier* em lugar de *Fosfo* ou *Fosfeier*, ou usa palavras como *Welschkenn* (equivalente à forma arcaica do al. *Welschkorn*) m lugar de *Milje* ‘milho’;
- (5) Grau de integração de elementos do português ou de adoção de soluções lexicais e morfossintáticas com os recursos da própria língua (p.ex., criação de neologismos ou empréstimos por tradução). É preciso acentuar que cada uma dessas áreas entrou em contato com uma variedade

33 Tradução: Em Boa Esperança se fala mais Hunsrückisch. Nós dizemos *alleen* ‘sozinho’, e eles dizem *alloan*.

regional do português e se distingue, por isso, também por essas variantes emprestadas do português.

- (6) Grau de vitalidade linguística variável, em função do tipo de organização social da língua e da constelação de contatos com outras línguas e variedades em seu entorno.

Se verificarmos esses critérios em cada uma das três áreas do Hunsrückisch, chegamos ao seguinte quadro comparativo:

Tab. 3 – Quadro comparativo do comportamento linguístico em relação ao Hunsrückisch nas três áreas tipológicas identificadas

Critério	Hrs.	Hsc.	Hes.
(1) Grau de nivelamento linguístico	[+] em torno de uma “língua de meio” (<i>Mittelfeldsprache</i>)	[-]	[-]
(2) Grau de predomínio de marcas francônio-moselanas e francônio-renanas	predominantemente renano (as marcas moselanas foram, de modo geral, substituídas)	coocorrência de marcas moselanas, ainda intactas (p.ex. Löffelscheidt)	coocorrência de marcas (origem ainda por pesquisar)
(3) Grau de dialetalidade ou proximidade da norma <i>standard</i> do alemão	tipo <i>Deutsch</i> [+próximo do <i>standard</i>] e <i>Deitsch</i> [+dialetal]	dialetalidade original [+mantida]	dialetalidade original [+mantida]
(4) Grau de conservadorismo ou inovação na língua	[+inovador]	[+assimilador ao português]	[+arcaico]
(5) Grau de integração de elementos do português	variável, conforme o grupo social e a localidade	[+]	[+]
(6) Grau de vitalidade linguística variável	variável, conforme o grupo social e a localidade	estável	instável

Determinante para a constituição do Hunsrückisch nas três áreas – Hrs., Hsc. e Hes. – foi, como destacamos na seção anterior, a vinda de um grupo inicial já bem cedo, o qual fixou, por assim dizer, a base do respectivo alemão falado pela comunidade recém-constituída. Enquanto os grupos iniciais do sul (RS01 – São Leopoldo, em 1824; SC01 – São Pedro de Alcântara, em 1829; e PR01 – Rio Negro, em 1829) lançaram suas raízes no Brasil antes de 1830 e ficaram assim, sem influência de remigrantes (*Zuwanderer*) devido a uma interrupção temporária no fluxo migratório (mais ou menos entre 1830-1845), no ES01 – Domingos Martins & Marechal Floriano, chegaram hunsriqueanos apenas em 1846, portanto em um período em que a imigração começava a retomar um ímpeto mais forte. Essa interrupção, observada nas áreas do sul, deveu-se, por exemplo, à Lei de Orçamento, de 1830, que aboliu em todas as províncias as despesas com colonização (CUNHA, 2006, p. 282; ROCHE, 1969, p. 99). Além disso, no Rio Grande do Sul, também a Revolução Farroupilha (1835-1845) contribuiu para essa interrupção.



O que aconteceu com o Hunsrückisch em cada uma dessas áreas iniciais foi, no entanto, bem diferente:

PR01: um suposto Hunsrückisch de matriz paranaense não proliferou; não encontramos mais, neste ponto, falantes de Hunsrückisch, apenas de outras variedades, trazidas por migrantes do Vale do Itajaí, ou por imigrantes como os bucovinos, que vieram mais tarde, em 1887.

RS01: o Hrs. difundiu-se de um modo que impressiona pela área abrangida, de proporções continentais, como descrevemos na seção 1.2 anterior. E, mesmo com essa difusão enorme, impressiona também que se tenha estabelecido um padrão de fala ainda assim variável, porém tão próximo por uma área tão extensa.

SC01 e ES01: essas áreas ficaram mais restritas ao núcleo inicial e a seu entorno. Em dialetologia, nós diríamos conforme Thun (1996) que eles ficaram mais “topostáticos”, isto é, fixos à sua área original. Diferentemente do Hrs., essas áreas mantêm, lado a lado, variedades distintas, não sendo raro encontrar falantes de mais de uma variedade. No Hrs., muitos desses grupos que originalmente dominavam uma variedade particular, passaram a priorizar ao longo dos anos uma língua comum de interação, tendo por base a língua de meio hunsriqueana (por exemplo, pomeranos em RS06 – Nova Petrópolis, ou boêmios em RS09 – Paverama, cf. HABEL, 2017a). Em SC01a e SC01b, assim como em ES01, ao contrário, mantiveram-se mais as marcas originais: aí, por exemplo, ainda se fala *schwetze* ‘conversar’, e não *vezehle*, como no Hrs. Ou *Welschken* ‘milho’, entre outras variantes que a pesquisa ainda poderá descrever de forma mais sistemática.

Como explicar essas diferenças? De um lado, a difusão *versus* a retração, e de outro lado, a manutenção/conservação de variantes e variedades *versus* nivelamento/adoção de um padrão de fala mais comum e dominante (*Gemeinsprache*)? O Hsc. e o Hes. funcionam, aqui, como áreas periféricas, como se costuma dizer na dialetologia. O Hrs. parece estar em um estágio mais adiantado do contato linguístico. É claro que, em todas as áreas, há, em grau variável, determinada variação, migrações e contatos linguísticos. Mas estamos constatando diferenças tipológicas, portanto tentando identificar fatores que desempenham um papel relevante na evolução da língua de imigração, neste caso do Hunsrückisch em contato com o português no Brasil.

A explicação desse comportamento linguístico variável advém de uma série de fatores. Mas a diferença mais considerável, que a análise, mesmo que ainda em andamento, deixa entrever é que o Rio Grande do Sul, não apenas recebeu um grupo inicial numericamente considerável de cerca de 5.000 imigrantes (entre 1824 e 1829, ver HUNSCHE, 1975; 1977), como também continuou recebendo levas de imigrantes novos, que foram abastecendo os contingentes populacionais dessas



áreas iniciais com falantes de alemão (lembrando que os imigrantes italianos só vieram duas gerações depois, em 1875). Daí a maior propulsão ao crescimento populacional e, conseqüentemente, à vitalidade da língua e sua migração em busca de novas terras.

Mas isso ainda não explica a segunda diferença, da manutenção de variedades lado a lado, nas áreas mais restritas, contra a maior homogeneização em torno de um padrão de fala comum, no Hrs. A explicação é que os imigrantes posteriores, ainda monolíngues em alemão na língua local, não só vieram reforçar o uso do alemão, como também vieram com uma concepção de norma que se foi alterando ao longo do séc. XIX. Esses imigrantes novos são os que, na nossa hipótese, “puxaram” em grau variável o Hunsrückisch para cima, o mais próximo possível que conseguiram chegar da norma culta (dos padres, pastores, recém-chegados), banindo formas e modos de falar muito desviantes, isto é, mais dialetais, muitas vezes ainda ouvidos hoje, porém em localidades muito protegidas da influência externa e, ainda assim, faladas apenas por pessoas mais velhas. Se antes talvez tenhamos tido um esforço de nivelamento entre variedades diferentes em torno de uma base linguística dominante, vista como mais “comum” (tese da coiné Hunsrückisch), agora se tratava de eleger um padrão de fala para as diferentes funções – desde a interação familiar até situações formais como o sermão na igreja ou a reunião na sociedade. Hunsrückisch passou a ser, como já mencionamos na seção 1.1, uma “espécie de variedade mais dialetal do Hochdeutsch”.

Contribuiu, para essa estratificação relativa do Hunsrückisch, ou melhor, do alemão como um conjunto de variedades/dialetos, a presença de um suporte à língua, dado por três instituições principais que estiveram sempre em sintonia, ao lado dos membros dessas comunidades: a igreja, a escola e a imprensa. Sobre o papel desses âmbitos de uso e de suporte da língua, ver o cap. 3. Vejamos, antes disso, no entanto, como os critérios definidores da tipologia do Hunsrückisch nas três áreas identificadas repercutem na configuração e uso da língua, levando em conta marcas comuns, marcas distintivas e demais marcas variáveis.

1.3.1 Regularidades e traços em comum

A complexidade imposta pelo fato de, no Brasil, terem entrado em contato falantes de diferentes variedades do alemão, melhor dizendo, com repertórios linguísticos variados do contínuo *standard-substandard*, torna tanto mais relevante buscar regularidades e traços em comum que justifiquem a formação de uma língua da comunidade, aqui representada pelo conceito de “Hunsrückisch”. Os falantes recém-imigrados e as gerações seguintes compartilham um determinado espaço, representado inicialmente pelas “picadas” abertas no meio da mata (DREHER, 2014a, p. 138). As picadas constituíram o centro da vida social local, onde se encontrava a “venda”, a escola, a igreja. A língua de imigração que, hoje, ainda ouvimos é resultado da interação entre os falantes membros dessa comunidade,

que no Hrs. passaram a adotar um padrão de fala com determinadas regularidades e traços em comum que cabe identificar. Enumeramos a seguir algumas variáveis que se realizam em uma forma mais ou menos geral ou dominante para o Hunsrückisch falado hoje, no Brasil. Não é uma descrição exaustiva, tendo em vista o teor desta publicação, mas ainda assim um pequeno guia que pode inspirar futuros estudos, por exemplo, a nível de Mestrado ou Doutorado:

- 1) **Queda de /-n/ final:** o /-n/ final mantém-se em algumas palavras monossílabas, como *scheen* ‘bonito’, *kleen* ‘pequeno’, (*al*)leen var. *allein* ‘sozinho’, ou verbos como *honn* var. *hann* ‘ter’ (hdt. *haben*), *gehn* ‘caminhar’, *stehn* ‘estar parado’ (hdt. *stehen*), *soohn* var. *saahn* ‘dizer’ (hdt. *sagen*), *senn* var. *sinn* var. *seyn* ‘ser, estar’ (hdt. *sein*). Em outros contextos, é quase categórica a sua queda. Essa apócope afeta especialmente o plural de alguns substantivos, como *die Schule* ‘as escolas’ (hdt. *Schulen*), *die Kerriche* ‘as igrejas’ (hdt. *Kirchen*). Além disso, o /-en/ final cai também nos participios de verbos irregulares – p.ex. *gesung* ‘cantado’ (hdt. *gesungen*), *gefunn* ‘achado’ (hdt. *gefunden*), *geschlof* ‘dormido’ (hdt. *geschlafen*), *geles* ‘lido’ (hdt. *gelesen*), *geschribb* ‘escrito’ (hdt. *geschrieben*), bem como, de modo geral, a conjugação dos verbos em 1ª e 3ª pessoa do plural, como mostra o seguinte esquema, retirado do *workshop* de escrita do Hunsrückisch que organizamos no âmbito do IHLBrI (ver seção 1.3.5):

Fig. 12 – Queda do /-n/ final na conjugação de 1ª e 3ª pessoa do plural dos verbos

[Exercício]

E1. Conjugue os verbos a seguir, no presente: /

Konjugeer die Verbos im Presente:

	kusse ‘beijar’	(dt. <i>küssen</i>)
ich	kusse	küsse
du	kusst	küsst
der/die/das	kusst	küsst
mea	kusse	küssen
Dea/dea	kusst	küsst
die	kusse	küssen

vgl. **das Kisse** (dt. *das Kissen*) ‘o travesseiro’

Fonte: *Workshop* do ESCRITHU / IHLBrI

- 2) **Queda de /-e/ final, em substantivos femininos:** *die Schul* ‘a escola’ (hdt. *Schule*), *die Kerrich* var. *Käch* ‘a igreja’ (hdt. *Kirche*), *die Kich* ‘a cozinha’ (hdt. *Küche*), *die Rees* var. *Reis* ‘a viagem’ (hdt. *Reise*), *die Tasch* ‘sacola’



(hdt. *Tasche*). Em virtude da queda de /-n/ e, aqui, também de /-e/ final, basta acrescentar o /-e/ para marcar o plural. Por exemplo: sg. *die Schul*, pl. *die Schule*. Por outro lado, quando no singular de um substantivo ocorre um /-e/ final (com pronúncia de *schwa*), é porque normalmente havia um /-n/ histórico que caiu antes. Esse emprego se refere principalmente a substantivos masculinos, como *der Schoode* var. *Schade* ‘o prejuízo’ (hdt. *Schaden*), *der Looode* var. *Lade* ‘janela’ (hdt. *Laden* ‘loja’), *der Backe* ‘a bochecha’ (hdt. *Backen*). Evidentemente, há exceções, como em *Hoos* var. *Haas* ‘coelho’ (hdt. *Hase*).

- 3) **Desarredondamento das vogais /ä, ö, ü/**, que se realizam sempre como [e(:), i(:)] longo ou curto, como em *Kees* ‘queijo’ (hdt. *Käse*), *scheen* ‘bonito’ (hdt. *schön*), *bees* ‘brabo’ (hdt. *böse* ‘mau’), *Heecht* ‘altura’ (hdt. *Höhe*), *mied* ‘cansado’ (hdt. *müde*), *schichter* ‘tímido’ (hdt. *schüchtern*). Daí decorre que, ao aprender o Hochdeutsch, um hunsriqueano, como o brasileiro de modo geral, tem de se esforçar para distinguir *spielen* ‘brincar’ de *spülen* ‘lavar louça’. A sua vantagem é o vocabulário. Muitos brincam que, para pronunciar o alemão *standard*, precisam fazer um *Schnuutche* ‘biquinho’.

Vale destacar que o *Umlaut* (metafonia) se mantém resguardado em suas diversas funções, sendo seu uso até mais ampliado. Em tese, um hunsriqueano (que entendemos como um falante de Hunsrückisch) não teria dificuldades de aprender essas regras, no alemão *standard*, se o professor valorizasse esse conhecimento prévio. Comparem-se os exemplos:

- a) Plural: *die Gleser* ‘os copos’ (hdt. *Gläser*), *die Nees* ‘os narizes’ (hdt. *Nasen*), *die Kerreb* ‘os balaios’ (hdt. *Körbe*), *die Stiehl* ‘as cadeiras’ (hdt. *Stühle*), etc.
- b) Grau comparativo e superlativo dos adjetivos: *speter* ‘mais tarde’, *scheener* ‘mais bonito’, *siesser* ‘mais doce’, etc.
- c) Diminutivo: *Stiehlche* ‘cadeirinha’ (hdt. *Stühlchen*), *Peckche* ‘pacotinho, presentinho de natal’ (hdt. *Päckchen*), *Neesje* ‘narizinho’ (hdt. *Näschen/Näslein*), *Fiessche* ‘pezinho’ (hdt. *Füßchen*), *Bichelche* ‘livrinho’ (hdt. *Büchlein/Büchelchen*), *Bechelche* ‘riachinho’ (hdt. *Bächelchen/Bächlein*). Note-se, nos dois últimos exemplos, que é comum, no Hunsrückisch, ter duplo diminutivo, combinando <- 1 -> de *-lein* mais o sufixo *-chen*.
- d) Konjunktiv II: *weer* ‘seria’ (hdt. *wäre*), *hett* ‘teria’ (hdt. *hätte*), *keemt* ‘viria’ (hdt. *käme*), *gengt* ‘iria’ (hdt. *ginge*), *misst* ‘precisaria’ (hdt. *müsste*), *kennt* ‘poderia’ (hdt. *könnte*). Temos, aqui, além disso, uma marca importante, que é a que segue.

- 4) **Alternância e não-distinção entre consoantes surdas e sonoras [desvozeadas]:** em virtude da não-distinção da sonoridade, é comum falantes

do Hunsrückisch transferirem esse padrão de pronúncia do Hunsrückisch para a escrita e a fala tanto do português quanto do alemão *standard*, onde essa distinção é feita. Conforme mostram os exemplos abaixo, retirados de Altenhofen, Steffen e Thun (2018), trata-se de um fenômeno que já vem desde os primeiros imigrantes, inclusive do período anteriores à emigração ao Brasil:

- (1) *dausendt* (l. 6), *septemper* (l. 25), *Kameraten* (l. 28),³⁴ (carta 1, Périgueux [França], 10.09.1805)
- (2) *patalien* (l. 25), *naboliium* (l. 59), *peste* (l. 67)³⁵ (carta 10, Kassel [Mainz – Kastel, Alemanha], 05.06.1813)
- (3) *kutter* (l. 4), *klauben* (l. 8), *klider* (l. 13), *kinter* (l. 16), *kleich* (l. 19), *dodist* (l. 25), *kris* (l. 29)³⁶ (carta 13 [Lomba Grande, Novo Hamburgo] – RS, 25.01.1842)
- (4) *Soltaden* (l. 83)³⁷ (carta 20, Forte Curucu [Paraguai], 26.01.1867)
- (5) *canhou* (l. 52)³⁸ (carta 27, Passo Fundo – RS, 18.03.1893)
- (6) *dampem* (l. 8), *Pento* (l. 30), *diverdido* (l. 32)³⁹ (carta 31, Cruz Alta – RS, 27.06.1897)
- (7) *Ein festgetrückter abraço* (l. 9)⁴⁰ (carta 36, Estrela – RS, 30.06.1919)

No senso comum, a “troca de letras”, como é conhecida popularmente essa alternância entre consoante surda e sonora, costuma ser a principal característica quando se quer imitar o “sotaque” de um “alemão da colônia”, falante do Hunsrückisch. Seu uso aparece em uma série de programas e textos humorísticos, como, por exemplo, em Winter (2011).⁴¹

O tema já foi abordado em uma série de estudos (GEWEHR-BORELLA, 2010; 2014; LARA, 2017; SCHNEIDER, 2007). À margem do campo atitudinal em relação a esse fenômeno, tem-se mostrado que é preciso compreender como se processa a distinção da sonoridade na mente e no ouvido dos falantes, visto que a regra não é categórica, isto é, há falantes de Hunsrückisch que distinguem e que não distinguem entre p/b, t/d ou k/g. E, mesmo sendo essa marca muitas vezes estigmatizada, não se justifica a desvalorização do conhecimento da “língua de casa”. Seu valor é muito maior do que o eventual prejuízo que o “sotaque” devido à transferência do padrão de fala da língua Hunsrückisch para o português

34 Tradução: *nicht / reichen tät* ‘não seria suficiente’.

35 Tradução: ‘*Batalien* / batalhas’, ‘*Napoleon* / Napoleão’, ‘*beste* / melhores’.

36 Tradução: ‘*guter* / bom’, ‘*glauben* / acreditam’, ‘*Glieder* / articulações [no contexto]’, ‘*Kinder* / crianças’, ‘*gleich* / logo’, ‘*tot ist* / está morto’, ‘*Grüße* / saudações’.

37 Tradução: ‘*Soldaten* / soldados’.

38 Tradução: ‘ganhou’.

39 Tradução: ‘pt. *também*’, *Bento*, *divertido*.

40 Tradução: ‘*Ein festgedrückter* Abraço / um abraço apertado’.

41 WINTER, Gilberto R. *Truff Catuch! José Rudi Plitzlamp*. Porto Alegre: Ed. Evangraf, 2011.



pode representar. Além disso, essa alternância entre consoantes surdas e sonoras não ocorre apenas em falantes de Hunsrückisch, mas também não-falantes, monolíngues em português, podem “estar falando assim”, devido ao fato de estarem sob a influência de um português de contato local que já carrega a marca (v. ALTENHOFEN, 1990, p. 229). Assim, a decisão de alguns pais de adotar uma solução radical de não passar aos filhos a língua Hunsrückisch de origem, “acreditando que vão cortar o mal pela raiz”, não apenas não resolve totalmente o problema, como também causa uma perda irreversível, ao ignorar o enorme ganho que é tornar os filhos bilíngues precoces. Os benefícios do bilinguismo precoce vêm sendo maciçamente comprovados, por exemplo, pelas pesquisas psicolinguísticas (v. LIMBERGER, 2018).

5) Uso do auxiliar *tät/tet* em lugar de *würde* na forma composta do Konjunktiv II de verbos plenos: *tet komme* ‘viria’ (hdt. *würde kommen*), *tet schaffe* ‘trabalharia’. Esta variante com *tät/tet* já aparece em cartas de imigrantes do séc. XIX. É, portanto, uma característica que já vem de bastante tempo, como mostram novamente os exemplos retirados de Altenhofen, Steffen e Thun (2018):

- (1) *Mainige nicht Raigender*⁴², (carta 19 [l. 48-49], [Santo Tomé, Corrientes, Argentina], 03.05.1866)
- (2) *Venn es nicht so veid väre denn täten vir immer Telephoniren*⁴³ (carta 37 [l. 21-23], Estrela – RS, 12.07.1919)
- (3) *venn du kämme denn täten dich nich mehr fort lassen*⁴⁴ (carta 38 [l. 17-19], Estrela – RS, 08.08.1919)
- (4) *die Mama sagte sie tät Ihn dauern*⁴⁵ (carta 57 [l. 32-33], Estrela – RS, 28.12.1925)
- (5) *er tät den Caspinha Schiesen wenn er nicht hören tät*⁴⁶ (carta 57 [l. 47], Estrela – RS, 28.12.1925)
- (6) *Elvira du meinst auf einmal tät der Edgar dich auch noch schicken*⁴⁷ (carta 60 [l. 16-17], Carazinho – RS, 08.12.1926)
- (7) *bitten Ihr sollt doch Ihr auch mal schreiben die täte immer noch warten*⁴⁸ (carta 60 [l. 35-36], Carazinho – RS, 08.12.1926)
- (8) *nicht hören tät*⁴⁹ (carta 66 [l. 65], Rolante – RS, 12.08.1936)

42 Tradução: *nicht / reichen tät* ‘não seria suficiente’.

43 Tradução: ‘se não fosse tão longe, nós telefonaríamos sempre’.

44 Tradução: ‘se tu viesse, não te deixariam mais ir embora’.

45 Tradução: ‘a mãe disse que ela tinha pena dele’.

46 Tradução: ‘ele iria dar cabo do Caspinha, se ele não ouvisse’.

47 Tradução: ‘Elvira, tu acha de repente que o Edgar também te mandaria’.

48 Tradução: ‘por favor, vocês também devem escrever, disseram que ela ainda está esperando’.

49 Tradução: ‘não estaria ouvindo’.

Vê-se, nos exemplos (4), (7) e (8), que esta forma também é usada para expressar o discurso indireto (*indirekte Rede*), atribuindo a outro a autoria do que se fala. Ou seja, como no exemplo (4), “a mãe disse que ela tinha pena dele”.

6) Formas verbais para uma ação progressiva: o Hunsrückisch dispõe de mais de uma opção para expressar a mesma noção do gerúndio do português, que sabemos é bastante usado no português brasileiro. Os falantes costumam conhecer todas essas opções, razão por que não assumem, aparentemente, caráter distintivo, ou seja, não são marcadas socialmente, pelo menos de forma mais enfática. Tomando por base a frase *Ainda está chovendo* (pergunta CgramII_07, do ALMA-H), temos as seguintes variantes:

- a) Perífrase com uso do auxiliar *tun*: *Es tut/ tot reene var. reechne*. Os levantamentos do ALMA-H apontam que esta forma é dominante nos pontos mais antigos da área do tipo *Deutsch*, o que não significa que as demais formas não sejam conhecidas.
- b) Nominalização com uso de *am/om* progressivo: *Es is om Reene / Es is am Reechne*. Domina, segundo o mapa do ALMA-H, na área de Hrs. do tipo *Deutsch*.
- c) Presente do Indicativo: *Es reent/ reechent*. Ocorre igualmente, embora não marque com a mesma ênfase a noção de progressividade da ação, que neste caso pode receber o reforço da partícula *groot* var. *graad* ‘neste momento’.

O uso de *tun*-perífrase,⁵⁰ igualmente, aparece com frequência nas cartas analisadas por Altenhofen, Steffen & Thun (2018), mostrando que essas construções são bem aceitas e bastante usadas, a ponto de aparecerem inclusive em cartas privadas, pretensamente escritas na norma *standard*, já desde antes da emigração ao Brasil.

***Tun*-perífrase**

- (1) *mit eine gutter mut Euch Luestig machen tut*⁵¹ (carta 3 [l. 28], Metz [França] – 14.09.1807)
- (2) *er inren das wen Ier schraibe Tut*⁵² (carta 17 [l. 37], [Passo d’Areia, Cachoeira do Sul] – RS, 26.11.1865)
- (3) *wist Ihr noch nicht wenn Ihr Heiraten tut*⁵³ (carta 56 [l. 21-22], Porto Alegre – RS, 24.07.1925)

50 Na germanística, esse emprego de *tun* + verbo pleno, para expressar uma ação que está acontecendo ou que efetivamente se vai se realizar, é largamente conhecido como *tun-Periphrase*. Resolvemos adotar essa nomenclatura também em português, para facilitar estudos comparativos, no futuro.

51 Tradução: ‘que com muito ânimo vai ser engraçado para vocês’.

52 Tradução: ‘lembrar para quando estiver escrevendo’.

53 Tradução: ‘vocês não sabem, quando vão estar casando’.



- (4) *regnen tuts jetz oft*⁵⁴ (carta 73 [l. 38-39], Linha Laju [Mondaí] – SC, 04.01.1948)
- (5) *ich möchte zu gerne warten bis wir Sommerkleider nähen wie man die nähen tut*⁵⁵ (carta 56 [l. 38-39], Porto Alegre – RS, 24.07.1925)

7) Oração relativa com *wo*: este emprego de *wo* é tão comum, que chega a ser visto como forma do Hochdeutsch (MACHADO, 2016). Comparem-se as respostas à pergunta CgramII_10, do questionário do ALMA-H, em que se pede a tradução da frase *Tu “conhecia” o homem que nós vimos semana passada?* O uso de *wo* como pronome relativo foi quase unânime, p.ex. *Der Mann, wo ich gester gesiehn honn.*

8) Sistema pronominal: envolve uma grande complexidade que requer ainda um estudo mais aprofundado. Vale destacar, no entanto, o seguinte:

- a) embora um hunsriqueano conheça os pronomes de 3ª pessoa *er, sie, es*, ele os utiliza, ao que se observa nos dados, para fins formais e em meio a uma narrativa. Mais comuns são as formas *der, die, das* que, pelo menos parcialmente, assumem as funções de artigo e de pronome demonstrativo. Comparem-se os exemplos:

Is er/sie krank? ‘Ele está doente?’ Perguntando sobre alguém fora da conversa, significa uma marcação mais formal. Dirigindo-se à pessoa, pode exprimir afeto ou ironia.

Is der/die krank? Equivale à forma “normal”, mais neutra (um simples pedido de informação).

- b) Tratamento de 2ª pessoa do plural, falando a pessoas mais velhas, por exemplo: *Vater, hot dea schon gess?* ‘Vovô, já comeu algo?’. Esta é uma forma antiga (equivalente a *Ihr*) que ainda remete ao médio-alto-alemão. O uso de *Sie*, como no alemão *standard*, não ocorre no Hunsrückisch, a não ser por empréstimo ou reintrodução via ensino de alemão.
- c) Os pronomes possessivos mantêm uma relativa constância para as formas de 1ª e 3ª pessoa: Sg. *mein, dein*; Pl. *unser, eiervar. euer*. Novamente, é a 3ª pessoa que oferece formas mais peculiares, predominando para o Sg. *sein* var. *dem sein* (pode ser ‘seu, dele’ masculino ou neutro), *denne ehr* var. *denne sein* ‘sua, dela’; Pl. *ehre* var. *denne ehre* ‘seus, deles’.

9) Pronome possessivo com uso do dativo: construções como, por exemplo, *dem Wowwo sein Haus* ‘a casa do vovô’, ou *der Grossmutter sein Haus* ‘a casa da vovó’ são recorrentes no Hunsrückisch. Não é por isso surpresa a frequência com que esse tipo de construção aparece em cartas de

54 Tradução: ‘agora anda chovendo frequentemente’.

55 Tradução: ‘eu quero muito esperar até costurar vestidos de verão, como se costura’.

imigrantes, já desde a primeira fase da imigração, antes de 1850 até os anos mais recentes. Os exemplos falam por si:

- (1) *dem schneider karel sein frau*⁵⁶ (carta 13 [l. 24-25], [Lomba Grande?, Novo Hamburgo] – RS, 25.01.1842)
- (2) *deinem Bruder seinem Briefe* (carta 20 [l. 19], Forte Curucu [Paraguai], 26.01.1867)⁵⁷
- (3) *Rralff sein Tochter*⁵⁸ (carta 22 [l. 59], Porto Alegre – RS, 11.03.1873)
- (4) *dem Mädch sein Vater*⁵⁹ (carta 34 [l. 56], Blumenau – SC, 19.07.1911)
- (5) *Dem Herr A Stratmann sein Kind*⁶⁰ (carta 37 [l. 10-11], Estrela – RS, 12.07.1919)
- (6) *Meta ihr kißchen*⁶¹ (carta 41 [l. 19], Estrela – RS, 02.11.1919)
- (7) *auf dem Carlos sein Nahme*⁶² (carta 63 [l. 45], Carazinho – RS, 16.10.1933)
- (8) *Dem Avelino seine zukuenftige Schwiegereltern*⁶³ (carta 67 [l. 17-18], Porto Alegre – RS, 17.01.1937)
- (9) *Alda sein Haus*⁶⁴ (carta 69 [l. 13], Rolante – RS, 28.05.1939)
- (10) *dem Werner seine Giria*⁶⁵ (carta 75 [l. 27], Linha Laju [Mondaí] – SC, 11.02.1949)
- (11) *Carlos Bruch seinen Kinder*⁶⁶ (carta 76 [l. 25], Linha Laju [Mondaí] – SC, 07.05.1963)
- (12) *mit der Ida ihre krankheit*⁶⁷ (carta 78 [l. 69-70], Linha Laju [Mondaí] – SC, 19.11.1963)
- (13) *dem Willi Bruch seine Buben*⁶⁸ (carta 78 [l. 90-91], Linha Laju [Mondaí] – SC, 19.11.1963)

10) Uso do participio sem o prefixo <ge->: em verbos muito frequentes, que denotam um processo ou movimento, é comum o uso do participio sem o prefixo <ge->. Isso vale principalmente para os verbos *gehen, kommen, bleiben, bringen, essen, finden, kaufen*, como nas frases *Ich senn in die Kerrich*

56 Tradução: 'a esposa do alfaiate Karl'.

57 Tradução: 'as cartas do teu irmão'.

58 Tradução: 'a filha do Ralf'.

59 Tradução: 'o pai da menina'.

60 Tradução: 'o filho do Sr, Stratmann'.

61 Tradução: 'o travesseirinho da Meta'.

62 Tradução: 'no nome do Carlos'.

63 Tradução: 'os futuros sogros do Avelino'.

64 Tradução: 'a casa da Alda'.

65 Tradução: 'a guria do Werner'.

66 Tradução: 'para as crianças do Carlos Bruch'.

67 Tradução: 'com a doença da Ida'.

68 Tradução: 'os rapazes [filhos] do Willi Bruch'.



gang, ao invés de *gegang* ou *gegangen*, ou ainda *Ich senn von der Oorwet komm*, ao invés de *gekomm* ou *gekommen*.

11) Ocorrência de sufixo <-ich> nas preposições *hinnich* var. *hinner*, *unnich* var. *unner*, *newich* var. *newe*, *iwwich* var. *iwwer*, *zwichich* var. *zwisehe*. Note-se que são preposições de duas sílabas, como *dorrich*. As demais preposições se mantêm como *ab*, *aus*, *bei*, *in*, *mit*, *ohne*, *on*, *von*, *vor*, *zu*.

12) Palavras compostas para exprimir o plural e o traço de [pessoa jovem]: são típicas do que os falantes consideram um Hunsrückisch “autêntico”, palavras como *Frooleit* ‘mulheres’ (= *Frau* + *Leute*), *Mannsleit* ‘os homens’, *Nochbaschleit* ‘vizinhos’, *Mannskell* ‘lit. cara do gênero masculino, isto é, um rapaz’ (= *Mann* + *Kerl*), *Froomensch* ‘lit. ser humano do gênero feminino’ (= *Frau* + *Mensch*). Compare-se *das jung Vollik* ‘a juventude’ (lit. ‘o povo jovem’).

13) Léxico característico: os falantes com quem foram levantados os dados, frequentemente se deleitavam com palavras que julgavam características – ou melhor, “*typisch Hunsrückisch, typisch Deutsch*” – como representativas da sua cultura e identidade. O léxico tem esse poder; muitos falantes desenvolvem, por isso, uma relação de afeto e satisfação ao ouvir determinadas palavras ou expressões que rememoram a sua infância ou terra natal (*Heimat*). Neste sentido, o IHLBrI, nos seus encontros com falantes, tem buscado restabelecer essa relação de afeto com a língua materna, promovendo a “eleição da palavra mais bonita”. A seguinte lista, que traduzimos para o português, tem sido apresentada para inspirar os participantes. Estes, constantemente, acrescentam palavras de sua preferência. Note-se que a lista não omite os empréstimos do português, que fazem parte do ambiente brasileiro em que a língua Hunsrückisch se desenvolveu.

Lista de Sugestões para a Escolha das Palavras mais Bonitas do Hunsrückisch

(acrescida de novas palavras mencionadas por falantes [em negrito])

- | | |
|---|--|
| 1. <i>abnemme</i> ‘fotografar’ | 15. <i>bleed</i> (= <i>schüchtern</i>) ‘tímido’ |
| 2. <i>Affebeere</i> ‘araticum’ | 16. <i>blumich</i> ‘floreado’ |
| 3. <i>allegebott</i> ‘constantemente’ | 17. <i>bocke</i> ‘mexer-se’ |
| 4. <i>allegoore</i> ‘todos’ | 18. <i>Bodem/Borrem</i> ‘chão’ |
| 5. <i>amen</i> ‘talvez’ (> <i>am Ende</i>) | 19. <i>brige (1)</i> ‘brigar’ |
| 6. <i>Auerotz</i> ‘ramela’ | 20. <i>brille</i> (= <i>weinen</i>) ‘chorar’ |
| 7. <i>Babble</i> ‘tagarelar’ | 21. <i>Buckel</i> ‘costas/ombros’ |
| 8. <i>Barulhe</i> ‘barulho’ | 22. <i>Bub</i> ‘menino, guri’ |
| 9. <i>balweere</i> ‘barbear-se’ | 23. <i>chamant</i> ‘charmoso’ |
| 10. <i>Barrancke</i> ‘barranco’ | 24. <i>derr</i> ‘magro’ |
| 11. <i>Batat</i> ‘batata-doce’ | 25. <i>dicht</i> ‘perto’ |
| 12. <i>Bauersleit</i> ‘colonos’ | 26. <i>Dippe</i> ‘panela’ |
| 13. <i>Blitzlamp</i> ‘lanterna’ | 27. <i>Dokter</i> ‘médico’ |
| 14. <i>Blumich</i> ‘floreado’ | 28. <i>Doss</i> ‘bolacha de Natal’ |

29. *Farin* 'farinha'
 30. **Fisematente** 'bobagem' (fr. *visité ma tante/tante*)
 31. *Fixfeier* 'fósforo'
 32. **Friede** 'paz'
 33. *Friehstick* 'café-da-manhã'
 34. *Froomensch* 'mulher'
 35. *Funde* 'fundá'
 36. *fussle* 'chuviscar'
 37. *Gasose* 'refrigerante' (pt. *gasosa*)
 38. *Gaul* 'cavalo'
 39. *gebrung* 'trazido'
 40. *Goh* 'madrinha'
 41. *Goote/Gaate* 'horta'
 42. *Griewekuche* 'torresmo'
 43. *grinsich* 'ranzinza'
 44. *Grummebeere* 'batata'
 45. *guap* 'hábil' (pt. *guapo*)
 46. *Gummer* 'pepino'
 47. *Guri* (pt.(RS) *guri*)
 48. *hadd* (= *laut*) 'alto [som]'
 49. *Hemmes* 'terneiro'
 50. *Himd* 'camisa'
 51. *Hinkel* 'galinha'
 52. *hinnerstvedderst* 'de trás pra frente'
 53. *hottich* 'em breve'
 54. *hucke/hocke* 'estar sentado'
 55. *hupse* 'pular'
 56. *Huwwelspeen* 'cueca virada'
 57. *Iwerlehnis* 'reflexão'
 58. *Kalenner* 'almanaque'
 59. *Kanecker* 'caneco'
 60. *Keesboom* 'jaracatiá'
 61. *Keesschmeer/Keesschmier* 'queijo *Quark*'
 62. *Kerb* 'festa típica da colônia, do aniversário da igreja'
 63. *Kesch* 'primeira fatia do pão'
 64. *Kich* 'cozinha'
 65. *kluuch* 'esperto'
 66. *knicksich* 'avarento'
 67. *Knocheflicker*
 68. *Kolonie* 'colônia'
 69. *Kompooder* 'compadre'
 70. *koote/kaate* 'jogar cartas'
 71. *Koscht* 'casca [do pão]'
 72. *Kroone* 'torneira'
 73. *Kuche* 'cuca'
 74. *Kunne* (= *Kerl*) 'cliente, coloq. o cara'
 75. *kusse* 'beijar'
 76. *lenne* (= *lernen u. lehren*) 'aprender, ensinar'
 77. *liebche* 'querido(a)'
 78. *Loode* 'janela'
 79. *Luftschiff* 'avião'
 80. **lustich** 'alegre, engraçado'
 81. *Mannskell* 'homem'
 82. *Maul* 'boca'
 83. *Meede* 'gurias, moças'
 84. *Menze Troppe* 'bálsamo alemão'
 85. *meue* 'visitar'
 86. *Miljehitt* 'paiol'
 87. *Minzche* 'gatinho'
 88. *Mollekopp* 'girino'
 89. *Mule* 'mula'
 90. *Mulejohre* 'anos da adolescência, cf. aborrecência'
 91. *namoreere* 'namorar'
 92. *Nast* 'galho'
 93. *neext* (= *fast*) 'quase'
 94. **Nenneche** 'bebê, nenê'
 95. *Niss*
 96. *Nisteu* '
 97. *Odder* 'notícia' (fr. *ordre*)
 98. *oorich/aarich* 'muito'
 99. *Opche* 'forninho'
 100. *Panz* 'barriga'
 101. *Parent* 'parente'
 102. *Patt* 'padrinho'
 103. **Peckche** 'presente [de Natal], pacotinho')
 104. *Pelznickel* 'papai-noel'
 105. *Pikood* 'picada'
 106. *Plantoosch* 'roça, plantação'
 107. *Platz* (= *Ort*) 'lugar'
 108. *pleene* 'pensar, refletir'
 109. *Potreer* 'potreiro'
 110. *prose* 'gabar-se'
 111. *Puffmilje* 'pipoca'
 112. *Quatti* 'quati, preguiça'
 113. *quatrich* 'preguiçoso'
 114. *raffe* 'juntar, escolher [o feijão]'
 115. **retur** 'de volta' (fr. *retour*)
 116. *richtwech* 'direto'
 117. *Riechseef/Riechseif* 'sabonet'
 118. *Roohm* 'nata'
 119. *rommgedreht* 'invertido, do avesso'
 120. *Sangari* 'suco' (pt. *sangria*)
 121. **schalkich** 'forte, com força'
 122. *schappich* 'chato'
 123. *Scharack* 'jararaca'
 124. *schenne* 'xingar'
 125. *Schetzche* 'namorado(a)'
 126. *Schlapp* 'chineló'
 127. *Schleh* 'surra'
 128. **schlof gut** 'dorme bem'
 129. **Schlofkopp** 'dorminhoco'



- | | |
|---|---|
| 130. <i>Schmeer/Schmier</i> ‘chimia, geleia’ | 148. <i>vestennich</i> ‘respeitoso, educado’ |
| 131. <i>Schnorres</i> ‘bigode’ | 149. <i>vezehle</i> ‘falar, contar, conversar’ |
| 132. <i>Schofeer</i> ‘motorista (fr. <i>chauffer</i>)’ | 150. <i>Ville (=Dorf)</i> ‘vila, centro da colônia’ |
| 133. <i>Schofkopp</i> ‘jogo de cartas típico’ | 151. <i>Waffle</i> ‘waffle’ |
| 134. <i>schroh</i> ‘grave’ | 152. <i>Wanneh</i> ‘quando’ |
| 135. <i>Seckel</i> ‘bolso’ | 153. <i>Wechelche</i> ‘caminhozinho, trilha’ |
| 136. <i>Siess</i> ‘sobremesa’ | 154. <i>Woohn/Waahn</i> ‘carro de boi’ |
| 137. <i>spassich</i> ‘estranho’ | 155. Worscht ‘linguiça’ |
| 138. <i>Spessche</i> ‘piada’ | 156. <i>Wowwo/Wowwe</i> ‘vovô, vovó’ |
| 139. <i>springe (=rennen)</i> ‘correr’ | 157. <i>Wutz (Dim. Witzche)</i> ‘leitão’ |
| 140. struppich ‘com cabelo bagunçado’ | 158. <i>zackre</i> ‘lavar’ |
| 141. <i>Teedokter</i> ‘benzedeiro’ | 159. <i>Zeich</i> ‘roupa’ |
| 142. <i>toll</i> ‘tonto’ | 160. <i>Zenke</i> ‘brigar [criança]’ |
| 143. <i>treeme</i> ‘sonhar’ | 161. Zippe ‘cadelinha’ |
| 144. <i>truckle</i> ‘secar’ | 162. <i>Zuckrerwalz</i> ‘moendas de cana’ |
| 145. <i>tumple</i> ‘se apressar’ | 163. <i>zwerrich</i> ‘arteiro’ |
| 146. <i>Velangrung/velangre</i> ‘(sentir) saudades’ | 164. <i>Zwerrichsack</i> ‘pt.(RS) mala de garupa’ |
| 147. <i>vesteckle</i> ‘esconder’ | |

14) O mesmo vale para um sem-número de expressões populares e ditados que refletem a cultura e visão de mundo da língua. Aqui alguns exemplos:

- *Alles blau!* ‘tudo bem [lit. ‘tudo azul’]’;
- *Was ma net im Kopp hot, muss ma in de Been honn.* ‘O que não se tem na cabeça, se compensa nas pernas’;
- *Wo dummer der Bauer, wo dicker die Katoffel.* ‘Quanto mais ignorante o agricultor, maior as batatas [maior a sorte]’;
- *Schickt ma en Esel, kommt en Mule.* ‘lit. Manda-se um asno e volta uma mula [para alguém que traz a coisa errada]’;
- *En schwach Minut honn.* ‘Todo mundo tem um minuto de fraqueza’;
- *In meine Goode reene.* ‘Vai chover na minha horta’;
- *Der Strick verreisst immer beim Schwachste.* ‘A corda sempre arrebenta do lado mais fraco’;
- *Wer en Oosch hat, hat ach Bang.* ‘lit. Quem tem cu, tem medo’;
- *Zweu Kepp denke besser wie enne.* ‘Duas cabeças pensam melhor do que uma’;
- *Eene Bock Ileen stoss net.* ‘lit. Um bode sozinho não dá cabeçada’
- *Entun is’n Zwerichsack.* ‘lit. Tanto faz, isso é uma mala de garupa’;
- *Morgenstunn hat Gold im Munn.* ‘Deus ajuda quem cedo madruga’;
- *Wo elter der Bock, wo hetter ‘es Honn.* ‘lit. Quanto mais velho o bode, mais duro o chifre’;
- *Wer de letzt lacht, lacht de best.* ‘Quem ri por último, ri melhor’;
- *Em geschenktne Gaul guckt ma net ins Maul.* ‘Cavalo dado não se olha os dentes’.

Assim como há elementos e processos que convergem para uma forma mais comum, também encontramos tendências mais variáveis na língua, e que divergem

na fala às vezes de um mesmo informante ou de um casal que, há anos, vive junto. Analisamos a seguir essas variantes divergentes que assumem significado social, porque são percebidas pela comunidade, que lhes atribui um sentido e valor social. Por exemplo, alguém que fala “*Mia sprech’ kei hoch Teutsch*”⁶⁹ (‘nós não falamos o alemão elevado’) está se esforçando para falar a norma culta. Há, porém, localidades em que essas marcas aparecem como sendo o padrão de fala local, isto é, a fala considerada “normal”. Vejamos como isso se dá e de onde vem.

1.3.2 Marcas distintivas entre os tipos *Deutsch* e *Deitsch* do Hrs.

Conforme já dissemos, as três áreas tipológicas do Hunsrückisch – Hrs., Hsc. e Hes. – se organizaram de forma diferente na constelação de variedades do alemão em contato no seu entorno. Já dissemos, por exemplo, que o Hrs. teve uma difusão muito maior e, além disso, desenvolveu uma homogeneidade interna maior, na direção de marcas [+renanas] e portanto mais próximas do alemão *standard*, enquanto as demais áreas permaneceram mais conservadoras e com uma constituição interna mais divergente. Isso não quer dizer, no entanto, que o Hrs. não apresente também uma variação interna grande; pelo contrário. Mas essa variação se situa especialmente no “meio do contínuo”, e mais próximo do *standard*. Basta, além disso, comparar os dados do ALMA-H com os do *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA = BELLMANN, HERRGEN & SCHMIDT, 1994 [Bd. 1], 1995 [Bd. 2], 1997 [Bd. 3], 1999 [Bd. 4], 2002 [Bd. 5]), que é o estudo de base mais sólida e abrangente sobre o alemão falado, mais recentemente, na matriz de origem de onde emigraram os hunsriqueanos para o Brasil. Embora ainda esteja por se fazer um estudo comparativo sistemático entre o Hunsrückisch falado no Brasil e na região de origem, em torno do Hunsrück, o que se observa e que vale por enquanto como hipótese é uma redução do espectro de variantes no Hunsrückisch Rio-Grandense. No MRhSA, a quantidade de variantes que não ocorrem no Hrs. é relativamente saliente. Isso levanta a hipótese de que o Hunsrückisch Rio-Grandense, motivado pelo contato intervareial, simplificou esse espectro para uma ou duas variantes dominantes, de aceitação comum, obedecendo ao critério do que se supunha ser mais próximo da norma considerada [+*standard*].

Para o leitor – pesquisador ou falante – entender com mais clareza essa diferença, é preciso identificar as variáveis que fazem a distinção entre os tipos do Hunsrückisch e que os próprios falantes percebem e significam. Entre essas variáveis, merecem destaque aquelas identificadas pelo ALMA-H no interior do Hrs. e que resultaram na distinção entre os tipos *Deitsch* e *Deutsch* do Hunsrückisch Rio-Grandense (ALTENHOFEN, 2016). A pergunta que se coloca é o que implica essa distinção e qual a sua territorialidade de uso?

69 Esta frase foi pronunciada por um tio (H.A.) a um alemão da Alemanha, em visita. Vê-se que seu domínio do Hochdeutsch é parcial e se baseia na percepção de determinadas marcas que foi absorvendo na interação na comunidade, como os ditongos /ɔɪ/ (*Teutsch*) e /ai/ (*kei[n]*), bem como da aspiração em *Teutsch* e a vogal /i:/ longa em *Mia*.



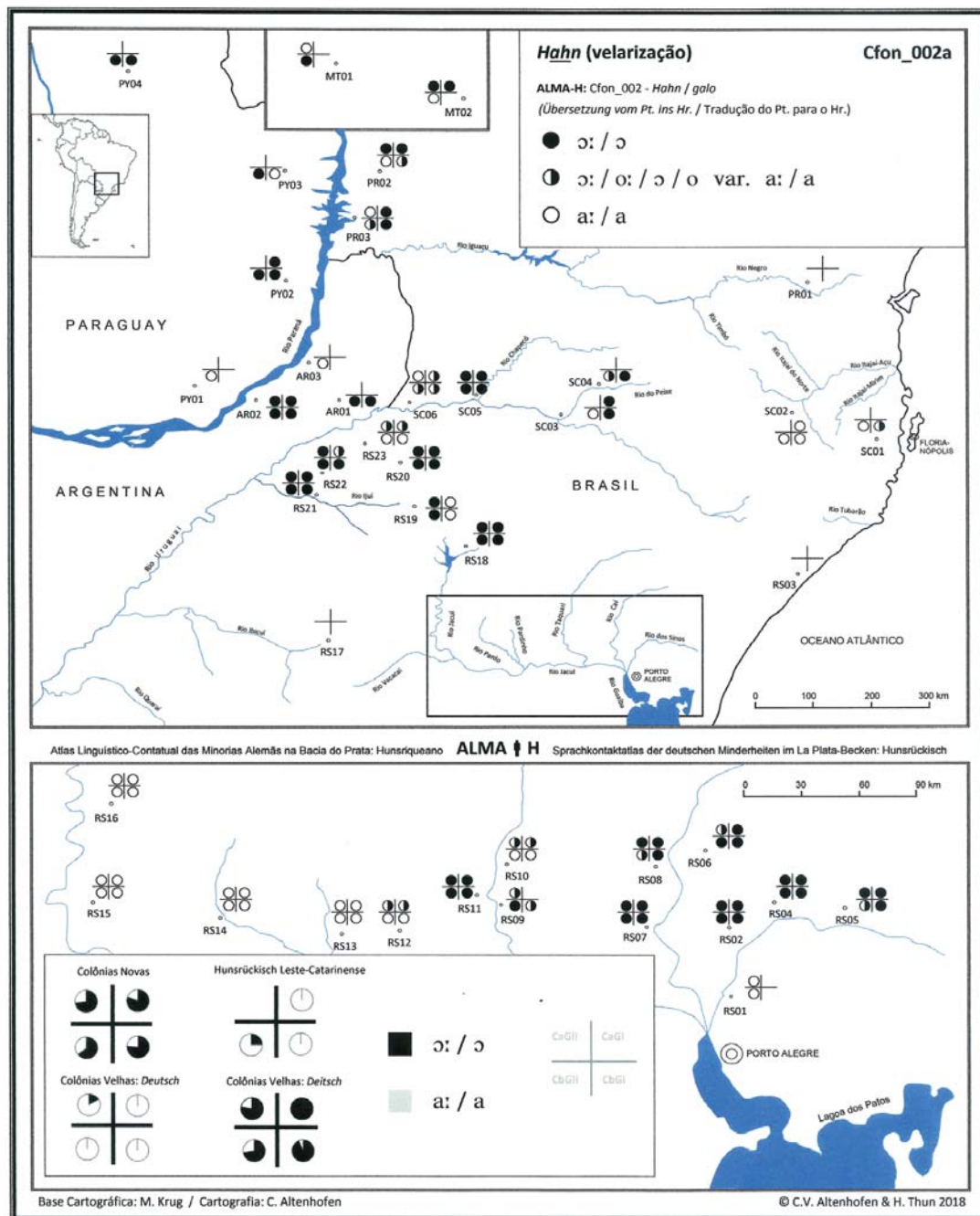
As macroanálises pluridimensionais feitas, até agora, no ALMA-H, mostraram a relevância de uma série de marcas opositivas entre uma variante [+dialetal], portanto, característica do tipo *Deitsch*, e uma [+standard], portanto, característica do tipo *Deutsch*. Não raro, porém, o mesmo falante pode mesclar variantes dos dois tipos, como veremos na sequência. O quadro da tabela a seguir apresenta as diferenças mais significativas, tomando por base sobretudo a variação fonética (a partir dos sistemas de referência do médio-alto-alemão [Mhd.], para o vocalismo, e do germânico ocidental [Wgerm.], para o consonantismo), bem como variantes do léxico. Esses dois níveis costumam ser os mais salientes à percepção social dos falantes.

Tab. 4 – Variáveis distintivas dos tipos *Deutsch* e *Deitsch* do Hunsrückisch Rio-Grandense

Variáveis	Variantes do tipo „Deutsch“	Variantes do tipo „Deitsch“
Mhd. <i>iu</i>	[ɔɪ] <i>Deutsch</i> ‘alemão’, <i>Feuer</i> ‘fogo’, <i>heut</i> ‘hoje’ (hdt. <i>heute</i>)	[aɪ] <i>Deitsch</i> , <i>Feier</i> , <i>heit</i>
Mhd. <i>ei</i>	[aɪ] <i>Reis</i> ‘viagem (hdt. <i>Reise</i>)’, <i>klein</i> ‘pequeno’, <i>allein</i> ‘sozinho’	[aʊ] <i>Rees</i> , <i>kleen</i> , (a)lleen
Mhd. <i>ie</i>	[i:] <i>veliere</i> ‘perder’, <i>Schmier</i> ‘chimia, pasta de frutas para passar no pão’, <i>namoriere</i> ‘> pt. namorar’	[e:] <i>veleere</i> , <i>Schmeer</i> , <i>namoreere</i>
Mhd. <i>ou</i>	[aʊ] <i>Baum</i> ‘árvore’, <i>auch</i> ‘também’, <i>laufe</i> ‘correr’	[ɔ:] <i>Boom</i> , <i>ooch</i> , <i>loofe</i>
Mhd. <i>a</i>	[a:] <i>Hahn</i> ‘galo’, <i>Fadem</i> ‘fio’ (hdt. <i>Faden</i>), <i>sahn</i> var. <i>saache</i> ‘dizer’ (hdt. <i>sagen</i>)	[ɔ:] <i>Hoohn</i> , <i>Foodem</i> , <i>soohn</i>
Mhd. <i>â</i>	[ɔ:] var. [o:] var. [a:] <i>Jahre</i> ‘anos’, <i>Straß</i> ‘rua’ (hdt. <i>Straße</i>), <i>schlafe</i> ‘dormir’, <i>fraache</i> ‘perguntar’ (hdt. <i>fragen</i>)	[o:] <i>Johre</i> , <i>Stroß</i> , <i>schlofe</i> , <i>frohe</i>
Wgerm. <i>pf</i>	[f] <i>Fiesich</i> var. <i>Firsich</i> ‘pêssego’ (hdt. <i>Pfirsich</i>), <i>flanze</i> ‘plantar’ (hdt. <i>pflanzen</i>)	[p] <i>Pesch</i> , <i>planze</i>
Wgerm. <i>g</i>	[ç, x] <i>reechne</i> ‘chover’ (hdt. <i>regnen</i>), <i>Vochel</i> ‘pássaro’ (hdt. <i>Vogel</i>)	[zero] <i>reene</i> , <i>Vohl</i>
Wgerm. <i>b</i>	[b] <i>lebe</i> ‘viver’, <i>schreibe</i> ‘escrever’	[v] <i>lewe</i> , <i>schreiwe</i>
<i>Lexik</i>	z.B. <i>Fead</i> ‘cavalo’ (hdt. <i>Pferd</i>), <i>Gorke</i> ‘pepino’ (hdt. <i>Gurke</i>), <i>Friedhof</i> ‘cemitério’	z.B. <i>Gaul</i> , <i>Gummer</i> , <i>Kerrichuff</i>

Fonte: Adaptado de Altenhofen (2016, p. 120)

Fig. 13 – Velarização de /a/ na pronúncia da palavra *Hahn*



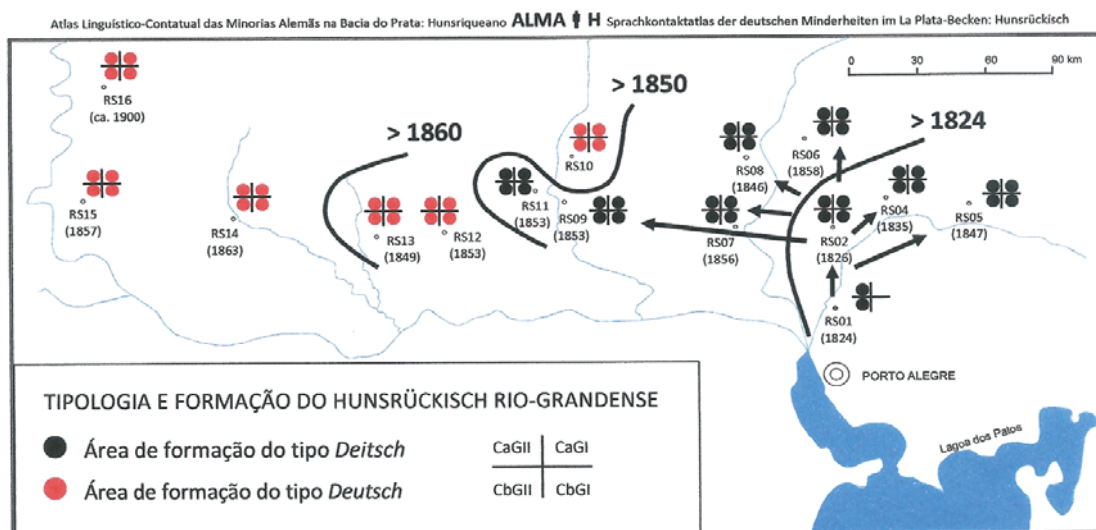
Fonte: ALMA-H

Através da cartografia dos dados do ALMA-H, pudemos identificar para ambos os tipos duas microáreas bem demarcadas, tendo por limite o Vale do Taquari como área de transição. O mapa da fig. 13, para a variação de /a/ em *Hahn*, é representativo dessa arealização. Uma série de outros mapas mostram uma distribuição semelhante dos dois conjuntos de variantes da tab. 4 (*Deutsch* e *Deitsch*) em duas áreas distintas, nas colônias velhas. A pronúncia de /a/ como [ɔ:] longo aberto é uma marca característica do Hunsrückisch de tipo *Deutsch*, que muitas vezes aplica essa regra também a empréstimos do português, como *Roodio* ‘rádio’, *Calçoode* ‘> pt. calçada’, *Delegood* ‘delegado’, entre outros exemplos.

Os falantes de RS13 – Santa Cruz do Sul chegam, por isso, a chamar esse Hunsrückisch de um alemão *Laschoode-meessich*, isto é, *Lajeado-mäßig* ‘à maneira como se fala em Lajeado’, ponto RS11. O que surpreende é que, apesar de sua maior dialetalidade e, conseqüentemente, seu distanciamento do alemão *standard*, seu uso chega a se ampliar na geração mais jovem, nas colônias velhas e novas. Mas, além da variação diageracional nessas duas áreas, os gráficos como o mapa também apontam uma variação diatópica bem saliente: de um lado, predomínio de [ɔ:] na área *Deitsch* e nas colônias novas, e de outro lado, predomínio de [a:] na área *Deutsch* e no Hunsrückisch leste-catarinense. Dentre essas quatro áreas, as colônias novas se distinguem por colocar em contato migrantes descendentes das duas áreas do Hrs., *Deitsch* e *Deutsch*. De modo geral, prevalecem aí as variantes do tipo *Deitsch*, mas há algumas localidades – como RS19 – Panambi e RS23 – Horizontina, assim como também SC06 – Itapiranga & São João D’Oeste, em que a ocorrência de variantes [+*standard*] – portanto, *Deutsch* – ocorrem com mais probabilidade. Já os hunsriqueanos no ponto PY01 – Hohenau & Obrigado, vindo da região de Estrela (RS09), por volta de 1900, substituíram seu Hunsrückisch pelo Hochdeutsch, no contato com os demais imigrantes.

O que está por trás dessa variação entre um tipo [+dialetal] e outro [+*standard*]? A resposta já foi dada anteriormente, quando se mencionou que a metade leste, como se pode ver no mapa da fig. 14 a seguir, foi formada pelos primeiros imigrantes anteriores a 1850, os cerca de 5.000 imigrantes e seus descendentes que se instalaram no núcleo inicial entre São Leopoldo e Dois Irmãos (hrs. *Boomschnes*, hdt. *Baumschneise*) / Ivoti (hrs. *Berghanner Schnees*, hdt. *Berghahner Schneise*). A primeira geração já teve que buscar novas terras ao seu redor, estendendo seu território até os vales do Caí e do Taquari. Ao mesmo tempo, terminada a Revolução Farroupilha, voltam também a vir imigrantes – alemães – de diversas partes da matriz europeia de língua alemã.

Fig. 14 – Formação das áreas *Deitsch* e *Deutsch* do Hunsrückisch Rio-Grandense, nas colônias velhas



Vivendo por praticamente uma geração (1824-1850 > 25 anos) sem um contato mais intenso com esses novos imigrantes, esse Hunsrückisch inicial teve tempo para fixar sua língua comum, ou como diz a literatura, a coiné inicial do Hunsrückisch. Sua característica dominante é a do grupo dominante dentre os cerca de 5.000 imigrantes iniciais e que foi constituída fortemente por hunsriqueanos e renanos (HUNSCHE, 1975; 1977). É preciso ter em mente que esse *Deutsch*, nesse meio tempo, também revigorou seu contingente demográfico e, além disso, tinha a vantagem de já conhecer o novo meio – sua fauna e flora. Os novos imigrantes vão se juntar a esse migrante pioneiro, que é semelhante a ele e que fala “a mesma língua”. Os dados do ALMA-H mostram que essa é uma tendência marcante desse tipo de migração para um mundo estranho e desconhecido, onde é preciso se proteger com a segurança de um “vizinho” de sua comunidade e confiança. Inversamente, esse comportamento explica também como, apesar das diferenças, se difundiram tantas marcas comuns do Hunsrückisch, que o novo imigrante adotou do velho. Essa transmissão de informação linguística por toda a área mostra uma rede de comunicação ampla, conectada de diferentes formas, pelo comércio das colônias, pela atividade das igrejas, enfim pela língua comum. Entender essa dinâmica de comunicação é entender a história da imigração e ocupação do Brasil colonizado por essas populações.

Existe, contudo, uma influência que vai, no sentido inverso, do novo imigrante para o velho. Os imigrantes posteriores vão trazer em seu repertório linguístico um alemão mais próximo da norma *standard*, que por uma série de fatores, em especial com a lei prussiana de obrigatoriedade da escola (*preussische Schulpflicht*) tinha já alcançado uma parcela mais ampla da população, na Europa. Esses “novos imigrantes” que vão ocupar a metade oeste das colônias velhas vêm com o seu dialeto, isto é, sua língua familiar estandardizada pelas variantes que enumeramos na tab. 4. Eles vêm falando *Hahn*, e não *Hoohn*. E dizem que falam *Deutsch*, e não *Deitsch*. Muitas coisas na língua são semelhantes, mas basta um /a/ em *saahn* ‘dizer’, um /ai/ em *Bein* ‘perna’, um /ɔi/ em *heut* ‘hoje’, um /aʊ/ em *Baum* ‘árvore’, para parecer que falam mais Hochdeutsch – “*schon meh Hochdeitsch*”. Essa variedade permeada de marcas [+*standard*] equivale ao tipo *Deutsch* do Hunsrückisch Rio-Grandense e representa o alemão dos imigrantes posteriores a 1850. Graças à cartografia do ALMA-H – do qual, por razões de espaço, só podemos mostrar aqui alguns exemplos, sabemos que são imigrantes posteriores, porque esse Hunsrückisch ocorre justamente na área que foi ocupada após 1850, na metade oeste das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul, como se pode ver nos mapas das fig. 13 e 14 acima.

Por fim, o que fizemos até agora equivale ao esforço de tipologizar o Hunsrückisch, para encontrar no “caos aparente da variação linguística” uma ordem que diga algo sobre a estrutura social e a história dos falantes e de sua língua. Ao ouvir um determinado falante de Hunsrückisch podemos mais ou menos prever a região de origem pelo tipo de alemão que fala. Contudo, o seu repertório é de um falante plurilíngue, com mais ou menos influência do português, mais



ou menos elementos da norma do Hochdeutsch, mais ou menos marcas *Deutsch* ou *Deutsch*, antigas/originais ou novas. Assim, é pertinente que fechemos esta descrição mostrando como o falante pode variar ou alternar, no mesmo discurso, entre uma variante e outra, ou entre uma língua e outra. São os fenômenos mais instáveis e variáveis que veremos a seguir.

1.3.3 Marcas com grande variabilidade

Além das variáveis que já apontamos – tanto as que são comuns e mais regulares, quanto as que distinguem a origem social e histórica do falante – tem-se no Hunsrückisch uma série de variáveis que à primeira vista podem passar despercebidas, justamente por sua variação ser comum. Enumeramos a seguir aquelas mais salientes, que mereceriam um estudo particular:

- 1) **Palatalização de /s/**, como em *fest* > *fescht* ‘fixo, firme’, *Fenster* > *Fenschter* ‘janela’, *gester* > *geschter* ‘ontem’, *bist* > *bischt* ‘[tu] és’, *leest* > *leescht* ‘[tu/ele lê]’. Historicamente, pode-se dizer que [s] tende mais à origem moselana, [ʃ] ao Rheinpfälzisch. Esta domina, a ponto de às vezes ser até exagerada sua pronúncia como [ʃ].
- 2) **Alternância entre as vogais médias /e/ e /i/ e /o/ e /u/** é relativamente livre e muitas vezes passa despercebida ao falante comum: *gester* var. *gister* ‘ontem’, *Fenster* var. *Finster* ‘janela’, *Hemd* var. *Himd* ‘camisa’, *Woch* var. *Wuch* ‘semana’, *Onkel* var. *Unkel* ‘tio’, *owe* var. *uwe* ‘encima’, e assim por diante. Como não é fonêmico, não compromete o significado das palavras.
- 3) **A conjugação de determinados verbos** busca uma certa padronização do sistema: por exemplo, *der freht* var. *froht* ‘ele pergunta’ (por analogia a *der schleft* var. *schloft* ‘dorme’), *der kommt* var. *kimmt* ‘ele vem’. Outro exemplo que segue esse comportamento é a forma *gebrung* var. *gebracht* ‘trazido’, que segue o paradigma de *gesung* ‘cantado’, *gefunn* ‘achado’ etc.
- 4) **Voz passiva com auxiliar gibt var. wedd**: por exemplo, *das Brot gibt / wedd gebackt* ‘o pão é feito [no forno]’.
- 5) **Perda ou redução no uso de dativo**, como por exemplo em *mit mich* ao invés de *mit mer / mir* ‘comigo’.
- 6) **Plural do diminutivo com –e [ə] ou –er [ɐ]**: por exemplo, *die Meedche* em lugar de *Meedcher* ‘as meninas’, *die Stiehlche / Stiehlcher* ‘cadeirinhas’.
- 7) **Rotacismo de palavras frequentes**: por exemplo, *Boddem* var. *Borrem* ‘chão’, *Foodem* var. *Foorem* ‘fio’, *hatte* var. *horre* ‘tiveram’, *hette* var. *herre* ‘tivessem, teriam’.
- 8) **Uso de dat/wat**: é comum ouvir, em quase todas as partes, um falante que ainda mantenha vivo o uso das variantes *dat/wat*, mesmo que todo o resto em sua fala aponte para marcas de origem francônio-renana ou do

Palatinado. Um estudo mais aprofundado teria que destrinchar o que se encontra atrás de seu uso e função.

9) Variação entre *ruff* / *nuff*, *rin* / *nin*, *runner* / *nunner*, *riwer* / *niwer*: essa variação tem ocorrido muitas vezes como marca familiar – de uma família específica – ou, poderíamos também dizer, de uma determinada localidade ou “picada”. *Dott soohn’se genn nin / nuff / nunner* ‘lá eles gostam de dizer *nin / nuff / nunner*’, sendo estas geralmente vistas como “engraçadas”.

10) Palavras frequentes e léxico: há, no Hunsrückisch, algumas palavras frequentes com grande variação, que marcam a fala individual de um determinado membro da comunidade. Citem-se palavras como *genn* var. *gehr* var. *gere* ‘com prazer’ (hdt. *gern*); *meh* var. *mehr* ‘mais’; *nochher* var. *nohcher* var. *nochter* var. *nochte* var. *speter* ‘mais tarde’ (hdt. *nachher*); *neechst* var. *nechsch* var. *beine* (hdt. *beinahe*) var. *fast* ‘quase’; *aarich* [gut] var. *oorich* var. *mechtich* var. *iwer* etc. ‘muito [bom]’; *duich* var. *dorrich* ‘através’; *gewees* var. *geween* var. *geweest* (hdt. *gewesen*).

Há, evidentemente, muitas outras variáveis que se poderia indicar. Por ora, estas são suficientes para dar uma noção das características essenciais da língua aqui inventariada. Mas, há um tópico que mencionamos apenas indiretamente e que não podemos deixar de abordar de forma mais específica, porque confere ao Hunsrückisch – como de várias outras línguas dessa natureza – uma historicidade e traços da cultura brasileira. Falamos da influência do português, ou melhor, das línguas de contato (românicas) que se colocaram em sua rota migratória, desde a influência do latim e do francês, na matriz de origem, até o português e o espanhol, na América do Sul.

1.3.4 Contatos com o português e outras línguas românicas

A história dos contatos linguísticos do Hunsrückisch está profundamente enraizada na sua estrutura e composição interna (ALTENHOFEN, 1996, p. 26). Ela inicia com o latim, por meio da ocupação da área a oeste do Reno, durante o Império Romano. Trier e Koblenz, que com Bingen formam o tripé de cidades entre as quais se situa o Hunsrück, situam-se nessa área. Está certo que muitos latinismos, como *Kessel* (lat. *catillus*), *Keller* (lat. *cellarium*), *Fenster* (lat. *fenestra*), *Wein* (lat. *vinum*), são comuns ao alemão *standard*. Mas na altura do Hunsrück e do Palatinado, principalmente nas áreas de produção de vinho, é de se esperar uma influência dessas marcas da ocupação histórica pelo latim na fala local (v. POST, 1982). Os seguintes exemplos parecem ser desse tipo, mais regional:

- *Kroone* ‘torneira’ (> lat. *corona* [?], cf. hdt. *Wasserhahn*);
- *Kammer* ‘recinto’ (lat. *camera*), também *Kemmerche* ‘despensa’ (RS07 – Harmonia);



- *Kappes* ‘(cabeça de) repolho’ (lat. *caputia*);
- *Keenel* ‘canalização, calha’ (lat. *canalis*);
- *Kamp* ‘campo’ (> lat. *campus*).

Evidentemente, seria necessário um estudo mais aprofundado, para identificar até aonde ainda encontramos marcas desse contato linguístico histórico, no Hunsrückisch trazido ao Brasil. Mas o leitor falante do Hunsrückisch pode ele mesmo vasculhar o repositório histórico de sua língua. Certamente, encontrará outros exemplos de palavras que soam como português, mas parecem ser “de origem mais antiga”. Entre essas, estão os empréstimos do francês, que formam o segundo grande contato linguístico do Hunsrückisch. A proximidade com a França e a ocupação napoleônica até o leste do Reno, de 1803 a 1815, no período que precede a emigração ao Brasil, intensificou o fluxo de galicismos para o alemão dessa região, como mostram Thun & Wilkin (2018), na análise de cartas escritas por hunsriqueanos recrutados para o exército francês. No Hunsrückisch trazido ao Brasil, alguns desses empréstimos aparecem com relativa frequência. O leitor certamente conhece ou já ouviu os seguintes exemplos:

- *Schofeer* ‘chofer, motorista’ (> fr. *chauffeur*, cf. hdt. *Fahrer*);
- *retur* var. *zurick* ‘de volta’ (fr. *retour*, cf. hdt. *zurück*);
- *Konvett* ‘envelope’ (hdt. *Umschlag*);
- *Fisematente* ‘bobagem’ (duas origens possíveis: fr. *visiter ma tante* ‘visitar minha tia’ ou *visiter ma tente* ‘visitar minha tenda’ [em alusão aos soldados acampados no Hunsrück de olho nas moças]);
- *Odder* ‘notícia’ (fr. *ordre*);
- *Gummer* ‘pepino’ (> fr. *coucumber*);
- *Schinie* ‘gênio, temperamento’ (fr. *génie*);
- *chamant* ‘simpático’ (fr. *charmant*);
- *Buckel* ‘costas’ (fr. *boucle*).

Alguns exemplos, como o /e/ em *Bresiliooner* / *bresilioonisch* / *bresilianisch*, ou o /ʒ, ʃ/ em *Plantoosch* var. *Plantaasch* ‘roça’ (cf. *plantage*), ou ainda o sufixo em *Profission* ‘profissão’, podem ter influência francesa devido à pronúncia, porém também ter sido reforçado pelo português, devido à sua semelhança. Têm por isso razão Thun & Wilkin (2018, p. 45), quando afirmam que “a nova romanização do Hunsrückisch na América foi de certo modo facilitada, graças aos galicismos paralelos que já estavam presentes nessas línguas e também, naturalmente, devido à proximidade entre essas línguas românicas”.

É, contudo, o contato com o português que deixa, no Hunsrückisch, as marcas mais profundas. Apesar da possibilidade do francês, o imigrante chega, como é de se supor, com um conhecimento zero ou mínimo do português e tem de se adaptar ao clima e às condições do novo meio, bem como conhecer sua

fauna e flora. Ele, além disso, é instalado em áreas de floresta, onde o contato com falantes de português era escasso (ROCHE, 1966), pois se tratava – o Rio Grande do Sul da primeira metade do séc. XIX – de uma região bastante despovoada e que precisava ser povoada, para garantir as terras a Portugal. O recurso de criação de **neologismos** – ou de designação de uma realidade nova por meio do léxico já conhecido – cumpre a função de suprir as demandas emergenciais de comunicação sobre o que é novo, nesta fase inicial. Incluem-se aí especialmente as denominações para a fauna e a flora desconhecidas:

- *Scheereschliffen* ‘tesourinha, nome de um pássaro com a cauda que lembra uma tesoura’;
- *Kampdenner* var. *Kampdonne* ‘roseta’ (lit. ‘espinhos do campo’);
- *Keesboom* var. *Keesbaum* ‘jaracatiá, árvore que possui um tronco que lembra um queijo’;
- *Amschel* ‘sabiá’ (hdt. *Amsel*);
- *Kiwitz* ‘quero-quero’.

Por outro lado, é curioso observar que, no Hsc., como no Hes., os neologismos ou transferências de sentido são mais raros, pois, onde o Hrs. possui uma palavra de origem alemã, o Hsc. usa muitas vezes um **empréstimo** do português. Seguem alguns exemplos:

- a) Hrs. *Siroop* vs. Hsc. *Melad* (pt. *melado*);
Hrs. *Zuckrer* vs. Hsc. *Kanne* (pt. *cana-de-açúcar*);
Hrs. *Dreckbauer* vs. Hsc. *João-de-barro* (nomes de pássaros e animais de modo geral, idem Hes.);
Hrs. *Stinktief* vs. Hes. *Sarawei* ‘gambá’;
Hrs. *Perlhinkel* vs. Hes. *Angolhinkel* ‘galinha de angola’;
Hrs. *Zwerrichsack* vs. Hes. *Picuá* ‘mala de garupa’.
- b) O Hes., no entanto, mantém algumas formas arcaicas, como *Welschkenn*, onde o Hrs. apresenta *Milje* ‘milho’, e por extensão fala *Platzwelschkenn*, que o Hrs. chama *Puffmilje* ‘pipoca’. Exemplo semelhante é a oposição entre Hes. *deutsche Grumbe* e Hrs. *Katoffel* ‘batata inglesa’ e *siesse Grumbe*, que o Hrs. chama de *Siessbatat* ou simplesmente *Batat* ‘batata doce’.
- c) No Hsc. e no Hes., chama especial atenção a ocorrência de construções com o verbo principal na forma do português, onde o Hrs. usa um sufixo de integração ao alemão. Comparem-se os exemplos:
 - Hsc./Hes. *Ich tun dich convidar.* / Hrs. *Ich tun dich convideere/inloode.*
 - Hsc./Hes. *Ich will dich mo ebbes perguntar.* / Hrs. *Ich will dich mo ebbes pergunteere/frohe.*



- Hsc./Hes. *Das is noch net richtig explikat.* / Hrs. *Das ist noch net richtig explikeert.*

d) A influência do português também se estende para outros níveis da língua, como a fonética. Em algumas regiões, como MT01 e MT02, observamos inclusive casos de /r/ retroflexo. No Hes., chama a atenção a nasalização em palavras como *Hand*, pronunciada como [hõnd]. E, no português, é comum ouvir nessa área sobrenomes portugueses, por exemplo, *Gerhard* para *Geraldo*, ou *Simon* para *Simão*.

Esse comportamento variável, entre o Hrs. de um lado e o Hsc. e o Hes. de outro, tem a ver possivelmente com o fato de que o Hsc. e o Hes., sendo uma comunidade inicial mais reduzida, ficaram mais expostos à influência do português e menos expostos à influência de novos imigrantes alemães. Não chegaram às áreas do Hsc. e do Hes., com a mesma intensidade, remigrantes posteriores, monolíngues em alemão, que pudessem impor uma variante de base alemã. Estes, quando chegaram, deslocaram-se para outras áreas, como o Vale do Itajaí. O contato com o português, nessas duas áreas, Hsc. e Hes., no entanto, não foi mais forte do que em PR01 – Rio Negro, onde levou à substituição do Hunsrückisch local trazido pelos primeiros imigrantes, em 1829, tanto que não encontramos mais falantes de Hunsrückisch.

Os primeiros empréstimos do português, em uma fase do contato linguístico em que já houve oportunidade, mesmo que escassa, de se apoderar de conhecimentos em português, devido às relações comerciais e administrativas, se distinguem por seu grau de integração ao Hunsrückisch. A análise do conjunto dos dados nos leva a identificar, como nos exemplos acima, empréstimos antigos, fortemente adaptados ao sistema fonológico do Hunsrückisch, e empréstimos mais recentes, que ainda mantêm mais marcas do português (*Fremdwort*). A fonte desses empréstimos igualmente varia: ela equivale à variedade regional do português com a qual entram em contato os falantes dessas três áreas – Hrs., Hsc. e Hes. – respectivamente o português rio-grandense, o português açoriano-catarinense e o português capixaba. Não pretendemos fazer aqui um levantamento exaustivo desses empréstimos, mas sim apenas identificar e ilustrar com exemplos os processos em jogo e sua relação com a variedade do português em contato, para preparar estudos futuros que possam se aprofundar na sua análise. Para os fins do Inventário, a caracterização e constatação são o aspecto mais relevante por ora. Vejamos alguns exemplos:

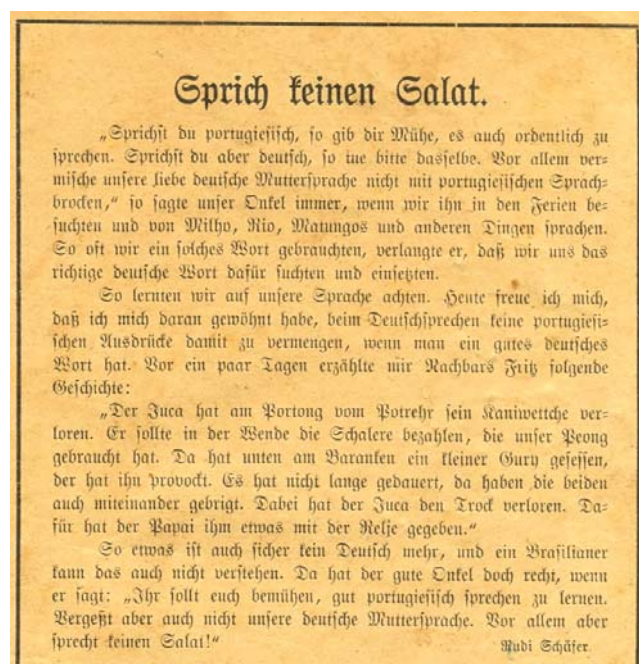
- Hrs. *Scharack* ‘jararaca’;
- Hrs. *brige* ‘brigar’;
- Hrs. *Punsch* ‘poncho’;
- Hrs. *Anas* ‘ananás’;
- Hrs. *Wowwo* ‘vovô’, *Wowwe* ‘vovó’;
- Nomes de bois, dos quais dependia a força “motriz” para o trabalho, ocorrem geralmente em português. Exemplos: *Gausch*, *Mineiro*, *Leão*, *Mascarado*, *Paljass* etc.

- Hrs. *Maniok* (pt. *mandioca*) vs. Hsc. *Aipi* (pt. *aipim*);
- Hrs. *Potreer* (pt. *potreiro*) vs. Hsc. *Pascht* (pt. *pasto*);
- Hes. *Mescherick* ‘pt. *mexerica*’ – no Hrs., ocorre *Begamott*;
- Hes. *Biscoit* ‘doce de natal’, que no Hrs. é *Doss* (pt. *doce*);

Com a vinda de novos imigrantes, que traziam uma concepção de norma mais “pura”, abre-se espaço para empréstimos por tradução (*Lehnübersetzung*, na classificação de Werner BETZ, 1949). Mas é preciso considerar que o português que, acima de tudo, entra em contato com o Hunsrückisch é o português regional, que também varia, como mostramos em Altenhofen & Thun (2016), através da análise da migração do empréstimo *Funde* (hdt. *Schleuder*) para áreas em que se fala, no português, *bodoque*, e no espanhol, *ondita*. Migram os homens, migram as palavras.

O aumento dos elementos do português no Hunsrückisch trouxe consigo uma depreciação dessa língua que perdura até nossos dias. Fala-se equivocadamente que se trata de uma língua misturada, de uma “salada”, como escreve o autor do texto abaixo, ou de um *Misch-Masch* como dizem alguns professores, que defendem que não é nem português nem alemão. Dizemos que esse julgamento é equivocado, porque incompreende os discursos bilíngues e parte do pressuposto errado de que existem línguas puras. O português, no contato com as línguas indígenas e africanas, fez a mesma coisa. Simplesmente, o bilíngue dispõe de um repertório linguístico maior e pode se servir do que lhe está à disposição, desde que o seu interlocutor também seja bilíngue, para entendê-lo. Esse uso plurilíngue e plurivarietal ativa processos e habilidades extremamente complexos. Por isso, não dá para dizer “que colono é... menos capaz”, no uso das línguas; pelo contrário!

Fig. 15 – Texto de um livro didático recomendando não “fazer saladade de línguas”



Diferentemente se comportam o comércio e o turismo. Se for para ganhar novos clientes, que mal faz? Os almanaques estiveram, no passado, sempre recheados de anúncios que mesclavam, sem preconceito, português e alemão:

Fig. 16 – O português em anúncios em alemão (lembrando que quando se escrevia, o hunsriqueano usava a norma escrita do alemão)



Fonte: Acervo ALMA-H / IHLBrI

Existe ainda um nível para além da palavra, que atinge as sentenças e frases, em que os falantes de Hunsrückisch fazem uso do português. Trata-se do que, na linguística, chamamos de *code switching*, também um empréstimo (do inglês) que, traduzido, significa a ‘alternância de código’, entre português e Hunsrückisch, ao nível da frase. No banco de dados do ALMA-H e do IHLBrI, encontramos uma quantidade relativamente grande de exemplos de *code switching*, sobretudo na fala dos mais jovens. Seguem alguns exemplos, para o leitor entender do que estamos falando:

F2: *Unn da sinn bis Pletzer, Benk, Lojas, Comércio, Supermercados, wo die bloss Leit anstelle tun, fa'se schaffe, unn die misse Deitsch kenne spreche, fo die Leit se bediene. Das is, isso é automático, das is automatisch.* (RS04 – Santa Maria do Herval)⁷⁰

F: *Meh wenn eltre Leit dabei sinn, Parente, né, unn die Leit von Pessoas que moram no Interior, que vem conversar com a Gente, né.* (RS06 – Nova Petrópolis)⁷¹

F: *Do senn etliche Munizipe wie do hie Sankt Wendel, ehm, statts inglês tun'se Deutsch, né, unn dann, ehm, dodeweche is hie die Sproch. Unn dann ehm, die*

70 Tradução: F2: E aí tem até lugares, bancos, **lojas, comércio, supermercados**, que só empregam pessoal para trabalhar e que precisa falar alemão, para atender às pessoas. Isso é, **isso é automático**, isso é automático. (RS04 – Santa Maria do Herval)

71 Tradução: F: Mais quando estão pessoas mais velhas junto, **Parente, né**, e as pessoas de **Pessoas que moram no Interior, que vem conversar com a Gente, né**. (RS06 – Nova Petrópolis)

*Kinner lenne Deutsch, né, unn die mehrste dann tun **inglês** ore **espanhol**, **tudo mais, né**, dann gibt das ooch net gelennt. (RS08 – Alto Feliz)⁷²*

F1: *Isso. Nur Platt gesproch, unn ich hat ein **Vizinho**, der hot Deitsch gesproch, unn dann bissche weiter hann die Italiener gewohnt. Unn **Brasileiro eu aprendi na escola**. (RS10 – Colinas & Imigrante)⁷³*

F1: *Ich menne so, die Schul, **a creche**, das tut das vebaue, wall die **Assistentes, as Assistentes da creche**, sinn viel, die spreche nicht Deutsch.*

F2: *Ich denke das tut, ehm, **que vai ficar**. Weche, ehm, ich wenn ich mo **Netos** hann, **eu**, ich will die lenne, wall ich, heit ich genn hann, wenn mein Kinner spreche kennte. **Eu vou ser uma que vai ajudar a perpetuar isso**. (RS20 – São José do Inhacorá)⁷⁴*

F: ***Não. Ciências, sim**, das woo dann **Aula** von die **Creche**, ehm, **Pré-escola** hab ich denn schulgehall. Foo die kleen Kinner, die hann 4, 5 Jahr. Unn die honn all Deitsch. Unn ich wees eine **apresentação**, mea honn die gemacht foo die Eltre. / Deitsch vezehle im **recreio, na hora da, im intervalo**, dott, tut Deitsch vezehle. / Wenn'ma so weiter ooch, **claro**, ma weess das alles, die **tecnologia** is **avanzado, só que**, alles die **tecnologia** losse, kann'ma och net. Ma muss bissche resgatiere, was unser Eltre, unser Wowwore honn uns geloss. (RS22 – Santo Cristo)⁷⁵*

Os exemplos deixam claro como o discurso plurilíngue é uma característica de muitos desses falantes e da comunicação interindividual, na comunidade. Seu uso dificilmente pode ser traduzido sem soar estranho. É o que sugere, por exemplo, a tradução do trecho “*Das is, **isso é automático**, das is *automatisch*.” Que fica repetitivo, se pronunciado apenas em uma língua: “*Isso é, **isso é automático**, isso é *automático*.” Definitivamente, a tradução não carrega o mesmo sentido. García (2015) chama esse uso múltiplo de recursos de mais de uma língua e variedade, pelos indivíduos bilíngues, de *translinguagem*, ou seja, o falante plurilíngue se serve**

72 Tradução: F: Tem aí alguns municípios como aqui São Vendelino, a quem, ao invés de **inglês** eles tomam o alemão, **né**, e então, ehm, por isso que aqui tem essa língua. E, então, as crianças aprendem alemão, **né**, e a maioria toma daí o **inglês** ou **espanhol, tudo mais, né**, daí isso também não é aprendido. (RS08 – Alto Feliz)

73 Tradução: F1: **Isso**. Só é falado o dialeto, e eu tinha um **Vizinho**, ele falava alemão, e um pouco mais longe moravam os italianos. E **Brasileiro eu aprendi na escola**. (RS10 – Colinas & Imigrante)

74 Tradução: F1: Eu acho que a escola, **a creche**, vai descontruindo isso, porque os **Assistentes, as Assistentes da creche**, tem muitos que não falam alemão. / F2: Eu acho que isso faz, ehm, **que vai ficar**. Porque, ehm, eu quando tiver **Netos**, **eu**, eu quero ensinar eles, porque eu hoje gostaria que meus filhos soubessem falar. **Eu vou ser uma que vai ajudar a perpetuar isso**. (RS20 – São José do Inhacorá)

75 Tradução: **Não. Ciências, sim**, isso foi então **Aula** da **Creche**, ehm, **Pré-escola** aí eu dei aula. Para as crianças pequenas, elas têm 4, 5 anos. E eles têm todas alemão. E eu sei de uma **apresentação**, nós a fizemos para os pais. / Alemão eu converso no **recreio, na hora da, no intervalo**, lá se fala alemão. / Se se continua assim, **claro**, não se sabe tudo, a **tecnologia** está **avanzado, só que**, só que deixar a **tecnologia** de lado, também não se pode. É preciso resgatar um pouco, o que nossos pais, nossos avós nos deixaram. (RS22 – Santo Cristo)



de um repertório que vai além de uma língua em particular, conforme a situação, o tópico, o interlocutor e a intenção comunicativa. Seu uso requer grande habilidade. Prova disso é que o *code switching* aparece normalmente, quando o indivíduo possui já um excelente domínio de ambas as línguas. Nas cartas analisadas por Altenhofen, Steffen & Thun (2018), ele aparece por isso em uma fase posterior, no segundo período, entre 1890 e 1940.

Por fim, uma das consequências finais da influência de uma língua majoritária sobre a língua minoritária é 1º) a substituição da função de língua-teto (*Dachsprachenwechsel*), isto é, das funções formais que envolvem também a escrita, e 2º) a substituição da língua propriamente dita (*language shift*). Analisaremos esses aspectos da vitalidade linguística no cap. 3. Por ora, vale recapitular a sequência de processos de influência do português que observamos no contato com o Hunsrückisch:

- > Neologismos >
- > Empréstimos mais antigos com forte integração ao Hrs. >
- > Empréstimos posteriores com menor grau de adaptação >
- > Empréstimos por tradução >
- > code switching (alternância de código) >
- > substituição da função de língua-teto (*Dachsprachenwechsel*) >
- > substituição linguística (*language shift*).

1.3.5 Escrita do Hunsrückisch

O Hunsrückisch, como vimos, é uma língua essencialmente falada, portanto uma língua em que a oralidade tem um papel fundamental. Na história de seu contato linguístico, no Brasil, quando um hunsriqueano pretendia escrever, o fazia na norma escrita do alemão *standard* que ele chama, de modo geral, de *Hochdeutsch* ou *Hochdeitsch*, ou ainda *alemão gramatical*. Contudo, embora comparativamente em número menor, a variedade do Hunsrückisch também aparece escrita, especialmente em almanaques antigos e colunas de jornal, mas também livros publicados (NEUMANN, 2018, p. 14-20). De modo geral, no entanto, essas publicações em Hunsrückisch atendem a uma finalidade humorística. Além disso, a escrita desses textos segue, em sua grande maioria, as regras de escrita do Hochdeutsch, aplicadas ao registro da pronúncia do alemão local.

O presente Inventário segue esse mesmo padrão, para facilitar a compreensão e inter-relação das variedades alemãs e assim contribuir para uma maior uniformização dos modos de escrita. Todos os etnotextos transliterados de gravações em áudio e vídeo para o Inventário seguem as regras e princípios do sistema de Escrita do Hunsrückisch, que abreviamos como ESCRITHU (ALTENHOFEN *et al*, 2007). A elaboração desse sistema de escrita para o Hunsrückisch ocorreu devido à necessidade de transcrever os dados gravados para

o projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H – ver <https://www.ufrgs.br/projalma/escrithu-sistema-de-escrita-do-hunsruckisch/>).

As regras do ESCRITHU também foram utilizadas, na medida do possível, nos textos selecionados para o 1º Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch. Esses textos foram escritos em Hunsrückisch por autores de diferentes idades, gêneros e locais (cidades, estados e países) e publicados, em 2018, em um volume intitulado *Hunsrückisch em Prosa & Verso*. Com esse produto, estamos contribuindo para preencher uma lacuna imprescindível à conscientização plurilíngue e à promoção da língua, que é a disponibilização de material impresso e adequado, para subsidiar esse trabalho. Constatam-se muitas carências nesse sentido, tanto para se ter um modelo de escrita em que se inspirar, quanto para a transmissão de conhecimento sobre a língua.

Paralelamente, desde a definição do ESCRITHU, em 2007, vimos trabalhando na organização de um *workshop*, para instrumentalizar a equipe e possíveis interessados. Fundamental na condução desse *workshop* foram os princípios que fundamentam o ESCRITHU, que resumimos aqui, a partir de Altenhofen, Prediger e Habel (2018, p. 25):

1º) Precisamos partir das normas de escrita do Hochdeutsch (hdt.) para dar conta das inter-relações que existem entre as diferentes variedades do alemão. Os quatro exemplos abaixo, por exemplo, seguem a mesma pronúncia, em Hunsrückisch, o que poderia causar problemas de interpretação em um texto escrito, caso o escrevente não atente para a distinção geral dessas palavras, no conjunto do sistema, como já faz o Hochdeutsch.

mea ‘nós’ (hdt. wir);
mer ou *mir* ‘a mim’ (hdt. mir);
mehr ‘mais’ (hdt. mehr);
Meer ‘mar’ (hdt. Meer).

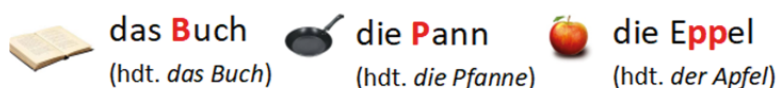
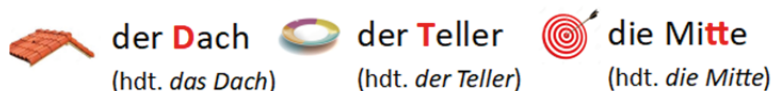
2º) É preciso respeitar e possibilitar ao escrevente/falante escrever suas variantes particulares do Hunsrückisch. Não somos por uma escrita prescritiva excessivamente normatizada, pois entendemos que o papel central de uma escrita do Hunsrückisch é permitir ao falante exprimir-se na sua língua de uma forma que o satisfaça e em que se sinta à vontade. É fundamental que saiba, antes de tudo, os porquês de suas decisões. As dúvidas serão resolvidas pelo uso efetivo, que é o que determinará qual forma é a mais eficaz e que faz mais sentido. Além disso, preservam-se com isso distinções, como a que já mencionamos e descrevemos na seção 1.3.2, entre os tipos *Deutsch* [+padrão] e *Deitsch* [+dialetal]. Esse princípio vale igualmente para as relações gramaticais entre as palavras, por exemplo, entre singular e plural, seja com acréscimo de <-e>, seja com mudança por *Umlaut*. O quadro da tab. 5 a seguir ilustra esses aspectos da variação linguística do Hunsrückisch:

Tab. 5 – Exemplo de relações gramaticais a observar na grafia de determinadas palavras

	Tipo Deutsch	Tipo Deitsch
Singular (sg.)	<i>Kaat</i> (hdt. <i>Karte</i>) <i>Hahn</i> (hdt. <i>Hahn</i>)	<i>Koot</i> (hdt. <i>Karte</i>) <i>Hoohn</i> (hdt. <i>Hahn</i>)
Plural (pl.)	<i>Kaate</i> (hdt. <i>Karten</i>) <i>Hehn</i> (hdt. <i>Hähne</i>)	<i>Koote</i> (hdt. <i>Karten</i>) <i>Hoohne</i> (hdt. <i>Hähne</i>)

3º) A escrita do Hunsrückisch pode contribuir de forma mais eficaz para uma aprendizagem e compreensão mútua entre Hochdeutsch e Hunsrückisch. Isso significa que ela tem sua validade e sentido tanto para quem fala Hunsrückisch e quer adicionalmente aprender o Hochdeutsch, quanto para quem domina o Hochdeutsch e quer ou necessita aprender adicionalmente o Hunsrückisch. Não podemos pensar em uma escrita apenas para os falantes de Hunsrückisch. Isso inclui, por exemplo, falantes ou estudantes de Hochdeutsch que pretendem conhecer a língua, a cultura e a história do Hunsrückisch. Para os falantes de Hunsrückisch, possibilita também aumentar a proficiência na variedade do Hochdeutsch, como língua próxima, de inserção no mundo, presente na internet, na universidade, nas relações internacionais e de trabalho. Os exemplos abaixo mostram que as duas línguas são de fato muito parecidas, como se diria do português e do espanhol. Ao conceber a pronúncia dos grafemas <b, d, g> como dessonorizada em Hunsrückisch, mantém-se a coerência com a sua pronúncia e, ao mesmo tempo, se mantém a simetria com a grafia do Hochdeutsch, além de preservar a pronúncia dos correlatos /p, t, k/ em sílaba tônica (coluna do meio) para a pronúncia aspirada.

Fig. 17 – Esquema para a distinção de pronúncia das consoantes surdas e sonoras no Hunsrückisch

b versus p**d versus t****g versus k**

Fonte: Workshop do ESCRITHU / IHLBri

4º) A escrita é uma convenção que se legitima por meio de seu uso na sociedade. Nos habituamos a uma determinada forma por ser de uso corrente, por exemplo em palavras como *show* ou *Diesel*. A partir das línguas que já conhecemos, teremos mais subsídios para aprender outra língua. Uma criança falante de Hunsrückisch,

por exemplo, terá mais facilidade em aprender alemão ou inglês na escola, porque pode associar ou comparar seus conhecimentos prévios com o que está sendo novo em outra língua. Assim, podemos visualizar, como no exemplo abaixo, que as regras de escrita do Hunsrückisch, alemão e inglês seguem princípios parecidos e, em alguns casos, chegam a se assemelhar na pronúncia.

Fig. 18 – Exercício de comparação de palavras do Hunsrückisch, alemão e inglês

	<u>Hunsrückisch</u>	<u>Deutsch</u>	<u>English</u>
	die E ppel	der A pfel	the a pple
	das B uch	das B uch	the b ook
	der G oote	der G arten	the g arden
	die S unn	die S onne	the s un

Fonte: Workshop do ESCRITHU / IHLBri

5º) É preciso, ao contrário, sistematizar a escrita, para que se perceba as relações entre as palavras, e para facilitar, pedagogicamente, a percepção e compreensão da relação entre as palavras. Um exemplo é o singular e o plural de determinadas palavras em que, no singular, o /r/ fica mudo, reaparecendo no plural: por exemplo, o singular *Fenster* var. *Finster* ‘janela’ torna-se, no plural, *Fenstre* ou *Finstre*. Se escrevêssemos *Fensta*, de onde surgiria o <-r-> no plural? A noção de “sistema” nos ajuda, neste particular, a preservar relações entre elementos no conjunto da língua, para facilitar, por exemplo, a alguém que queira aprender a língua melhor compreender a relação. Essa relação entre singular e plural vale para uma série de outros exemplos, como no caso da grafia de *Teer*.

Fig. 19 – Exercício de comparação de palavras do Hunsrückisch, alemão e inglês

[A escrita como um sistema /
Die Schrift wie en Sistem]

1. As línguas se ESTRUTURAM, têm uma GRAMÁTICA própria, isto é, um SISTEMA DE REGRAS. A escrita também.

Isso SIGNIFICA: nenhuma palavra se escreve dissociada do todo da língua, de seu sistema. EXEMPLOS:

Sg. *Fenster* ‘janela’ > Pl. *Fenstre* (hdt. *Fenster*, Pl. *Fenster*)

Sg. *Ter* ‘porta’ > Pl. *Tere* (hdt. *Tür*, Pl. *Türe*)

SOLUÇÃO: manter a simetria entre funções gramaticais.

Fonte: Workshop do ESCRITHU / IHLBri

6º) Como em todo sistema de escrita há regularidades que facilmente se impõem, mas também há exceções e dúvidas que somente se resolvem pelo uso e pela tradição. Ou seja, nem tudo pode ser resolvido pela sistematização de regras; nesses casos, o uso ou prática corrente (= tradição) se impõe, porque a língua não se compreende apenas no tempo presente, mas também na história que a constituiu. Um exemplo são os sobrenomes herdados. Basta um sobrenome como *Schneider*, para abstrair dele no mínimo três regras de escrita que o próprio falante poderá deduzir a partir dos exemplos sugeridos:

Fig. 20 – Regras gerais do alemão comuns ao Hunsrückisch, abstraídas do sobrenome *Schneider*

Schneider

Sch *Schul, schon, Schrift, Schmitt*
 ei *Wein, mein, deutsch, schreiwe, drei*
 er *Lehrer, Schiller, Fenster*

Fonte: *Workshop* do ESCRITHU / IHLBrI

Como sistema, esses conjuntos de grafemas apoiados na tradição e história, com a qual buscamos dialogar, se tornam uma regra mais ou menos regular como podemos ver nos exemplos acima.

7º) Desta última constatação deriva também o princípio da transferência e aplicação de uma regra para outros contextos similares. Podemos dizer que uma boa escrita é aquela que vale para mais de uma situação similar, regras em que se mantém um padrão de regularidades, como podemos acompanhar nos exemplos abaixo, igualmente retirados do *workshop*.

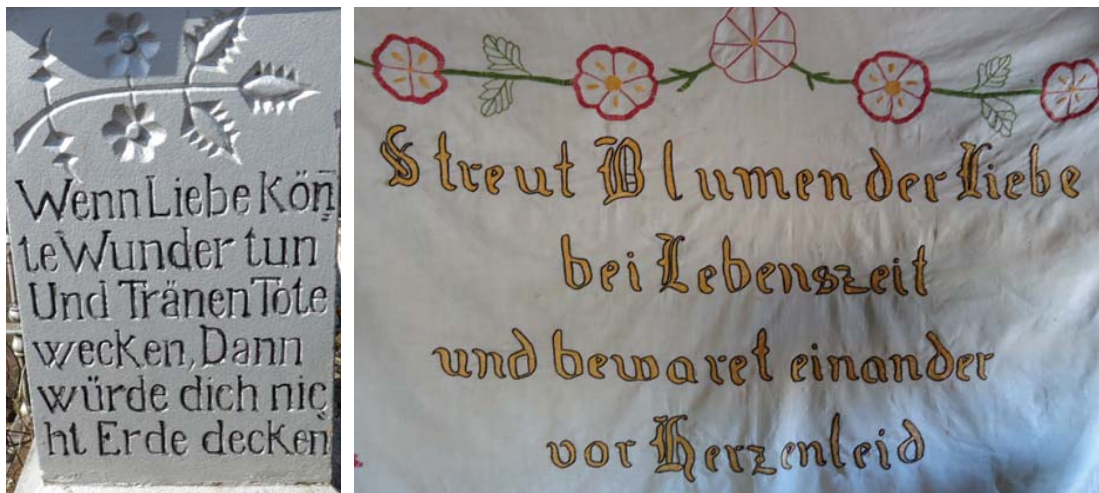
Fig. 21 – Esquema com os grafemas básicos do consonantismo e do vocalismo

consonantismo		vocalismo	
k, -ck	= Koch, Klein, Becker	ei	= (pronuncia-se como /ai/) Einstein
g, -ng	= Neugebauer, Hegel, Volkswagen, Jung	eu	= (pronuncia-se como /oi/) Neugebauer, Freud
z, -tz	= Zeit, Blitz	ie	= (i longo) Diesel
sch	= schlecht	au	= Neugebauer
-ch	= Koch	-er	= (a fraco final) Neugebauer, Becker, Zimmer, Winter
v	= Volkswagen, von		
w	= Winter		
h	= Hegel, Haus		
j	= Jung		
x	= Hex		

Fonte: *Workshop* do ESCRITHU / IHLBrI

8º) Sendo a finalidade da escrita e a função do Hunsrückisch definidas pelo usuário individualmente, acrescenta-se o princípio fundamental de que o sistema de escrita apresentado aqui, como outros analisados por Schaumloeffel (2018), não devem ser uma imposição, mas muito mais uma sugestão e orientação. Com o esclarecimento das regras de escrita do Hunsrückisch, queremos auxiliar os falantes a entender documentos do passado (cartas antigas) e inscrições em placas, em lápides, em panos de proteção de paredes (*Wandschoner*), em topônimos (nome de lugares), além de outros materiais impressos em língua Hunsrückisch e Hochdeutsch. Vejamos abaixo um exemplo em uma lápide do cemitério católico de Paverama (ponto RS09), onde se lê: *Wenn Liebe könnte Wunder tun und Tränen Tote wecken, dann würde dich nicht Erde decken.* / ‘Se o amor pudesse fazer milagres e se as lágrimas despertassem os mortos, então a terra não te cobriria’. Função parecida cumpre o ditado ao lado, bordado em um *Wandschoner* que fotografamos em RS02 – Ivoti. O ditado diz o seguinte: *Streut Blumen der Liebe bei Lebenszeit und bewa[h]ret einander vor Herzenleid* / ‘Joguem flores ao amor, em vida, e se protejam um ao outro na dor do coração’.

Fig. 22 – Inscrições em alemão presentes nas comunidades de falantes de Hunsrückisch: à esquerda, inscrição em uma lápide de cemitério; à direita, ditado de um *Wandschoner*



Fonte: Acervo ALMA-H

9º) Do exposto acima, decorre um princípio vital para a aquisição de um sistema de escrita: de que ele precisa ser aprendido e praticado como qualquer língua, assim como acontece na alfabetização. Ninguém aprende a escrever uma língua em apenas um dia ou em uma semana. É preciso exercitá-la por meio da leitura e da prática da escrita.

10º) Finalizando, podemos dizer que a escrita do Hunsrückisch se pauta em um número relativo de regularidades compartilhadas com outras variedades do alemão e diferentes situações de uso da língua. Isso é necessário, porque um falante de Hunsrückisch possui um repertório plurilíngue que engloba não apenas o seu “alemão de casa”, mas também o domínio maior ou menor do português, além



de, na maioria das vezes, fazer uso de diferentes variantes do alemão, conforme o contexto e a intenção comunicativa. Basta observar os diferentes eventos de letramento, ao ouvir o sermão e o coral na igreja, ou ter a visita de “um alemão” de outra localidade. Com isso, no mesmo texto – no mesmo Hunsrückisch – podem-se mesclar variantes de variedades diferentes. Isso é da essência da língua e do contexto plurilíngue, em que é utilizada, e do qual já chamamos atenção. O exemplo a seguir ilustra o que queremos dizer:

Die Kinner wisse nemme, wat spiele is, well mia honn een ganse sunntag Mittach gespielt mitsammer, im Berich Lenkkarret gefooh unn Vôlei gespielt unn Fussball. Heit stehst du die Kinner dat nenme mache. Die hocke all, agora, am Celular unn vergesse dat, die wisse net wat spiele is. Die vegesse die Welt. (RS08 - Alto Feliz)⁷⁶

A escrita em Hunsrückisch, atualmente, se divide em dois modelos de grafia: uma que se baseia na grafia do Hochdeutsch, e com ela dialoga, e a outra pautada em regras fonéticas. Schaumloeffel (2018) faz uma comparação entre os dois modelos e chega à mesma conclusão que nós sobre as vantagens do modelo baseado nas regras gerais da língua alemã. O objetivo, aqui, não foi por isso colocar essas duas formas lado a lado, e sim, incentivar o uso do Hunsrückisch tanto na forma oral como em sua forma escrita, com pequenas amostras de escrita coletadas pelo Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração. É importante salientar que a escrita do Hunsrückisch precisa dar conta das diferentes variedades que formam essa língua, inclusive com os empréstimos do português e do Hochdeutsch, e de outras línguas em contato. É, portanto, uma escrita inclusiva e que resguarda o diálogo com a história em que se desenvolveu.

1.4 Estudos sobre o Hunsrückisch: Teses & Dissertações

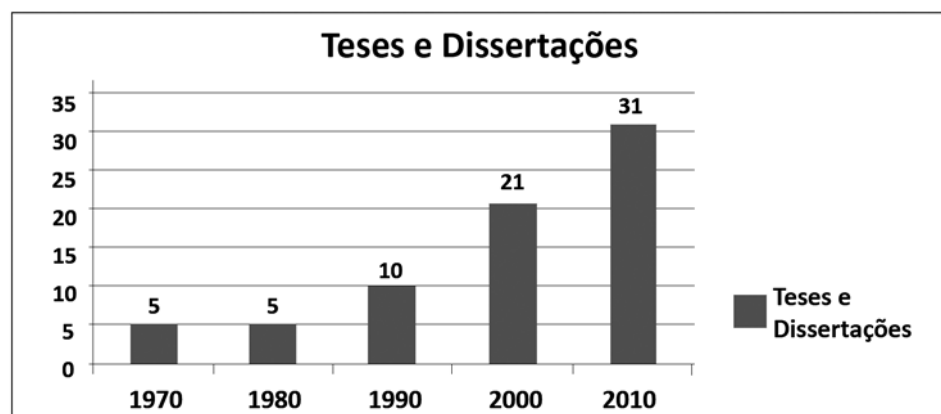
A pesquisa de uma língua, tanto ou mais que uma lei para a salvaguarda ou o ensino para a promoção dessa língua, a insere no rol dos tópicos sobre os quais recaem os interesses de uma sociedade. Ou seja, a produção de conhecimento sobre uma língua constrói também a língua do conhecimento. Neste sentido, o conhecimento sobre o objeto de estudo “Hunsrückisch” já o tornou um conceito relevante nas ciências da linguagem. Identificamos teses e dissertações sobre o Hunsrückisch em diferentes campos, desde a dialetologia e a sociolinguística, germanística e romanística, passando pela linguística aplicada, até a psicolinguística e a antropologia linguística.

⁷⁶ Tradução: As crianças não sabem mais o que é brincar porque nós brincávamos juntos durante todo domingo a tarde, andávamos com carrinho de morro, jogava vôlei e futebol. Hoje, tu não vê mais as crianças fazendo isso. Agora, elas estão todas sentadas no celular e esquecem disso, elas não sabem o que significa brincar. Elas esquecem do mundo.

Para os fins do Inventário, importa neste momento dimensionar primeiro seu alcance e impacto. Uma dificuldade é identificar quando se trata de um estudo que tem a língua inventariada como um fim em si ou um meio ou um aspecto entre outros. Os primeiros estudos tiveram essa característica; nasceram de áreas como sociologia, antropologia e história e consideraram a língua como um aspecto entre outros. O foco principal, nesses estudos, foi o papel da língua na “assimilação” de seus falantes à cultura brasileira (WILLEMS, 1940; 1943; 1944; 1980; SCHADEN, 1953 [1942]; 1956). O léxico foi, por essa razão, um dos campos privilegiados, especialmente os empréstimos e as influências exógenas. Resultou daí uma série de glossários (FAUSEL, 1959; 1962; 1966; STAUB, 1983). Ora se enaltecia a contribuição do novo meio, da parte romanística ou romanizada (OBERACKER, 1939; 1957; 1963); ora a herança da língua dos imigrantes, de sua interface germanística (KOCH, 1970; 1974; 1996).

Nos últimos anos, no entanto, surgiu um número considerável de Teses e Dissertações que contribuíram para um avanço significativo no conhecimento do Hunsrückisch, que é o que nos trouxe até este Inventário. A seguinte lista de 27 Teses e 45 Dissertações exemplifica a trajetória de conhecimento produzido acerca do alemão no Brasil. Do total de 72 Teses e Dissertações levantadas, 20 foram desenvolvidas no PPG-Letras / UFRGS e 13 em universidades da Alemanha, seguido da UFSC (10), UNICAMP (4), UFFS (4) e UNISINOS (3). O Hunsrückisch aparece como objeto de estudo em pelo menos 33 desses estudos, portanto 45,8% do total, sendo que em mais 13 (= 18%) figura como uma das variedades/línguas observadas. Entre os temas abordados, estão a variação e o contato linguístico; aprendizagem, aquisição plurilíngue e letramento; bem como interferência e atitudes/percepções linguísticas, sendo as principais áreas atingidas Sociolinguística e Dialectologia (30), Linguística Aplicada (17) e Psicolinguística (7), entre outras. Como mostra o gráfico a seguir, observa-se um interesse e desenvolvimento crescente desses estudos, nos últimos anos. O número de Teses e Dissertações tem praticamente dobrado, de uma década a outra.

Gráf. 1 – Evolução dos estudos do contato e do plurilinguismo alemão-português no Brasil, com ênfase ao Hunsrückisch e demais variedades do alemão



Fonte: IHLBri



LISTA DE TESES E DISSERTAÇÕES COM FOCO NO CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS

Atualização em: 20.11.2018

1. ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A aprendizagem do português em uma comunidade bilingüe do Rio Grande do Sul. Um estudo de redes de comunicação em Harmonia*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1990. 242 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/109237>. [Orient. Prof. Walter Koch]
2. ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996. 444 p. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.) [Orient. Prof. Günter Bellmann]
3. ANSCHAU, Fábio. *Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário do Hunsrückisch falado no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2010. 124 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/117599>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
4. AULER, Maria Luisa E. *O code switching no discurso bilingüe em Ivoti, RS*. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo (RS): Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2002. 104 p. [...]
5. BANDEIRA, Marta Helena Tessmann. *Diferenças entre crianças monolíngues e multilíngues no desempenho de tarefas de funções executivas e na transferência de padrões de VOT (Voice Onset Time) entre as plosivas surdas do pomerano, do português e do inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010. 93 p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/106>. [Orient. Profa. Márcia C. Zimmer]
6. BANDEIRA, Marta Helena Tessmann. *Vantagens bilíngues? Um estudo sobre as diferenças nas funções executivas - controle inibitório e atenção entre monolíngues e bilíngues*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2014. 168 p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/377>. [Orient. Profa. Márcia C. Zimmer]
7. BARANOW, Ulf Gregor. *Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt in Brasilien*. (Diss. masch.) München: Ludwig Maximilian-Universität München, 1973. 403 p. [...]
8. BARROS, Fernando Hélio Tavares de. *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos - MT: configurações do multilinguismo em fronteira de Amazônia*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 108 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/114428>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
9. BILLIG, Johanna Dagobert. *Impacto do bilinguismo nas redes de atenção, no acesso lexical e na memória de trabalho em adultos e idosos*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 165 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/90172>. [Orient. Profa. Ingrid Finger]
10. BORGES, Clarissa Leonhardt. *Panorama do ensino de língua alemã para alunos da educação infantil na Região Metropolitana de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); PPG-Letras, 2015. 118 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/114841>. [Orient. Profa. Karen Pupp Spinassé]
11. BORSTEL, Clarice Nadir von. *Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon-Paraná-Brasil*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Centro de Comunicação e Expressão, 1992. 185 p. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76864>. [Orient. Prof. Paulino Vandresen]



12. BREMENKAMP, Elizana. *Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado). Vitória: UFES; Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos, 2014. 291 p. [Orient. Profa. Edenize Ponso Peres]
13. BREUNIG, Carmen Grellmann. *A alternância de código como pedagogia culturalmente sensível nos eventos de letramento em um contexto bilíngue*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); PPG-Letras, 2005. 188 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/6161>. [Orient. Profa. Ana M. Stahl Zilles]
14. BUENO-ANIOLA, Cíntia. *Soziale Stereotypen und ihre sprachliche Indizierung in den 'deutschen Kolonien' in Südbrasilien*. Bern: Lang, 2007. 514 p. [Orient. Prof. Peter Auer – Univ. Freiburg]
15. DAMKE, Ciro. *As interferências do alemão como língua materna na aprendizagem do português*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1988. 359 p. [Orient. Profa. Margot Levy Mattoso]
16. DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt a. M.; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien: Lang, 1997. 319 p. (Europäische Hochschulschriften: Reihe 21, Linguistik; 190.) [Orient. Prof. Klaus Mattheier]
17. DÍAZ, Norma Esther. *Sprachkontakt in Nôvo Berlim (Rio Grande do Sul)*. Frankfurt a.M.: Lang, 2004. 317 p. [Orient. Prof. Harald Thun – Univ. Mainz]
18. DÜCK, Elvine Siemens. *Witmarsum, uma comunidade trilingüe: Plautdietsch, Hochdeutsch e português*. Curitiba: UFPR / PPG-Letras, 2005. 141 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/2981>. [Orient. Profa. Odete Menon]
19. DÜCK, Elvine Siemens. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011. 335 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/35085>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
20. EMMEL, Ina. *"Die kann nun nich', die is' beim treppenputzen!"*. O progressivo no alemão de Pomerode – SC. Tese (Doutorado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); PPG-Linguística, 2005. 270 p. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102069>. [Orient. Profa. Roberta Pires de Oliveira]
21. EWALD, Luana. *"Essa mancha ficou!"*: memórias sobre práticas de letramento em cenário de imigração alemã. Dissertação (Mestrado em Letras) – FURB: Blumenau, 2014. [Orient. Profa. Maristela Fritzen]
22. FRITZEN, Maristela Pereira. *Ich kann mein Name mit letra junta und letra solta schreiben: bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2007. 298 p. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269782>. [Orient. Profa. Marilda do Couto Cavalcanti]
23. GEWEHR-BORELLA, Sabrina. *A influência da fala bilíngue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2010. 205 p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/96>. [Orient. Profa. Márcia C. Zimmer]
24. GEWEHR-BORELLA, Sabrina. *"Tu dampém fala assim?"*: Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e desonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsrückiano-português. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 206 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/108953>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]



25. HABEL, Jussara Maria. *“Das böhmische Deutsch”*: perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. 156 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/172378>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
26. HENNES, Maria Cristina. *A interferência fonológica de um dialeto alemão no português*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUCRS; PPG-Letras, 1979. [Orient. Prof. Fernando J. da Rocha]
27. HILGEMANN, Clarice. *Mitos e concepções lingüísticas do professor em contextos multilíngües*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2004. 159 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/4319>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
28. HORST, Aline. *Varição e contatos lingüísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 231 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102193>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
29. HORST, Cristiane. *“Quando o Heinrich casa com Iracema, a Urmutter vira Bisa” - a dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil*. Kiel: Westensee Verlag, 2011. [Orient. Prof. Harald Thun]
30. INSEL, Claire E. *Shifting Publics and Shifting Alignments in a Sprachinsel of Southern Brazil*. Tese (Doutorado). Michigan: University of Michigan, 2011. 321 p. [Orient. Prof. Bruce Mannheim]
31. JUNG, Neiva Maria. *Eventos de letramento em uma escola multisseriada de uma comunidade rural bilíngüe (alemão/português)*. Dissertação (Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, 1997. 151 p. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269540>. [Orient. Profa. Marilda do Couto Cavalcanti]
32. JUNG, Neiva Maria. *Identidades sociais na escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngüe*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); PPG-Letras, 2003. 292 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/115757>. [Orient. Prof. Pedro M. Garcez]
33. KÄFER, Maria Lidiani. *A conscientização lingüística como fundamento para uma abordagem plural no ensino de alemão-padrão em contextos de contato português-hunsrückisch*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); PPG-Letras, 2013. 156 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/79439>. [Orient. Profa. Karen Pupp Spinassé]
34. KAHMANN, Christa Ingrid. *Interferência entre a língua portuguesa e um dialeto alemão*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC, 1987. 284 p. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75412>. [Orient. Prof. Paulino Vandresen]
35. KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de Imigrantes – RS*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); PPG-Letras, 2004. 121 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/6293>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
36. KRUG, Marcelo Jacó. *Os bilíngües teuto-brasileiros frente à metafonia funcional do português*. Tese (Doutorado) [Christian-Albrechts-Universität zu Kiel; Romanisches Seminar]. Kiel: Westensee-Verlag, 2011. [Orient. Prof. Harald Thun]
37. LARA, Claudia Camila. *Varição fonético-fonológica e atitudes lingüísticas: o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

- Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. 156 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/159078>. [Orient. Profa. Elisa Battisti]
38. LEÃO, Paula Biegelmeier. *Transmissão intergeracional do alemão em contato com o português em Vale Real, RS*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007. **130 p. Disponível em:** <http://hdl.handle.net/10183/12753>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
 39. LIMBERGER, Bernardo Kolling. *Processamento da leitura multilíngue e suas bases neurais: um estudo sobre o hunsriqueano*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018. 269 p.) Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7952>. [Orient. Prof. Augusto Buchweitz]
 40. MACHADO, Lucas Löff. *Standard e substandard do alemão em contato com o português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016. 166 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/139447>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
 41. MACKEDANZ, Daiane. *O papel da identidade para a manutenção do pomerano na Serra dos Tapes, RS*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. 181 p. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/2869>. [Orient. Prof. Luís Isaías Centeno do Amaral]
 42. MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Comunicação e Expressão, 2003. 102 p. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85489>. [Orient. Prof. Werner Heidermann]
 43. MESSA, Rosângela Markmann. *O papel do dialeto no aprendizado do alemão padrão*. São Leopoldo-RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2009. 149 p. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2572>. [Orient. Profa. Ana M. Stahl Zilles]
 44. PAULI, Valesca Simon. *Interferência fonética de um dialeto alemão na expressão oral e escrita em português*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pós-Graduação em Linguística, 2001. 141 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112150>. [Orient. Prof. Leonor Scliar-Cabral]
 45. PEREIRA, Maria Ceres. *Naquela comunidade rural, os adultos falam “alemão” e “brasileiro”. Na escola, as crianças aprendem o português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada*. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 1999. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269544>. [Orient. Profa. Marilda do Couto Cavalcanti]
 46. PICHL, Klaus. *Morphosyntaktische Besonderheiten der deutschen Schriftsprache in Brasilien als Folge des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts dargestellt anhand zweier in Brasilien erscheinender deutschsprachiger Zeitungen*. (Diss. masch.) Augsburg: Univ. Augsburg, 1983. 319 p. [Orient. ...]
 47. PICKBRENNER, Minka Beate. *O acesso lexical em multilíngues inglês (12) e alemão (13) no reconhecimento de palavras tipologicamente similares*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 190 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/168990>. [Orient. Profa. Ingrid Finger]
 48. PREDIGER, Angélica. *Percepções sobre a diversidade linguística e cultural e desenvolvimento*



- das capacidades de linguagem em um projeto de educação linguística de língua alemã*. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2014. 183 p. Disponível em: [http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/ UNISINOS/3349](http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3349). [Orient. Profa. Dorotea F. Kersch]
49. RUSCHEINSKY, Elena Wendling. *“Uma vez falando em alemão”: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste - SC*. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul; Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2014. 118 p. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/88>. [Orient. Prof. Marcelo Jacó Krug]
50. SAMBAQUY-WALLNER, Virginia. *Das Deutsche in Rio Grande do Sul*. (masch. Magisterarbeit.) München: Ludwig Maximilian-Universität München, 1995. Bd. 1, 122 p.; Bd. 2 (Materialband), 127 p. [Orient. ...]
51. SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurélio. *Interferência do português em um dialeto alemão falado no sul do Brasil*. Bridgetown: Schaumloeffel Editor/Lulu.com, 2007. Original: *Interferência do português na variedade dialetal Hunsrück falada em Boa Vista do Herval – RS*. Dissertação (Mestrado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003. [Orient. ...]
52. SCHNEIDER, Maria Nilse. *Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); PPG-Letras, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/13098>. [Orient. Profa. Ana M. Stahl Zilles]
53. SCHNEIDERS, Michele. *Macroanálise pluridimensional da variação de <Gurke/Kummer> e <Pfirich/Pesch> como indicadores de normatividade e/ou dialetalidade do “Hunsrückisch”*. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017. 110 p. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1761>. [Orient. Prof. Marcelo J. Krug]
54. SCHRAMM, Renata Carpena. *Falar mais de uma língua pode aumentar a criatividade? Um estudo cognitivo sobre o impacto do bilingüismo na atenção e na criatividade*. Tese (Doutorado). Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2015. 180 p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/469>. [Orient. Profa. Liliane Prestes Rodrigues]
55. SEIFFERT, Ana Paula. *Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC): estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009. 214 p. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92754>. [Orient. Prof. Gilvan Müller de Oliveira]
56. SEIFFERT, Ana Paula. *Censo, diagnóstico, inventário e observatório lingüísticos: aspectos metodológicos e papel político-lingüístico*. Tese (Doutorado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014. [Orient. Prof. Gilvan Müller de Oliveira]
57. SILVA, Ellen Crista da. *O interesse do jovem para o aprendizado da língua alemã na região de Blumenau*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2005. 101 p. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102259>. [Orient. Prof. Dário Fred Pagel]
58. SOUZA, Esther Zink de. *Processos de interferência lingüística entre o português e o alemão*. Dissertação (Mestrado). Campinas (SP), 1976. 72 p. [Orient. Prof. Jürgen. Heye]
59. SOUZA, Luana Cyntia. *Revitalização de línguas minoritárias em contextos plurilíngües: o pomerano*

- em contato com o português*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. 130 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/173786>. [Orient. Prof. Cléo V. Altenhofen]
60. SPINASSÉ, Karen Pupp. *Deutsch als Fremdsprache in Brasilien. Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2005. 232 p. (Werkstattreihe Deutsch als Fremdsprache; 79.) [Orient. Prof. Ulrich Steinmüller]
 61. STEINER, Maria Elaine Estivalét. *O bilingüismo em áreas urbanas de colonização alemã: um estudo em Jaraguá do Sul*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1988. 233 p. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75481>. [Orient. Prof. Paulino Vandresen]
 62. SUFREDINI, Lourdes Claudete Schwade. *Aspectos do bilingüismo alemão / português numa comunidade rural do oeste catarinense*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pós-Graduação em Linguística, 1993. [Orient. Prof. Oswaldo A. Furlan]
 63. SULZBACH, Luciana. *Eine empirische Untersuchung zweier Varietäten des Brasildeutsch*. Tese (Doutorado). Hannover: Universität Hannover; Fakultät für Geistes- und Sozialwissenschaften, 2004. 323 p. [Orient. Prof. Wolfgang Sauer]
 64. TORNQUIST, Ingrid Margareta. „Das hon ich von meiner Mama“ – zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Umeå: Umeå University, 1997. 214 p. (Acta Universitatis Umensis, Umeå Studies in the Humanities; 137.)
 65. UFLACKER, Cristina Marques. *As identidades negociadas na aula de alemão em ações que envolvem falantes de dialetos*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras, 2006. 193 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/8651>. [Orient. Profa. Margarete Schlatter]
 66. VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Programa de Pós-Graduação em Linguística, 1968. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/74647>. [Orient. Prof. Wilson Chagas de Araújo]
 67. VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. Tese Livre Docência. Porto Alegre: PUCRS, 1970. 96 p.
 68. WEHRMANN, Clari. *A situação do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa*. Dissertação (Mestrado). Chapecó, SC: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, 2016. 161 p. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/755>. [Orient. Profa. Cristiane Horst]
 69. WILNIEWCZYC, Dagna. *Spracherhalt und Sprachwechsel bei Sprachminderheiten am Beispiel von Daten aus Blumenau (Brasilien)*. Dissertação (Mestrado). Frankfurt (Oder): Kulturwissenschaftliche Fakultät der Europa-Universität Viadrina, 2010/2011. 274 p. [Orient. Prof. Konstanze Jungbluth]
 70. WOLSCHICK, Isaura. *Aspectos do bilingüismo alemão-português nas comunidades de Mondai e São João do Oeste - SC*. Dissertação (Mestrado) - PPGEL, UFFS, Chapecó, SC: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/760>. [Orient. Profa. Cristiane Horst]
 71. ZIEGLER, Arne. *Deutsche Sprache in Brasilien. Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brazilianer in Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado). Bochum: Univ. Bochum, 1996.



72. ZIMMERMANN, Ivo. *Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 1981. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101294>. [Orient. Prof. Paulino Vandresen]

1.5 Pesquisa censitária e diagnóstico sociolinguístico do Hunsrückisch

A ausência de dados demolinguísticos de abrangência nacional para apoiar o planejamento de políticas linguísticas no Brasil, tem conduzido à realização de censos linguísticos localizados, conduzidos por municípios que cooficializaram línguas em sua jurisdição. Esse é o caso de Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo, que tem o pomerano como língua cooficial desde 2009 e que realizou em 2009 e 2010 o primeiro censo linguístico municipal no país. E essa ação foi seguida por Antônio Carlos, Santa Catarina, que, tendo cooficializado o Hunsrückisch, em 2010, realizou um censo linguístico e um diagnóstico sociolinguístico nos anos de 2014 a 2016. Estes dois municípios fazem parte do IHLBrI e os estudos produzidos formam o acervo final que contempla o conjunto de ações na e sobre a língua hunsriqueana. Além disso, a metodologia de coleta usada nestes dois estudos juntamente com o Inventário da Língua Guarani Mbya, embasaram as discussões para a execução do IHLBrI.

Com isso, concluímos a apresentação e delimitação da língua que estamos inventariando, cumprindo com o que constitui o cerne da identificação do Hunsrückisch e de sua territorialidade. Grande parte desse conhecimento se baseia na pesquisa do ALMA-H, projeto desenvolvido com foco na descrição da língua. O próximo capítulo fala da base metodológica do Inventário que vem agregar aspectos sobre o uso da língua e seu papel nas comunidades, ou seja, posto de forma bem simples, “o que os falantes fazem com ela” e “qual a sua vitalidade de uso”. Vale lembrar que o Inventário tem preocupações voltadas para o reconhecimento, salvaguarda e promoção da língua como patrimônio cultural imaterial e visa, por isso, garantir seu espaço de direito na sociedade.



Foto: Ana Carolina Winckelmann

Agudo - RS



O Inventário

2.1 O Hunsrückisch no Inventário Nacional da Diversidade Linguística

De acordo com o Decreto n.º 7387/2010, o INDL foi instituído como instrumento de “identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas”. Assim, para realizar o Inventário de uma língua, há princípios, critérios e etapas previstos para que uma língua seja intitulada como Referência Cultural Brasileira. Os princípios que norteiam a inclusão de línguas no INDL contemplam a autodeclaração, a associação entre língua, grupo social e cultura e a possibilidade de contínua anexação de informações sobre uma mesma língua (IPHAN, 2016).

Por outro lado, os critérios adotados preveem a) que a língua a ser inventariada seja referência para a memória, a história e a identidade dos grupos sociais que vivem no Brasil, b) que exista como parte da vida social de uma comunidade e c) que esteja em território brasileiro há pelo menos três gerações. Cumpridas essas premissas, os requisitos para a solicitação do reconhecimento incluem o preenchimento do formulário básico do INDL, a produção de relatórios analíticos e de pesquisa, a produção de acervo digital e documentação audiovisual dos usos da língua, bem como a comprovação de anuência informada e de autorização de uso das informações, imagem e voz, para os produtos audiovisuais.

O formulário básico do INDL apresenta um conjunto de informações sobre os usos e vitalidade da língua inventariada, incluindo temáticas que requerem abordagens conceituais específicas, como denominações, classificação genética, atitudes e representações, língua e variedades, usos linguísticos e escala de vitalidade linguística (IPHAN, 2016). De modo específico, o formulário está organizado em seis módulos, incluindo um conjunto de temas em cada um deles:

- 1º) Identificação da pesquisa (incluindo dados gerais, escopo do inventário, documentação de anuência, avaliação sobre as informações fornecidas e identificação da área de abrangência da pesquisa);
- 2º) Caracterização territorial (incluindo identificação das localidades onde a língua é falada e caracterização desse território linguístico);
- 3º) Identificação e caracterização da comunidade linguística (incluindo informações sobre a população da comunidade linguística);



- 4º) Identificação e caracterização da língua de referência (incluindo denominações, modalidade e historicidade da língua, variedades, situação político-jurídica, recursos documentais, pessoas de referência e instituições);
- 5º) Diagnóstico sociolinguístico (incluindo dados sobre falantes, aquisição e transmissão da língua, escrita e leitura, situações de uso e atitudes linguísticas na comunidade);
- 6º) Avaliação da vitalidade linguística, revitalização e promoção.

O formulário do INDL coloca, assim, a necessidade da produção e/ou adequação dos conhecimentos já produzidos sobre a língua. Além das informações previstas no formulário, demandaram-se produtos relacionados ao acervo digital e à documentação da língua, incluindo amostras em vídeo, lista de Swadesh⁷⁷ com 100 palavras, mapas e coordenadas geográficas, além de amostras de escrita da língua.

Desse modo, os instrumentos de pesquisa utilizados no IHLBrI foram construídos prevendo o preenchimento dos itens do formulário e demais produtos requeridos pelo INDL, levando-se em conta as especificidades da comunidade, da língua e de sua distribuição geográfica. Para isso, conforme melhor detalhado na seção 2.5, foram elaborados diferentes instrumentos de pesquisa, que envolveram procedimentos metodológicos variados para a geração de informações tanto a partir de trabalho em campo, quanto em acervos e arquivos.

Toda essa elaboração levou em consideração, como foi dito, o conjunto de pesquisas e de mapeamentos da língua já construído, entre os quais, e sobretudo, o projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), com sua base de dados referentes à língua Hunsrückisch coletados em campo. Enquanto o ALMA-H tem seu foco principal na descrição da língua e de sua variação, no âmbito da área de Sociolinguística e Dialectologia, o Inventário tem como prioridade o levantamento e a interpretação de dados sob uma perspectiva político-linguística, visando a salvaguarda e a promoção da língua minoritária. São objetivos diferentes que, no entanto, se complementam.

O banco de dados do ALMA-H engloba dados escritos e orais sobre o Hunsrückisch e demais variedades do alemão em contato com o português e demais línguas na Bacia do Prata. Em cada uma das 41 localidades que constituem a rede de pontos do ALMA-H (ver mapa da fig. 11), foram feitas entrevistas com questionário com quatro grupos de falantes, conforme a escolaridade (Ca = curso superior; Cb = escolaridade até segundo grau e sem ocupação que exija o uso da escrita) e a faixa etária (GI = 18 a 36 anos; GII = acima de 50 anos), totalizando 372 informantes e 128 entrevistas. Essas entrevistas com questionário somam

77 "Lista de Swadesh é um vocabulário básico 'teoricamente' comum a todos os idiomas, usada em glotocronologia por comparação quantitativa entre dois idiomas de um mesmo grupo linguístico para obter-se uma data aproximada da separação. Foi desenvolvida inicialmente pelo linguista norte-americano Morris Swadesh." Fonte: Wikipedia, https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_Swadesh. Acesso em 27/11/2018.

cerca de 800 horas de gravação, sendo a duração média de uma entrevista de 4 a 5 horas. Para a sua realização, o Projeto, coordenado por Harald Thun (Univ. Kiel)⁷⁸ e Cléo V. Altenhofen (UFRGS), contou com o apoio (entre 2008 e 2012) da Fundação Alexander von Humboldt para uma parceria interinstitucional entre a Universidade de Kiel e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Além das entrevistas com questionário, o acervo do ALMA-H conta com um *corpus* de etnotextos do Hunsrückisch que compreendem os mais variados temas e estilos de uso da língua, do literário ao mais coloquial. O termo *etnotexto*, usado também aqui, refere-se a uma amostra de fala espontânea representativa da cultura local do falante. Pretende-se oferecer, com isso, um quadro significativo de elementos da cultura local, visando tanto subsidiar a análise sociológica do estado da língua e do plurilinguismo na localidade, quanto suplementar os dados coletados nas entrevistas, em ações futuras de promoção e educação plurilíngue – que assumem no IHLBrI um significado especial.

No âmbito do Inventário, a possibilidade de retornar às localidades do ALMA-H (ver mapa da fig. 11) para levantamentos complementares de dados de outra natureza, como por exemplo a tradução de listas de palavras e expressões, foi especialmente relevante. Além disso, o Inventário propiciou a visita a pontos não incluídos na rede do ALMA-H, especialmente no Espírito Santo (ES01 - Marechal Floriano & Domingos Martins e ES02 - Santa Leopoldina) e no leste de Santa Catarina (SC01b – Colônia Santa Isabel & Löffelscheidt [Águas Mornas]).

Essa relação de complementaridade entre os dois projetos criou uma base muito privilegiada de sustentação à língua, tornando o Instituto de Letras/UFRGS e, com isso, a linha de pesquisa de Sociolinguística (PPGL/UFRGS) um centro de excelência de pesquisas sobre “plurilinguismo, contatos linguísticos e línguas minoritárias” – especialmente, no que se refere ao Hunsrückisch. Vale destacar que a maioria das Teses e Dissertações (ver seção 1.4 deste livro) surge nesse contexto. Esses trabalhos acadêmicos podem ser acessados no próprio *site* do Projeto (<http://www.ufrgs.br/projalma>), ou mesmo no repositório Lume/UFRGS. Por outro lado, o IPOL, como condutor de muitas ações no terreno da política linguística, ganha relevância pelo suporte que oferece a diferentes ações em prol da diversidade linguística, entre as quais se incluem o inventários de línguas.

O projeto ALMA-H reúne ainda um amplo acervo bibliográfico com ênfase na pesquisa de línguas minoritárias, além de uma série de subprojetos, como o ALMA-Histórico, já mencionado, e o ALMA-Dicionário, que se ocupa com a elaboração de um dicionário trilingue Hunsrückisch-português-alemão *standard*. Trata-se, até onde temos conhecimento, de um dos maiores acervos, senão o maior, de dados de variedades da língua alemã fora da Europa.

78 O ALMA-H faz parte da chamada *Trilogia Rio-Platense*, de Harald Thun, que ainda inclui o *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), que se ocupa com o contato português-espanhol, e o *Atlas Guaraní-Románico* (ALGR), com ênfase no contato do guarani com o espanhol e o português.

O Inventário do Hunsrückisch como política, pesquisa e documentação faz um recorte nesse campo de pesquisas efervescentes, propondo novas questões, sobretudo vinculadas às condições atuais de uso e de transmissão da língua, gerando deste modo novas formas e instrumentos de coleta. Ao mesmo tempo, sua execução exigiu a constituição de uma rede de pesquisadores, que passaram a se reunir com regularidade para planejar, investigar, compreender e sistematizar o trabalho de pesquisa. Podemos afirmar, nesse sentido, que o IHLBrI proporcionou uma formação contínua e qualificada de pesquisadores no campo da Política Linguística, da Sociolinguística, da Dialectologia e dos procedimentos de arquivagem e de finalização de produtos impressos e audiovisuais.

No entanto, o Inventário do Hunsrückisch como política pública requereu, também, um envolvimento forte dos falantes, o que se colocou, na verdade, como condição para a apresentação do projeto. Foram necessárias cartas de anuência para que o trabalho pudesse ser legitimado e fomentado pelo IPHAN. Nesse sentido, foram enviadas 107 cartas, vindas das mais variadas instituições e localidades. Reproduzimos, a seguir, a título exemplar, uma dessas cartas, para dar uma ideia de seu teor e função.

Fig. 23 – Cópia de uma carta de anuência para exemplificar a consulta às comunidades de falantes

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

DECLARO(AMOS) para os devidos fins que concordo(mos) com a realização das atividades do Projeto “Inventário do Hunsrückisch/hunsriqueano como Língua Brasileira de Imigração” (IHLI), submetido ao Chamamento Público nº 04/2014 de “Identificação, apoio e fomento à diversidade linguística no Brasil – Línguas de Sinais, Línguas de Imigração e Línguas Indígenas” do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/Ministério da Cultura e cujas atividades visam à pesquisa sobre a língua de imigração Hunsrückisch (hunsriqueano), no Brasil, e seu reconhecimento como *Referência Cultural Brasileira*, e serão realizadas pelo(a) Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), em parceria com o projeto ALMA-H, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo período de até 02 (dois) anos, com possibilidade de prorrogação.

Por ser verdade, firmo(amos) o presente.

Nome do(s) anuente(s): Maíra Regina Raimann
CPF: _____

Nome da Instituição ou grupo que representa: _____
Rainha do Fiedler Alemão de Nova Petrópolis

Local: Nova Petrópolis Data: 26/09/2014

(Assinatura)

Especificamos, a seguir, as bases da pesquisa, do ponto de vista dos procedimentos e instrumentos adotados, bem como dos pesquisadores e das comunidades de referência mobilizados pelo IHLBrI.

2.2 Equipes de pesquisa: RS, SC e ES

Com a finalidade de abarcar as especificidades do Hunsrückisch no que tange às possíveis variações linguísticas e de âmbitos de uso da língua existentes em sua distribuição geográfica, foram definidas equipes de pesquisadores em três estados, a saber: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Ao longo dos dois anos e meio de vigência do Projeto, participaram das respectivas equipes estudantes, docentes e falantes colaboradores, totalizando respectivamente 12 participantes no RS, 6 em SC, e 6 no ES.

2.3 Gestão e logística de trabalho

A gestão geral do IHLBrI foi coordenada pelo IPOL, localizado em Florianópolis, e contou com coordenação geral e assistência executiva. A coordenação de pesquisa esteve localizada no polo da UFRGS, em Porto Alegre, sob a responsabilidade da equipe de pesquisa do Projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata: Hunsrückisch). Os dois polos descritos concentraram as ações de execução do Inventário e tiveram atuação em frentes de trabalho complementares e de modo articulado, além da realização das etapas de campo em suas respectivas regiões. A equipe do Espírito Santo, por sua vez, teve sua atuação concentrada no trabalho de campo nas localidades do estado.

Assim, as metas e etapas estabelecidas para a elaboração do Inventário levaram em conta esta gestão conjunta e foram concebidas de modo a permitir procedimentos metodológicos gerais, articulados à condução local de atividades específicas, organizadas conforme plano de trabalho revisado e consolidado nas reuniões de trabalho.

O planejamento inicial foi realizado a partir de reunião geral entre os polos de RS e SC e previu a aplicação do plano de trabalho e seu respectivo cronograma de execução e desembolso para o primeiro semestre do convênio. Foi definida também a equipe de trabalho para as etapas iniciais, uma vez encaminhadas as contratações de pessoal e construídas as metodologias de acompanhamento das etapas, sendo: a) reuniões periódicas *on-line* entre os polos executores; b) reuniões presenciais em etapas específicas, visando a socialização e aprofundamento das ações.

As reuniões presenciais foram dedicadas às seguintes etapas: i) elaboração, revisão, teste piloto e finalização dos instrumentos de coleta; ii) planejamento,

realização e fechamento das etapas de coleta de dados em campo, encaminhamentos das análises de dados e finalização dos produtos previstos. Todas as reuniões foram conduzidas por ambas as coordenações do IHLBrI e apoiadas pela assistência executiva, com vistas a otimizar as discussões e viabilizar a execução de todas as ações necessárias para o cumprimento dos objetivos.

Ações adicionais de extrema importância para o Inventário da língua foram aquelas relacionadas à mobilização e sensibilização da comunidade linguística, antes, durante e depois do trabalho de campo nas diversas localidades. Nas etapas anteriores às incursões a campo, gestores dos municípios e lideranças locais foram contatados e já sinalizaram interesse, indicando locais, eventos e outras informações que nos ajudariam a encontrar e nos aproximar dos falantes do Hunsrückisch durante a pesquisa em campo. Para a coleta de dados em campo, contribuíram muitas vezes diferentes canais, entre os quais rádios locais, gestores e lideranças, que assim facilitaram o contato da equipe com os falantes da comunidade local.

As ações de sensibilização posteriores ao trabalho de campo foram marcadas pela promoção do 1º Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch e publicação dos textos vencedores no livro *Hunsrückisch em prosa & verso*⁷⁹, além da realização dos eventos: a) *I Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e II Encontro de Falantes do Hunsrückisch*, realizado em Florianópolis, SC, e b) *II Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e III Encontro de Falantes do Hunsrückisch*, realizado em Nova Petrópolis, RS. Conforme veremos no capítulo final, que resume os principais resultados do IHLBrI, esses encontros foram espaços de socialização importantíssimos, em que a troca entre os participantes foi o objetivo central, balizado por discussões sobre diversidade linguística no Brasil, pelo compartilhamento dos resultados da pesquisa e pela realização de *workshop* de discussão sobre a escrita da língua. Ao final dos eventos, foi construída conjuntamente uma Carta de Recomendações (ver ANEXOS 8 e 9) contendo propostas extraídas do conhecimento partilhado nos referidos eventos com falantes do Hunsrückisch. Essas propostas representam um entendimento comum dos participantes e visam contribuir para a promoção da diversidade linguística brasileira.

2.4 Organização da pesquisa

De modo a garantir a eficácia na geração de informações sobre as especificidades da comunidade linguística, da língua e de sua distribuição geográfica, foi elaborada uma metodologia para coleta e arquivamento dos dados com pontos de acesso para as equipes em Rede Privada Virtual, do inglês *Virtual Private Network* (VPN). Os procedimentos utilizados envolveram o levantamento de dados em laboratório e na pesquisa em campo, além de uma metodologia utilizada pelo

79 ALTENHOFEN, Cléo Vilson et al. (Org.). *Hunsrückisch em prosa & verso: Textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017*. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2018. 98 p.

ALMA-H para etiquetagem e arquivamento de todo o material coletado, de modo a garantir uma melhor gerência de informações, pessoas e materiais. Ao longo de toda a coleta de campo ainda houve um cuidado especial com o controle e conferência de informações e dados, com supervisão cotidiana do resultado do trabalho de coleta em cada estado, de modo a garantir a qualidade devido ao grande volume de dados produzidos para este inventário.

Além da produção dos dados em si e dos resultados já computados no âmbito do ALMA-H, foi realizado também um levantamento bibliográfico de dados secundários já produzidos sobre a língua, com especial atenção a dados de publicações sobre e na língua. Esses dados complementares subsidiaram as análises e conclusões apresentadas neste livro.

A produção dos instrumentos de pesquisa envolveu: i) elaboração dos instrumentos de coleta específicos para cada finalidade; ii) preparação dos roteiros para entrevistas e registros em áudio; iii) elaboração de tutoriais para a coleta em cada tipo de questionário, com *workshop* e um guia para armazenamento dos documentos gerados, como áudios, fotos e vídeos – além de um guia para transliteração e tradução dos dados; iv) preparação e realização de capacitação das equipes de campo, com foco nas metodologias de coleta de diferentes materiais; v) realização de testagem e consolidação dos instrumentos; vi) acompanhamento de resultados do primeiro mês de coleta e proposição de ajustes pertinentes para os instrumentos.

2.5 Instrumentos de coleta: tipos de questionários

Utilizando-se do procedimento descrito, foram elaborados e concluídos os seguintes instrumentos de pesquisa: i) Questionário para Mapeamento Sociolinguístico, ii) Questionário Linguístico (seleção de variáveis, para complementações), iii) Questionário Individual, iv) Questionário relativo ao *Locus* da pesquisa.

O **Questionário para Mapeamento Sociolinguístico** foi utilizado para mapear informações relacionadas à presença das línguas nas comunidades de referência em diversos âmbitos, como, por exemplo, meios de comunicação (jornais, rádios, produção audiovisual e revistas), práticas culturais e na gestão dos municípios, considerando áreas como a saúde, cultura, educação, entre outras. Esse questionário foi elaborado de modo a facilitar a coleta de informações prévias para obter um panorama da localidade, antes da ida a campo, e que incluiu localidades que não puderam ser visitadas, presencialmente. Esse conjunto de localidades selecionadas em torno de um ponto-chave central constituem os pontos de pesquisa do Inventário. A visita presencial possibilitou que as respostas a esse questionário pudessem ser confirmadas e complementadas, já que o levantamento inicial foi feito em *sites* e bibliografia geral, como pesquisa em laboratório.

A fim de aumentar o quantitativo de dados, já que não era possível ir a todas as localidades de cada ponto de pesquisa, fez-se o **Questionário Institucional**, que é uma simplificação do mapeamento sociolinguístico. Esse questionário foi enviado por e-mail a todas as prefeituras, secretarias da Educação e secretarias da Cultura dos pontos de pesquisa dos três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Apesar do número reduzido de respostas, esses dados permitiram ampliar o campo de análise das localidades não visitadas, incluindo dados mais complexos que os de laboratório.

O **Questionário Linguístico**, no IHLBrI, teve a função essencial de coletar amostras de fala – preferencialmente em vídeo – para registrar a variação e percepção de aspectos da língua Hunsrückisch, seu significado para os falantes e sua relação com outras variedades da língua alemã em contato. O questionário incluiu palavras, frases e tópicos para estimular o uso da língua e obter dados comparáveis. O motivo desse recorte está na finalidade de seu uso futuro, destinado também a ações de promoção da língua; daí também a preferência por tomadas de vídeo curto e por etnotextos representativos da cultura local. São tipos de dados que não tínhamos na mesma profusão e necessidade no ALMA-H, onde o objetivo foi outro, mais estritamente linguístico-descritivo. Entre as modalidades de dados do questionário linguístico, estão as seguintes:

- **Lista de Swadesh:** é um questionário desenvolvido pelo linguista norte-americano Morris Swadesh nos anos de 1950 para comparar quantitativamente duas línguas. No âmbito deste inventário, foi utilizada uma versão da lista com 100 palavras; o entrevistador diz uma palavra e o falante faz a tradução da mesma para o Hunsrückisch. Os questionários foram realizados com pluralidade simultânea, ou seja, mais de uma pessoa foi entrevistada cada vez. A aplicação da lista gerou grande engajamento por parte dos falantes, que se sentiam “importantes” em instruir o pesquisador (na condição de aprendiz) sobre sua língua e “felizes” por lembrar palavras muitas vezes já esquecidas.
- **Lista de expressões:** segue a mesma metodologia da Lista de Swadesh, porém se foca em expressões de uso mais livre no Hunsrückisch. O entrevistador diz a frase em português e pede que o falante traduza para o Hunsrückisch, buscando uma expressão equivalente. Essa lista foi concebida para ser parte do acervo que servirá de material de divulgação, promoção e salvaguarda da língua. Às vezes, essas expressões, pelo significado e lembranças que evocavam, chegavam a emocionar os entrevistados, ao ver o interesse por sua língua.
- **Lista de temas para etnotextos:** foi desenvolvida a partir do questionário do Projeto ALMA-H e sugere temas para conversas livres “semidirigidas”. Foi o momento de maior proximidade dos pesquisadores com os falantes,

devido à espontaneidade da interação. Na aplicação desse questionário, foi possível constatar a relação estreita entre língua materna e memória, pois, quando falavam em Hunsrückisch, muitos entrevistados traziam à tona suas lembranças. Essa lista apresenta flexibilidade e multiplicidade de áreas do conhecimento (história do local, biografia linguística, tempos de escola, animais da região, etc.), sendo adaptável à realidade dos informantes da pesquisa. Foi possível, com ela, coletar dados sobre a percepção linguística e a visão que os falantes têm de sua língua.

- **A autorização de uso dos dados** também foi realizada em vídeo. O texto-base para a gravação do consentimento pelo falante podia ser em português ou em Hunsrückisch, conforme a língua de preferência do falante.

Dando sequência aos instrumentos de coleta, o **Questionário Individual** visou reunir dados sobre a(s) língua(s) aprendidas e usadas por cada entrevistado em diferentes situações, de modo a identificar o seu perfil linguístico e analisar o contato do Hunsrückisch com outras línguas, formas de aquisição, transmissão intergeracional e consequente grau de vitalidade da língua, situações e âmbitos de uso, graus de bilinguismo e monolinguismo, hábitos de leitura e escrita, além de outras questões relacionadas a aspectos da comunidade linguística. Este questionário, porém, foi aplicado apenas em algumas localidades de Santa Catarina e do Espírito Santo. Isso se deveu ao arranjo logístico da equipe, que optou por levantar estes dados individuais apenas em parte das localidades, como uma amostragem da comunidade, em que se pudesse obter um número de dados que pudesse ser significativo.

Em localidades do Rio Grande do Sul, optou-se ao contrário pela utilização de um **Questionário com ênfase no *Locus***, que priorizou a análise qualitativa da língua e de suas territorialidades de uso nas comunidades, controlando diferentes âmbitos (*locus*), entre os quais o comércio, a saúde, a educação, entre outros. Essa metodologia diferenciada de SC e ES foi motivada pelo grande número de comunidades de falantes de Hunsrückisch presentes no Rio Grande do Sul, que um questionário individual dificilmente conseguiria abranger satisfatoriamente.

2.6 Comunidades de referência do Hunsrückisch

A comunidade linguística do Hunsrückisch apresenta uma diversidade de perfis de falantes que se distinguem por uma série de fatores, entre os quais se destacam:

- a) a idade da localidade,

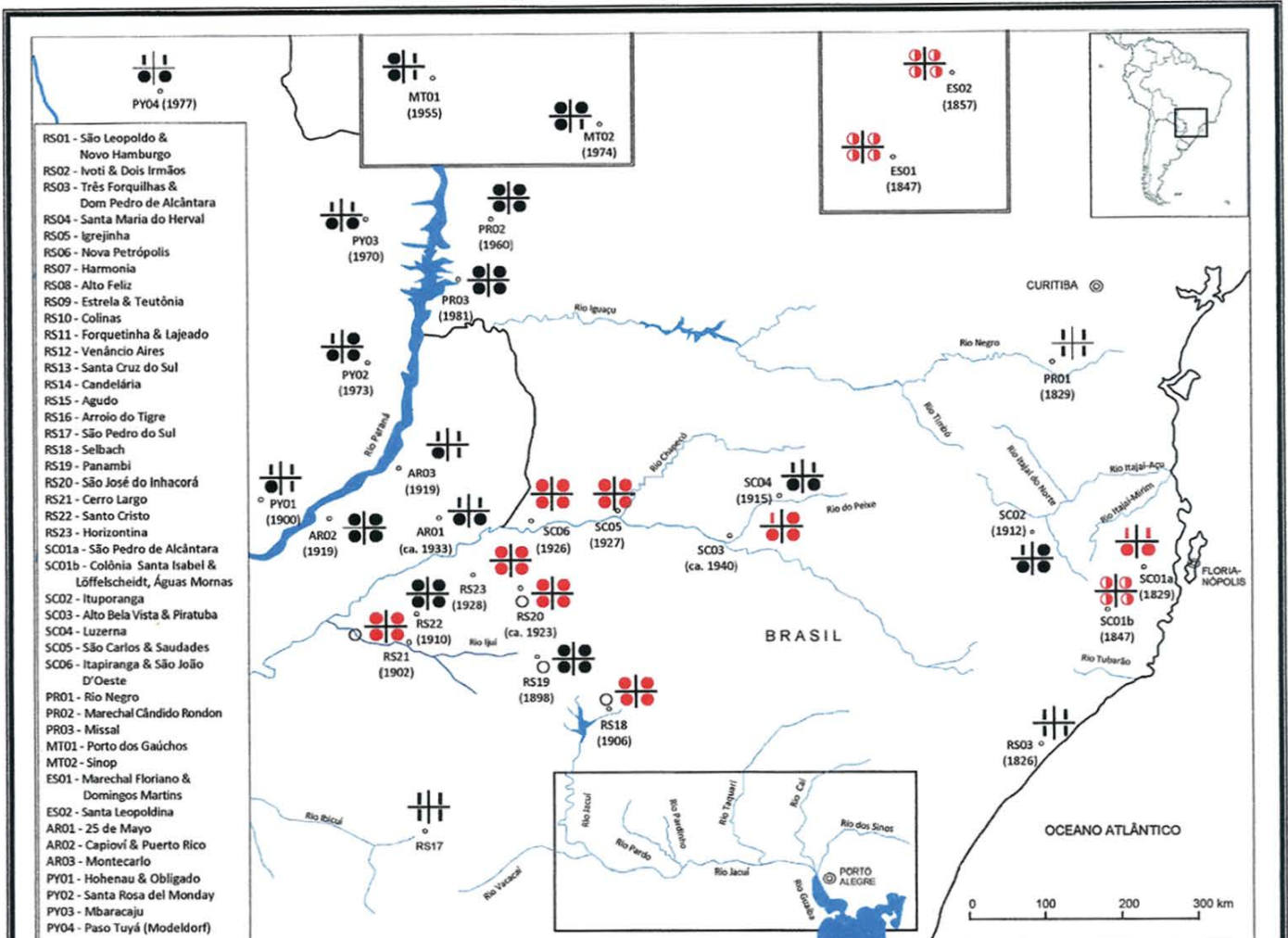


- b) a origem do Hunsrückisch (moselana ou renana),
- c) a presença de outras variedades em contato,
- d) a localidade oriunda de imigração direta além-mar ou de migração interna,
- e) a religião predominante católica ou protestante/luterana,
- f) a homogeneidade ou heterogeneidade étnica,
- g) o grau de urbanização e de isolamento,
- h) a presença de ensino de alemão, assim como também
- i) o grau de vitalidade linguística.

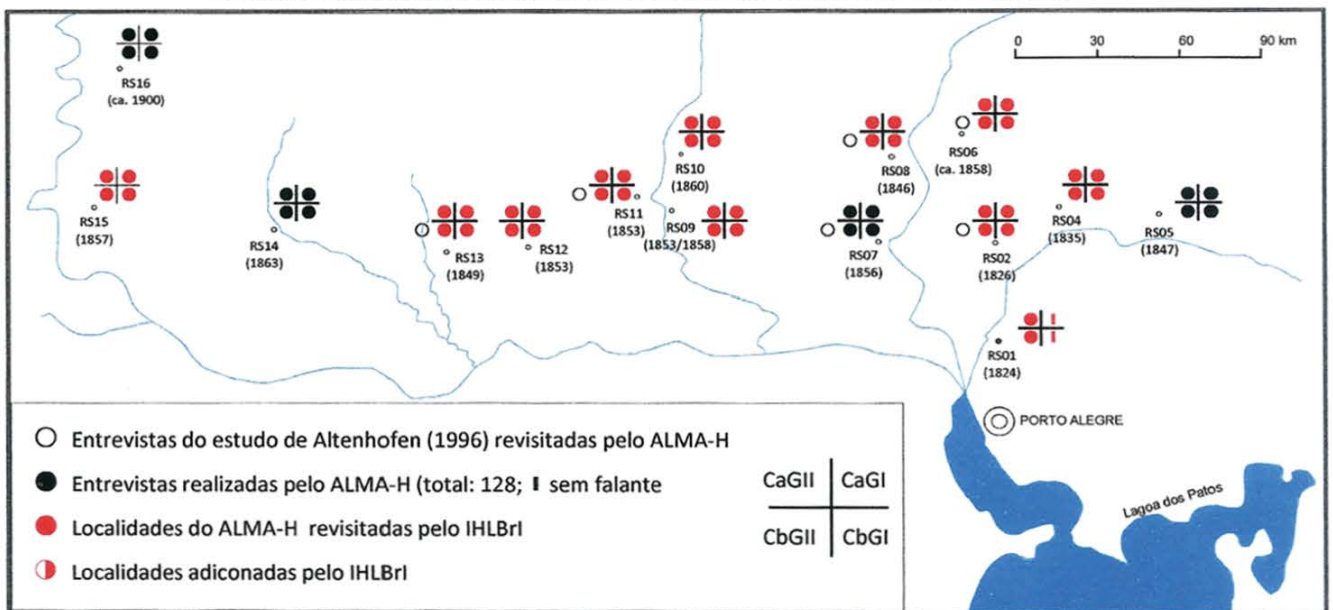
A descrição e seleção dos pontos levaram em conta esses aspectos. Eles tipologizam cada contexto e nos permitem avaliar, com maior clareza, os efeitos dos fatores sociais e históricos sobre a configuração e manutenção ou perda da língua Hunsrückisch inventariada. Como, no entanto, a área de presença do Hunsrückisch é extremamente extensa – como já foi dito, estamos diante de uma “língua de alcance continental” – recorreremos ao conceito de “comunidades de referência” que o Guia do INDL, elaborado pelo IPHAN (2014), nos sugere. Mas mesmo a seleção de comunidades de referência não pode ser aleatória, mas sim prever e controlar o maior número possível de variáveis que podem interferir, a fim de dar uma imagem mais fiel do estado da língua.

A análise prévia dos fatores mencionados acima resultou em um quadro das comunidades de referência do Inventário apresentado abaixo, que se vale ainda da rede de pontos do ALMA-H para ampliar a sua abrangência e alcance. **São as comunidades de referência deste Inventário todas as localidades do ALMA-H mais as localidades visitadas pelo IHLBrI. O que muda é o tipo de dado e sua fonte.** Também a codificação dos pontos segue a mesma lógica, não apenas para facilitar a localização no mapa, mas também para garantir a comparação entre os bancos de dados. O mapa a seguir visualiza a área abrangida pelo IHLBrI.

Fig. 24 – Comunidades de referência do Inventário do Hunsrückisch, incluindo a rede de pontos do ALMA-H e as localidades levantadas complementarmente pelo IHLBrI



Comunidades de Referência do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)



Base Cartográfica: ALMA-H / Cartografia: C. Altenhofen

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2018

A topodinâmica das migrações e a difusão dos falantes de Hunsrückisch em macroáreas tipológicas foram descritas já na seção 1.2 e 1.3. O que cabe destacar, aqui, e que pode ser observado no mapa, é que a numeração dos pontos segue sempre a ordem cronológica de fundação das localidades, que se expande, via de regra, na direção noroeste. Assim, os pontos identificados como RS01, SC01, ES01, PR01 e MT01 equivalem aos pontos mais antigos, que constituíram o marco inicial da entrada de imigrantes de fala hunsriqueana.

No IHLBrI, porém, incorporamos à respectiva comunidade de referência os pontos do entorno, formando assim um polígono, em que se compartilham determinadas características. Isso se aplica, por exemplo, à presença de um programa de rádio com uso da língua inventariada, que, a partir da respectiva emissora, alcança diferentes localidades em seu entorno. Por isso, uma ou mais localidades formam um ponto de pesquisa, designado pela sigla do Estado (RS, SC e ES) mais um número. Com isso, chegamos à seguinte lista de pontos de pesquisa. Em negrito, aparecem os pontos efetivamente visitados pelo IHLBrI:

- RS01 São Leopoldo & Novo Hamburgo** + Portão, Campo Bom, Sapiranga
- RS02 Ivoti & Dois Irmãos** + São José do Hortêncio, Estância Velha, Lindolfo Collor
- RS03 Três Forquilhas & Dom Pedro de Alcântara
- RS04 Santa Maria do Herval** + Morro Reuter, Presidente Lucena
- RS05 Igrejinha + Três Coroas, Taquara, Parobé
- RS06 Nova Petrópolis** + Linha Nova, Picada Café
- RS07 Harmonia + Tupandi**, Maratá, Salvador do Sul, Pareci, Brochier
- RS08 Alto Feliz & São Vendelino** + Feliz, Bom Princípio, Vale Real
- RS09 Estrela & Teutônia** + Poço das Antas, Paverama
- RS10 Colinas** + Imigrante, Roca Sales, **Westfália**
- RS11 Forquetinha, Lajeado & Arroio do Meio** + Santa Clara do Sul
- RS12 Venâncio Aires** + Mato Leitão, Sério
- RS13 Santa Cruz do Sul** + Sinimbu, Vera Cruz
- RS14 Candelária** + Vale do Sol
- RS15 Agudo** + Paraíso do Sul
- RS16 Arroio do Tigre + Sobradinho
- RS17 São Pedro do Sul
- RS18 Selbach** + Ibirubá, Tapera, Quinze de Novembro
- RS19 Panambi + Ajuricaba, Ijuí
- RS20 São José do Inhacorá** + Três de Maio, Boa Vista do Buricá, São Martinho
- RS21 Cerro Largo + Guarani das Missões, Salvador das Missões
- RS22 Santo Cristo** + Campina das Missões, São Paulo das Missões, Alecrim
- RS23 Horizontina – Novo Machado, Crissiumal, Doutor Maurício Cardoso

SC01 São Pedro de Alcântara & Antônio Carlos + Águas Mornas,
Biguaçu, Angelina, Santo Amaro da Imperatriz, Rancho Queimado

SC02 Ituporanga + Alfredo Wagner, Vidal Ramos

SC03 Alto Bela Vista & Piratuba + Peritiba, Ipira

SC04 Luzerna + Concórdia, Joaçaba, Arabutã, Seara

SC05 São Carlos & Saudades + Nova Erechim, Palmitos, Cunhataí

SC06 Itapiranga & São João D'Oeste + Mondaí

SC07 Iporã do Oeste & Tunápolis

PR01 Rio Negro + Mafra, Lapa

PR02 Marechal Cândido Rondon + Entre Rios do Oeste, Toledo

PR03 Missal + Itaipulândia

MT01 Porto dos Gaúchos

MT02 Sinop

ES01 Marechal Floriano & Domingos Martins

ES02 Santa Leopoldina & Santa Maria do Jetibá



Fig. 25 – Territorialidade do Hunsrückisch no Brasil e área de referência abrangida pelo IHLBrI



Cartografia: Tito Lívio Barcellos Pereira

Somando todas as localidades, distribuídas em cada polígono de análise (equivalente a um ponto de pesquisa), chegamos a 21 localidades visitadas pelo IHLBrI no Rio Grande do Sul, de um total de 80, distribuídas em 23 pontos de pesquisa. Em Santa Catarina, esse número chegou a 5 localidades visitadas de um total de 24, em 5 pontos de pesquisa. No Espírito Santo, foram visitadas 3 localidades, distribuídas em 2 pontos. Como dito anteriormente, nestes dois Estados, Antônio Carlos (SC) e Santa Maria de Jetibá (ES) contam com pesquisas aprofundadas sobre as línguas que serão disponibilizadas, motivo pelo qual não foram visitados pela equipe do IHLBrI. Os dados para o Paraná, Mato Grosso e pontos de migração transnacional para Misiones, na Argentina, e para o Paraguai, estão restritos aos levantamentos do ALMA-H. Assim sendo, totalizamos 30 localidades de pesquisa visitadas pelo IHLBrI e 34 comunidades de referência.

Adicionalmente à noção de comunidade de referência, o Guia do INDL (IPHAN, 2014, p. 23) faz uso do conceito de “comunidade linguística”. De acordo com esse conceito, são membros da comunidade linguística do Hunsrückisch todos os indivíduos que falam a língua de referência e/ou com ela se identificam por pertencimento étnico ou por filiação a falantes dessa língua, independentemente de um espaço físico geográfico específico. O termo *comunidade linguística* engloba, portanto, uma realidade mais abrangente, que ultrapassa a noção de comunidade de referência, pois considera todas as pessoas que falam ou se identificam com a língua, independente de onde moram.

São critérios-chave na caracterização das pessoas que pertencem a uma comunidade linguística: “Saber a língua, usar a língua e identificar-se com a língua” [grifo nosso] (NILS, 2005, *apud* INDL). *Saber* está relacionado ao nível de proficiência na língua de referência, em que um falante pode apresentar graus distintos de domínio da habilidade de falar, da compreensão auditiva, da escrita ou da leitura em Hunsrückisch. *Usar* está vinculado à frequência de uso da língua e considera os diversos tipos de usos e domínios sociais em que a língua de referência é falada. Nessa perspectiva, uma pessoa pode saber o Hunsrückisch, mas não usá-lo, por motivos diversos. Por fim, *identificar-se* envolve o fato de uma pessoa ter a língua como referência cultural, como marca de identidade ou como signo afetivo. Nesse caso, uma pessoa pode se identificar com o Hunsrückisch por relacioná-lo, por exemplo, à infância ou aos antepassados, mas não necessariamente utilizar a língua.

Pode-se observar que o Hunsrückisch está relacionado a uma grande população e distribuição territorial, e envolve grupos sociais heterogêneos e plurilíngues, o que torna difícil a inclusão de todas as localidades pelo Inventário, no tempo previsto para a sua execução. Não obstante, a seleção das localidades atende satisfatoriamente os critérios de representatividade demográfica, política e sociocultural que almejamos para uma caracterização da comunidade linguística mais próxima da realidade.

2.7 Especificidades do presente Inventário

Um dos principais desafios na construção do IHLBrI diz respeito à falta de informações demográficas mais precisas sobre as línguas faladas no Brasil. O IBGE, através do Censo Demográfico, contemplou um quesito linguístico importante no levantamento de 2010, ao considerar, pela primeira vez desde 1950, as línguas indígenas faladas em território nacional. Entretanto, as línguas de imigração, como o Hunsrückisch, línguas afro-brasileiras, línguas de sinais e línguas crioulas permaneceram excluídas do Censo. A existência dessas informações sistematizadas teria representado um ganho muito importante para o planejamento e o desenvolvimento da produção de conhecimentos deste e de outros inventários.

A experiência do Inventário do Hunsrückisch possibilitou, por outro lado, identificar problemas que os próximos inventários e pesquisas sobre línguas minoritárias no Brasil poderão superar, tais quais:

- (1) o tempo de pesquisa em cada localidade precisa ser ajustado às características de cada língua, para conseguir ampliar o número de dados coletados. Com a necessidade de aplicar diferentes tipos de questionário em poucos dias e em diferentes espaços (rural e urbano), os números obtidos não se tornam estatisticamente satisfatórios. Para compensar essas lacunas, o inventário se valeu de dados do ALMA-H, além de manter diálogo com pesquisadores locais, para a troca de conhecimento.
- (2) nos questionários em vídeo, no questionário individual, bem como relativo ao *locus* e ao mapeamento sociolinguístico, é preciso rever as perguntas e formatos que não tiveram bons resultados. Vale dizer que a elaboração dos instrumentos de pesquisa demandou esforços enormes que ainda incluíram testagens em RS02 – Ivoti e RS12 – Venâncio Aires. Mesmo assim, no momento da pesquisa em campo, algumas perguntas não se mostraram relevantes ou não foram entendidas pelos informantes conforme esperado. Por mais que o pesquisador fosse bilíngue, houve na aplicação de alguns instrumentos – por exemplo, a lista Swadesh, – palavras que deveriam estar traduzidas. Obviamente, essas questões foram sendo superadas durante os levantamentos e registradas nos relatórios de campo.

Independente das dificuldades que as exigências do Inventário colocaram à equipe, os levantamentos de dados se realizaram com a cooperação dos falantes (THUN, 2017 [2005]). Com isso, pudemos também constatar que o uso da língua inventariada na interação com os membros da comunidade de falantes assumiu um significado simbólico, como de quem se surpreende por “virem de tão longe pessoas para ouvir a sua língua”, que eles julgavam “de valor menor”, posição que

no entanto a pesquisa e o interesse “dessa gente” fez rever. Isso nos leva a admitir que, em certo sentido, a própria pesquisa de campo representou uma ação político-linguística de “reconhecimento e conscientização linguística” (*language awareness*). Também o apoio do Estado, através do IPHAN, foi muitas vezes entendido como uma mensagem positiva de que “o Estado também se preocupa e interesse pela salvaguarda dessa língua”.

Trazemos, na sequência, uma descrição dos usos da língua.



Foto: Cléo Vilson Altenhofen



Usos da Língua: entre a manutenção e a perda

3.1 Sobre a obtenção de dados censitários

Devido à enorme área abrangida pelo Hunsrückisch, e considerando o tempo para realização do Inventário (dois anos), não foi possível elaborar um censo linguístico que permitisse oferecer dados abrangentes para dar uma estimativa segura e fidedigna do número total de falantes de Hunsrückisch. Para isso, seria necessário o controle de uma quantidade enorme e complexa de fatores que podem alterar o resultado, tendo em vista que essa vitalidade linguística varia conforme a localidade ou região em que o falante vive, isto é, sua territorialidade (rural ou urbana), a homogeneidade ou heterogeneidade da população local, a faixa etária dos falantes, sua ocupação e escolaridade, sua religião, ensino da língua etc.

De fato, teremos apenas um caso de pesquisa com esse nível de detalhamento e complexidade envolvendo a língua Hunsrückisch, que é o censo linguístico realizado em Antônio Carlos, pelo Município com assessoria técnica do IPOL, entre 2014 e 2016. Os resultados apontam que de **58% dos 7.458 habitantes** que compõem o universo pesquisado, apenas 12,96% (em torno de 1000) afirmaram falar o Hunsrückisch em casa (MORELLO & SEIFFERT, 2017). São dados válidos para um município específico que mobilizaram um levantamento exaustivo, impossível de aplicar em toda a extensão do território de fala hunsriqueana, no Brasil. Além do censo, esses levantamentos incluíram um estudo complementar que consistiu em um diagnóstico sociolinguístico contemplando entrevistas em profundidade para identificar as atitudes e perspectivas para a língua. Ambos serão em breve publicados e poderão ser consultados e constarão no acervo do IHLBrI para consulta.

Para áreas de maior abrangência, como a do IHLBrI, uma pesquisa contemplando todos esses fatores exigiria uma logística e um aparato técnico que, em princípio, somente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) teria como oferecer. Entretanto, para preencher essa lacuna, dado que o IBGE infelizmente não pergunta sobre as línguas que fazem parte do repertório linguístico dos brasileiros, ao lado do português, recorreremos a duas estratégias. Para uma estimativa de número geral de falantes, apoiamo-nos em outras fontes secundárias,

como foi feito em Altenhofen (2018 [no prelo]). Para questões como aquisição, retenção, transmissão e domínios de usos da língua, realizamos uma coleta seletiva por meio de um questionário individual nos pontos de Santa Catarina e Espírito Santo. O planejamento envolveu algumas variáveis que pudessem representar, em linhas gerais, a situação atual da língua nas localidades, sem pretensão de construção de estudo amostral com poder de generalização. Esses resultados por amostragem serão discutidos na seção 3.3 deste capítulo. Antes, trazemos um estudo contemplando uma estimativa de falantes com base em projeções estatísticas.

3.2 Estimativa do número de falantes: uma aproximação⁸⁰

Do total de emigrantes que deixaram o território de língua alemã, na Europa, 90% teve como destino os Estados Unidos (ZIMMER, 2015, p. 295); para o Brasil, Canadá, Argentina, Austrália, dirigiu-se comparativamente uma parcela bem menor. Precisar o seu número não representa uma tarefa fácil, porém necessária, para dimensionar sua amplitude. A maioria das estimativas se pauta em registros de entrada de imigrantes que, além de apresentarem lacunas, se referem apenas a um determinado período, geralmente posterior a 1880. Nessa perspectiva, costuma-se deixar de fora outros fatores relevantes que se aplicam especialmente à situação do alemão.

Para o período entre 1886 e 1936, por exemplo, as estimativas sugerem, segundo Willems (1980, p. 41), um total de aproximadamente 280 mil imigrantes de língua alemã, contra 4.097.783 do conjunto de imigrantes recebidos nesse período, portanto, pouco menos de 7% desse total. Por outro lado, entre 1844 e 1874, de um total de 22.392 imigrantes vindos ao Rio Grande do Sul, 19.523 foram imigrantes alemães, isto é, 87%, perfazendo uma média de 695 imigrantes por ano (ROCHE, 1969, p. 159).

Há, no entanto, um fator que não se pode ignorar: por pelo menos duas gerações, de 1824 a 1874, os imigrantes alemães foram o grupo preponderante e quase único de imigrantes, já que os italianos (1875), os poloneses (1890), os japoneses (1908), entre outros, começaram a vir somente 50 anos depois da chegada dos alemães. Nesse período, a população de fala alemã se multiplicou consideravelmente. A alta natalidade das famílias de imigrantes impulsionou significativamente o crescimento demográfico e “elevou a população total do Rio Grande do Sul de 106.196 habitantes, em 1822, para 4.161.821 habitantes, em 1950” (ROCHE, 1969, p. 162). A média de filhos por família, nesse período, girava em torno de 10.

Outro aspecto que obriga a olhar com cautela as estatísticas sobre a imigração no Brasil e que dificulta a identificação a) das variedades de cada língua, b) das áreas de presença dessas variedades e, principalmente, c) do número de falantes

80 Esta seção se baseia, como dissemos, em Altenhofen (2018, no prelo) e em texto similar, encaminhado para publicação in: BOAS, Hans; DEUMERT, Ana; LOUDEN, Mark; MAITZ, Peter (eds.). *Lesser known varieties of German world-wide*. Volume 3: Latin America. Oxford: Oxford University Press, [2018].

de cada grupo imigrante, tanto mais das línguas ou variedades em questão, é que muitos registros indicam uma procedência que é mais política ou regional do que linguística. Sendo assim, muitas designações utilizadas têm o inconveniente de serem ambíguas ou encobrirem a presença de falantes de uma língua ou variedade de imigração (por exemplo, ao se indicar que um imigrante é austríaco ou russo, quando na verdade se trata, respectivamente, de um boêmio ou de um alemão-russo). A gama de designações é bem ampla.

Não há, pelo mesmo motivo, uma estatística – empiricamente fundamentada – sobre o número de falantes de Hunsrückisch no Brasil, uma vez que as pesquisas que se têm apresentam números sobre a língua alemã como denominação genérica, portanto sem especificação do tipo de variedade. Neste caso, são duas as fontes de levantamento sistemático que se podem considerar: de um lado, estão os dados dos censos demográficos do IBGE de 1940 e de 1950, em que ainda se perguntou “se o recenseado fala corretamente o português” (pergunta 18) e “que língua fala habitualmente no lar” (pergunta 19) – v. IBGE (1950, p. 7). De outro lado, têm-se dados do projeto BIRS (Bilinguismo no Rio Grande do Sul), realizado entre 1988 e 1990 (v. KOCH, 1996), por meio de um levantamento por correspondência com alistados (portanto, jovens de 18 anos) em Juntas de Serviço Militar da rede de municípios do Rio Grande do Sul. O quadro a seguir compara os resultados gerais dessas duas fontes:

Tab. 6 – Quadro comparativo da estimativa de falantes de línguas de imigração nos dados do Censo do IBGE (1940) e do BIRS (1990).

	Censo IBGE 1940				BIRS 1990	
	Brasil		Rio Grande do Sul		Rio Grande do Sul	
Total da População	41.236.315		3.320.689		9.135.479 (cf. Censo de 1991)	
	%	= Pop.	%	= Pop.	%	= Pop.
Total de Bilíngues	3,94%	1.624.689	22,46%	747.859 (= 47,6% do total de bilíngues no Brasil)	30,85% (GII / país) 19,10% (GI / 18 anos) 11,75% (perda de falantes da GII para a GI)	2.818.295 (GII / país) 1.744.876 (GI / 18 anos)
Alemão	1,56%	644.458	11,86%	393.934 (= 61,13% do total de falantes no RS; em SC 27,43%)	10,72% (GI / 18 anos)	979.323
Italiano	1,11%	458.054	8,91%	295.995 (= 64,62% do total de falantes no RS; em SC 20,87%)	6,43% (GI / 18 anos)	587.411
Japonês	0,47% (92,38% em SP)	192.698 (178.007 em SP)	0,04%	270	0,08% (GI / 18 anos)	7.308
Polonês	Outras línguas europeias: 0,41%	167.362	Outras línguas europeias: 1,38%	45.888 (PR = 61.751 = 36,9%)	0,75% (GI / 18 anos)	68.516

Fonte: Censo do IBGE (1940) e do BIRS (1990) – cf. Altenhofen (2018 [no prelo])

A manutenção ou perda de línguas pode ser vista na tabela comparativa acima em duas perspectivas cronológicas: como diria Thun (2010a, p. 510), uma perspectiva macrocronológica, entre dados de 1940 (IBGE) e de 1990 (BIRS), e outra mesocronológica, entre a geração mais velha (GII) e a geração de 18 anos (GI), nos dados do BIRS. Ambas as perspectivas apontam uma perda linguística na transmissão intergeracional, no Rio Grande do Sul. No primeiro caso, contrariamente a todas as expectativas que se poderia ter, constata-se uma redução relativamente baixa, antes uma resistência, em que o índice de falantes de alemão reduz-se de 11,86%, em 1940, para 10,72%, em 1990, portanto sofrendo uma perda relativamente baixa de 1,14% de falantes. No segundo caso, porém, essa perda se mostra muito maior; tomando por base todos os bilíngues (indistintamente da língua), tem-se uma perda linguística de 11,75% do número de falantes, que cai de 30,85% na geração dos pais dos alistados para 19,10%, na geração dos alistados, jovens de 18 anos. A forte urbanização e mobilidade da população, intensificadas a partir de 1970, período em que justamente nasceram esses alistados, podem ter contribuído fortemente para essa perda linguística.

Como se vê, os dados do BIRS corroboram, de certa forma, com os índices do Censo de 1940, embora apontem uma perda linguística um pouco maior entre os italianos e outras línguas europeias, como o russo, ucraniano e polonês. Também Mortara (1950, p. 8) observa, em sua análise dos resultados do Censo, que a “resistência à assimilação linguística, que parece ser fraca entre os italianos e espanhóis, é forte entre os alemães e japoneses.” Vale acrescentar que estes censos ocorrem em meio aos conflitos da Segunda Guerra Mundial, em que, como já se aludiu, escolas e jornais de língua alemã foram fechados (1938/9) e o uso da língua alemã proibido (especialmente a partir de 1942). Nesse contexto de opressão, é de se esperar que o número de falantes de alemão e de japonês, como de outras línguas de imigração, possa ter sido ainda maior, já que muitos recenseados podem ter omitido essa informação com medo de algum tipo de repressão.

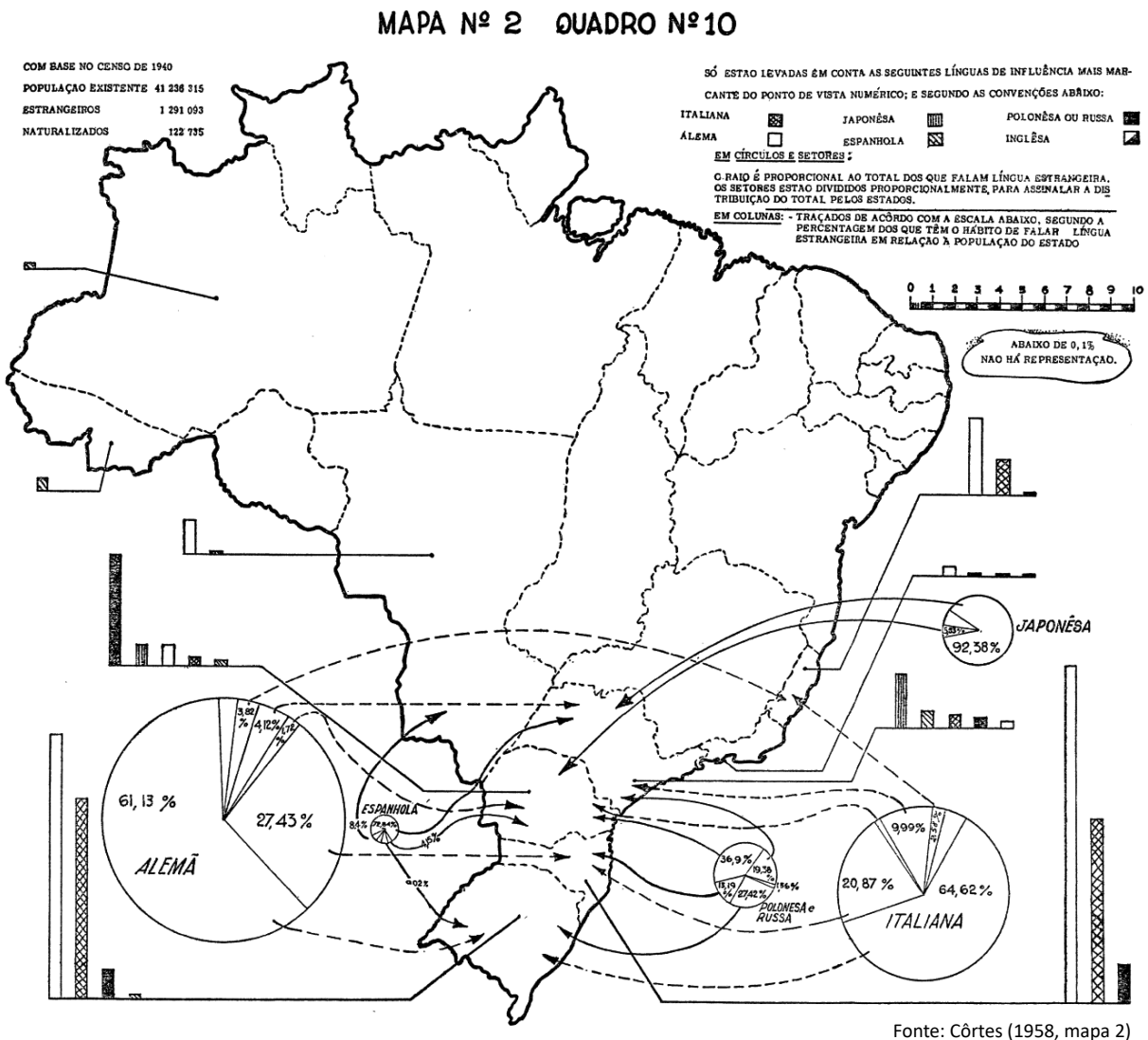
Em termos gerais, o que fica evidente nos dois levantamentos, mesmo considerando o tempo transcorrido e o período histórico, é que o alemão aparece, tanto no Censo de 1940 quanto no BIRS em 1990, como a língua mais falada no Brasil,⁸¹ depois do português. Tem-se, assim, um paradoxo entre as estatísticas do número de imigrantes, em que o alemão está entre os menores índices, e de outro lado a estatística do número de falantes, em que a língua alemã aparece, contrariamente, com o maior número de falantes. É verdade que grande parte dos imigrantes posteriores, mesmo em maior número, se instalou em áreas urbanas e teve, por efeito já do avanço da industrialização e das vias de comunicação, uma perda linguística mais acentuada. Mas os descendentes de alemães das gerações anteriores, por muito tempo único grupo imigrado, já se encontravam na

81 Comparativamente à grande representatividade das línguas de imigração, chama a atenção, por outro lado, que o número de falantes de guarani e de outras línguas indígenas, no censo de 1940, mal chegue a 1,41% da população total do Brasil, somando, portanto, cerca de 58.027 falantes, sendo que apenas 0,06% no Rio Grande do Sul (cerca de 2.100 falantes).

quarta geração e, mesmo vindo em menor número, não só mantiveram com mais vitalidade sua língua, como também vivenciaram um crescimento populacional significativo.

Outro aspecto que chama a atenção na tab. 6 acima é a grande concentração das línguas de imigração na região sul do Brasil. Como mostra o mapa da fig. 26,⁸² elaborado por Côrtes (1958) com base nos mesmos dados do Censo de 1940, ainda não aparece a expansão dessas línguas do sul para o centro-oeste e região amazônica. Estas migrações iniciam em 1955 por meio da fundação de Porto dos Gaúchos (MT01 do ALMA-H) por Hermann Meyer, e se intensificam nos anos de 1970.

Fig. 26 – Distribuição dos falantes de línguas de imigração de acordo com os dados do Censo do IBGE (1940)



82 Na nomenclatura desse período, as línguas de imigração entravam no grupo de línguas estrangeiras, em oposição à língua “nacional”, o português. A designação “língua alienígena”, utilizada por Côrtes, contrapõe-se ao conceito de “línguas aborígenes”, com o qual o censo denomina as línguas indígenas e demais línguas nativas. Há por trás do censo uma forte conotação ideológica e um interesse especial no grau de assimilação desses “nacionais e não-nacionais” à cultura brasileira e ao português.



Conforme o censo de 1940, o Rio Grande do Sul concentrava o maior número de falantes bilíngues (747.859 = 47,6% do total de bilíngues no Brasil, cujo número total é estimado em 1.624.689). Do total de 644.458 falantes de alemão, 61,13%, ou seja, 393.934 encontravam-se no Rio Grande do Sul, seguido de Santa Catarina, com 27,43%. Nos dados do BIRS, mesmo com a perda de 1,14% de falantes de alemão, de 1940 a 1990, é preciso considerar o crescimento populacional do conjunto da população, daí os números brutos aumentarem. Assim, apesar de se reduzir a proporção de falantes de alemão de 11,86% para 10,72%, o número bruto de falantes acompanha certamente o crescimento populacional geral, passando de uma estimativa de 393.934 falantes em 1940 para 979.323 falantes na década de 1990.

Considerando o total da população brasileira em 1940, os falantes de outras línguas além do português somavam pouco menos de 4%. Admitindo uma perda média de cerca de 1% de falantes, na comparação entre os dados do Rio Grande do Sul no Censo de 1940 e no BIRS 1990, é plausível estimar para os dias atuais um índice de pouco menos de 3% de falantes de línguas minoritárias no Brasil, mesmo admitindo todas as dificuldades metodológicas que podem aumentar ou diminuir esse cálculo. Se fizermos as comparações possíveis do quadro analisado, o alemão representa aproximadamente a metade desse contingente (1,56% do total de bilíngues no Brasil e 61,13% do total de falantes de alemão no Rio Grande do Sul), seguido do italiano (64,62% no Rio Grande do Sul), japonês (92,38% em São Paulo) e demais línguas de imigração, sobretudo línguas eslavas (36,9% no Paraná e 27,42% no Rio Grande do Sul).

Para um cálculo do número de falantes de Hunsrückisch, apesar da carência de dados, seria necessário considerar sua difusão do Rio Grande do Sul para as demais regiões do Brasil e países vizinhos. Admitindo que, no total de falantes de alemão do Rio Grande do Sul, a maioria (provavelmente 80%) são falantes da variedade Hunsrückisch, e que proporcionalmente a essa presença de cerca de 980.000 falantes de alemão no Rio Grande do Sul, documentada pelos levantamentos do ALMA-H em 23 localidades de pesquisa, se pode calcular um índice próximo de 30% em Santa Catarina,⁸³ 10% no sudoeste do Paraná e mais 5%, nas demais regiões (amazônica, Espírito Santo, Argentina e Paraguai). Portanto, teríamos um total de $784.000 + 294.000 + 98.000 + 49.000 = 1.225.000$ falantes de Hunsrückisch. Evidentemente, este é um cálculo meramente probabilístico. Porém, mais do que uma mera suposição apoiada apenas na experiência, é um cálculo que faz uma estimativa com base em dados de pesquisa. Embora também tenham suas limitações pelo fato de serem dados de mais ou menos uma a três gerações passadas, foram levantados sistematicamente, com um controle metodológico.

Concluindo, vivemos uma fase em que ainda encontramos falantes de muitas das línguas mencionadas até aqui; em relação ao Hunsrückisch não é

83 Este índice refere-se apenas aos falantes de Hunsrückisch, lembrando que há ainda outras variedades, sobretudo no Vale do Itajaí.

diferente. Mas é preciso ter em mente que a perda do patrimônio linguístico brasileiro se acentua de geração em geração. A sua manutenção exige esforços. Para encontrar alternativas no sentido de salvaguardar essa diversidade, é determinante compreender como se adquire, transmite e usa a língua minoritária nesses contextos e qual significado ela assume na estrutura social onde é usada. Os levantamentos de campo feitos pelo IHLBrI com diferentes instrumentos de pesquisa visaram em grande parte esse objetivo fundamental. Apresentamos a seguir, de um lado, resultados de amostragens locais com ênfase na aquisição/habilidade de uso e transmissão do Hunsrückisch e demais línguas em contato, feitas pela equipe de SC (IPOL), que se valeu sobretudo de um questionário individual (QI), e de outro lado, dados compilados pela equipe RS (ALMA-H / UFRGS), a partir de fontes diversas, que focaram sobretudo os âmbitos de uso e significação do Hunsrückisch nas comunidades de falantes pesquisadas.

3.3 Aquisição, transmissão e retenção linguística do Hunsrückisch

Como temos visto, o IHLBrI se constituiu em várias frentes de trabalho, tendo por objetivo reunir as informações solicitadas pelo Guia INDL e gerar as condições para o reconhecimento da língua como Referência Cultural Brasileira. A pesquisa em campo foi uma destas frentes, e se constituiu através de visitas a novos municípios e revisitas a pontos já pesquisados pelo ALMA-H. Os dados a seguir referem-se a levantamentos com objetivo específico, realizados pela equipe IPOL em 9 localidades de 06 pontos de pesquisa (vistos como polígonos de análise, ver seção 2.6), sendo 04 em Santa Catarina (SC) e 02 no Espírito Santo (ES):

- SC01 - São Pedro de Alcântara (e Antônio Carlos⁸⁴)
- SC02 - Ituporanga
- SC03 - Piratuba (e Alto Bela Vista) + Ipira
- SC06 - São João D'Oeste (e Itapiranga)
- ES01 - Domingos Martins e Marechal Floriano
- ES02 - Santa Leopoldina

A opção por esses pontos deveu-se em parte a questões logísticas, já que se dividiu a agenda de pesquisa entre as equipes: enquanto a equipe IPOL aprofundou aspectos da vitalidade linguística, através desta amostra, a equipe ALMA-H / UFRGS centrou sua atenção na descrição linguística e na sociologia da língua Hunsrückisch. Há, contudo, um segundo fator que justifica a constituição da

84 Em virtude do Censo Linguístico 2016, realizado pelo IPOL em Antonio Carlos, o ponto SC01 abarcará apenas as informações coletadas em São Pedro de Alcântara. Os dados desse Censo, bem como do diagnóstico sociolinguístico feito em Antônio Carlos já oferecem uma radiografia bastante detalhada da situação da língua em seu território. O leitor poderá consultar esses dados em publicação à parte, em vias de preparação.

amostra a seguir: como vimos no cap. 1, trata-se, no caso de SC01/SC02 e ES01/ES02, de uma área tipológica em que convivem lado a lado diferentes línguas e variedades, o que torna esses pontos especialmente interessantes para o tipo de análise. SC03 e SC06 funcionam, neste recorte, como pontos de controle, em que se constata o predomínio do Hunsrückisch, como ocorre em muitos pontos do Rio Grande do Sul. Assim, além dos procedimentos de pesquisa adotados para todas as localidades visitadas e revisitadas, foi reunida, nesses pontos de Santa Catarina e Espírito Santo, uma amostra específica para o fim de aprofundar a análise da vitalidade linguística do Hunsrückisch no plurilinguismo local dessas comunidades, focando os seguintes aspectos:

- a) nº de falantes e de línguas faladas;
- b) aquisição do Hunsrückisch (“primeira língua aprendida”, “língua materna”);
- c) relação da aquisição, proficiência e manutenção entre Hunsrückisch e português;
- d) grau de retenção da “língua materna”;
- e) transmissão da língua inventariada para a geração dos filhos e netos;
- f) habilidades de uso oral e escrito;
- g) domínios de uso (serão considerados na seção 3.4, com a análise do conjunto da área de referência do Inventário);
- h) por fim, foram coletadas sugestões para o futuro da língua que serão consideradas no capítulo final).

A base para a constituição dessa amostra de dados foi o questionário individual (QI), aplicado a partir de um planejamento prévio em diferentes pontos da localidade, abrangendo homens e mulheres de diferentes faixas etárias, exceto crianças menores de 6 anos (idade mínima para definição de falante de uma língua conforme critérios de pesquisas censitárias – v. SEIFFERT, 2014), residentes no centro e em bairros ou localidades identificadas como as que concentravam grande número de falantes do Hunsrückisch ou outra variedade do alemão. A amostragem assim construída não representa percentuais de nenhuma localidade, motivo pelo qual não oferece base para generalização. No entanto, os critérios adotados para o recorte geodemográfico nos possibilitam acessar dados representativos das condições atuais das línguas em cada município, proporcionando uma aproximação ao perfil sociolinguístico dos falantes e ao contexto mais amplo do uso das línguas nas diferentes localidades.

Trazemos, neste tópico, sínteses das respostas colocando em evidência aspectos que consideramos significativos para o planejamento de políticas linguísticas pelas comunidades e gestores. Os contatos prévios com gestores dos municípios e a participação, na equipe, de falantes locais, possibilitou apoio e acesso às famílias e ao interior dos municípios, tendo como consequência a

composição de um universo de pesquisa muito produtivo para os objetivos do Inventário. Ao final, chegou-se a um total de **602 questionários** respondidos e que seguem a premissa da autodeclaração. Sua distribuição por idade e gênero, nos 06 pontos de pesquisa considerados, pode ser vista na tab. 7 abaixo.

Tab. 7 – População por idade e gênero nos pontos pesquisados⁸⁵

	SC06		SC03		SC01		SC02		ES01		ES02		TOTAL	
	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
3 a 10 anos	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	2
11 a 20 anos	12	12	0	0	12	6	0	0	9	8	1	1	34	27
21 a 30 anos	21	16	0	1	6	11	1	1	5	6	1	0	34	35
31 a 40 anos	17	20	5	1	5	6	1	1	8	5	2	2	38	35
41 a 50 anos	17	9	4	12	8	11	3	5	7	5	2	4	41	46
51 a 60 anos	12	14	14	8	9	9	2	0	15	10	0	0	52	41
+61 anos	13	20	48	33	13	15	11	7	18	11	8	5	111	91
sem resposta idade			2	1		2			4	1			6	4
Sub-total	92	92	73	56	54	60	18	15	66	46	14	12	317	281
sem resposta idade e gênero	4													
Total	188		129		114		33		112		26		602	

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBrI – M = mulher, H = homem

Como mostra a tabela, o universo pesquisado contempla aproximadamente o mesmo número de homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, com predomínio de pessoas com mais de 60 anos. A ausência de crianças decorre da própria forma pela qual a pesquisa foi realizada, com pouco tempo de estadia em cada lugar. Em SC02 - Ituporanga e em ES02 - Santa Leopoldina, o número de entrevistados foi menor. Neste último caso, essa redução se deveu à distância entre uma localidade e outra, todas localizadas no interior do município, reduzindo nosso tempo de trabalho. Em Ituporanga, houve igualmente pouco tempo e pouca acessibilidade aos falantes.

O Guia INDL (IPHAN, 2014a) propõe uma interpretação sociocultural para as diferentes faixas etárias, com a qual podemos fazer a seguinte aproximação:

⁸⁵ Apresentaremos nas tabelas os números absolutos comentando a proporção ou percentual sempre que necessário. Essa opção se deve ao fato de lidarmos com ocorrências de respostas que perfazem subtotais e totais diferentes a cada vez, o que levaria a explicar a base de cálculo a cada vez. Essa variação pode mais confundir que esclarecer a análise proposta.

**Tab. 8** – População pesquisada conforme as categorias socioculturais do Guia do INDL

Categoria sociocultural	Guia INDL	IHLBrI	Total
Criança	0 a 12 anos	0 a 10 anos	3
Adolescente e adulto antes de casar	13 a 25 anos	11 a 20 anos	61
Adulto casado com filho	26 a 40 anos	21 a 40 anos	142
Após primeiro filho casar	41 a 60 anos	41 a 60 anos	180
Com netos	Acima de 61 anos	Acima de 61 anos	212
Sem indicação de idade			10
Sem indicação de idade e sexo			4
Total			602

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBrI

Os falantes entrevistados com menos de 20 anos e solteiros formam o menor grupo. Por outro lado, a expressiva participação dos que estariam casados e com filhos e netos fornece uma boa base para identificarmos o índice de transmissão intergeracional da língua, um dos mais importantes indicadores de sua vitalidade.

De acordo com as respostas dadas, a grande maioria nasceu no município em que mora: 71% em SC06 - São João do Oeste, 73,6% em SC03 - Piratuba e Ipira, 77,2% em SC01 São Pedro de Alcântara, além de 72,3% em SC02 - Ituporanga, 78,6% em ES01 - Marechal Floriano e Domingos Martins e 61% em ES02 - Santa Leopoldina. Os demais participantes quase sempre nasceram em localidades próximas e passaram a viver no atual município, sobretudo por terem se casado com pessoas locais.

As informações sobre o local de residência dos entrevistados remetem, portanto, a diferentes municípios próximos ao da coleta e também aos distintos bairros desse município, muitos dos quais foram visitados pelas equipes. Listamos essas informações na tab. 9, organizada por ponto de pesquisa e por Estado.

Tab. 9 – Local de residência dos participantes da amostra

PONTO	MUNICÍPIO	BAIRRO	N.Q.	BAIRRO	N.Q.
SC01 Total: 114	Aguas Mornas	Primeira Linha	1	Segunda Linha	1
		Santa Isabel	1		
	Angelina	Alto Garcia	1		
	Antonio Carlos	Canudos	1	Santa Maria	1
		Egito	5		
São Pedro de Alcântara	Centro		9	Morro da Gloria	1
		Barro Branco	25	Rio Forquilhas	24
		Boa Parada	1	Rio Forquilhas Alto	17
		Campo de Concentração	1	Rio Forquilhas Baixo	17
		Campo de Demonstração	1	Rio Forquilhaínas	1
		Invernada	5	Sem dado	1
SC02 Total: 33	Ituporanga	Alto Águas Negras	1	Rio Batalha	18
		Centro	6	Salto Grande	5
		Cerro Negro	1	Santo Antonio	1
		Paulo Franca	1		

(Continua)

PONTO	MUNICÍPIO	BAIRRO	N.Q.	BAIRRO	N.Q.
SC03 Total: 129	Ipira	Linha Filadelfia	25	Centro Linha São Luiz 15 de Agosto	34 1 1
		Linha dos Pintos	12		
		Linha dos Estudantes	3		
	Piratuba	Balneário	1	Lajeado Mariano	2
		Boa Vista Centro	1 41	Linha Hachman	5
Ouro	Pinheiro Baixo	1	Pinheiro Baixo	1	
São Paulo	São Paulo	1	São Paulo	1	
Capinzal	Loteamento Parizotto	1	Loteamento Parizotto	1	
SC06 Total: 188	Chapecó	não informado	1	não informado	1
	Iporã do oeste	Linha São Lourenço	1	Novo Horizonte	1
		Centro	2		
	Itapiranga	Santa Izabel	2	Linha Sto Antonio	1
		São Lucas	1	Centro	1
Sta Tereza Alto		1	Linha Beleza	1	
Mondaí	Bela Vista	1	Bela Vista	1	
São João do Oeste	Afonso Grasse	1	Linha Cristo Rei	3	
	Beato Roque	1	Linha Ervalzinho	2	
	Centro	124	Linha Fortaleza	2	
	Cristo Rei	4	Linha Itaipu	2	
	Estrada Geral Fortaleza	1	Linha Jabuticaba	3	
	Estrada Geral para	2	Linha Macuco	1	
	Medianeira	7	Próximo às Termas	1	
	Harmonia	13	Rua Padre Luis Veunan	1	
	Interior	1	Ruschel	1	
	Linha Alto Macuco	1	Santa Cruz	1	
	Linha Beato Roque	3	SC 496	1	
ES01 Total: 112	Domingos Martins	Boa Esperança	2	São Miguel	1
		Centro	7	São Bento do Chapéu	21
		Nova Almeida	9	São Bento	7
		Pena	1	Soido de Cima	1
Vila Velha	Santos Dumont	1	Santos Dumont	1	
Marechal Floriano	Boa Esperança	34	Santa Rita	2	
	Centro	12	Soido de Baixo	8	
	Nova Almeida Santa Maria	1 1	Soido de Cima	1	
Sem Município	BR 262 km 52 serraria Kiefer	1	Tires Veloso Neli	1	
		1	Sem bairro	1	
ES02 Total: 26	Santa Leopoldina	Caioba	1	Luxemburgo	3
		Caramuru	2	Rio Das farinhas	3
		Centro	6	Rio do Norte	5
		Cocal	1	Sem dados de bairro	5

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBri

A amostra contemplou o centro das cidades e os bairros ou distritos mais rurais, reconhecidamente habitados por falantes. Por essa razão, as coletas no centro se deram como um bairro a mais, como se pode ver pelos itens selecionados na tab. 9. A exceção é São João do Oeste, em que grande parte dos entrevistados são do centro, porque a pesquisa coincidiu com uma festa alemã e muitos que ali estavam responderam ao questionário. Nessa ocasião, verificou-se que o Hunsrückisch ou “alemão daqui” é cotidianamente falado, sendo, inclusive, um critério para contratação de funcionários no comércio da cidade. Com esta observação, pretendemos situar o diferencial da coleta nesse município e reafirmar a necessidade de aprofundamento das pesquisas sobre os



usos das línguas nos espaços mais urbanos. Muitos estudos têm demonstrado que a urbanização tem sido um fator determinante da perda linguística, já sinalizado na seção anterior e observado no censo realizado em Antonio Carlos (cf. MORELLO & SEIFFERT, 2017).

Outro fator considerado nesta amostra baseada no questionário individual é o papel da escolaridade, aqui distinguida em três graus: concluído (C), em conclusão (EC), para os que ainda estudam, e interrompido (INT), para os que por algum motivo interromperam os estudos, antes de concluir o ciclo.

Praticamente a metade dos entrevistados nos 06 pontos da amostra tem o ensino fundamental: 298 estudaram até a antiga 8ª série e 10 fizeram cursos concentrados pelo sistema de Educação de Jovens e Adultos. Dos demais participantes da pesquisa, 20% (121 respostas) frequentaram o Ensino Médio, 16% (97) a Graduação, e 1,6%, cursos técnicos. Por fim, 34 dos entrevistados (5,6%) acessaram cursos de Pós-graduação. Resulta que em torno de 70% dos que participaram da pesquisa frequentaram a escola até no máximo o Ensino Médio,⁸⁶ o que historicamente tem sido uma realidade para os que vivem em zonas rurais do país. A maior concentração de pessoas com Graduação e Pós-graduação localiza-se em São João d'Oeste. Esse fato pode estar relacionado à própria coleta, que abordou principalmente as pessoas do centro da cidade (124 dizem que moram no Centro, de um total de 188 entrevistas).

Tab. 10 – Escolaridade dos participantes da amostra

Escolaridade	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
C - educação de jovens e adultos (eja)	1	2	0	0	1	0	4
Ec - educação de jovens e adultos (eja)	0	1	0	0	2	0	3
Int - educação de jovens e adultos (eja)	0	0	3	0	0	0	3
C - fundamental (1ª a 4ª)/antigo primário	12	59	46	12	39	5	173
Ec - fundamental (1ª a 4ª)/antigo primário	1	0	0	0	1	0	2
Int - fundamental (1ª a 4ª)/antigo primário	4	9	13	0	6	0	33
C - fundamental (5ª a 8ª)/antigo ginásio	12	18	6	2	14	1	53
Ec - fundamental (5ª a 8ª)/antigo ginásio	3	1	7	0	11	1	23
Int - fundamental (5ª a 8ª)/antigo ginásio	7	5	2	0	1	0	15
C - ensino médio / 2º grau/ antigo científico, clássico, normal	47	15	12	7	13	3	97

(Continua)

86 Nas entrevistas do ALMA-H, o critério da escolaridade corresponde à dimensão diastrática de análise da variação linguística, que inclui dois parâmetros: Ca = ensino superior; Cb = até Segundo Grau, com ocupação que não exija o uso da escrita. Como essa dimensão é combinada com a dimensão diageracional, o ALMA-H foi obrigado a elevar o critério da escolaridade para Cb, pois na ampla maioria dos pontos de pesquisa não encontrou jovens falantes de Hunsrückisch (GI = 18 a 26 anos) com escolaridade inferior ao Segundo Grau completo. Diferente é a situação na geração mais velha (GII = acima de 50 anos). Muitos falantes CbGII da área rural, pode-se dizer a maioria, estudaram até a 4ª série. É preciso, portanto, considerar a escolaridade em relação à faixa etária e à geração.



Escolaridade	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Ec - ensino médio / 2º grau/ antigo científico, clássico, normal	3	0	6	2	3	0	14
Int - ensino médio / 2º grau/ antigo científico, clássico, normal	4	0	4	0	2	0	10
C - profissionalizante/pró-jovem/Pronatec	1	0	0	0	0	0	1
Ec - profissionalizante/pró-jovem/Pronatec	1	0	0	0	0	0	1
Int - profissionalizante/pró-jovem/Pronatec	0	0	0		0	0	0
C - graduação/ensino superior/faculdade	42	9	7	0	5	1	64
Ec - graduação/ensino superior/faculdade	22	1	0	1	4	2	30
Int - graduação/ensino superior/faculdade	1	0	1	0	1	0	3
C - pós-graduação	22	5	0	0	6	0	33
Ec - pós-graduação	1	0	0	0	0	0	1
Int - pós-graduação	0	0	0		0		
C - curso técnico	4	3	0	0	0	0	7
Ec - curso técnico	2	0	0	0	0	0	2
Int - curso técnico	1	0	0	0	0	0	1
Ec - internato ou seminário	0	0	0	0	0	0	0
Não concluiu qualquer curso	0	0	6	0	1	0	1
Nunca estudou em escola	0	1	0	0	1	3	5

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBri

Em relação à religião, observa-se uma correlação entre a confissão religiosa e seu predomínio em determinada territorialidade. Assim, no total, a amostra possui em todas as localidades uma proporção similar de católicos e protestantes (Luterana IECLB ou IELB), com exceção de SC06 - São João do Oeste, onde quase a totalidade da população declarou ser católica. Esse fato se liga à história da ocupação da região. Os primeiros imigrantes dirigiram-se inicialmente para Itapiranga. Quando São João do Oeste foi fundada, a igreja católica tomou conta da vila e priorizou a vinda de migrantes católicos. A tabela a seguir resume a distribuição dos participantes do conjunto da amostra, conforme a religião declarada.

Tab. 11 – Religião dos participantes da amostra

Religião	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Católica	183	20	36	8	14	15	277
Luterana IECLB	2	76	74	13	48	10	223
Luterana IELB	0	7	1	10	43	0	61
Episcopal Anglicana	0	22	0	0	0	0	22
Espírita/Kardecista	0	2	2	0	0	0	4
Sem religião/Ateu	2	0	0	0	2	0	4
Outra	1	2	1	2	5	1	12
	188	129	114	33	112	26	602

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBri



Definida a base sociológica dos participantes da amostra, constituída para focar com mais atenção os aspectos da aquisição e transmissão da língua inventariada, passamos à análise do plurilinguismo desses participantes, em especial no que se refere ao conhecimento do Hunsrückisch. Três questões principais do questionário orientaram essa análise: a) Quais línguas fala? b) Em que língua aprendeu a falar? e c) Das línguas que aprendeu a falar, quais delas ainda fala? Com essas três perguntas, buscamos identificar o lugar do Hunsrückisch e sua vitalidade em relação ao contexto, conforme uma caracterização [+monolíngue] ou de contato [+plurilíngue], isto é, com mais de uma língua compartilhando o referido espaço.

3.3.1 As línguas faladas

A pergunta sobre “quais línguas o entrevistado falava” foi formulada desta forma, como pergunta aberta, para não direcionar a resposta e permitir o aparecimento da realidade plurilíngue local. O Hunsrückisch, com 438 respostas, e o português, com 599 respostas, foram indicados em todos os seis pontos, como as línguas mais faladas. No entanto, como já se viu na seção 1.1.3, a partir dos levantamentos do ALMA-H, para uma rede de pontos consideravelmente mais ampla, de 41 localidades, se consideramos que as designações *alemão daqui*, *Plattdeutsch*, *Deitsch*, *Dialeto*, *Hochdeutsch* e *Alemão Alto* de certo modo podem significar a mesma língua Hunsrückisch, o número de vezes em que a língua por nós inventariada foi mencionada chegaria a 654 ocorrências, ultrapassando o número de ocorrências da resposta *português* (= 599). Este dado aponta não apenas que o Hunsrückisch teria uma vitalidade linguística relativamente estável, como também confirma a consciência dos falantes sobre sua identidade linguística.

Tab. 12 – Quadro de respostas à pergunta “Quais línguas você fala?”

Língua respondida	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Português	188	129	112	33	112	25	599
<i>Hunsrückisch</i>	145	117	73	10	88	5	438
Alemão daqui	28	4	39	13	2	15+4	213
<i>Hochdeutsch</i>	26	9	4	10	19	6	84
Alemão alto						1	1
Pomerano		1			17	12	30
<i>Platt(deutsch)</i>	3	2	21	1		2	29
Alemão baixo					1		1
<i>Kaffeepflücker</i>			17(*)				17
Dialeto			5				5
<i>Deitsch</i>						2	2
Tirolês						1	1
Outra	3	2	10		3	1	19
Não sabe	27	5	13	6	2	6	59

(*) 14 indicado como alemão daqui e 03 como outra.

(Continua)

Língua respondida	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Alemão adaptado	1						1
Alemão do mato			1				1
Comum	1						1
Inglês	2	1	4				7
Espanhol	1		2		1		4
Dialeto italiano/Italiano	1	1			1		3

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBri

A tabela acima traz ainda uma outra indicação relevante para o planejamento de políticas linguísticas: a ocorrência de uma terceira língua de forma recorrente em três municípios, a saber: *Kaffeepflücker*, em SC01 - São Pedro de Alcântara, e Pomerano, em ES01 - Marechal Floriano e ES02 - Santa Leopoldina. Na seção 1.1.2, já fizemos alusão a essa diversidade linguística local. Em termos de ações futuras de promoção linguística, essas áreas colocam uma heterogeneidade e um patrimônio cultural imaterial que precisam ser respeitados e incluídos em uma concepção que queira ser verdadeiramente plurilíngue. O mesmo vale para o número significativo de 84 respostas para o Hochdeutsch, que, em alguns casos, como já se comentou, também remete à língua que estamos inventariando, o Hunsrückisch, pois, se observarmos atentamente os dados da tabela acima, são justamente os pontos ES01 e ES02 que apresentam o maior número de ocorrências para essa língua. Para os pomeranos de Rio do Norte, por exemplo, ao ouvirem o Hunsrückisch do entrevistador, se referiam a ele como falante de *Hochdeutsch*. Hochdeutsch não pode, portanto, ser confundido aqui com o alemão *standard*. O que se quer dizer é a norma local do Hochdeutsch, que Schmidt & Herrgen (2011) chamam de *landschaftliches Hochdeutsch*.

O grande número de designações para o mesmo objeto de análise – a língua que falam – mostra as dificuldades metodológicas que um censo linguístico impõe. “Como saber que o que o recenseado diz que fala é o que eu acho que fala?” Já debatemos essa questão ao início. Aqui, a sentimos na prática de pesquisa, com as diferentes denominações possíveis para a mesma língua. E não só isso: também denominações iguais para línguas diferentes ocorrem nessa diversidade (os conceitos de *Plattdeutsch* e *Hochdeutsch* são um exemplo). É uma questão às quais futuros estudos devem dar uma atenção especial. Para o presente Inventário, o foco da amostragem recai sobre o grau de presença e manutenção da língua inventariada, para o quê manteremos a perspectiva da autodenominação e a possibilidade, do ponto de vista histórico, das denominações *Hunsrückisch*, *alemão daqui*, *Hochdeutsch* e *Platt(deutsch)* remeterem ao mesmo objeto de referência, o Hunsrückisch. Desse ponto de vista, podemos avançar em considerações sobre o modo de aquisição e de transmissão das línguas.

3.3.2 As línguas em que aprendeu a falar

Quando indagamos sobre a língua em que aprendeu a falar, a situação se inverte completamente e é o Hunsrückisch que aparece nitidamente em primeiro lugar, juntamente com as ocorrências para *alemão daqui*, *Platt(deutsch)* *Hochdeutsch* e *dialeto*. Esta constatação justifica a defesa (de muitos gestores de línguas) do conceito de “língua materna”. Este conceito – sem ignorar eventuais críticas que se atribui a ele – tem o mérito de acentuar 1) a ordem de aquisição da língua e 2) a afetividade que evoca (ALTENHOFEN, 2002; SKUTNABB-KANGAS, 1988). As línguas de imigração, como as demais línguas minoritárias do plurilinguismo brasileiro, além do conhecimento que expressam e da história sociocultural que guardam, tem seu maior valor na identidade e afetividade que representam para seus falantes, devido ao modo de aquisição, que se dá prioritariamente em família e de forma precoce. Os benefícios cognitivos dessa aquisição são constantemente replicados nas pesquisas psicolinguísticas (BANDEIRA, 2010; 2014; GEWEHR-BORELLA, 2010; BILLIG, 2014; LIMBERGER, 2018).

O quadro da tabela a seguir deixa claro que o Hunsrückisch é aprendido na infância como “primeira língua”, assim como as demais línguas de imigração mencionadas. Em SC06 - São João do Oeste, esse índice chega a 90%, em SC03 - Piratuba/Ipira, a 92%, SC01 - São Pedro de Alcântara 80%, SC02 - Ituporanga 81%, ES01 - Marechal Floriano/Domingos Martins 61% e, por fim, ES02 - Santa Leopoldina 75%. Evidentemente, esses índices têm de ser vistos com parcimônia, para ter validade no conjunto da área investigada. O que, no entanto, fica claro é que, quando uma língua de imigração é aprendida, normalmente é a primeira língua e, conseqüentemente, também a língua da família. É por isso que falamos mais em aquisição do que em aprendizagem. É essa condição que lhe confere vitalidade linguística: a transmissão diageracional. Fica a pergunta, se continuará a ser assim no futuro e se existem formas de alguém aprender o Hunsrückisch de outra maneira, por exemplo através do ensino e da aprendizagem.

Tab. 13 – Quadro de respostas à pergunta “Em que língua você aprendeu a falar?” (ou qual foi a primeira língua que você falou?)

Língua respondida	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
<i>Hunsrückisch</i>	134	112	59	10	77	4	396
Alemão daqui	28	5	37(*)	14	2	11	97
Português	28	9	24	5	44	7	95
<i>Hochdeutsch</i>	7	5	1	6	8	1	28
<i>Platt(deutsch)</i>	3	1	16	1		1	22
Pomerano					10	9	19
<i>Kaffeepflücker</i>			17				17
Dialeto			3				3
Talian					1		1
Outra		1	4*			1	6

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBrI



O quadro acima confirma também, em outras palavras, que a entrada do português, ao menos nesta amostragem, ocorreu mais tarde, especialmente com o ingresso na escola. Mas essa entrada não foi capaz de deslocar a língua adquirida, conduzindo a situações de bilinguismo ou plurilinguismo que ainda se mantêm, como mostra a tabela a seguir.

3.3.3 Das línguas que aprendeu, quais ainda fala?

Conforme mostra a tab. 14, praticamente todas as línguas aprendidas ou adquiridas como primeira língua continuam sendo usadas. Os dados da amostragem indicam, portanto, um alto índice de retenção linguística, sobretudo para as gerações com 60 anos ou mais. O que muda é o aumento do uso do português, tanto por esses falantes se tornarem bilíngues ou plurilíngues, quanto pelo aumento da presença do português na comunidade, com o passar do tempo.

Tab. 14 – Quadro de respostas à pergunta “Das línguas que você aprendeu a falar, quais delas você ainda fala?”

Língua respondida	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Português	146	111	105	25	95	13	495
<i>Hunsrückisch</i>	137	114	65	10	80	4	400
Alemão daqui	28	4	37	13	2	13	97
<i>Hochdeutsch</i>	11	7	6	9	9	4	46
Pomerano					15	11	26
<i>Platt(deutsch)</i>	3	1	16	1		2	23
Dialeto			3				3
<i>Kaffeepflücker</i>			17				
Talian					1		1
Espanhol	1				1		1
Outra	2	2				1	15

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBri

De modo específico, podemos dizer que, a partir das informações coletadas, projetam-se dois contextos em relação às línguas declaradas: i) um contexto majoritariamente bilíngue, com dominância do *Hunsrückisch* e do português, observado em SC06 - São João do Oeste, SC03 - Piratuba/Ipira e em SC02 - Ituporanga, e ii) um contexto plurilíngue, com usos também do *Kaffeepflücker* em SC01 - São Pedro de Alacântara, e do pomerano, em ES01 - Marechal Floriano/Domingos Martins e ES02 - Santa Leopoldina. No caso de Santa Leopoldina, chama a atenção o fato de não haver dominância de uma língua sobre a outra, gerando uma rede de plurilinguismo horizontalizado. Como afirmado anteriormente, neste volume, são comuns nesse contexto casamentos entre falantes de diferentes línguas, além de pessoas que comentam com orgulho que falam ao menos três línguas.

Contudo, a supremacia que o português exerce como língua oficial e única língua de ensino reconhecida pelo Conselho Nacional de Educação, aliada à ausência histórica de uma perspectiva política para a promoção do plurilinguismo no Brasil, faz com que muitos jovens e crianças já tenham o português como primeira língua, em detrimento da língua de origem da família, como se poderá constatar no tópico a seguir, sobre as línguas usadas nas casas e sua respectiva transmissão à nova geração.

3.3.4 As línguas faladas em casa e sua transmissão para os filhos

Considerando que a relação familiar, e portanto, o âmbito da casa constitui um pilar da transmissão do Hunsrückisch, indagamos sobre as línguas ali usadas. A tab. 15 mostra um certo equilíbrio entre português (366 ocorrências) e Hunsrückisch (335 respostas), contrariamente aos resultados anteriores que davam a ideia de uma grande vitalidade do Hunsrückisch, pois a ampla maioria o aprendeu na família. Se somarmos as ocorrências para o conjunto das denominações *alemão daqui*, *Hochdeutsch*, *Platt[deutsch]*, *dialeto* para a língua inventariada, teríamos 454 ocorrências, fato que, embora indique aumento dos seus índices de usos na casa, não significa um uso majoritário da língua de imigração nesse ambiente. De fato, o que se tem aqui é já uma forte presença do português nas relações familiares.

Tab. 15 – Línguas faladas em casa

Língua respondida	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Português	94	82	55	28	96	21	366
<i>Hunsrückisch</i>	127	87	59	9	50	3	335
Alemão daqui	25		29	9	2	9	74
<i>Hochdeutsch</i>	8	2	2	6	5	3	26
<i>Platt(deutsch)</i>	2	1	16			1	19
<i>Kaffeepflücker</i>			17				17
Pomerano					8	7	15
Dialeto			3				3
Outra			3				3
Não se aplica		1	1		1	1	4
Total	256	173	185	53	162	45	862

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBrI

Se a aquisição da língua Hunsrückisch, como das demais línguas presentes, tradicionalmente se deu e se dá na família, onde por muito tempo dominou soberanamente, agora ela se divide com o português que começa a ocupar também os espaços da família. Se a família não gerir o seu bilinguismo Hunsrückisch-português como um benefício para a criança, com vantagens cognitivas e sociais

para seu futuro, a tendência é a perda desse bilinguismo. Em matéria de aquisição bilíngue, diríamos que antes ela se dava no modelo “um ambiente, uma língua”, sendo o Hunsrückisch adquirido em casa e o português “nas relações sociais e na escola”. Com a entrada do português, esse modelo terá de ser revisto, para uma modalidade que comporte “um ambiente, duas línguas”. Isso é possível (ROMAINE, 1995. [1989], cap. 5). Os falantes terão de gerir esse uso compartilhado do espaço por mais de uma língua.

Na sequência, para quem afirmou usar o Hunsrückisch em casa, indagamos com quem cotidianamente fala nessa língua, ou seja, procuramos reunir subsídios sobre o papel do interlocutor. A existência de interlocutores falantes é que mantém o uso da língua. Em casamentos mistos, por exemplo, quando “um não fala”, há uma tendência de os pais optarem pelo uso exclusivo do português como “língua comum” (posição que, no passado, na nossa hipótese, era ocupada pelo Hunsrückisch, no contato entre diferentes variedades do alemão – ver cap. 1). Mesmo assim, o fato de ambos os cônjuges falarem a língua ainda não dá garantias plenas de que eles a falem com os filhos e os netos. A tab. 16 mostra, neste sentido, um decréscimo na transmissão diageracional e uma relativa manutenção na mesma geração, na interação entre cônjuges, em que ambos são falantes da língua.

Tab. 16 – Com quem fala o Hunsrückisch em casa?

Língua respondida	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Cônjuge	88	63	53	18	29	9	260
Filhos	74	35	43	8	23	8	191
Netos	13	5	10	1	2	1	32

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBri

O fato de os netos deixarem de aprender e de usar a língua constitui um indicador de perda geracional da língua que vem se acelerando nos últimos anos e constituem por isso um desafio para as políticas de revitalização. Sabemos que as gerações mais jovens, incluindo as crianças, têm sido expostas a processos de formação e de aquisição de línguas ligados não mais e centralmente ao núcleo familiar. O uso das tecnologias de comunicação e informação permite acessos e intercâmbios linguísticos de muitas e diferentes ordens, e novas profissões valorizam línguas mais centrais e trazem para dentro de casa línguas que antes ficavam distantes, como o mandarim, o coreano, etc. Esse cenário interfere na forma pela qual as línguas são ensinadas e transmitidas. Para os falantes das línguas brasileiras resultantes de processos de imigração de países europeus, como é o caso do Hunsrückisch, além dessas dinâmicas, há a presença do alemão *standard* como língua de ensino e aprendizagem e de formação nos cursos superiores que se apresentam como possibilidade de ensino/aprendizagem em lugar da sua língua local. A partir dessa hipótese, incluímos em nossa investigação também o alemão

standard (também com as denominações *alemão padrão* e *alemão gramatical*), na terminologia dos entrevistados, visando a diagnosticar a sua situação nesse âmbito de transmissão das línguas. Essa pergunta foi feita toda vez que o entrevistado afirmou falar “também o alemão gramatical”.

3.3.5 Sobre a transmissão e aprendizagem do Hunsrückisch e do alemão padrão

A pergunta formulada foi a seguinte: “Seus filhos e/ou netos aprenderam ou estão aprendendo X língua?” Com essa formulação, pretendemos abarcar a avaliação que o entrevistado faz da situação, e que pode envolver a aprendizagem da língua em outros espaços além da casa. A análise orientou-se, no entanto, por dois critérios preliminares.

Uma primeira situação diz respeito ao alemão gramatical ou padrão, que um número reduzido de pessoas da amostra declarou usar. Em caso afirmativo, acessaram a língua em estudos universitários, cursos de língua ou para ter uma profissão, como no caso de pastores. Parte desse grupo são jovens, razão pela qual é grande o número de ocorrências para “não se aplica”. Uma segunda situação diz respeito aos usos das línguas por filhos e netos conforme a declaração de quem tinha filhos e/ou netos. Neste caso, por restrições tecnológicas que condicionaram a pesquisa, não realizamos uma caracterização por indivíduo, ou seja, marcando a língua aprendida por cada filho(a) ou neto(a). Diante dessa dificuldade, optamos por fazer uma anotação geral por abrangência: i) *sim, todos*; ii) *sim, parte* e iii) *não*. Ou seja, não realizamos uma caracterização por indivíduo⁸⁷. Foi comum ouvirmos comentários como: “*todos os filhos mais velhos sabem, mas os mais novos não*”. Ou algo como: “*meus netos vivem longe e os pais não falam mais*”. Consideramos, de fato, que seria salutar uma pesquisa mais aprofundada e *a posteriori* sobre usos geracionais das línguas. Mas para os objetivos do IHLBrI, nosso foco foi observar a percepção que pais e avós manifestam sobre o aprendizado ou não da sua língua de origem e do alemão gramatical pelos filhos e netos. Vejamos, inicialmente, os resultados em relação à(s) “língua(s) de casa”:

Tab. 17 – Respostas à pergunta “Seus filhos aprenderam/estão aprendendo a falar *Hunsrückisch* e alemão daqui, *Plattdeutsch*, dialeto e *Hochdeutsch* em casa?”

FILHOS aprenderam/aprendem	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim, todos	42	55	46	8	25	2	180
Sim, parte	6	21	11	8	14	3	63
Não	9	42	9	8	30	13	111
Não sabe	0	0	0	0	1	0	1
NÃO SE APLICA	26	8	30	8	38	8	118

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBrI

87 Dadas as restrições tecnológicas enfrentadas para esse levantamento, não se tornou possível anotar a informação sobre cada filho ou neto.

Tab. 18 – Respostas à pergunta “Seus netos aprenderam/estão aprendendo a falar *Hunsrückisch* e alemão daqui, *Plattdeutsch*, *dialeto* e *Hochdeutsch* em casa?”

NETOS aprenderam/ aprendem	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim, todos	8	4	21	1	3	0	37
Sim, parte	1	13	8	4	3	0	29
Não	5	68	8	12	23	5	124
Não sabe	0	0	0	0	2	0	2
NÃO SE APLICA	57	32	53	13	66	21	233

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Em relação ao *Hunsrückisch* e alemão daqui, *Plattdeutsch*, *dialeto* e *Hochdeutsch* (tab. 17 e 18) verificamos que há uma quebra forte na transmissão e no uso da língua de origem, entre as gerações. Chama atenção a diferença entre a maioria afirmar que todos os filhos ou parte deles sabem a língua, enquanto que muitos afirmam que os netos não sabem ou apenas uma parte sabe.

Quanto ao alemão gramatical ou padrão apresentado nas tabelas 19 e 20, é bastante generalizada a percepção de que nem os filhos nem os netos o aprenderam ou estão aprendendo. Chama a atenção que, mesmo em SC06 - São João do Oeste, município com ensino de alemão na escola, apenas 08 entrevistados consideram que todos os filhos sabem essa língua.

Tab. 19 – Respostas à pergunta “Seus filhos aprenderam/estão aprendendo a falar *alemão gramatical*, *padrão* em casa?”

FILHOS aprenderam/ aprendem	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim, todos	8	4	1	5	1	0	19
Sim, parte	1	2	0	1	4	1	13
Não	43	63	54	10	57	15	242
Não sabe	0	0	1	0	0	0	1
NÃO SE APLICA	31	49	42	16	42	10	180

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Tab. 20 – Respostas à pergunta “Seus netos aprenderam/estão aprendendo a falar *alemão gramatical*, *padrão* em casa?”

NETOS aprenderam/ aprendem	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim, todos	1	1	0	0	0	0	2
Sim, parte	1	1	3	2	0	2	9
Não	12	49	23	12	32	5	133
Não sabe	0	0	0	0	0	0	0
NÃO SE APLICA	58	60	64	15	72	19	288

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr



Tendo em vista as respostas e as restrições indicadas, podemos tecer duas considerações:

- 1) A aprendizagem do alemão gramatical ou padrão é pouco representativa, tanto na geração dos filhos como na dos netos. Há casos isolados.
- 2) Mesmo sendo o Hunsrückisch a língua de uso na família, ela não é mais, segundo a maioria dos entrevistados, aprendida pelos netos.

Confirma-se portanto, a indicação de uma perda intergeracional do Hunsrückisch, conforme indicado anteriormente quando abordamos com quem se fala a língua em casa. Podemos dizer que a possibilidade de aprender a respectiva norma *standard* do alemão – o alemão padrão – não é fator suficiente para frear a perda intergeracional da língua de casa que os dados estão indicando. Além disso, um outro fator também interfere na perda linguística – que se pode dizer é um “indicador de meio do caminho”: o português vem tomando o lugar da língua minoritária nas diferentes habilidades linguísticas de fala, escrita e leitura. Na seção 1.3.4, nós já havíamos mostrado como a substituição linguística ocorre aos poucos em pequenos passos, nas quais funções de uso da língua que antes foram do Hunsrückisch passam a ser assumidas pelo português, ou compartilhadas com o português, como no caso do *code switching*.

3.3.6 As proficiências em fala, compreensão, leitura e escrita nas línguas

Baseado na autodeclaração dos entrevistados, indagamos sobre as proficiências, focalizando a fala, compreensão, leitura e formas de escrita em português, Hunsrückisch e alemão *standard*. As respostas das tab. 21, 22 e 23 nos dão indicações importantes para o planejamento de políticas para o futuro da língua.

Tab. 21 – Indicadores de proficiência em português pelos participantes da amostra

2.1 com relação ao português, você:	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	total
não entende, não fala	0	0	2	1	0	0	3
somente entende, mas não fala	0	0	0	0	0	0	0
entende bem, mas fala somente algumas palavras	0	1	2	0	0	1	4
entende e fala o suficiente para manter uma conversa	1	2	7	0	0	0	9
fala fluente	83	60	35	9	58	15	260
fala e lê	1	0	0	0	1	0	2
fala, lê e escreve muito pouco	2	16	25	0	10	0	53
fala, lê e escreve bem	184	107	77	0	93	0	461
não quer responder	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Tab. 22 – Indicadores de proficiência em Hunsrückisch pelos participantes da amostra

2.2 em relação ao Hunsrückisch / alemão daqui, você:	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
não entende, não fala	7	0	1	6	11	2	27
somente entende, mas não fala	7	3	5	1	15	4	35
entende bem, mas fala somente algumas palavras	4	4	7	4	5	2	26
entende e fala o suficiente para manter uma conversação	19	9	13	2	5	1	49
fala fluente	93	83	79	17	62	15	349
fala e lê	27	19	2	1	4	0	53
fala, lê e escreve muito pouco	27	5	3	1	3	0	39
fala, lê e escreve bem	13	3	1		2		19
não quer responder	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Tab. 23 – Indicadores de proficiência no alemão *standard* pelos participantes da amostra

2.3 em relação ao alemão padrão, você?	SC06	SC03	S01	SC02	ES01	ES02	Total
não entende, não fala	9	15	9	5	26	7	71
somente entende, mas não fala	8	7	23	0	25	4	60
entende bem, mas fala somente algumas palavras	9	7	20	1	9	2	48
entende e fala o suficiente para manter uma conversação	35	27	24	10	18	4	118
fala fluente	19	11	6	3	12	5	56
fala e lê	2	0	2	6	0	1	11
fala, lê e escreve muito pouco	0	0	2	1	3	0	5
fala, lê e escreve bem	0	2	1	0	3	0	6
não quer responder	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

O que nos apontam as três tabelas?

Em relação às habilidades de uso do português (tab. 21), as seis localidades da amostra já se encontram em um estágio em que o português já é amplamente dominado pelos membros da comunidade de falantes dessas línguas. Mesmo assim, ainda se encontram mesmo que casos isolados de falantes abaixo da linha divisória de fala fluente em português, sobretudo em SC01 – São Pedro de Alcântara que apresenta 07 dos 09 casos.

Na proficiência em Hunsrückisch (tab. 22), pelo contrário, os casos abaixo dessa linha, somam 137 respostas. Surpreendentemente, o Hunsrückisch, por outro lado, aparece com 111 respostas acima da linha divisória da resposta “fala fluente”, abarcando portanto algum conhecimento de leitura e escrita na língua.

Essa informação que indica um papel da escrita na língua nos surpreende, visto que não identificamos um programa ou uma imprensa estabelecida em Hunsrückisch. Parece nascer da iniciativa dos falantes – com o auxílio de novas tecnologias – o uso escrito de sua língua, seja para a leitura, seja para a produção de textos.

Por fim, das três línguas comparadas, o alemão *standard* (tab. 23) – apresentado na entrevista como “alemão gramatical” – é a que revela o menor índice de proficiência pelos falantes entrevistados. Somente 56 declararam “falar fluente” esse alemão; o restante (297 respostas) possui uma proficiência inferior (não falam, nem entendem, ou só entendem e falam o suficiente para manter uma conversação – 118 casos). Chama a atenção o baixo índice de presença escrita do alemão *standard*: apenas 22 respostas. Em áreas de presença do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul esse índice é bem superior.

De modo geral, esses resultados corroboram a observação de que o Hunsrückisch é uma língua sobretudo falada, e indicam que há, no entanto, muitos que afirmam que já não a falam ou que a falam com dificuldade. E há uma indicação de pouca proficiência na leitura e escrita nessa língua, que parece ser ainda menor no alemão *standard*. Vale ressaltar que, dos 06 pontos pesquisados para esta amostra, apenas São João do Oeste oferece ensino regular de alemão. Mas, mesmo aí, o número de respostas para a habilidade de leitura e/ou escrita em alemão *standard* foram quase nulos. O que se percebe é que a identidade linguística com o Hunsrückisch é bastante saliente, segundo os resultados da tab. 22 (67 ocorrências acima da linha divisória de fala fluente).

Se levarmos em conta essas informações para o planejamento de um programa de ensino bilíngue, verificamos que o Hunsrückisch, nesta amostra dos pontos SC01, SC02, SC03, SC06, ES01 e ES02, tem uma base de oralidade maior que o alemão dito gramatical e goza das mesmas ou melhores condições de experiência com a escrita. Essa indicação contrária, portanto, o que tem sido adotado de modo majoritário nos municípios, ao introduzirem na escola a língua alemã nos moldes apenas do alemão padrão.

3.3.7 O que se lê e o que se escreve

Do quadro anterior, que buscou verificar aspectos da proficiência em Hunsrückisch, português e alemão *standard* para além de seu uso como língua de casa, ficou a pergunta sobre o que efetivamente é lido ou escrito nessas línguas. A tab. 24 abaixo dá um panorama das diferentes possibilidades. Pelas condições de aplicação do questionário, evidentemente não se pode tomar os índices como valores absolutos, válidos para toda a área de referência do Inventário. Nesta amostra de 06 pontos de SC e ES, o que está em jogo é verificar o que o comportamento linguístico dos falantes sinaliza para essa área⁸⁸.

88 Em relação ao pomerano, presente em ES01 e ES02, apenas um falante afirmou que lê e apenas um afirmou que escreve, motivo pelo qual não contemplaremos essa língua na discussão.

Chamamos a atenção para o uso da leitura e escrita em Hunsrückisch. Dos poucos que afirmaram ler, a maioria, ou 33% (68 ocorrências), o faz com textos da internet, e-mails, redes sociais, *WhatsApp*. Entre aqueles, em menor número, que afirmaram que escrevem nessa língua, a metade (45 ocorrências) o faz também nesses mesmos ambientes. Há, portanto, nesses dados, uma indicação de que esses âmbitos de uso da língua gerados pelas tecnologias de comunicação e informação podem ser importantes para políticas visando à ampliação dos usos da língua. Mas eles prescindem de um componente presencial que torne consciente as relações entre as línguas e o plurilinguismo de modo geral. Parece, então, que ações presenciais que coloquem o foco na preparação da língua para esses usos nas tecnologias e envolvam os falantes e instituições podem alavancar novos interesses pela língua, abrindo espaço de diálogo e formação especialmente entre os mais jovens.

Tab. 24 – Indicadores de proficiência no alemão *standard* pelos participantes da amostra

2.2.1 você lê em Hunsrückisch?	SC06	SC03	SC01	SC002	ES01	ES02	Total
Sim	97	48	23	2	26	6	202
Não	88	80	85	31	79	20	383
não quer responder	0	0	0	0	0	0	0
se sim, você costuma ler o que? (pode marcar mais de uma)	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Jornal	25	10	0	0	0	0	35
Livros	8	2	0	0	1	0	11
Revistas	9	1	2	0	1	2	15
folhetos de igreja	5	8	11	0	3	0	27
bíblia	4	2	11	1	1	2	21
calendários/folhinhas (com mensagens)	1	1	1	0	0	0	3
Bilhetes	0	2	2	0	11	0	15
listas, textos curtos, cotidianos	29	18	3	1	13	6	70
textos na internet	16	2	0		3		21
e-mails, redes sociais e whatsapp	39	2	0		16		47
não há / há pouco material para ler na língua	5	1	0		2		8
2.2.2 você escreve em Hunsrückisch?	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim	49	12	5	2	14	1	83
Não	137	114	103	31	87	25	497
não quer responder	0	0	0	0	0	0	0
se sim, o que você costuma escrever em Hunsrückisch? (pode marcar mais de uma)	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
receitas	3	1	0	1	0	0	5
listas de compras	0	1	0	0	0	0	1
notícias para jornais	0	0	0	0	0	0	0
artigos informativos	0	0	0	0	0	0	0
cartazes	0	0	0	0	0	0	0

(Continua)



textos acadêmicos, planos de aula	0	0	0	0	0	0	0
contos, folhetos de igreja, bíblia,	0	0	0	0	0	0	0
textos curtos, cotidianos	18	5	3	1	7	0	34
Piadas	2	0	0	1	0	0	3
textos na internet	2	0	0	0	0	0	2
e-mails, redes sociais, whatsapp	31	1	0	0	10	1	43
2.3.1 você lê em alemão padrão?	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim	31	27	22	11	38	9	138
Não	65	92	73	18	61	15	324
não quer responder	0	0	0	0	2	0	0
se sim, o que você costuma ler? (pode marcar mais de uma)	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Jornal	7	5	1	1	1	1	16
Livros	13	11	4	5	6	1	40
Revistas	14	4	5	0	5	5	33
folhetos de igreja	4	4	5	5	23	7	48
bíblia	5	3	10	2	9	3	32
calendários/folhinhas (com mensagens)	1	0	2	0	1	0	4
Bilhetes	3	1	2	0	1	0	7
listas, textos curtos, cotidianos	5	7	6	1	20	5	44
textos na internet	0	4	3	0	22	0	29
e-mails, redes sociais e whatsapp	0	3	1	0	21	0	25
não há / há pouco material para ler na língua	0	0	0	0	0	0	0
2.3.2 você escreve em alemão padrão?	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim	16	10	8	4	16	2	56
Não	80	110	85	25	63	22	385
não quer responder	0	0	0	0	0	0	0
se sim, o que costuma escrever em alemão padrão? (mais de uma resposta possível)	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
receitas	3	0	1	0	1	0	5
listas de compras	1	0	0	1	1	0	3
notícias para jornais	0	0	0	0	2	0	2
artigos informativos	2	0	0	0	2	0	4
cartazes	0	0	0	0	1	0	1
textos acadêmicos, planos de aula	2	1	1	0	1	0	5
contos, folhetos de igreja, bíblia,	1	0	0	1	2	0	4
textos curtos, cotidianos	8	6	6	2	7	0	29
Piadas	0	1	0	0	0	0	1
textos na internet	6	0	1	0	1	1	3
e-mails, redes sociais, whats app	9	1	1	2	3	2	18

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Voltaremos à questão da escrita mais adiante. Agora, é o momento de situar os diferentes âmbitos de uso do Hunsrückisch e analisar seu papel para a história e constituição do Hunsrückisch.

3.4 Domínios de uso tradicionais do Hunsrückisch

Um componente importante da vitalidade linguística de uma língua, além da existência de falantes que mantêm determinada proficiência em diferentes habilidades, é representado pelos diferentes âmbitos de uso dessa língua, isto é, os espaços em que ela ocorre na vida social de uma comunidade de falantes. Também a brasilidade da língua de imigração se constitui por esse viés. Como, para esta parte, voltamos a considerar o conjunto das comunidades de referência do Inventário, focamos nossa análise em dados de ordem mais qualitativa que incluem depoimentos dos falantes, coletados em campo por meio do roteiro de conversas espontâneas, levantamentos do mapeamento sociolinguístico, bem como de dados do questionário com foco no *locus* da entrevista, controlado pela equipe RS, e que equivalem, ao menos parcialmente, a determinado “âmbito de uso”. Os âmbitos de uso abordados aqui seguem a noção de *domain* ‘domínio’, de Fishman (1972, p. 20), na sequência que vai do domínio básico da família a domínios mais amplos e institucionalizados, como os espaços culturais.

3.4.1 As línguas da família: *das Deutsch von dehemm*

Na amostra de dados analisada para a questão da aquisição, transmissão e retenção linguística do Hunsrückisch, ficou evidente o papel imprescindível da família nesse processo. No entanto, esta constatação não é só da pesquisa. Entre os falantes, é comum ouvir que falam “*das Deutsch von dehemm*”, isto é, ‘o alemão de casa’. Este modo de se referir à sua língua não só reconhece a função desse alemão como língua da família e da intimidade, como também expressa que, na sua ótica, é “um alemão diferente” do que o âmbito público espera ouvir. Mas, se o Hunsrückisch é a “língua de casa”, a família é a “casa da língua de imigração”, onde se fala “à vontade, como quando se está em casa”. Consequentemente, também os espaços familiares se associam à língua, pois é onde se viveu a infância e onde se criaram as raízes de sua cultura. A casa é tão importante para o colono quanto a língua que dá vida a essa casa.

Essa percepção do valor da casa familiar para a língua é destacada em um texto da poetisa Lily Clara Kötz, de Igrejinha – RS (v. ENGELMANN, 2004, p. 358-360), em que a autora promove um diálogo entre três casas, de três gerações de famílias distintas, em que retrata as mudanças vividas por cada uma dessas casas, ao longo da história. O excerto a seguir, extraído desse diálogo, ilustra o que a observação do contexto dos hunsriqueanos nos tem mostrado:

2. *Haus: Na, das waren Zeiten! Sowas habe ich nicht mehr zu erleben brauchen. Ich erinnere mich nur, dass wir es schwer hatten während der beiden Weltkriege, als die deutsche Sprache verboten war und weder die Pfarrer noch die Gemeindeglieder die Landessprache ganz beherrschten.*

3. Haus: *Wie alt bist du denn schon, 2. Haus?*
2. Haus: *Ich wurde im Jahre 1914, mit dem der erste Weltkrieg begann, erbaut. Mein Erbauer war der jüngste Sohn aus diesem ehrwürdigen Nachbarhaus. Er brach die Steine zu meinen Mauern in seinem eigenen Steinbruch. Die Bretter kaufte er in Taquara, das Dutzend zu 14 Milreis. Ich kostete mit meinen 6 grossen Räumen den heute lächerlich geringen Betrag von 1 : 35 \$ 000.*
3. Haus: *Da habe ich aber eine ganze Stange Geld mehr gekostet, was mit der Inflation zusammenhängen mag, von der ich immer soviel reden höre. Ich bin von dem ältesten Sohn deines Erbauers, Haus 2, gebaut worden, dem wir heute alle drei gehören. Das war im Jahre 1946/47. Ich bin - wenn ich mich so mit euch beiden vergleiche – doch ein viel vornehmeres Haus! Bei mir gab es gleich eine Wasserleitung, und elektrisches Licht, wir haben ein Radio und einen Kühlschrank – ja wir könnten sogar ein Fernsehgerät haben, wenn wir nur wollten. Das habt ihr alle beide doch nicht gekannt, nicht wahr? Habt ihr denn wenigstens ein wenig Freude und Vergnügen in Euren Mauern gehabt, wenn es bei euch schon keine Bequemlichkeit gab?*⁸⁹

Fig. 27 – O espaço familiar no uso e na significação do Hunsrückisch



Fonte: Acervo ALMA-H

89 Tradução disponível em <http://sagadosalemaes.faccat.br/indexd.htm>: 2ª Casa: Puxa, que tempos eram esses! Uma coisa como esta eu nunca tive que presenciar. Eu só me lembro que eram tempos difíceis durante os anos das duas Guerras Mundiais, quando a língua alemã foi proibida e nem o pastor, nem os membros da comunidade dominavam a língua nacional. / 3ª Casa: Que idade tu tens, segunda casa? / 2ª Casa: eu fui construída no início da I Guerra Mundial, em 1914. Meu construtor era o filho mais novo desta venerável casa vizinha. Ele trouxe as

No diálogo acima, cada uma das casas representa a história de uma família. Nessa perspectiva, o conceito de *família* abarca, para os falantes de Hunsrückisch, um mosaico de personagens centrais: pais, avós, tios, filhos, primos, netos. A língua funciona aí como um elo de coesão e uma marca de pertencimento, formando, junto com as relações de parentesco, uma rede de comunicação própria. Sendo uma rede de comunicação bastante densa, cada família desenvolve, conforme a origem dialetal de seus membros, “um tipo particular de alemão ou Hunsrückisch”. É o que já se observou no estudo de Altenhofen (1996, p. 109), ao reconhecer nas comunidades pesquisadas a existência de *famílioletos* específicos. A noção de *famílioleto* já havia sido cogitada por Koch (1974, p. 49).

Com os estudos do ALMA-H e do IHLBrI, temos observado, porém, variedades ou variantes distintas conviverem dentro de uma mesma família, tornando difícil sustentar a noção de um *famílioleto* característico e homogêneo para o núcleo familiar. Se *famílioleto* for definido como o modo de falar original transmitido de geração em geração em uma família no sentido histórico-genealógico, “dos primeiros imigrantes até hoje”, talvez o conceito ainda se sustente. Contudo, na interação entre famílias – ou *famílioletos*, no sentido histórico – que falavam variedades diferentes do alemão, porque provinham de regiões diferentes na Alemanha, ocorreu um desenvolvimento linguístico variado em comunidades brasileiras formadas por imigrantes alemães. Essa interação deu-se em diferentes âmbitos de uso que ainda veremos, e que incluem a vizinhança, os casamentos entre membros de famílias diferentes, os negócios; enfim, as relações de amizade, de modo geral.

Fig. 28 – Foto de casamento e foto de família (RS07 – Harmonia)



Fonte: Acervo ALMA-H

pedras para construção das minhas paredes de sua própria pedreira. A madeira ele comprou em Taquara a 14 mil réis a dúzia. Eu custei, com meus seis grandes quartos o irrisório preço de Re 1:035 000. / 3ª Casa: Então eu custei uma pequena fortuna a mais, o que se deve provavelmente à inflação, da qual eu ouço sempre tanto falar. Eu fui feita pelo filho mais velho do teu construtor e proprietário, 2ª Casa! Isso foi nos anos de 1946/47. Eu sou se comparada a vocês – uma casa muito mais elegante! Eu já fui feita logo com instalações sanitárias e elétricas, nós temos um rádio e um refrigerador e poderíamos ter uma televisão se a gente quisesse. Isso vocês duas não conheceram, não é verdade? Vocês, pelo menos tinham um pouco de alegria e divertimento de suas paredes, considerando que não tinham nenhum conforto?



Em nossos levantamentos linguísticos, a variação no alemão falado por membros de uma mesma família é comum em determinadas comunidades, principalmente onde ocorreu o contato linguístico entre famílias originárias de diferentes regiões da Europa. Esta constatação chega em alguns casos a ser tão saliente, que a denominação correta para “alemão de casa” necessitaria ser usada no plural, como “línguas alemãs de casa”. O seguinte depoimento de falantes de RS19 - Panambi ilustra com clareza esse tipo de situação:

E1: *Dehemm hot dea Hunsrückisch gesproch?*

F1: *Ja, die Mamma, die hat Westfälisch gesproch, “Platt geküt... Platt kütn.”*

E1: *Ahã, unn dein Eltre [dirigindo-se a F2]? Hunsrückisch?*

F2: *Hunsrückisch ja, unn der Pappa so bissche Hollännisch, na, aber... aber wenicher.*

F1: *Mehr‘st Hunsrückisch.*

E1: *Unn bei eich... [dirigindo-se a F3]*

F3: *Is mehr Deutsch gesproch gewoot.*

E1: *Deutsch? Was fo Deutsch?*

F3: *Das Hochdeutsche, das richtiche Deutsch né. Die Mamma hot jo richtich Deutsch, Die Mama hot Deutsch gesproch, unn dass die de gotische Schrift, wie ma saht, unn die saht das, wie heisst die Schrift, die richtich Deutsch Schrift uff Deutsch?*

F2: *Ja, Gotisch.*

F3: *Das hat alles die sauwer ausgesproch, diese...*

E1: *Ja, dann woo, hier woore, de woore Westfäler, woore Pommer, woore Hunsrücker und woore, jetz gesoht [...] Schwobe, Hollänner, unn dann von allen.*

{F2: *Hollänner. Ja.*}

F1: *Die Mamma hat Westfälisch noch gesproch, das Plattdeutsche, como wie das Wott „ich hab’s gesacht“ soht ma uff Deutsch né. Uff Hunsrück sahn ich „ich hon’s gesoht“ né. Uff Schwäbisch „I henn’s no gseit“ unn uff die, wie die Mamma’s gesproch hot, „Ich häb’et secht“.* (RS19 – Panambi, Inf. CbGII, Quest. ALMA-H_AI)⁹⁰

O depoimento acima mostra que, na diversidade, o Hochdeutsch foi constantemente visto como a “língua correta” (que, no depoimento, a mãe falava). Mas uma outra mãe (de F1) também falava o vestfaliano e, por fazer parte da

90 Tradução: E1: Em casa vocês falaram Hunsrückisch? / F1: Sim, a mamãe, ela falava vestfaliano, *Platt geküt... Platt kütn.* / E1: Ahã, e teus pais [dirigindo-se a F2]? Hunsrückisch? / F2: Hunsrückisch sim, e o papai um pouco de holandês, bem, mas... mas menos. / F1: Mais Hunsrückisch. / E1: E na casa de vocês... [dirigindo-se a F3] / F3: Foi mais falado alemão. / E1: Alemão? Que tipo de alemão? / F3: O Hochdeutsch, o alemão certo né. A mamãe sim falava o alemão correto, a mamãe falava alemão, e a escrita gótica, como se diz, e ela dizia isso, como se chama a escrita, a verdadeira escrita alemã em alemão? / F2: Sim, gótico. / F3: Isso tudo ela falava limpo, essa... / E1: Sim, aí aqui havia, havia vestfalianos, havia pomeranos, havia hunsriqueanos e havia, agora pensando [...] suábios, holandeses, e assim de tudo. / {F2: Holandeses. Sim.} / F1: A mamãe ainda falava vestfaliano, o Plattdeutsch, como por exemplo a palavra “*ich hab’s gesacht*” se dizia em alemão né. Em Hunsrückisch eu digo “*ich hon’s gesoht*” né. Em suábio “*I henn’s no gseit*” e na língua que como a mamãe falava, “*Ich häb’et secht*”. (RS19 – Panambi, Inf. CbGII, Quest. ALMA-H_AI)

família, assim como o Hunsrückisch, esse conhecimento era visto como algo excepcional, uma habilidade. Isso pode ser percebido melhor na entonação que a falante dá ao enunciar a frase, assim como também na satisfação em reconhecer os diferentes “modos de falar o alemão”.

No etnotexto abaixo, predomina uma situação similar em que, em uma mesma família, ao se aplicar a lista Swedish, os próprios membros da família se dão conta que falam variantes distintas: da mãe, do pai e da escola. Enquanto cada um dos pais usa uma variedade mais dialetal, os dois filhos tendem ora à variante da escola (*Hochdeutsch*) ou de um dos pais. Chama a atenção que a variação se dá em duas palavras muito frequentes (designação dos numerais *um* e *dois*), em que se esperaria uma certa homogeneidade.

E: *Jetzt zehle'ma: um.*

F1: *Ein.*

F2: *Aan.*

F3: *Enne.*

E: *Wie soohst du?*

F2: *Aane, ich saahn aane.*

E: *Unn dois?*

F2: *Zwee.*

F4: *Zwei* (SC01a - Barro Branco, São Pedro de Alcântara)⁹¹.

No mesmo ponto SC01b, que já vimos ser bastante diverso, um falante respondeu que fala, além do português, mais outros três tipos de alemão: “*Kaffeeplickersch, Deutsch unn Hochdeutsch*” (SC01b – Invernada, São Pedro de Alcântara). A mesma situação foi registrada em ES02: um falante de alemão revela com orgulho que se comunica em três línguas: “*Deutsch kann ich, Pommerisch unn Brasilioonisch kann ich auch*” / ‘Eu sei (falar) alemão, pomerano e brasileiro também’ (ES02 - Rio das Farinhas, Santa Leopoldina). Estes exemplos são mais raros no Hrs., onde predomina um Hunsrückisch de base renana – tipo *Deutsch*. Mesmo assim, registramos exemplos como o de um falante de RS10 - Imigrante que diz falar “*Plattdeutsch, Deutsch, Bresilioonisch unn Italienisch* / ‘Plattdeutsch, alemão, brasileiro e italiano’”. Todos esses exemplos comprovam que essas línguas, além de línguas da família, são também línguas em contato na comunidade.

Quais as implicações desse contato linguístico heterogêneo para a salvaguarda e promoção do plurilinguismo local?

O que observamos, nos diversos contextos visitados, é que famílias que residem em áreas rurais geralmente têm o privilégio de ficar mais próximas dos filhos e de ter mais momentos de interação na “língua de casa”. Sem o suporte da família, para cuidar das crianças em casa, estas são inseridas desde cedo no meio

91 Tradução: E: Agora vamos contar: um. / F1: *Ein.* / F2: *Aan.* / F3: *Enne.* / E: Como tu diz? / F2: *Aane*, eu disse *aane.* / E: E dois? / F2: *Zwee.* / F4: *Zwei.*

educacional (em creches ou na pré-escola), diminuindo as chances de aquisição da “língua de casa”. Por isso, é preocupante o impacto sobre esse plurilinguismo, de leis como a Lei nº 12.796/2013, que fixa o início da fase escolar na idade de quatro anos de vida da criança. Considerando o papel da família na transmissão linguística e na formação da criança, nesses contextos, o “ingresso prematuro obrigatório” na pré-escola monolíngue pode ter prejuízos que não são apenas da língua minoritária e do conseqüente plurilinguismo. Relatos de pais que moram no meio rural têm expressado com veemência sua preocupação.

Por outro lado, é preciso considerar as mudanças na estrutura da família, nesses contextos de imigração histórica, e que também afetaram seu estilo de vida. Diferentemente da vida na colônia de antigamente, de base agrícola, o mundo moderno cada vez mais exige que, tanto os pais como as mães, se insiram no mercado de trabalho, deixando, com isso, os filhos aos cuidados de uma creche. Segundo uma falante de Hunsrückisch de Santo Cristo (RS22), esta situação dificulta consideravelmente a transmissão da sua língua de casa:

Die Leit tun all schaffe, tun draus schaffe unn viele von die Kolonie komme in die Stadt unn tun in die Stadt schaffe, misse'se die Kinner in die Creche tun, unn das macht, dass die Familie nimme viel contato hot mit die Kinder unn dann tun die das verlenne. [...] Heit gehn die Kinner schon in die Schul mit sechs Monat, vier Johr, drei Johr, unn dann verlenne die das schnell (RS22 – Santo Cristo)⁹².

O quadro que se desenha mostra a relevância de uma escola e creche sensíveis às questões da língua de casa e ao plurilinguismo. Nossas observações dão conta de que muitos esforços terão de ser investidos no sentido de adequar a educação a essa nova conjuntura. Para uma política linguística de inclusão e promoção do plurilinguismo, é antes de tudo essencial reconhecer o repertório linguístico trazido por crianças desses contextos à escola como um bem cultural de valor e de direito.

Como assinala uma professora de uma escola de RS22 - Santo Cristo, todo conhecimento linguístico, especialmente o conhecimento da língua alemã, quando não é transmitido para os filhos ou netos, é uma aprendizagem que vai faltar na vida dessas crianças. Ela compartilha com os seus alunos a ideia de aprender com o conhecimento linguístico que os pais adquiriram na vivência familiar. Para isso, ela afirma: “*Dehemm hot dea een Werterbuch, lebendiches Werterbuch, unn noher misst dea kalte Werterbicher holle*” / ‘Em casa vocês têm um dicionário, um dicionário vivo, e depois vocês precisam depender de dicionários frios’ (RS22 – Santo Cristo). O que esse depoimento quer dizer é que nada substitui a aquisição natural da língua,

92 Tradução: Todas as pessoas trabalham fora e muitos vêm da área rural para trabalhar na área urbana, assim precisam deixar as crianças na creche e com isso as famílias não possuem mais tanto contato com as crianças e elas desaprendem (o alemão). [...] Hoje as crianças já vão para a escola com seis meses, quatro ou três anos e assim desaprendem rápido.

especialmente no caso de uma variedade como o Hunsrückisch, para a qual recém se está criando uma sistematicidade e um conhecimento que possa ser transmitido de modo formal. Um programa bilíngue, neste sentido, deveria impreterivelmente ser construído com as famílias, a exemplo do que fez Hélot em um projeto em Diddenheim, na França, convidando os pais de alunos para apresentarem suas línguas na escola (HÉLOT & YOUNG, 2006, p. 69-90).

O tema da família remete igualmente à questão dos casamentos entre um falante e um não-falante da língua local. Esse tema, no entanto, não se limita ao fato de haver transmissão da língua ou não, e sim há outros aspectos em jogo: por exemplo, se a língua é um critério a considerar para a escolha do futuro cônjuge, ou se junto com a língua emergem outras marcas de pluralidade, como religião. E, por fim, qual o papel da língua na integração do futuro genro ou nora na constelação de relações sociais da nova família assim constituída? São questões sobre as quais não nos damos conta ao início da pesquisa, mas que um estudo futuro poderá aprofundar.

Um outro ponto que se liga ao tema da família – e à cultura imigrante – é o resgate das origens por meio de pesquisas genealógicas e encontros de família. Observam-se aqui verdadeiras redes de cooperação de pesquisa que, nos dias atuais, contam com o apoio das novas tecnologias, como a internet. A língua dos antepassados ganha aqui também um espaço de uso, visto que muitos documentos, necessários para construir a árvore genealógica da família, são escritos em alemão (muitas vezes ainda nas escritas *Kurrent* ou *Sütterlin*). Um exemplo desses grupos de pesquisadores é o GenealogiaRS⁹³. O trabalho desse grupo mobiliza, além disso, uma série de publicações com a genealogia e a história de um número crescente de famílias.⁹⁴ Trata-se de um fenômeno transnacional, que reúne hunsrriqueanos desde o Paraguai e também de outros países até o Rio Grande do Sul. Várias famílias chegam a ter uma página própria na internet, de onde organizam os encontros de família e trocam informações. Em ES01 - Marechal Floriano, conforme observamos, algumas famílias com frequência chegaram a emoldurar – em um quadro – o certificado com a origem da família obtido do Arquivo Histórico do Espírito Santo, em Vitória. Observamos esse comportamento também no modo como determinadas famílias da área colonial guardam (ou guardavam) objetos como o baú trazido pelos primeiros imigrantes, ou fotos e cartas ou cartões postais antigos. Frequentemente, a memória dos falantes exalta esses objetos como lembrança dos avós: “*Das is noch von der Wowwo [ore Urwowwo].*” / ‘Isso é ainda da vovó [ou bisavó]’.

93 Disponível em: <<https://www.genealogiars.com/acervos/71-familias-de-origem-alema-no-rio-grande-do-sul-volume-ii>>. Acesso em 02.11.2018

94 Como exemplo, cite-se o Encontro da Família Rauber, em Feliz, RS, que teve sua história registrada em livro por Décio Aloísio Schauen. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2018/04/memoria-encontro-da-familia-rauber-em-feliz-10318429.html>>. Acesso em: 02.11.2018.



Fig. 29 – “Die Kist” (‘baú’, al. *Truhe*) trazida como bagagem dos primeiros imigrantes e guardada como uma relíquia da família histórica e um cartão postal de 1938, guardado como recordação



Fonte: Acervo ALMA-H

A língua da família evoca, por fim, um estilo de linguagem, em que é comum ouvir expressões humorísticas e diminutivos, principalmente na interação com as crianças. Müller (1984, p. 73) realizou um levantamento de alguns diminutivos curiosos, como, *Gu'nachtche* ‘boa noitinha’, *so'che* ‘prontinho’ e *scheenche* ‘bonitinho’. Em nossos levantamentos, registramos com frequência exemplos desse tipo, que chamam especial atenção, porque o Hunsrückisch, contrariamente ao alemão *standard*, emprega o diminutivo não apenas em substantivos, mas também em outras classes de palavras, especialmente adjetivos, como faz o português brasileiro (p.ex. pt. *queridinho* > hrs. *liebche*, pt. *bobinho* > hrs. *dummche*). Essas expressões acentuam a familiaridade da língua. Quando elas se perdem, perde-se parte do vínculo que une gerações, especialmente na interação entre avós e netos, como mostra o seguinte depoimento:

Die Netos spreche nimme Deitsch. Vestehn een Paar Wettche, awer spreche nimme Deitsch. Lenne genn unn sinn gut in der deitsch Schul, awer spreche nimme. (RS06 – Nova Petrópolis)⁹⁵

O exemplo acima mostra a inquietação da avó por um diálogo intergeracional que está comprometido pelas dificuldades da língua.⁹⁶ Essa perda de comunicação traz uma dimensão humana e social que o ensino da língua correspondente (aqui, o alemão) não pode ignorar ou perder de vista. Os dados mostram que não se pode ignorar o papel da língua materna nas relações humanas. Sua relevância se assemelha à situação em que alguém se pergunta, se educaria seu filho recém-nascido em uma língua estrangeira, por exemplo em inglês. A maioria das mães, como é frequente ouvir, provavelmente diria que não, porque não conseguiria expressar toda a sua afetividade ao filho, como o faria na língua materna. Fica

95 Tradução: Os netos não falam mais alemão. Entendem algumas palavrinhas, mas não falam alemão. Gostam de aprender e são bons na aula de alemão da escola, mas não falam.

96 O documentário meio, de Clarissa Beckert e Pedro Henrique Risse, tematiza justamente essa questão. No cap. 4, voltamos a ele.

claro, deste modo, o papel da afetividade e da identidade, para uma revitalização linguística eficaz que reconheça seu papel nas relações familiares. Em nossa interlocução de pesquisa no Inventário, constatamos com frequência exemplos nesse sentido. O mesmo vale para os âmbitos de uso fora da família, envolvendo as relações de amizade e de vizinhança, como veremos a seguir.

3.4.2 Língua da comunidade: *die Nachbarschaft unn die Pikood*

A comunidade de falantes de Hunsrückisch, é preciso considerar, formou-se a partir de processos de migração coletiva. Quando migraram, migraram grupos ligados pela língua, pela religião e pelo mesmo desejo de encontrar “uma terra para morar e ganhar seu sustento”. Esta ocupação do espaço não se deu, portanto, de modo individualizado, mas sim por meio de assentamentos coletivos que vieram a constituir as primeiras picadas, linhas ou travessões (hrs. *Pikood* var. *Pikad*, hdt. *Schneise*; v. DREHER, 2014a, p. 138s.). Suas marcas são ainda hoje perceptíveis, quando se observa, como em Dois Irmãos (hrs. *Boomschnees* ‘Baumschneise’), em São José do Hortêncio (hrs. *Portugieser Schnees*), ou Ivoti (hrs. *Berchhahner Schnees* ‘Berghahner Schneise’), uma estrada reta e longa, com famílias à esquerda e à direita, que construíram suas casas em sua propriedade. Essa propriedade era denominada de *colônia*, um conceito central na constituição do Hunsrückisch e que aparece em um número significativo de palavras derivadas:

Uff der Kolonie ‘na colônia’. É assim que um hunsriqueano (entendido aqui como o falante de Hunsrückisch, tema de análise deste estudo) irá referir-se à área cultural em que vive: *Die Leit* ‘as pessoas’ *uff der Kolonie*. Nas cartas analisadas em Altenhofen, Steffen & Thun (2018), o termo *Kolonie* é o empréstimo com maior número de ocorrências ao lado das variantes para pt. *milho* (hrs. *Milje*).

Kolonist var. *Bauer* = pt. *colono*, no sentido de ‘agricultor’. Nos levantamentos do ALMA-H, observa-se uma substituição gradual do termo *Bauer* por *Kolonist*, que aumenta nas colônias novas, a tal ponto de muitas vezes não mais reconhecerem a forma *Bauer*, que confundem com o verbo *bauen* ‘construir’. O termo *Kolonist* aparece, além disso, em uma série de palavras compostas, como *Kolonistelewe* ‘vida de colono’ e *Kolonistehaus* ‘casa do colono’.

No português, o adjetivo *colonial* passou a ser de uso corrente em expressões como *queijo colonial*, *arquitetura colonial*, *estilo colonial*, *região colonial*, *café colonial*, e assim por diante, para designar o que pertence a essa área cultural ou é produzido em seus domínios.

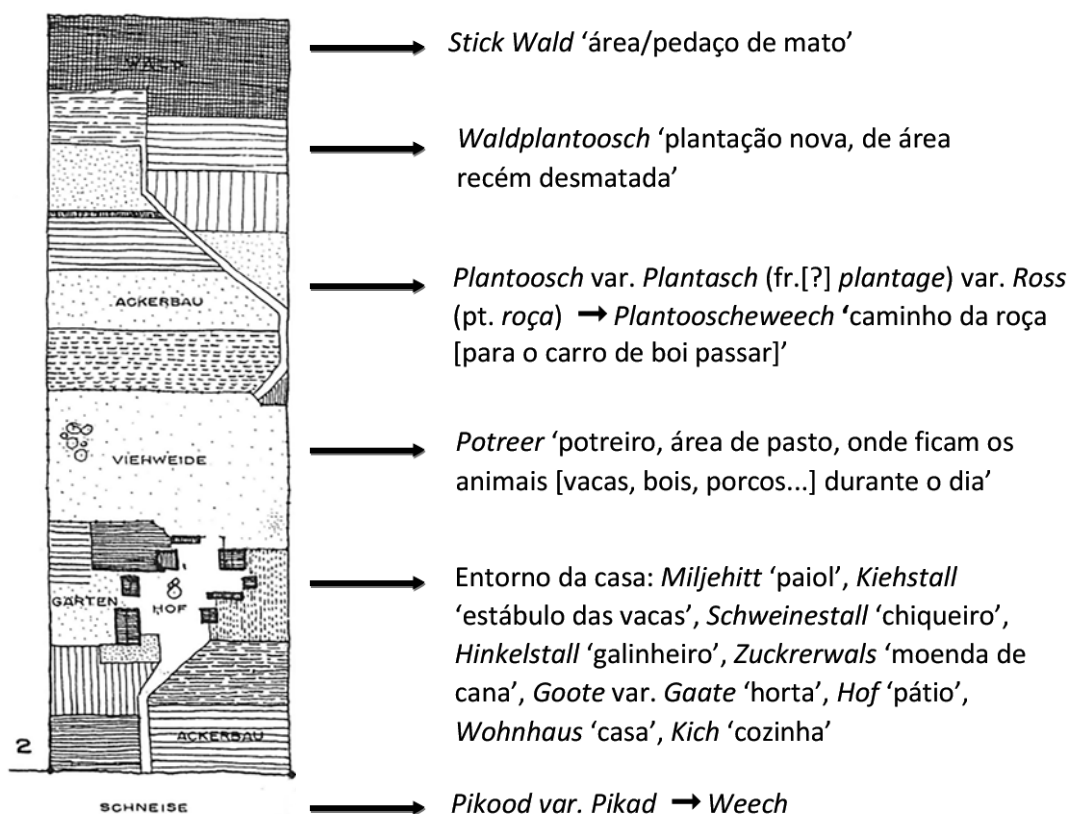
Originalmente, no entanto, a *colônia* equivalia à terra (inicialmente 77 hectares, posteriormente 25-30 hectares) que cada família recebeu como sua nova propriedade. Esse sentido aparece quando se diz que “o avô tinha uma colônia” (hrs. *Der Wowwo hott een Kolonie*). O pesquisador que quiser analisar a estrutura



social daí derivada, tem de prestar atenção a esse tipo de ocupação do espaço. Ele se reflete na atividade diária da família e cedo vai moldar a língua Hunsrückisch, em uma série de designações para partes dessa colônia que inserimos no esquema que Weimar (1988) apresenta para representar a divisão da propriedade do colono rio-grandense:

Segundo Weimar (1988), o entorno da casa nessas propriedades lembra a antiga 'aldeia de origem' (*Dorf*), no Hunsrück, na medida em que concentrava um aglomerado de construções, cada qual com sua função. Em nossas saídas de campo para o ALMA-H e para o IHLBrI em áreas do Hrs., estivemos alertados dessa configuração do espaço da propriedade do colono. Em SC, o *Potreer* se transforma em *Past* e, no ES, o relevo mais montanhoso obriga os caminhos a desvios e curvas para contornar obstáculos.

Fig. 30 – Estrutura de uma colônia (= propriedade do colono) em Hunsrückisch



Fonte: Weimar (1988, p. 112)

Como cada colônia era estreita na largura e longa no comprimento, de ambos os lados moravam bem próximos os vizinhos (hrs. *die Nachbarschaft* 'vizinhança', hrs. *die Nachbre* var. *Nochbarschleit* 'vizinhos'). Era ao vizinho que se recorria, em caso de emergência; era com o vizinho que se compartilhavam produtos, por exemplo quando se carneava; era com o vizinho que se acertavam trabalhos conjuntos, por exemplo um mutirão, para concluir um trabalho; mas era também

no vizinho que se podia ter conflitos de terra. Quem tinha tido azar de receber uma colônia “no fim da picada”,⁹⁷ se encontrava em situação mais desprotegida. Mas, como o assentamento das colônias se deu coletivamente com famílias do “mesmo grupo”, a tendência era ter, nas picadas, vizinhos falantes da mesma língua. Essa tendência é tão caracteristicamente marcada que, mesmo as chamadas colônias mistas, que o Governo da República (a partir de 1890) tentou criar para obrigar os imigrantes e seus descendentes a usarem o português como língua comum, não são tão mistas como imaginávamos. Em nossos levantamentos para o ALMA-H, nos pontos das colônias novas do Rio Grande do Sul, o que encontramos foram picadas povoadas somente por alemães, somente por italianos ou somente por poloneses. Essa constatação explica a manutenção do Hunsrückisch como o encontramos, visto que havia – na vizinhança – uma rede de comunicação na língua.

A picada, como vimos acima, no esquema de Weimer (1988), representou o caminho de comunicação com parentes afastados. E o meio de locomoção principal, nos primeiros tempos no Rio Grande do Sul ao menos, foi desde cedo o “cavalo”. O significado do cavalo como meio de locomoção e *status* social nesse novo mundo de distâncias foi tal, que Willems (1944) chega a falar de um *horse complex*. Enquanto, no Hunsrück, o cavalo se tornara privilégio da classe nobre, no Brasil simbolizava agora um sinal de prosperidade. Chama a atenção, neste sentido, a ampla gama de palavras do Hunsrückisch para designar o cavalo e seus correlatos, grande parte emprestada do gaúcho, o “especialista da área”.

Gaul var. *Fäerd* (hdt. *Pferd*), *Strut* ‘égua’, *Krack* ‘cavalo velho’, *Matunge* ‘pt. *matungo*, cavalo velho’, *Pickass* ‘pt(RS) *picaço* ‘cavalo velho’, *Gesch* ‘égua’ (pt.(SC) *gueixa*), *Tordilhe* ‘pt. *tordilho*’ (v. pergunta Clex08_148 do ALMA-H)

Cf. também *Esel* ‘burro’, *Steenesel* ‘asno’, *der Burre* ‘burro’, *der Mule* ‘mula’ (v. pergunta Clex08_149 do ALMA-H)

Chama atenção que, na língua, o termo *picada*, tal como aconteceu com a palavra *colônia*, logo passou de um significado particular (da parte) para um sentido coletivo (do todo). De trilha aberta a facção no meio da floresta,⁹⁸ *picada* passou a ser o centro da vida social da localidade, isto é, um sinônimo para “lugar, localidade”. Com esse sentido, tornou-se logo a base da organização social das comunidades de falantes do Hunsrückisch (DREHER, 2005, p. 15).

A picada, que no início era apenas um caminho de acesso às propriedades dos colonos, passou a designar uma localidade em torno de um centro com uma escola, armazém, praça, igreja, salão de festas comunitárias e o cemitério (DREHER, 2005). Assim, a parte sul do Brasil foi se desenvolvendo a partir de

97 Esta expressão, corrente no português rio-grandense, é usada hoje com sentido idiomático, para designar “algo inaceitável, que não deveria ocorrer”.

98 Para este sentido, predomina, hoje, nos dados do ALMA-H (pergunta Clex13_246), a variante *Pick*.



pequenas propriedades rurais formadas por colônias alemãs em que se plantava e se colhia um pouco de tudo, principalmente para o autossustento. O excedente dessa produção era vendido ou trocado, no armazém local, por outros produtos. Este comércio também era conhecido por *venda* (hrs. *die Vende*).

Aos poucos, como descreve Dreher (2005, p. 18), foram surgindo ferrarias, carpintarias, serrarias, sapatarias, funilarias, alfaiatarias, alambiques e moinhos para a autossuficiência da picada. O sistema de vizinhança se desenvolveu então como uma forma de cooperação para garantir o funcionamento do sistema comunitário. Nesse sistema de cooperação e de trocas, a língua e a cultura alemã também se mantinham fortalecidas. Aqueles que não falavam alemão eram chamados de “brasileiros” ou “pessoas de fora” e constituíam nesse microcosmo rural uma minoria.⁹⁹

A atividade escolar gerida pelas pequenas comunidades, os encontros religiosos e festivos, os velórios e os enterros eram organizados pelas próprias famílias que se conheciam por nome e sobrenome. Os eventos que ocorriam na comunidade formavam um encontro que resultava em diálogos e conversas em alemão. As principais reuniões dos representantes da igreja local eram registradas no formato de ata escrita em alemão padrão (*Hochdeutsch*). Esta prática de escrever as atas em alemão começou a diminuir com a proibição das línguas de imigração, durante o governo do Estado Novo. Após alguns anos dessa fase, observamos que os documentos passaram a ser redigidos em português.

Os alemães eram conhecidos pelo seu espírito associativo (MÜLLER, 1984, p. 80). Além dos salões de festas, também havia clubes de dança, Sociedade de Canto (hdt. *Sängervereine*), Sociedade de Atiradores (hdt. *Schützenvereine*), cancha de bocha ou bolão, entre outras instituições que promoviam interações, diversão e promoção cultural. Esses espaços configuram o que Eckert (2004; 2006) chama de *comunidades de prática*, no sentido de que envolviam práticas linguísticas na “língua da comunidade”.

Nas entrevistas do IHLBrI, frequentemente se falou nesse tema, do uso comunitário da língua Hunsrückisch. Sua relevância para a manutenção e retenção da língua é comprovada quando os entrevistados lamentam a falta de “pares para conversar”. Conversar, conversar e conversar é uma prática corrente do hunsriqueano, expressa por verbos como *vezehle* (Hrs.) ou *schwetze* (Hes.). *Dann wolle'ma mo vezehle* (pt. ‘então vamos conversar’) é uma frase frequente nas relações sociais dos hunsriqueanos. Seu sentido antropológico se combina com práticas como a visita e a roda de chimarrão, um aliado que, no Hrs., fomentou sobremaneira a prática de conversar. O léxico do Hunsrückisch coloca nesse âmbito de uso da língua algumas das palavras mais significativas. *Meu* [mɔɪ] *kriehn var. Besuch kriehn* ‘receber visita’ – ou *meue var. meie var. besuche* ‘visitar’ – representa uma consideração. Na comunicação difícil das picadas e na rotina de trabalho do

99 E como essa interação era em pequena escala, pois viviam em picadas, as famílias que não falavam o alemão local aprendiam na convivência, como também os falantes de Hunsrückisch aprendiam o português.

colono, as visitas quase sempre vinham de forma desavisada. Nos dias atuais, em que o telefone possibilita um “aviso prévio”, sua prática, segundo podemos verificar no depoimento a seguir, retrocedeu.

E: *Denkst’de der Celular, das Telefon Dings, weer was Gutes, wo do rinnkomm is?*

F: *In een Parte is gut unn anner Parte is nochmo net gut, well die Leit tun nemme mitsammer verzehle, dat geht nore meh alles dorich Telefon. Die holle sich nemme die Zeit fo sich hinsehocke fo se meue.*

E: *Tun die Leit sich hier rum nimme besuche?*

F: *Is wenich. Wo ich sooht, do hollt sich keene meh die Zeit, fa bei der annre gehn. Die vergesse dat.*¹⁰⁰ (RS08 – Alto Feliz)

O acesso às tecnologias mais recentes causou, sem dúvida, impactos na vida comunitária, como mostra o depoimento acima, ao defender que o uso do celular trouxe um lado positivo e outro negativo, pois favoreceu a falta de diálogo entre as pessoas, em vista do fato de as visitas para conversar com vizinhos ou parentes serem substituídas pelo telefone.

Apesar das mudanças observadas, se não continua com a mesma intensidade, meso assim a prática de se visitar ainda está viva na memória e vivência da comunidade hunsriqueana. Ela foi um aliado constante, em nossas pesquisas de campo. Harald Thun, um dos coordenadores do ALMA-H, comenta que, em sua larga experiência, não vivenciou em nenhum outro projeto uma facilidade tão grande para conseguir a cooperação de falantes para “conversar” em uma entrevista, para fins de pesquisa da língua. Como a pesquisa queria ouvir a língua – e registrá-la – e os falantes de Hunsrückisch adoravam conversar em sua língua, fez-se em nossas entrevistas um casamento perfeito. Quando explicávamos nosso projeto e pedíamos autorização para gravar e usar a gravação para estudos da sua língua, chegávamos a ouvir que a pergunta não fazia sentido, pois se já estávamos conversando era porque estavam de acordo. *Wenn ma doch hier senn, fô ze spreche / pt. ‘ora, se estamos aqui, é para falar’* (AR02 – Puerto Rico). Um informante em ES01 – Marechal Floriano chegou a quase se ajoelhar na frente do carro, para que fôssemos “visitar sua casa”, pois queria “conversar em alemão”. Logo, ao chegarmos à sua casa, nos ofereceu *Eierschmier* (tipo de omelete para passar no pão / “lit. chimia de ovo”) e um cafezinho doce, oferecido em um copinho de vidro. Nas comunidades hunsriqueanas do RS, no lugar do café estaria o chimarrão. Como se vê, esses exemplos levantam a questão de quem era esse imigrante do séc. XIX e como se integrou na cultura brasileira. Sem dúvida, o protótipo do colono fechado e isolado nem sempre cai nesse perfil.

100 Tradução: E: Você acha que o celular, o telefone, seria algo bom que surgiu? / F: Por uma parte é bom e por outra parte já não é tão bom porque as pessoas não se juntas mais pra conversar, tudo é pelo telefone. Não se pega mais um tempo para sentar e visitar alguém. / E: Por aqui as pessoas não se visitam mais? / F: Pouco. Como eu disse, ninguém mais reserva tempo para visitar o outro. Esquecem isso.

A cultura da visita trouxe consigo ainda outras variáveis sociais. Ela dialoga com as condições de trabalho dos membros dessas comunidades. Em dias de chuva, a probabilidade de receber visita aumenta, pois o trabalho se interrompe momentaneamente. Tal pode ser comprovado, quando perguntávamos pela designação para o significado de “pipoca”. Nas três áreas tipológicas, a pergunta “*Was macht ma on Reentooche, wenn Meu kommt?*” (‘o que se faz em dias de chuva, quando vem visita’) resultava na mesma resposta: *Puffmilje*, no Hrs. e Hsc., *Platzwelschkenn*, no Hes. (*Platz* + *Welschkorn*, antiga palavra para ‘milho’, portanto ‘milho que explode’).

Com a urbanização, ou melhor, com o crescimento das picadas, cresceu também a presença do português. Esse fato vale para todas as línguas minoritárias. Mesmo assim, é possível identificar comunidades com a prática do Hunsrückisch em meio aos espaços urbanos. Observamos isso em diversos pontos, como RS19 – Panambi, RS12 - Venâncio Aires ou RS02 – Ivoti. Quando os entrevistados se sentem bem ao falar o Hunsrückisch, é porque eles lembram da interação diária e semanal que tinham com os vizinhos e a comunidade.

As lembranças da vida na comunidade são um dos tópicos de entrevista que tem rendido mais conversas espontâneas, sobretudo entre falantes da geração mais velha (GII). Como não havia energia elétrica até 1980 e 1990 no interior do RS, as famílias também não tinham tanta facilidade para conservar alimentos na geladeira, por exemplo. Essas dificuldades eram amenizadas através da ajuda da vizinhança. O dia de carnear um boi ou um porco reunia vizinhos para ajudar nas tarefas. Esses também eram momentos importantes de interação em Hunsrückisch. Tudo era bem planejado e tinha passos importantes que deveriam ser seguidos: por exemplo, uma parte da carne era frita na banha do porco e guardada em latões, a outra parte era distribuída entre os vizinhos. Quando o vizinho que recebeu a carne também carneava um boi ou porco, era a vez dele de retribuir com a mesma parte recebida. Esse foi mais um exemplo do sistema de trocas, nessas comunidades. Fica a pergunta de como essas práticas se mantêm nas mudanças sociais dos dias de hoje e qual o impacto dessas mudanças sobre o uso da língua nesses espaços sociais que eram ocupados pelo Hunsrückisch.

A falta de tempo e com isso as mudanças no ritmo e no tipo de trabalho também são citadas como um aspecto prejudicial para manter as situações de uso do Hunsrückisch que tradicionalmente havia, no âmbito familiar e social. Mesmo em pontos como RS20 - São José do Inhacorá e RS22 - Santo Cristo, distantes de RS08 - Alto Feliz, onde se poderia esperar uma situação diferente, foram ouvidos relatos parecidos. Ou seja, a família tradicional grande, que formava uma espécie de microempresa familiar baseada no plantio da terra em que se vive e da qual se vive, e que ainda criava animais para a produção de carne, banha, leite e ovos, deu lugar a novas relações de trabalho. É o que veremos na seção seguinte.

3.4.3 As línguas nas interações do trabalho

Na amostra coletada com o Questionário Individual, foi recorrente, em muitas localidades, a combinação de ocupações como aposentado(a) e agricultor(a) ou ainda de alguém que é agricultor(a) e trabalha com jardinagem ou em serviços domésticos. Para a análise dos dados, distinguimos nessas combinações entre ocupação principal e ocupação secundária. Do ponto de vista dos usos da língua, no entanto, não ocorreu uma diferença significativa entre as interações na ocupação primária e secundária. Em todas as atividades de trabalho, tanto o português como o *Hunsrückisch e alemão daqui, Plattdeutsch, dialeto e Hochdeutsch* apareceram como igualmente usadas. Por esta razão, sistematizamos nas tabelas que seguem apenas os dados da ocupação principal seguida das línguas mencionadas, uma vez que são representativos também da situação. Comparem-se as duas tabelas a seguir, que resumem os principais resultados.

Tab. 25 - Ocupação principal dos entrevistados da amostra com Questionário Individual

1.5. Qual sua ocupação principal?	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Agricultura/trabalhador rural	22	27	63	12	51	12	187
Aposentado	26	57	13	15	13	3	126
Comércio (balconista, vendedor, etc.)	45	12	4	1	5	0	67
Estudante	9	0	15	0	18	2	44
Doméstico (faxineiro, jardineiro, outros)	10	9	6	2	2	2	31
Educação (professor, funcionários, outros)	15	2	2	0	9	1	29
Funcionário público (exceto educação e saúde)	15	3	3	0	6	1	28
Construção civil (eletricista, marceneiro, pedreiro, outros)	4	0	1	1	3	2	11
Empresário/microempresário	4	3	0	0	2	1	10
Fábrica/indústria (mecânico, auxiliar mecânico, etc.)	4	4	1	0	1	0	10
Saúde (médico, enfermeiro, outros)	4	2	0	0	0	1	7
Político	2	0	1	0	0	0	3
Militar	2	0	0	0	0	0	2
Estagiário/jovem aprendiz	0	0	0	0	0	1	1
Artes	0	0	0	0	0	0	0
Ramo imobiliário	0	0	0	0	0	0	0
Nunca trabalhou	1	0	1	0	5	0	8

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr



Tab. 26 - Qual ou quais línguas você usa em sua principal ocupação?

Línguas mencionadas	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Português/brasileiro	122	74	53	13	78	25	
<i>Hunsrückisch/Hunsrück/Hunsbucklisch</i>	122	61	38	4	39	3	
Alemão daqui (preencher nome abaixo)	21	0	23	3	0	9	
Se alemão daqui, qual nome?	0	0	0	-	0	-	
<i>Platt(deutsch)</i> (preencher nome abaixo)	2	1	13	1	0	2	
Se <i>Platt(deutsch)</i> , que tipo?	0	0	0	-	0	-	
Dialeto (preencher nome abaixo)	0	0	3	0	0	0	
Se dialeto, qual?	0	0	0		0		
<i>Hochdeutsch/alemão padrão/gramatical /alto</i>	8	3	0	3	4	4	
Pomerano	0	0	0	0	4	6	
Outra (preencher nome abaixo)	1	0	5	0	0	0	
Se outra, qual?	0	0	0	-	0	-	
Não quer responder	0	0	0	0	0	0	

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Constatamos, de acordo com esses resultados, que o Hunsrückisch, assim como no domínio da família, tem uma função determinante nas interações no trabalho, onde é usado com relativa frequência ao lado do português. Isso pode ser reflexo de um alto prestígio para essa função. Precisaríamos, no entanto, cruzar os dados para identificar em quais ocupações o uso do Hunsrückisch aparece com mais frequência. Infelizmente, os procedimentos adotados não controlaram essa relação. Em todo caso, o que importa aqui é destacar a relevância das relações de trabalho como espaço de afirmação da língua minoritária e onde ela se legitima. Um campo bastante próximo sobre o qual recai a análise da próxima seção é o comércio, na verdade uma modalidade de trabalho com interação para fora.

3.4.4 A língua no comércio: Hunsrückisch como moeda de troca

A língua carrega consigo um *status* que varia de acordo com as circunstâncias e finalidades de seu uso. O comércio, tal qual o trabalho e/ou o sustento, é um desses contextos em que o fim parece justificar o meio. Em outras palavras, é um contexto mais liberal, pois, se o uso da língua minoritária garante determinado lucro, não importam os preconceitos que eventualmente recaiam sobre essa língua. O cliente pede, está concedido.

É o que temos observado nas viagens de campo, através da análise de diferentes *locus* de uso da língua, como o âmbito do turismo, as lojas de roupas e mantimentos que recebem clientela do interior do município, entre outros. Nem sempre, porém, o comércio tem se dado conta desse diferencial. Isso tem variado de uma localidade a outra, conforme a configuração étnica e a consciência linguística dos membros da comunidade.

Uma falante de Hunsrückisch entrevistada em seu espaço de trabalho, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de RS22 - Santo Cristo, relata sobre a

importância de saber se comunicar na língua alemã que aprendeu com os seus pais. Este conhecimento permite a ela um atendimento mais diversificado e com mais qualidade. Ela afirma que pode se comunicar em qualquer lugar e com várias pessoas, ao contrário de quem fala apenas uma língua. Além de falar alemão, ela também fala português e utiliza as duas línguas no trabalho. Contudo, percebemos que esta falante de Hunsrückisch possui um repertório linguístico que varia tanto para o tipo *Deitsch* [+dialetal] como para o tipo *Deutsch* [+standard], incluindo ainda os empréstimos da língua portuguesa que foram germanizados, como podemos ver, no texto abaixo, em *Sindikar* ‘Sindicato’ e *kommunikiere* ‘comunicar’.

Dorich mein Deutsch, wo ich gelennt honn spreche, von mein Eltre, kann ich ooch heit die Leit hier bediene im Sindikat, wo ich schaffe. Unn, wo'ma hinkomme, kann'ma sich kommunikiere, wenn'ma bloss ein Sproch hat, kann'ma net mit alle Leit spreche (RS22 – Santo Cristo)¹⁰¹.

Apesar desse avanço do português, pudemos observar em campo a importância do Hunsrückisch para o comércio. Em muitas localidades visitadas, os principais estabelecimentos comerciais optam por contratar somente pessoas que saibam falar Hunsrückisch. Apenas em municípios grandes como Novo Hamburgo e São Leopoldo, por exemplo, a necessidade de funcionários bilíngues não foi relatada. Já em RS22 - Santo Cristo, quando perguntamos “quais as línguas faladas pelos proprietários do estabelecimento comercial e pelos funcionários”, por meio do Questionário *Locus*, encontramos que, dos 19 proprietários dos estabelecimentos comerciais visitados, 13 são falantes de Hunsrückisch, e, dos 53 funcionários, 35 são falantes de Hunsrückisch. Não é difícil de entender o requisito do bilinguismo, ainda mais se tratando de comunidades em que a maioria fala Hunsrückisch, não sendo incomum que idosos sequer falem português, como relata a falante de RS04 - Santa Maria do Herval:

F: Unn da sinn bis Pletzer, Benk, Lojas, Comércio, Supermercados, wo die bloss Leit anstelle tun, fa'se schaffe, unn die misse Deitsch kenne spreche, fo die Leit se bediene. (RS04 – Santa Maria do Herval)¹⁰²

Observamos que o Hunsrückisch é utilizado no comércio em situações de contato com alguém do interior. O gatilho da língua acaba não sendo ativado quando ao menos um dos interlocutores é residente da área urbana; nesse caso, o português é a língua escolhida. Esse fator já reafirma a tendência de o português estar sobrepondo o Hunsrückisch, principalmente nesses espaços de interações

101 Tradução: Com o alemão que aprendi a falar com os meus pais, eu consigo atender as pessoas no Sindicato, onde eu trabalho hoje. E onde se chega, dá para se comunicar, já quando se fala apenas uma língua, não dá para falar com todas as pessoas (RS22 – Santo Cristo).

102 Tradução: F: E lá tem até lugares, bancos, lojas, comércio, supermercados, onde só contratam pessoal para trabalhar se sabe falar alemão, para atender os clientes.



urbanas, aumentando ainda mais o contínuo de substituição linguística, ao qual está exposto o Hunsrückisch.

Semelhantemente ao que Souza (2017, p. 92) argumenta quanto à língua pomerana, é preciso questionar a longo prazo as relações de trabalho e a língua de imigração, afinal “o que será da língua, quando não houver mais incentivo do mercado? E quando esses falantes monolíngues de pomerano, de mais idade, em que se pauta o mercado e que vivem no interior, não existirem mais?” Não nos parece que haverá uma preocupação do comércio em atender em Hunsrückisch, se não houver mais quem fale a língua, ou melhor, em atender aqueles que se sintam mais confortáveis em falar a sua língua materna, atualmente regra para a maioria dos falantes que residem no interior.

Retornamos, portanto, à família. É importante que espaços como o comércio incentivem a língua local. Todavia, é na família, sua mantenedora, que reside a responsabilidade e a necessidade de falar e ensinar a sua língua para as próximas gerações. Sem dúvida, a urbanização crescente tem se convertido em uma das variáveis de maior poder de transformação da situação linguística local das comunidades. Isso afeta as relações de trabalho, as quais garantem o sustento básico, bem como territorialidades sociais, como a escola, a igreja ou estabelecimentos comerciais (p.ex. a “venda”).

O que ficou demonstrado, deste modo, na análise do Hunsrückisch, é que o território que se constituiu ao longo de mais de 180 anos, através de uma dinâmica complexa de migrações e contatos linguísticos, forma um espaço histórico-cultural particular (*Kulturraum*), com uma identidade e práticas sociais próprias, que por enquanto está ativo, embora em constante processo de mudança. Sobre esse *Kulturraum*, vejamos o que acontece com o uso da língua Hunsrückisch em práticas culturais e atividades comunitárias envolvendo seu uso.

3.4.5 O ingresso na escola: espaços e deslocamentos da língua de casa

O reconhecimento do espaço escolar como expressão da língua, memória, história e identidade da comunidade de fala local é uma das premissas do Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Para os efeitos deste Inventário em particular, isso implica perguntar sobre os usos do Hunsrückisch no âmbito escolar, isto é, se nas localidades há ensino de alemão padrão ou de Hunsrückisch, se há projetos que integram a língua de casa nas atividades de ensino, em suma, em que medida a escola contribui para o reconhecimento, salvaguarda e promoção do Hunsrückisch em sua proposta de formação (INDL v. 2, 2016, p. 36).

Para compreender a dinâmica dessa diversidade linguística no universo escolar, hoje, cabe antes de tudo olhar para o passado e analisar historicamente as políticas adotadas para escolas em contexto multilíngue. As primeiras escolas eram ligadas majoritariamente à igreja e utilizavam a língua comum – no caso, o alemão – como língua de instrução. Seu papel na estrutura social da colônia/

picada (conforme descrito acima) se comprova pelo próprio número de escolas comunitárias criadas nessas localidades. Thierfelder (1852, p. 528) estima que, no ano de 1930, só no Rio Grande do Sul existiam 937 escolas com 36.933 alunos. Esse número, no entanto, reduziu-se drasticamente com a política de nacionalização do ensino¹⁰³ de Getúlio Vargas, no período do Estado Novo (v. KREUTZ, 2000, p. 160; ALTENHOFEN, 2016). A política de nacionalização do ensino não apenas repreendeu as línguas de imigração, impondo o português como língua única, como também terminou com o que dava sustentação a essas línguas de imigração, como as escolas comunitárias étnicas (KREUTZ, 2000, p. 162; RAMBO, 1985). No âmbito da linguística, diríamos que esse período vivenciou exemplos da prática mais extrema de uma ação de monolingualização, que foi o silenciamento das “línguas de casa”. Essas vivências ainda estão vivas na memória da geração mais velha das comunidades pesquisadas aqui. Vários relatos coletados pelo IHLBrI e pelo ALMA-H rememoram esse período. Aqui, dois exemplos:

E: *Denkst du, das hot ooch was se tun, wie die Sproch verbot woo frihers?*

F: *Não sei, dat woo vor meine Zeite geweest.*

E: *Hot dein Papa unn Mama net sowas verzehlt, das weer een schlimm Zeit?*

F: *Die honn verzehlt devon, jo, dass, bis der Lehrer in die Kadee komm woo dodorich, wal'er Deitsch gesproch hot mit der Kinner. (RS08 - Alto Feliz)¹⁰⁴*

F1: *Dea Leit, owe in Canudos hon ma gewohnt, horre'en Schneidmiehl. Do hot dat so en Ladislau unner die Leit so gestroft, meu Deus do céu!*

F2: *Ludwich [?] unn sein Froo wollte se dann die Zung aus'm Maul schneide, wenn se net bis dat hin Bresilioonisch spreche konnte, gell.*

E1: *Die Zung aus'm Maul schneide! [...]*

F2: *[...] in Canudos, dat woo ich unn dann woo so'en Schlusiche gewees in en Kerrich... hot Schul gehall dat. Unn... is dee dat hin komm. Unn dann musste die Leit all sammerkomme. Mit semm'er [?] woo net weiter hoch wie der alt Mann ooch unn die alt Froo. Der konnt kee Bresilioonisch. Unn dann sinn'se dat hin komm unn dann is'er dat hingeritt... mit zweu drei so Cabockel, gell, die Kracke hat se dann dat in die Plantoosch loofe geloss, gell, unn der alt Mann hot so do gestann unn gezittert, gell...*

F2: *Unn toofte nix meh spreche...*

F1: *unn dann horr'er'en Bresilioonisch ongeroch... is eenfach kee Bresilioonisch komm unn dann horr'er'em Zeit gebb – ich weess net in was fo Tooch in der*

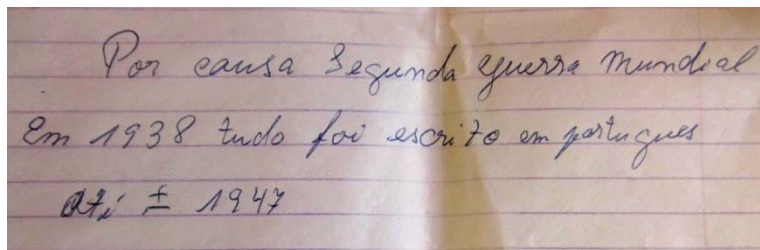
103 Conjunto de medidas iniciadas com Decreto nº 406, de 1938, que instituía a obrigatoriedade do ensino de Língua Portuguesa em todo país e proibia a circulação de qualquer material, como livros, revistas, entre outros em língua estrangeira.

104 Tradução: E: Tu acha que isso tem a ver com a proibição da língua, antigamente? / F: Não sei, isso foi antes de eu ter nascido. / E: Teu pai e tua mãe não comentavam que esse foi um tempo difícil? / F: Eles falavam sobre isso, sim, que, até o professor foi preso por causa disso, porque ele falou alemão com as crianças. (RS08 - Alto Feliz)



Woch. Woo... bis sunntachs mittachs Deutsch... e... Bresilioonisch spreche, gell, sonst weer'er Zung aus'em Maul schneide, gell. Die Proposta misst heit mo enne mache, gell. (RS11 - Lajeado & Forquetinha, CbGII, ALMA-H pergunta CgramII-08)¹⁰⁵

Fig. 31 – A memória escrita do período de nacionalização do Estado Novo



Fonte: IHLBrI

Costuma-se apontar a repressão linguística da política de nacionalização do ensino como responsável, em grande medida, pela perda dessas línguas. No entanto, segundo já se defendeu em Altenhofen (1996, p. 72), essa consequência de fato ocorreu em contextos urbanizados, onde o português já estava fortemente presente. Mas em áreas rurais, ela muito mais contribuiu para um refúgio na “língua da família”, neste caso o Hunsrückisch, que é o que restou como opção, pois a proficiência em português não estava sempre disponível, uma vez que o Estado não tinha dado as condições para uma aprendizagem aditiva adequada do português. As comunidades tiveram que construir suas próprias escolas.

A política de nacionalização, ao fechar essas escolas ou proibir o ensino de alemão, impediu na verdade não o uso da língua local, que muitas vezes foi a única que restou, mas sim o acesso à norma escrita do alemão. No período precedente, mantiveram-se verdadeiras pontes de papel em alemão (v. período de 1890 a 1940, em ALTENHOFEN, STEFFEN & THUN, 2018). Agora, de um dia para o outro, o Estado exigia o conhecimento de uma língua para a qual muito pouco, ou quase nada tinha feito. E pior: agora ainda queria apagar a língua local, que sempre esteve ali, utilizando para isso métodos autoritários de discriminação e de violência linguística, a ponto de ameaçar um falante de “cortar sua língua fora”, como lemos no relato acima.

105 Tradução: F1: Gente, lá encima em Canudos nós morávamos, tínhamos uma serraria. Aí tinha um tal de Ladislau que punia as pessoas, meu Deus do céu! / F2: Ludwig [?] e sua esposa... eles queriam cortar a língua fora, se até lá [tal dia] eles não soubessem falar português, né. / E1: Cortar a língua fora! [...] / F2: [...] em Canudos, eu estava lá e tinha um desses na igreja... Dava aula lá. E... ele foi lá. E então as pessoas todas tinham que se reunir. Juntos não era mais alto também que o homem velho e a velha senhora. Ele não sabia português. E então eles chegaram lá e então foram a cavalo até lá... com dois, três caboclos, né, os cavalos eles soltaram logo na plantação, né, e o homem velho estava assim parado e tremendo, né... / F2: E não podia mais falar nada... / F1: e então ele começou a “cheirar” ele em português... [verificar se ele falava português] mas infelizmente não tinha como sair algo em português e então ele deu um tempo a ele – eu não lembro mais em qual dia da semana... até domingo à tarde falar alemão... ã... português, né, senão ele cortaria a língua dele fora, né. Essa proposta alguém deveria fazer hoje, né, [no sentido de que seria diferente, ou o que se diria]. (RS11 - Lajeado & Forquetinha, CbGII, ALMA-H pergunta CgramII-08)

Felizmente, o contexto atual nos coloca em outra rota: fala-se em direitos linguísticos e em educação plurilíngue como um diferencial e um bem necessário, em tempos de globalização. O Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) é um exemplo das medidas que vêm sendo implementadas, que visam ao extremo oposto da monolingualização e da discriminação, que é a defesa de valores de reconhecimento e salvaguarda do patrimônio cultural e do desenvolvimento das habilidades plurilíngues na família e na escola (ver contínuo de políticas linguísticas para o plurilinguismo em ALTENHOFEN, 2013). Mesmo assim, as dificuldades são grandes: no plano pedagógico, há desafios na adequação da abordagem do repertório linguístico dos alunos; no plano curricular, há desafios na oferta de “línguas locais ou com vinculação à língua local” na escola; no plano estrutural, há carências de professores e de formação que inclua a perspectiva do plurilinguismo na sociedade. Todos esses aspectos mostram a relevância da escola para encarar de frente as questões linguísticas presentes na comunidade plurilíngue em que está inserida.

Para isso, no entanto, a escola – mais que o próprio Estado – precisa *inventariar* – *reconhecer* – *salvaguardar* – *promover* esse plurilinguismo à sua volta. Esse é um esforço a que se lançou o Colegiado da Diversidade Linguística do RS, criado em 2018, junto à Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (SEDACTEL), e que tem em sua composição representantes de diferentes línguas faladas no RS, entre as quais o Hunsrückisch. Em um documento (ver referências) produzido no âmbito do Colegiado, esses são os quatro pilares que devem nortear as ações a serem implementadas no plano da cultura e da educação, nos próximos anos.

Fig. 32 – Materiais e práticas de letramento



Fonte: Acervo ALMA-H e IHLBri

Muito se fala – e os falantes de Hunsrückisch não são uma exceção – de que a língua local está desaparecendo “por causa da escola”, seja pela ausência da língua minoritária e pela exigência da(s) língua(s) do poder, seja por uma postura subtrativa que retira e ignora um conhecimento histórico e social que, uma vez reconhecido, constitui um patrimônio cultural de valor e de direito. As tabelas a seguir de três escolas em que pudemos fazer um breve censo escolar, fica evidente que ainda se encontram “crianças” falantes de Hunsrückisch, o que deveria ser visto como uma comprovação da vitalidade da língua e, ao mesmo tempo, um dado que requer uma postura do Estado e da escola no sentido de adequar o ensino a esse contexto e, com isso, salvaguardar de fato esse plurilinguismo como um capital cultural a valorizar.

Tab. 29 – Número de alunos da escola 1, em RS06 – Nova Petrópolis (2017), que falam ou só entendem o Hunsrückisch

Turma	Total de alunos	Falantes	Entendem
6º	26	8	7
7º	25	3	5
7º	20	6	7
Ens. Médio Técn. 1	17	4	5
Ens. Médio Técn. 2	28	5	9
Ens. Médio Técn. 3	40	7	10

Fonte: IHLBRI

Tab. 30 – Número de alunos da escola 2, em RS20 – São José do Inhacorá, que falam ou só entendem o Hunsrückisch

Turma	Total de alunos	Falantes	Entendem
4º	25	19	1
5º	22	9	13
7º	23	4	4
8º	14	5	3
9º	9	2	5

Fonte: IHLBRI

Tab. 31 – Número de alunos da escola 3, em RS22 - Santo Cristo (2017), que falam ou só entendem o Hunsrückisch

Turma	Total de alunos	Falantes	Entendem
5º	7	7	0
6º	12	4	3
7º	14	11	3
8º	9	6	0
9º	8	4	1

Fonte: IHLBRI

Embora os números acima representem apenas uma pequena amostra de três escolas das comunidades de referência do Inventário, eles não são casos isolados. Na maioria das turmas especificamente dessas escolas, o número de falantes de Hunsrückisch ou que apenas entendem gira em torno de 50%, com alguns casos inclusive com 100% de bilíngues. Esses números não devem criar agora a ilusão de um paraíso plurilíngue, mas muito mais eles pedem a atenção do Estado e da escola para a “língua de casa”. Que, no mínimo, se faça um censo linguístico escolar, como reclama Broch (2014), e se verá, em muitos contextos, provavelmente um declínio na competência plurilíngue entre alunos dos anos finais e iniciais, ou no extremo oposto crianças que ingressam na escola falando apenas alemão. Como, porém, superar as barreiras para uma educação de inclusão, como nos ensina o plurilinguismo? Sem dúvida, cada vez mais se torna necessário que a própria escola reconheça esse conhecimento. Se, em muitas escolas o próprio corpo docente ainda fala em grande medida a língua local,¹⁰⁶ seria de se esperar que essa base de conhecimento também pudesse ser aproveitada e mobilizada para uma educação inclusiva e de qualidade.

Este Inventário busca mapear essas possibilidades e oferecer subsídios para uma educação plurilíngue e plurilinguística. A história do contato Hunsrückisch-português está repleta de exemplos que poderiam auxiliar nesse trabalho de autoconscientização do papel da língua na identidade e formação local. Na contramão dessa ideologia da língua única, muitas localidades se assumem como pontos de resistência e inserem, no currículo escolar, o alemão padrão ou o Hunsrückisch, além de implementarem projetos que têm a língua e a identidade local como foco. A partir da ida a campo, dos questionários aplicados nas localidades e dos dados institucionais preenchidos e enviados pela secretaria de educação de alguns municípios,¹⁰⁷ segue uma lista de localidades que pelo menos em termos da oferta de línguas parecem buscar uma inserção da realidade plurilinguística local no âmbito escolar.

Tab. 32 – Localidades que oferecem ensino de alemão na grade curricular

	Escola Municipal	Escola Estadual	Escola Particular
Alemão padrão	RS02 Dois Irmãos	RS06 Nova Petrópolis	RS01 Novo Hamburgo
	RS02 Ivoti	RS22 Santo Cristo	RS01 São Leopoldo
	RS04 Morro Reuter	SC03 Alto Bela Vista	RS01 Sapiranga
	RS04 Presidente Lucena	SC03 Peritiba	RS02 Ivoti (ens. básico e superior)
	RS06 Nova Petrópolis	SC04 Arabutã	RS06 Nova Petrópolis
	RS08 Feliz	SC04 Seara	RS09 Estrela
	RS10 Colinas	SC06 Itapiranga	RS09 Teutônia
	RS10 Imigrante		RS11 Lajeado
	RS11 Forquetinha		RS12 Venâncio Aires
	RS11 Lajeado		RS13 Santa Cruz do Sul
	RS12 Venâncio Aires		

(Continua)

106 Na escola 1, 6 de 14 professores declararam falar o Hunsrückisch.

107 E-mail enviado em 2016 a todas as prefeituras, secretarias da educação e secretarias da cultura dos municípios que fazem parte da área de referência do IHLBrI.



	Escola Municipal	Escola Estadual	Escola Particular
Alemão padrão	RS13 Santa Cruz do Sul		
	RS21 Salvador das Missões		
	RS22 Campina das Missões		
	RS22 Santo Cristo		
	ES01 Domingos Martins		
	SC01 São Pedro de Alcântara		
	SC03 Ipira		
	SC04 Arabutã		
	SC04 Seara		
	SC06 Itapiranga		
	SC06 São João do Oeste		
	SC07 Tunápolis		
Alemão local	RS02 Estância Velha		
	RS04 Santa Maria do Herval		

Fonte: IHLBrI

A lista acima apenas ilustra os dados que coletamos durante a vigência do Inventário (IHLBrI). Esse quadro pode ter-se alterado nesse meio-tempo para cima, ou para baixo. Ele, no entanto, ainda diz pouco sobre o modo como o plurilinguismo local – não apenas o Hunsrückisch – é inserido na reflexão sobre a “língua e cultura local”. Em RS04 - Santa Maria do Herval, por exemplo, uma professora relata como buscou novas alternativas, incluindo a língua local em sua atividade de contação de histórias:

F1: *Ich tun dann Histórias vezehle, eu sou professora da hora do conto. Unn das honn ich ooch gemerrick: bem no início, eu contava a história e as crianças pareciam que não entendiam, eles não interagiam, não participavam, pareciam que tinham medo, timidez de falar uma palavra, de formular uma frase, de dizer o que achavam da história. E aí eu pensei em mudar isso. Do hann ich angefang Deitsch vezehle, né, die selbst História, bissche Brasilioonisch, bissche Deitsch, Brasilioonisch, bissche Deitsch. Unn do nochter, wie die História am Enn war, wenn ich gefroht honn, was die gefunn honn, do... minha nossa senhora, do is alles komm né. Unn do hann ich vestann, né, bekeppt, jetzt tere'se mich vestehn. (RS04 – Santa Maria do Herval)¹⁰⁸*

A dificuldade enfrentada pela professora foi resolvida ao aproximar-se do cotidiano plurilíngue da turma, da qual ela também faz parte. Nesse aspecto, ao

108 Tradução: F1: Eu conto histórias, eu sou professora da hora do conto. E isso eu também percebi: bem no início, eu contava a história e as crianças pareciam que não entendiam, eles não interagiam, não participavam, pareciam que tinham medo, timidez de falar alguma palavra, de formular uma frase, de dizer o que achavam da história. E aí eu pensei em mudar isso, daí comecei a contar em alemão, né, a mesma História, um pouco em brasileiro, um pouco em alemão, brasileiro, um pouco em alemão. E então de novo, quando a História terminava, quando eu perguntava o que eles acharam, então minha nossa senhora, então vinha tudo, né. E então eu entendi, né, percebi que agora eles podiam me entender.

longo de toda a pesquisa de campo do IHLBrI, ouvimos os desafios enfrentados pelos profissionais locais que trabalham em prol do plurilinguismo. Para eles, o fato de um professor local ser enviado para outra comunidade, enquanto há professores de fora que trabalham localmente, é uma das problemáticas do universo escolar das comunidades de imigração. Por vezes, o profissional de fora daquele meio não entende as particularidades locais e, pior, há aqueles que não querem entender os ganhos em aproveitar o conhecimento linguístico e cultural dos alunos (ver SKUTNABB-KANGAS, 1988).

Outro relato frequente nas entrevistas do IHLBrI foi a falta de professores de alemão e a política atual que prioriza o ensino do inglês¹⁰⁹ e cria empecilhos para o ensino de outras línguas. RS20 - São José do Inhacorá, por exemplo, apesar de relatar ter buscado maneiras de inserir o ensino de alemão nas escolas públicas, não conseguiu pôr isso em prática, por esbarrar na falta de professores e na dificuldade burocrática para inserir o alemão padrão como opção de língua estrangeira no currículo escolar.

O uso do Hunsrückisch, na perspectiva da educação, se sustenta pelo fato de a habilidade de falar mais de uma língua, incluindo a variedade que o aluno traz de casa, ser extremamente benéfica, do ponto de vista tanto sociolinguístico (por permitir a inserção dos falantes na comunicação local), quanto psicolinguístico, como recurso que estimula o desenvolvimento cognitivo (cf. ROMAINE, 1995; LIMBERGER, 2018). Assim, além de inserir o alemão *standard* para dialogar com a variedade local, também representa uma estratégia eficaz implementar projetos que englobem a família e a sua língua no meio escolar, por meio de diferentes disciplinas. Um exemplo de atividade dessa natureza são os concursos de leitura e de teatro em alemão, organizados pela Associação Rio-grandense de Professores de Alemão (ARPA), que incluem em seu programa também a modalidade ou categoria “dialeto”. Uma professora de RS06 – Nova Petrópolis relata o significado desse tipo de ação, na formação dos alunos:

F: *Unn unser Ziel hier von der Schul is dann, dass wir immer ein Stick Hunsrick spielen unn das nennen wir auch unser Stickchen, heissen auch immer, das is unser deutsch Schatz. Warum ist es unser deutsch Schatz? Wir hatten schon mal eine Sketche aufgebaut, wo man ein Schatz so hin unn her getragen hat, unn da drinnen war nix, unn war aber alles. War unser Dialekt. Unser Hunsrick war unser Schatz, unn is unser Schatz. Unn das macht auch die Kinder viel meh Spass, wenn die hier im Corredor mit Hunsrickisch angesprochen werden, als mit Hochdeutsch oder Portugiesisch. Unn wenn die dann auch Hunsrickisch spreche oder spiele deffe. Unn das scheenste fa denne is, dass das denne Spass macht, dass es lustich is. Unn dann was ganz anderes is dann auch, wenn Hunsrickisch ist, dann sage'se immer: Das muss mit Humor sein, sonst hat es kein Sinn. Né, die Leute lachen dann auch dariber. Awer wenn es ein ernste Spiel ist, dann is es auch kein Hunsrückisch. Awer das is nicht lachen von eine Situation von den Alemão*

109 Não se tem aqui a negação da importância do inglês; pelo contrário, quanto mais línguas forem ensinadas ao aluno, melhor e mais bem preparado ele estará para integrar-se ao mundo e ao mercado de trabalho.



Batata, nicht das. Das machen wir nicht! Wir machen genau das, dass man ein bisschen was'ma von dem Hunsrückisch, was man bisschen vergessen hat, wieder noch in Stick rein bringen. Das machen wir. (RS06 - Nova Petrópolis)¹¹⁰

A linguagem artística surge, nessas ações, como forma de conscientizar e expressar a identidade do grupo, transferindo maior prestígio à variedade minoritária. Sua contribuição para o desenvolvimento da autoestima e conscientização linguística no uso do Hunsrückisch pode ser especialmente relevante. Assim, implementar estratégias que incentivem o plurilinguismo em sala de aula e, conseqüentemente, na localidade em que a escola está inserida, significa transcender à sala de aula de ensino da língua. É o que Broch (2014) denomina de “educação plurilinguística” e que este Inventário assume como posição mais adequada para o ensino em contextos multilíngues. Essa educação plurilinguística assegura, além disso, a percepção de que a língua está viva e presente em diferentes âmbitos da comunidade; basta abrir os olhos e apontar os ouvidos, para enxergar e ouvir atentamente sua presença. Um desses âmbitos é o religioso, que veremos a seguir.

3.4.6 A língua da Igreja e a língua na igreja

Língua e religião estiveram, durante os quase 200 anos de imigração alemã no Brasil, estreitamente ligadas: a língua atendia à religião; a religião, à língua. O papel da igreja como gestora da língua, tanto de protestantes quanto de católicos, sempre foi muito atuante. Mas a língua da liturgia, das inscrições nos cemitérios, do canto do coral, do sermão do padre ou pastor, sempre tendeu à norma escrita do alemão *standard*, embora nem sempre se realizasse plenamente como tal, ou apenas parcialmente. Com isso, pode-se supor uma série de práticas de letramento do hunsriqueano também na língua alemã *standard*, incluindo esses âmbitos de uso. Muitos materiais impressos – como o *Ignatiuskalender* ou *Jahrbuch der Familie* – chegaram às casas dos falantes por meio da atividade da igreja.

Existem duas teses sobre a relação entre língua e religião que são mencionadas na literatura e no senso comum. De um lado, tem-se a tese de que

110 Tradução: F: Todo ano tem um festival de teatro organizado pela ARPA. E o festival de teatro tem o objetivo de que não só se escreva alemão, mas também que se fale bastante. E lá podemos usar o dialeto e nós sempre falamos, sempre fizemos em dialeto. E o nosso objetivo da escola é sempre apresentar uma peça em Hunsrück e isso nós chamamos, as esquetes, chamamos sempre de “nosso tesouro alemão”. Por que isso é o nosso “tesouro alemão”? Nós tínhamos elaborado uma esquete, onde se carregava um tesouro de um lado para outro, e lá dentro não tinha nada, mas também tinha tudo. Lá estava o nosso dialeto. O Hunsrück era o nosso tesouro, e é o nosso tesouro. E isso também anima mais as crianças, quando se fala com elas no corredor em Hunsrückisch, e não em Hochdeutsch ou em português. E quando eles também são permitidos de falar ou brincar em Hunsrückisch. E o mais bonito para eles é que isso seja divertido, que seja engraçado. E o que é bem diferente daí, é quando tem Hunsrückisch, aí eles sempre falam: precisa ser com humor, senão não faz sentido. Né, as pessoas sempre riem disso também. Mas quando é uma peça séria, aí não é em Hunsrückisch. Mas isso não é rir de uma situação de “alemão batata”, isso não. Não é isso que nós fazemos! O que nós fazemos é justamente trazer de volta um pouco do Hunsrückisch que já se esqueceu. É isso que nós fazemos.

os falantes evangélicos mantiveram mais o alemão do que os católicos, enquanto os católicos teriam se adaptado com mais facilidade ao catolicismo brasileiro e, por isso, adotado com mais frequência o português (WILLEMS, 1940, p. 206). De outro lado, existe a visão corrente no senso comum de que os falantes evangélicos do Hunsrückisch falam mais próximo da norma *standard* (*Hochdeutsch*), devido à vinculação com Lutero e a Alemanha, e conseqüentemente com o alemão escrito. Essa visão aparece com relativa frequência nos depoimentos dos falantes entrevistados.

E: *Unn so, mit Deutsch unn Deitsch, gibt das etwas ze tun mit der Relichion? So spreche die Katholische etwas meh Hunsrickisch, ore?*

F: *Olha, ein klein bisschen ja. Die Evangelische, wie man sache tut, die senn meh Deutsch. Ich hatte letzt noch ein... wie sacht'ma noch... ein Zeitungsblatt gelest gehat unn dann hier in Ibirubá die evangelische Gemeinde, né, dann hat die deutsche evangelische Gemeinde, né, daí a gente vê, né, das is mehr unn weil'se die Pastore, die ware auch alle von Deutschland, die eerste. [...]*

Unn die Evangelische auch, die tun die dann hier studiere, né, aber im Anfang, wie ma sacht, die kam' alle von Deutschland. Unser Farrer, wo uns confirmiert hat, das war noch en Deutschlenner.

E: *Unn dann wer behalt noch meh das Deitsch ore Deutsch? Die Evangelische ore die Katholische?*

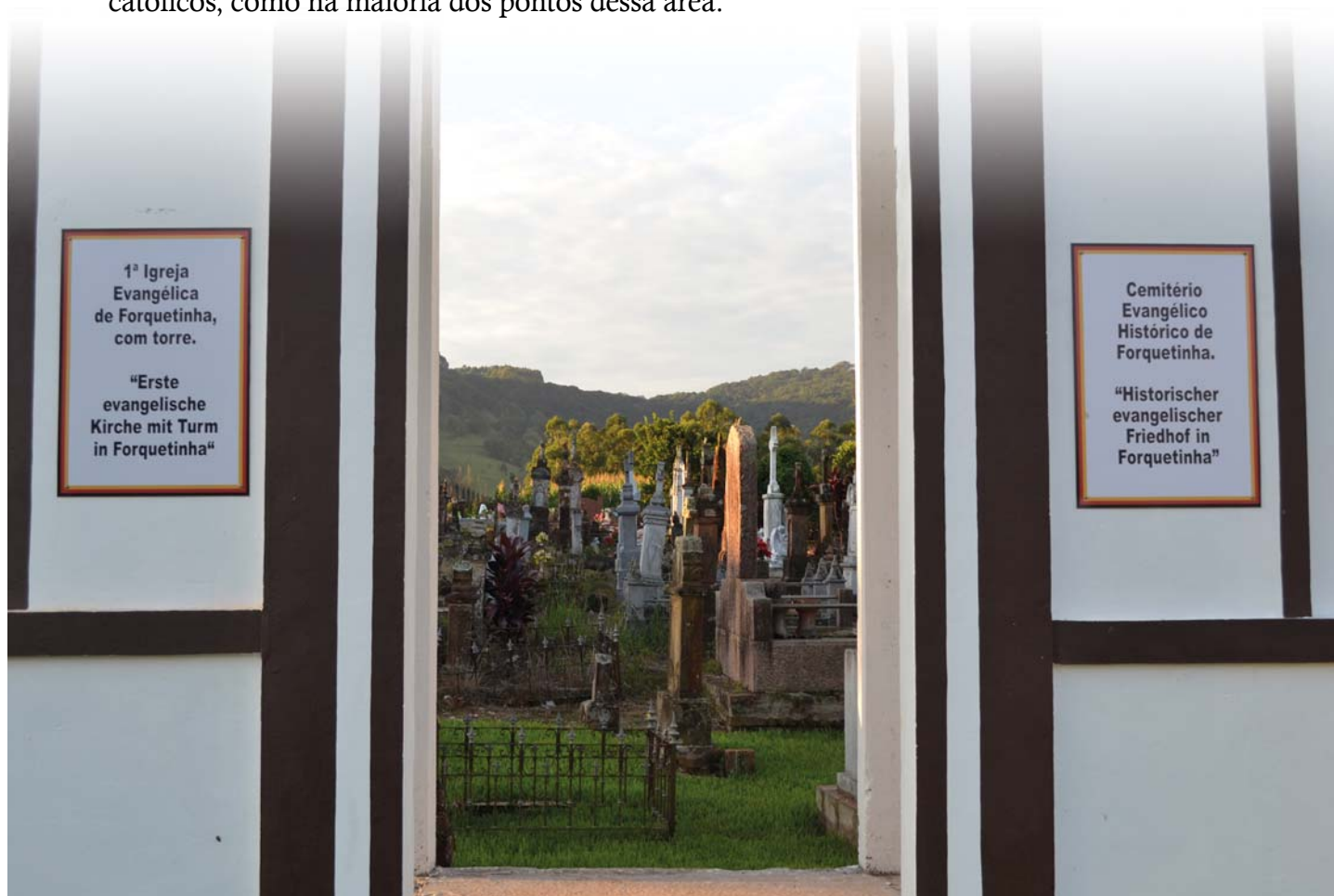
F: *Ich glaub, die Evangelische, weil die tun ab und zu, es gibt extra en deutsch Kerich fo die eltre Leut. Immer vor Weinacht ore vor Oster kommt ein Farrer, wo gut deutsch kann, né, unn macht deutsch Kerich. (RS18 - Selbach)¹¹¹*

Se houve a vinda de pastores, pelo lado protestante (DREHER, 2002), também é verdade que, pelo lado católico, a atuação dos jesuítas foi determinante (RAMBO, 2013). Cada lado desenvolveu também a sua imprensa e a sua escola. Embora, no entanto, se costume afirmar que 46% dos imigrantes alemães tenha sido de religião católica e 54%, protestante (RAMBO, 2013, p. 14; DREHER, 2002, p. 124), o que se observa no perfil dos informantes do ALMA-H (ver mapa da fig. 33 abaixo) é o predomínio de falantes católicos na área do Hrs. do tipo *Deitsch*, colonizada antes de 1850. Na área ocupada após 1850, em que se tem o Hunsrückisch de tipo *Deutsch*, mais próximo do alemão *standard*, predominam falantes protestantes. Essa distribuição pode explicar a segunda tese, da proximidade com o *standard*,

111 Tradução: E: E em relação a *Deutsch* e *Deitsch*, tem algo a ver com a religião? Os católicos falam mais Hunsrückisch? / F: Olha, um pouco sim. Os evangélicos, como posso dizer, eles falam mais Deutsch. Agora, não faz muito tempo, eu li... como se diz mesmo... um jornal de Ibirubá, da comunidade evangélica, né. Daí a gente vê, né, que é mais [alemão], porque os primeiros pastores eram da Alemanha. [...] E os evangélicos então estudam aqui, né, mas no começo, como se diz, eles vinham todos da Alemanha. Nosso pastor, o que fez nossa confirmação, ele ainda foi um alemão. / E: E quem mantém mais o alemão? Os evangélicos ou os católicos? / F: Eu acho que os evangélicos, porque de vez em quando tem especialmente em alemão para os mais velhos. Sempre antes do Natal ou da Páscoa, vem um pastor que fala bem alemão, né, e faz "igreja" [culto] em alemão".

pelo viés do período de imigração, em que já se vem com as influências da lei prussiana de obrigatoriedade da escola. Coincidentemente, esses imigrantes parecem ser de perfil predominantemente protestante. O que surpreende é que nas colônias novas também seja maior o número de falantes católicos, o que também explicaria a predominância de marcas linguísticas do tipo *Deitsch*, portanto mais dialetais. Essa migração maior de católicos da área *Deitsch* deve ser reflexo do fato de essa área ter, nessa época, já esgotada sua capacidade de ocupação da terra e ter sido, por isso, obrigada a desafogar seu excedente populacional.

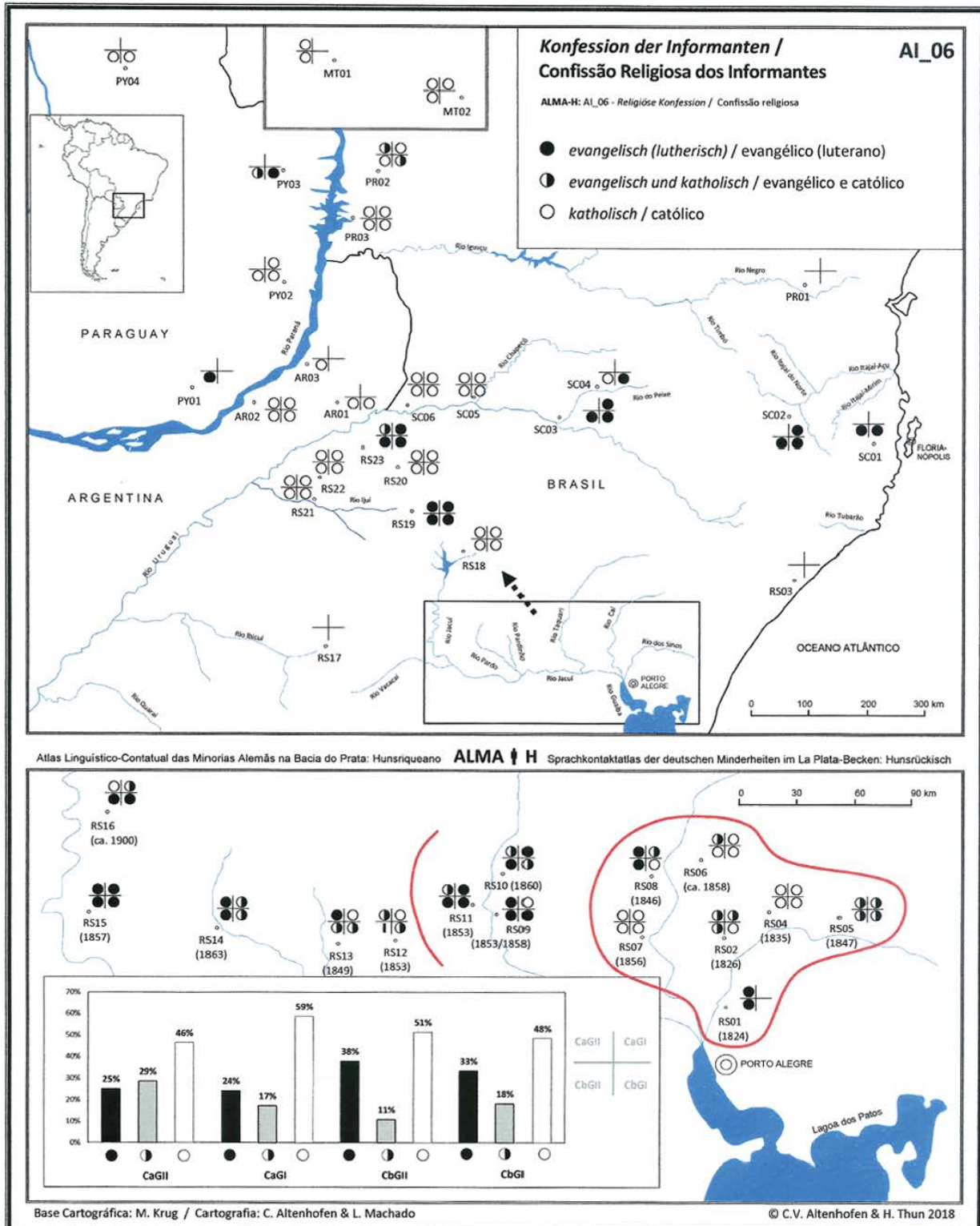
Existe, no entanto, um outro fator a considerar. A expansão para as colônias novas, a partir de 1890, deu-se de forma organizada e planejada, graças à ação do *Riograndenser Bauernverein* (Associação Rio-grandense de Agricultores), fundado em 1900 (v. RAMBO, 2011, p. 35), o qual reunia tanto católicos como protestantes e, inclusive, alguns imigrantes italianos, estabelecidos em colônias vizinhas às dos alemães. Em sua assembleia de 1903, “expressou-se [em comum acordo] o desejo generalizado de que [nos novos assentamentos] fosse seguido o critério da separação por confissão religiosa” (*Der Bauernfreund* 5, 1903, p. 37 *apud* RAMBO, 2011, p. 105). Isso explica a quase inexistência de pontos confessionalmente mistos na área das colônias novas, onde os informantes entrevistados pelo ALMA-H são ou majoritariamente protestantes, como em RS19, RS23 e SC03, ou exclusivamente católicos, como na maioria dos pontos dessa área.



Forquethina - RS

Foto: Ana Carolina Winckelmann

Fig. 33 – Confissão religiosa dos falantes de Hunsrückisch entrevistados pelo ALMA-H



Fonte: ALMA-H

Vê-se, portanto, que a relação entre língua e igreja não é nada trivial. Língua, Igreja, Escola e Imprensa são instituições indissociáveis na história da imigração alemã no Brasil. Elas formam os pilares de uma unidade no sentido estrito da

palavra, de modo que não podem ser consideradas separadamente. Nas colônias velhas, parece haver uma matriz francônio-renana de confissão católica que desempenhou papel central na difusão desse tipo *Deitsch*, de base mais renana. Como a religião católica foi por muito tempo a única religião tolerada pelo Estado brasileiro, é de se supor que os católicos tivessem o caminho à migração facilitado e que muitos protestantes se tenham convertido ao catolicismo. Além disso, o predomínio de católicos nos pontos das colônias novas pode ser visto, em certa medida, como um reflexo da liderança que tiveram os padres jesuítas, no *Bauernverein* – especialmente os padres Theodor Amstad (idealizador da associação), Max von Lassberg e Johannes Rick.

Por outro lado, existem localidades em que ambas as religiões estão presentes. Um exemplo é a comunidade de Novo Paraíso, em RS09 – Estrela, que em Hunsrückisch se chama justamente *Doppelpikood* (lit. ‘picada dupla’), por abrigar os dois grupos, com duas igrejas e dois cemitérios. Um falante local explica da seguinte forma essa relação:

E: *Ja, warum heest das dann Doppelpikood?*

F: *Ei, wall hier zwei Gemeinde sinn. Enn evangelische Gemeind unn enn katolisch Gemeind. Unn die Gemeinde, die honn Schule unn Kerrich, jede ein [...]. Unn jede hat sein Kerrich uff. [...] unn noch zwei Kerbefeste. Die evangelisch Kerreb unn die katolisch Kerreb.*

E: *Unn gehn die Katolische bei die Evangelische?*

F: *Gehn beisammer.*

E: *Tun’se ooch beisammer heirate?*

F: *Ja, mitsammer heirate.*

E: *Viel?*

F: *Ganz viel. Wall frieher, wann mir jung woore, do woo das, die Eltre honn das verbot. Wenn en Jung en evangelische Medche namoriert hot, das duft net. Duft net heirate. Heit tut niemand do was degeche.*

E: *Heit is frei?!*

F: *Hot niemand do etwas degeche. (RS09 - Novo Paraíso, Estrela)¹¹²*

O falante deixa claro, na sua fala, que os católicos não dependiam da estrutura dos evangélicos luteranos e vice-versa, porque cada instituição religiosa tinha as suas instalações bem organizadas. Cada grupo religioso seguia as suas práticas com o auxílio da comunidade e para isso era autossuficiente. A diferença de

112 Tradução: E: E porque se chama de picada dupla? / F: Porque aqui tem duas comunidades. Uma evangélica e uma católica. E cada comunidade tem sua escola e sua igreja [...]. E cada uma tem seu cemitério. [...] e também há duas festas de *Kerb*. A festa do *Kerb* dos evangélicos e a festa dos católicos. / E: E os católicos participam com os evangélicos? / F: Juntos. / E: Também se casam entre eles? / F: Sim, casam. / E: Muito? / F: Bastante, porque antigamente, quando nós éramos jovens, aí os pais proibiam isso. Se um jovem (católico) namorava uma moça evangélica, isso não poderia. Não poderia casar. Hoje ninguém vai contra. / E: Hoje é livre?! / F: Ninguém tem algo contra. (RS09 - Novo Paraíso, Estrela)

comportamentos do passado é contrastada com os comportamentos religiosos da atualidade. Hoje, por exemplo, já é comum casamentos entre católicos e luteranos. Além disso, encontros ecumênicos são mais comuns.

No passado, no entanto, esses comportamentos mais liberais e os casamentos mistos não eram bem aceitos na sociedade. Para muitas famílias, a escolha de um cônjuge que não seguisse o mesmo credo religioso era motivo de conflitos internos. Na época, existia até a expressão *rumgehn*, segundo Müller (1984, p. 27), para expressar que se mudou de uma religião para outra em função do casamento.

Para a finalidade de compreensão dos mecanismos de manutenção ou perda do Hunsrückisch, fica claro que as práticas religiosas – como mostra sua história – desempenham papel central. No momento em que elas cessam, temos um indício de que não há mais falantes suficientes, para justificar seu uso. Ao contrário, o uso do alemão nas práticas religiosas de determinada localidade representa um indício de relativa vitalidade linguística e de uma comunidade de fala ativa, mesmo em contextos urbanos, onde sua territorialidade se dilui em meio ao espaço compartilhado com outros grupos. Esse indicador vale especialmente para eventos regulares, como os sermões em alemão. Mas há também eventos organizados esporadicamente (ou sazonalmente), em que se a língua no programa: por exemplo, em uma celebração religiosa em Hunsrückisch ou em canções de Natal no fim do ano. Esses eventos pontuais carregam um significado simbólico para a lembrança e reconhecimento da história e cultura local. O padre ou pastor como representantes máximos da igreja local desempenham, nesse sentido, papel central na promoção da língua. O mesmo vale para os representantes da administração pública local, como veremos a seguir. São todos lideranças de referência para a língua.

3.4.7 A presença da língua na administração municipal

Conforme já dissemos, o Decreto nº 7.387 (v. ANEXO 1), de 09 de dezembro de 2010, instituiu o inventário linguístico, para servir de “instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. O decreto representa o primeiro passo e requisito para o reconhecimento do Hunsrückisch como Referência Cultural Brasileira e faz parte de uma política da diversidade linguística que, nos últimos dez anos, vem buscando criar mecanismos de salvaguarda das diferentes línguas no Brasil, vistas como patrimônio cultural imaterial. Desde 2007, quando se realizou o “Seminário do Livro das Línguas”, do qual participaram também o Hunsrückisch e o Talian (já reconhecido e inventariado), as línguas de imigração passaram *de facto* a fazer parte dos debates, antes restrito ao tripé *índio – branco (luso) – negro* como base da formação da sociedade brasileira.

A gestão de línguas – por isso, repetimos aqui a função do Inventário – representa uma instância estreitamente vinculada ao terreno administrativo. Representações como a que se tentou em Blumenau através da criação de um Conselho da Língua Alemã (MAILER, 2003, p. 65 e 73), formado por membros da sociedade civil, são um exemplo do que é possível nesse terreno. O próprio Colegiado da Diversidade Linguística do RS, criado em 2018, a que já se fez alusão aqui, e que se vincula à Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (SEDACTEL), segue o mesmo teor, porém com representantes de diferentes línguas. São exemplos do potencial criativo que o reconhecimento do plurilinguismo e do papel das línguas como patrimônio cultural pode representar para os destinos de uma comunidade em particular.

A própria Constituição assegura o direito de ser plural, de falar mais de uma língua. Mas esse direito precisa ser exercido nas relações sociais do dia a dia, onde imperam pesos e valores com os quais uma língua minoritária não pode entrar “em queda de braço”. A língua minoritária precisa ficar fiel à sua essência como conhecimento de exceção, e não como um concorrente numericamente em desvantagem. A língua minoritária não disputa lugar; ela reivindica um lugar em meio à diversidade. Está certo que sempre haverá situações de exclusão e de desigualdade em virtude de diferenças de prestígio, no mercado, como no caso do inglês (língua hipercentral). Mas é precisamente no plurilinguismo e na autoafirmação desse plurilinguismo como valor intrínseco e um bem cultural de direito que os falantes dessas línguas podem encontrar um caminho para gerir esse conhecimento. Para Skutnabb-Kangas (1988, p.12),

todas as línguas têm os mesmos direitos, as mesmas possibilidades de serem aprendidas plenamente, desenvolvidas e usadas em todas as situações por todos os seus falantes, mas na prática isso não acontece. Diferentes línguas têm diferentes direitos políticos, não dependendo de qualquer característica inerente, mas da força de poder entre os falantes e suas línguas¹¹³.

Por isso, é importante compreender o valor intrínseco do plurilinguismo para a autoafirmação do Hunsrückisch e de sua relação com as demais línguas de seu entorno. Nesse aspecto, uma administração municipal que inclui em sua pauta a diversidade linguística desempenha um papel vital como catalizadora desse processo. É claro que nem sempre a diversidade linguística é a regra para a adesão do poder público às pautas dos direitos linguísticos. Mesmo assim, é inegável o significado que assume o fato de um representante da comunidade (de fala) ocupar uma posição no plano decisório da administração local/municipal. Língua é poder, língua atrai votos, língua vende produtos, certamente o leitor já

113 Texto original: “[...] all languages could have the same rights, the same possibility of being learned fully, developed and used in all situation by their speakers. But in practice we know that this is far from the case. Different languages have different political rights, not depending on any inherent characteristics, but on the power relationships between the speakers of those languages.” (SKUTNABB-KANGAS, 1988, p. 12)

deve ter ouvido mais de uma vez esses argumentos. Como pergunta de pesquisa cabe averiguar em que medida esse preceito se coloca em prática. É o que diz a famosa frase de Nelson Mandela:

“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria língua, você atinge seu coração.”

O seguinte depoimento confirma o que diz a citação de Mandela, mostrando as potencialidades e o significado da língua para a pauta de governo, em uma municipalidade com presença de outras línguas e culturas:

F: *Unn so is das heit noch. Ich foohre viel in Interior, wie ich in die Campanha gemach hann fo Vereador, is ma dorom hinkomm unn die alte Mutterche woore froh, die hann ehm gedetschelt unn honn gemacht, das woo dereckt was Scheenes. Ma kommt hin, dann wisse's net is das een Deitsche ode is das een Bresiliooner, unn dann sprecht'ma se Deitsch on unn dann woore'se dehemm. Das woo iwer scheen, das macht ehm selwer Spass, wenn'ma kann uff so Pletze hinkomme. Es is dereckt een anner Mensch, wenn'ma da hinkommt unn kann die Vatersche unn Muttersche so Deitsch spreche. Das hab ich mechtich gemm.*¹¹⁴ (RS22 - Santo Cristo)

O sentimento de pertencimento do vereador e a aceitação daqueles que comungam de um mesmo sistema linguístico demonstram a relevância dessa ligação, ou seja, da administração pública ser falante da língua da comunidade. Em nossas viagens de pesquisa, temos observado, contudo, ainda muito des-caso e desconhecimento, apesar da grande representatividade de prefeitos e vereadores que falam Hunsrückisch. A tab. 33 a seguir dá uma amostra da grande representatividade do Hunsrückisch entre os representantes da administração local. É verdade que a amostra – válida para o ano de 2017 – não pode ser tomada como regra geral, mesmo assim é significativa a proporção de falantes de Hunsrückisch, ainda hoje, e não apenas uma exceção de um ou dois municípios. A amostra engloba 25 municípios para os quais se obtiveram os dados.

114 Tradução: F: E hoje isso ainda é assim. Eu fui muito pro interior, quando fiz minha campanha para vereador. Eu chegava lá e as mães ficavam felizes, elas me apertavam e ficavam assim, isso era algo bonito. Quando se chega lá, as pessoas não sabem se é uma pessoa alemã ou um brasileiro, aí quando se fala alemão se está em casa. Isso foi muito bonito, isso me alegra poder chegar nesses lugares. Parece que a gente se torna outra pessoa quando se chega nesses lugares e pode falar alemão com os papais e mães. Eu gosto muito disso.



Tab. 33 – Número de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores falantes de Hunsrückisch em 25 comunidades de referência do IHLBrI, no Rio Grande do Sul

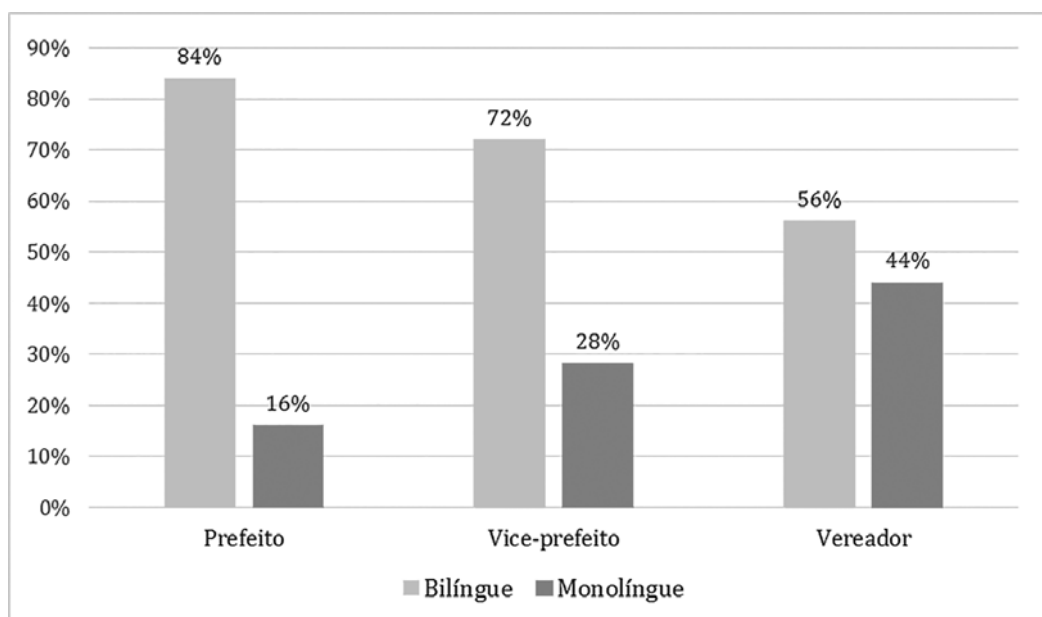
Pontos	Prefeito	Vice-	Vereador	Pontos	Prefeito	Vice-	Vereador		
RS01 - São Leopoldo	1	0	2	13	RS10 - Colinas	1	1	9	9
RS01 - Novo Hamburgo	0	0	2	14	RS10 - Imigrante	1	1	9	9
RS01 - Sapiranga	1	1	1	15	RS11 - Forquetinha	1	1	9	9
RS02 - Dois Irmãos	0	0	4	9	RS11 - Lajeado	0	1	5	15
RS02 - Ivoti	1	1	9	9	RS12 - Venâncio Aires	1	0	2	15
RS04 - Presidente Lucena	1	1	8	9	RS13 - Sta Cruz do Sul	1	1	7	17
RS04 - Sta Maria do Herval	1	1	9	9	RS15 - Agudo	1	0	7	17
RS06 - Nova Petrópolis	1	1	2	11	RS18 - Selbach	1	0	4	9
RS07 - Harmonia	1	1	8	9	RS19 - Panambi	1	1	Alg.	13
RS08 - Alto Feliz	1	1	9	9	RS20 - São José do Inhacorá	1	1	9	9
RS08 - Feliz	1	1	9	9	RS22 - Campina das Missões	1	1	3	6
RS09 - Estrela	0	0	3	13	RS22 - Santo Cristo	1	1	9	9
RS09 - Paverama	1	1	8	9					

Fonte: IHLBrI

Pode-se inferir da tabela acima um número total de 21 prefeitos falantes de Hunsrückisch, tipo *Deutsch* ou *Deitsch*, conforme a colonização da localidade a que pertencem (v. cap. 1). O número de vice-prefeitos falantes é menor: 18 falantes no total, enquanto que, num total de 262 vereadores de 24 localidades¹¹⁵, 147 são falantes de Hunsrückisch. Como se esperava, os municípios do ponto RS01, São Leopoldo e Novo Hamburgo, apresentam menor taxa de bilinguismo Hunsrückisch-português, número esse que se justifica por sua localização metropolitana, onde há maior presença de monolíngues em português, e devido também à crescente urbanização desses municípios, que têm um contingente habitacional superior a 200.000 habitantes. Do lado oposto, observa-se que localidades mais interioranas, como RS08 - Alto Feliz e Feliz, dispõem de maior representatividade linguística do Hunsrückisch no poder público local. Apesar de localidades como RS02 - Estrela e Dois Irmãos serem uma surpresa pelo número reduzido de falantes na prefeitura e na câmara de vereadores, ainda assim é possível depreender os indícios de que, no Brasil, há mais de uma língua materna que é falada não só pela população em geral, mas também pelos seus representantes eleitos. Para facilitar a análise desses números totais, trazemos, a seguir, um gráfico com as porcentagens totais.

115 Neste item, não será contabilizado RS19 - Panambi, já que o questionário institucional enviado pela prefeitura fala em alguns vereadores falantes do alemão local, sem precisar nenhum número. Porém, o dado do prefeito e do vice-prefeito é válido para a análise da administração municipal.

Gráf. 2 – Bilinguismo (Hunsrückisch-português) na administração em uma amostra de 25 municípios do RS



Fonte: IHLBrI

É na instância da administração municipal, da qual fazem parte falantes e não-falantes da variedade local, que recai a responsabilidade das decisões no campo legal em prol do plurilinguismo. As intervenções político-linguísticas sobre as línguas de imigração podem mudar a situação sociolinguística do contexto multilíngue em que se fazem presentes. Os instrumentos de planejamento linguístico, seja pelo poder público ou por um grupo civil organizado, requerem cuidado, já que este estágio de planejamento linguístico pode influenciar diretamente as escolhas dos sujeitos participantes desses contextos. Uma gestão equivocada da situação sociolinguística pode, em vez de aumentar as chances de uma língua minoritária, minar o processo de manutenção linguística, conforme já foi feito no passado, a saber, pela política de nacionalização implementada pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas.

3.4.8 Usos escritos em Hunsrückisch

Quando observamos os usos escritos da língua alemã nas comunidades onde vivem os falantes de Hunsrückisch, percebemos que, apesar das tendências apontadas pela amostra analisada pela equipe IPOL em seis pontos de referência (4 de SC e 2 de ES, ver 3.1.2), no Hrs. essas manifestações escritas até aqui ocorreram, em sua maioria, em alemão *standard*. Por mais que contenham influências da língua oral, tradicionalmente, a intenção na hora de escrever é a de alcançar, mesmo que parcialmente, o padrão de escrita do *Hochdeutsch*, o que é comprovado pelo acervo de documentos escritos do projeto ALMA-H e pelos arquivos encontrados durante as pesquisas do projeto IHLBrI. É possível observar que, tradicionalmente, o

Hunsrückisch sempre esteve reservado para a comunicação oral, enquanto que ao *Hochdeutsch* reservava-se o espaço de língua escrita e de comunicação em situações mais formais. Só recentemente, com as novas tecnologias, vem-se observando a tendência de redes sociais que se comunicam em Hunsrückisch por escrito.

Desde o início de sua história no Brasil, os imigrantes alemães e seus descendentes tiveram uma grande preocupação em construir instituições de educação como igrejas, escolas e também em instaurar uma imprensa em sua língua. Essas instituições tiveram um papel muito importante na difusão da escrita do alemão *standard*. A prática dominante nas comunidades católicas e evangélicas em cidades de colonização alemã era usar majoritariamente a língua alemã no âmbito religioso. Além de cultos com a liturgia escrita em alemão, a instrução de jovens e a leitura da Bíblia também se davam em *Hochdeutsch*. Mesmo materiais impressos de comunicação com os membros da comunidade religiosa eram escritos até um bom tempo em língua alemã, como vemos nos exemplos abaixo, do mesmo padre, desde sua ordenação, em 1922, até a comemoração do jubileu de 25 anos, em 1947, quando, apesar da política de nacionalização recente, ainda manteve a língua alemã, porém com a opção também em português:

Fig. 34 – “Santinhos” referentes à primeira missa como padre (1922) e à comemoração do jubileu de ordenação (1947) do Pe. Henrique Jacó Orth em RS07 - Harmonia



Fonte: Acervo ALMA-H

O campo religioso levanta a questão da complementaridade entre oralidade e escrituralidade. A paisagem linguística nesse âmbito é especialmente variável e frequente: engloba desde materiais impressos, como os santinhos acima, até inscrições na igreja ou em sepulturas. Verba volant, sed scribant! As palavras voam, mas permanecem quando escritas. Assim, é de se imaginar seu valor simbólico para a representação e autoafirmação da língua de imigração na comunidade. Esse valor foi percebido pela política de nacionalização do Estado Novo (1933-1945),

que se sentiu especialmente incomodado com o poder da palavra escrita, a ponto de encontrarmos em nossos levantamentos de campo práticas de apagamento e de perda da competência escrita, como se pode ver na fig. 35:

Fig. 35 – Práticas de apagamento da língua escrita em inscrições religiosas



Fonte: Acervo ALMA-H

Apesar desses “rastros de apagamento da história”, ainda hoje há presença da escrita do *Hochdeutsch* na religião, nessas comunidades, principalmente em hinos cantados nas paróquias e nas apresentações de corais e mensagens com citações bíblicas em alemão. Algumas comunidades também mantêm a tradição de celebrar os cultos e missas em alemão em datas comemorativas específicas, como na 9ª *Deutsche Woche*, realizada em 2017, em SC06 - São João do Oeste, em que se promoveu uma “missa bilíngue”. Podemos afirmar, além disso, que o léxico religioso é um dos que mais manteve palavras influenciadas pelo *Hochdeutsch*, no Hunsrückisch, com influência da variedade escrita (comparem-se *der Heilige Geist* ‘o Espírito Santo’, *das Gebet* ‘a oração’, *der Rosekranz* ‘o terço’, *Schutzengel* ‘anjo da guarda’, *der Beichtstuhl* ‘o confessionário’, *der Herrgott* ‘Deus’, ou ainda *die Mutter Gottes* ‘Maria, mãe de deus’, talvez uma das únicas formas com remanescente do genitivo.

Um outro exemplo que ilustra essa relação entre o Hunsrückisch falado e o *Hochdeutsch* escrito é a prática dos *Wandschoner*, isto é, de panos de proteção de

parede (atrás do fogão), nos quais se costumava bordar ditados e frases em alemão. Em todas as nossas viagens de campo não encontramos sequer um exemplar com uma frase em na língua ou “dialeto” Hunsrückisch. A lista de ditados e provérbios bordados nesses *Wandschoner*, geralmente com sentido moral ou pedagógico, é mais uma comprovação da diglossia histórica entre o Hunsrückisch e o Hochdeutsch:

“*Hab auf der Welt die schönsten Stunden doch nur in meinem Heim gefunden!*”
(‘Encontrei no mundo as horas mais bonitas no meu lar!’)

“*Mit frischen Mut geht alles gut.*” (‘Com coragem perene tudo segue melhor.’)

“*An Gottes Segen ist alles gelegen.*” (‘Tudo depende da bênção de Deus’)

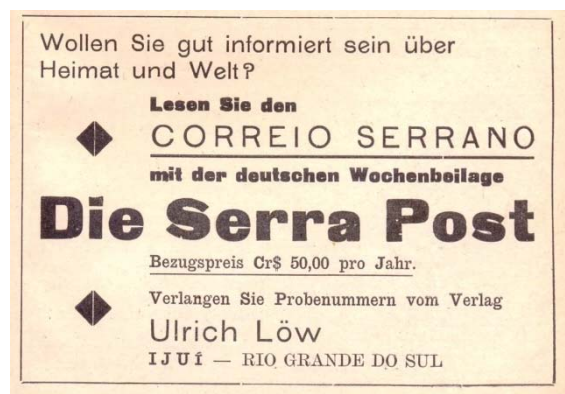
“*Häuslicher Sinn bringt Gewinn.*” (‘O sentido de casa traz ganhos’)

“*Zusammenhalten in Freud und Leid, bringt Glück und Frieden allezeit.*” (‘Manter-se unido na alegria e na dor, traz felicidade e paz em todo momento.’)

“*Der beste Schatz für einen Mann, ist eine Frau, die kochen kann.*” (‘O maior tesouro de um homem é uma mulher que sabe cozinhar.’)

No que diz respeito à escrita fora do ambiente religioso, estabeleceram-se, conforme Rambo (2003, p. 60), após o fim da Guerra dos Farrapos e com a chegada da segunda leva de imigrantes, as primeiras comunidades urbanas de imigrantes alemães e com elas as condições para o surgimento dos primeiros jornais, periódicos, relatos de viagem e almanaques (v. DREHER, RAMBO & TRAMONTINI, 2004; GERTZ, 2004; GRÜTZMANN, 2004). Além dos jornais de grande circulação, a saber, *Deutsches Volksblatt*, *Deutsche Post* e *Deutsche Zeitung* (que mais tarde passou a se chamar *Koseritz Deutsche Zeitung* e depois *Neue Deutsche Zeitung*), existiram no estado diversas folhas locais. Foram exemplos o *Serra Post*, publicado em Ijuí e abrangendo a população das colônias da Serra; e o *Kolonie*, publicado em Santa Cruz do Sul e abrangendo a região do Vale do Rio Pardo e regiões vizinhas. A proibição de línguas de imigração durante a Campanha de Nacionalização do final da década de 30 e início da década de 40 impediu a continuidade das publicações de periódicos em língua alemã.

Fig. 36 – Anúncio do *Serra Post Kalender* para obter novos assinantes



Fonte: Acervo ALMA-H

Na tradição dos almanaques (*Kalender*), houve frequentemente espaço também para textos em dialeto, especialmente do Hunsrückisch. A maioria desses textos, no entanto, se restringiu ao gênero humorístico, tanto em almanaques antigos quanto em colunas de jornal. Um desses almanaques que merece destaque, por ter enfatizado o uso do Hunsrückisch em seus textos, foi o *Brummbär-Kalender* (O Almanaque Resmungão), editado por Alfons Brod, entre 1931 e 1935, em Arroio do Meio (RS11). Neumann (2018, p. 18) cita ainda outros almanaques, como o *Sankt-Paulusblatt* e o *Familien-Kalender*, que incluíram em suas páginas textos em Hunsrückisch, tanto de poemas quanto de contos em Hunsrückisch. Com os almanaques, podia-se no entanto também acompanhar o calendário de festas da região e os feriados, obter orientações sobre épocas de plantio e colheita, as fases da lua, informações sobre cura e prevenção de doenças, entre outros aspectos, de utilidade para a vida das comunidades-alvo.

Em meio à produção literária, a tradição de usar o Hunsrückisch para o humor se relaciona com o acervo coletivo de narrativas que fazem parte da literatura oral desse grupo. Muitas vezes se escreviam histórias e anedotas que já eram conhecidas na comunidade e que agora ganhavam uma versão escrita. A seguir um exemplo do *Brummbär-Kalender* de 1935, em que se tematiza o papel do humor na vida do colono teuto-brasileiro:

Fig. 37 – Exemplo de texto em Hunsrückisch, que introduz a edição de 1935 do *Brummbär-Kalender*



Fonte: Acervo ALMA-H



Fig. 38 – Texto em Hunsrückisch, escrito por Zeno Hentz, de PY04 – Paso Tuyá (Moseldorf) para o *Familienkalender* (2014, p. 66-67)

Dat schlechte Gescheft

Zeno Hentz, - Paraguay

De Toni unn de Raffel, zwoi Hanauersch Buwe, honn sich in de letschte Johre noh Mato Gross geschäft fa Land se kaafe. Se hatte geheeat dass es in Mato Gross so mechtich Milje, Reis unn Bohne gewew deet. Do sinn'se mol gucke gang. In Porto Wilma sinn se ausgetich unn sinn in en Bodeege gang, honn sich 'n Brahma bestellt unn honn mol noh-spekulat wo ma en gut Stick Land kennt krieh. Do hot sich so'n dickpanziche Gaucho bei die Buwe gesetzt, hot sich mo'n Glas Bia gewew geloss, unn hot sich mechtich interessiat gezeicht. Eascht horra'se ausgefroot, wo se dann hea komme unn wie se sich schreiw deete. „Oia, mea schreiw uns

Hanauer unn mea komme von Santa Catarina“ - saat de Toni. De dicke Gaucho hot in de Richtung von Dourados gewohnt unn hot se ingelaad bei ihm se iwanachte. Das hot de Buwe jo mechtich gefall. De Gaucho hot de Buwe sei Fazenda gezeicht mit Milje, Maniok, Reis unn Bohne unn dann die Hinkle, Schwein, Schoof unn Cabritte. Hot aach en scheen Familie, en scheen Haus. Moins beim Kaffe iss das Gesprech widda iwawa das Landkaafe komm. De Gaucho hot se mol gefroot wieviel Geld se hette fa Land se kaafe. De Raffel hot gleich gesaat: „Mea honn 300 Konto im Seckel. Das iss alles was mea honn“. De Gaucho hot dann en Stick Land von drei Hekta angebot. Das wea'n ausgesucht Stick Land, pua Waasche Land dicht an de Bach. Ea het voaleiflich nore'n kleen Schoppche druffstehn. Das sinn drei Hekta gutes Land. Do sinn'ses mol gucke gang. Die drei Hekta loss ich eich fia 300 Konto.

Dat waa en Baixada mit Weisboddem unn das hot de Buwe schon net richtig gefall, honn's awwa kaaft unn ausbezahlt. Jetz honn'se do gestann ohne en Nikel im Seckel. De Gaucho hot se ingelaad bei ihm fa'n kleene Daachlohn se schaffe. So kennde 'se sich en Geldche



66

vodiene fa sich Kerosen, Salz, Bohne unn Katoffle se kaafe.

Do honn Buwe angefang se schaffe, honn das Land mo richtig romgegrabt unn hon Bohne, Reis, Maniok unn Milje geplanz. Awa ojeel! Die Planzung iss net richtig gewachst, weil de Weisboddem 'n schlecktes Land iss. Awwa dem Gaucho sei Plantaasch, himmelswille, honn do Milje gestann unn Maniok, unn Bowre, unn Melone... Do sinn die zwoi Buwe wach gebb unn honn gemerikt dass de Gaucho se mol richtig hinnangang hat.

„Ai, mea gehn bei de Gaucho unn valange unsa Geld zrick!“ saat de Toni. „Epal! dat hot kee Weat! - saat de Raffel - Loss mich mo richtig bedenke wie ma unsa Geld widda zrick krihn...“ Am annere Daach saa'rra: „Toni, ich wees schon was mea mache dass de Gaucho unsa Geld doppelt zrick gewew dut. Mea simuliere mea hätte'n Petroleum Quell entdeckt. Mea losse uns von de Schneidmühl en Carge Planche-Abfall komme unn stelle en Viereck von fennef zu fennef Meter zu. Do drin graawe mia en Loch von 2 Meter tief unn stelle unne rin en alt Blech voll Wasser mit en gut Kamade Kerosen. De Kerosen bleibt jo iwawa'n Wassa unn simuliert werkllich en Petroleumquell unn de Grundhiwwel dun ma gut mit Kerosen bespritzte. Unn dann dun ma beim Gaucho mo richtig proose iwawa all unsre groose Pleent.

De Gaucho wollt dass jo net glaawe, hot sich awwa paarmol hinnach dem Ohr gekratzt.

Die Buwe honn's gleich gemerikt. Wie'so gechee Nacht schon am dunkel werre war, honn'se sich hinnich dem Vlaeck vateckelt unn abgewaat. „Etwas werd heit noch passiere...“ - saat de Raffel. Unn werkllich! De Gaucho iss angeschlich komm, hot uff alle Seite spekulat unn dann iss'a in de Viereck ringeschluppt, hot de Grundhaufe besiehn unn beroch, hot ins Loch ronna geguckt, hot de Kerosen iwa'm Wasser blinke gesiehn. Es war schon halwa dunkel unn alles hot noh Kerosen geroch... De Gaucho iss ganz langsam wida rausgeschluppt unn iss hemmgelkleeppert. Hot awwar noore Dollares in de Luft danse gesiehn... unn die Buwe honn sich die Henn geribb.

Am annere Daach saat de Gaucho ea deet das Land zurtieldkaafe. „Ne...Neel - saat de Raffel - Gescheft iss Gescheft!“ - „Na ja! Ich gewew dann 400 Konto...“ - „Neel wenigstens 600 Konto!“ De Gaucho hot gekreest, hot awwa doch die Guoiack beizoh unn die 600 Konto ronnagezelt.

Die Buwe honn gleich iha Zwerchseck sammagepackt unn sinn noch am selwiche Daach abgehau. Ich glawe de Gaucho grabt heit noch an seine Petroleumquelle...

67

Fonte: Acervo ALMA-H

Fig. 39 – Título de texto em alemão standard, publicado por C. Hunsche no *Familienkalender* (2002, p. 108): referência ao hrs. Schappe 'dentadura' (pt.(RS) chapa)



Fonte: Acervo ALMA-H

Os exemplos acima colocam ainda a questão da autoria. Os almanques recebiam contribuições de autores diversos, desde os mais conhecidos, que já escreviam com regularidade, como Norberto Spohr, Pedro Hahn, Viktor André, Carlos Hunsche e Herta Patro, até falantes que na sua essência podiam ser colonos, dispostos a compartilhar uma história curiosa, como no exemplo de Zeno Hentz, de PY04 – Paso Tuyá/Modeldorf.

Um desses autores mais conhecidos, que escreveu em Hunsrückisch, foi o Padre Balduino Rambo, que publicou seus contos no Ignatius-Kalender. Hoje, podemos encontrar seus contos reunidos em dois volumes com o título *O Rebento do Carvalho - contos dialetais*, publicados em 2002, em edição bilingue pela Editora Unisinos. Rambo, mesmo tendo saído da sua cidade natal, no interior de Tupandí (RS07), em Morro da Manteiga (hrs. *Butterberich*), viu no uso do Hunsrückisch um modo de cultivar suas raízes e de se aproximar da comunidade a que pertencia. Ou seja, o Hunsrückisch cumpria a função de aproximá-lo do leitor, possibilitando a ele escrever na língua em que a comunidade se identificava. Em seus contos, retrata o

mundo rural, a astúcia e o jeito característico de seus personagens na vida diária das comunidades. Por tudo isso, é inestimável sua contribuição não apenas para a fixação de uma escrita pautada na tradição, como também na reflexão do universo cultural das comunidades de falantes do Hunsrückisch.

A escrita de Rambo dialoga com as normas de escrita do alemão *standard*, porém marcando as diferenças e especificidades do Hunsrückisch. Rambo era mestre na arte de criar nomes tanto de personagens quanto de localidades, como mostram os exemplos abaixo, em que o lugar da história se chama *Millichdippedal* ‘lit. Vale da Panela de Leite’. Como também mostra a grafia de *Hunn* e *Millich*, equivalentes ao alemão *standard* *Hunde* ‘cachorros’ e *Milch* ‘leite’, a escrita da variedade lembra o padrão utilizado por outros escritores de literatura dialetal, como Peter Joseph Rottmann (1799-1881), no livro *Gedichten in Hunsrücker Mundart*.

Fig. 40 – Título de dois contos em Hunsrückisch do Pe. Balduino Rambo, um publicado originalmente no *Ignatiuskalender* e outro republicado no *Familienkalender*



Kinncheskaffi im Millichdippedal

P. Balduin Rambo SJ

Beim Hannes war Kinncheskaffi
for seine dreizehnte Jung, wo Ben-
jamin geheess hot, unn die Base
vom halbe Millichdippedal ware
mit ihre Kinner do, unn do kann
sich jedermann denke, wat do for
wat dat awwer en scheen, gross
unn stolz Bubche wär, dat Näsche
von seiner Modder unn dat Meilche
von seinem Vadder unn die Aucher
awwer aach natrell so grell wie
bei seiner Grossmodder unn dat

Fonte: Acervo ALMA-H

Antecessor de Rambo, Rottmann também é uma fonte de estudo da escrita do Hunsrückisch. Esse autor do Hunsrück, prefeito de Simmern à época das emigrações, no entanto se posicionava contra a emigração, como escreve em um verso do poema *Der Abschied* ('A despedida'):

“Willst Dau, Hannes, noh Bresilje ziehe,
Wo Deich Schlange unn die Affe kriehe?”¹¹⁶

116 Tradução (C.V.A.): “Tu, João, queres te mudar ao Brasil, / Onde cobras e macacos te são vil?” Ver Altenhofen (1996, p. 15).

Tal como Rambo, também José Inácio Flach buscou aproximar a escrita do Hunsrückisch com as normas de escrita do alemão *standard*. O autor, no livro *Unsa gut deutsch Kolonie* (2004), faz um apanhado de aspectos culturais dos hunsriqueanos e valoriza o trabalho dos colonos para o desenvolvimento do Brasil. A ele se soma também o livro de poemas de Alfredo Gross, intitulado *Hunsücker Mundart in Brasilien*, em que este faz uma reflexão sobre a língua materna e sobre a vida dos imigrantes no Brasil. Como esses, há ainda outros autores. Não é possível aqui fazer uma análise minuciosa de cada um. Para os fins do Inventário, vale destacar os pontos mais relevantes e identificar essa produção escrita, para dar uma ideia da abrangência da questão do uso escrito do Hunsrückisch em publicações em forma de livro. A lista reúne tudo que direta ou indiretamente tem a ver com a questão, inclusive mencionando como contraponto publicações correlatas da matriz de origem, no Hunsrück:

1. ALLEN, Daniel Ray, DEWES, Mabel, JOHANN, Solange (trad., adapt., compil.) *Piiplixte Kexichte – mit Pilter. In Hunsrik – Unser Taytx. Histórias bíblicas ilustradas. Em Hunsrik – nosso alemão*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2011.
2. ALTENHOFEN, Cléo Vilson & FREY, Jaqueline. *Das bresilionische Deutsch unn die deutsche Bresilioner: en Hunsrickisch Red fo die Sprocherechte*. In: Revista Contingentia (www.revistacontingentia.com), v. 1, p. 39-50, 2006.
3. ALVES Jr., Ozias. *Parlons Hunsrückisch: Dialecte allemand du Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2013. 362 p.
4. ASSMAN, Maria Noemia, THOMAS, Luiz Carlos. *Colônia alemã: Histórias e fatos = Geschichta uf Hunsrik ins Pressiljohnisch iwassetz*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010. 215 p. [Edição Bilingue].
5. BERNARDI, A. *Vita e stòria de Nanetto Pipetta – nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica per catare la cucagna*. Associação Literária São Boaventura. Porto Alegre: EST Edições; Caxias do Sul: Editora São Miguel, 2009. 429 p. [Edição plurilíngue – italiano, português, espanhol, francês, Hunsrück].
6. BOLL, Piter Kehoma. *Dicionário do hunsriqueano brasileiro-português*. S.l.: s.e. 2014. Disponível em: <https://hunsriqueanoriograndense.files.wordpress.com/2014/03/diccionc3a1rio-hrx-por.pdf>.
7. BUDICH, Carl. *Wat dat nich all giff!* Lübeck: Lübecker Nachrichten GmbH, 1967. 67 p.
8. BUSCH, Irene. *En schee Bescherung: weihnachtliche Gedanken in Hunsrücker Mundart und Hochdeutsch*. 2004.
9. DEWES, Mabel, JOHANN, Solange Maria Hamester. *Piiplixte Awentuuere*. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, SP, 2012. 85 p.

10. FLACH, José Inácio. *Unsa gut Deitsch Kolonie*. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004. 188 p.
11. GROSS, Alfredo. *Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache*. Porto Alegre: S.e., 2001. 88 p.
12. KRUG, Pronila. *Crônicas da Pronila / Pronila Chroniken*. Estância Velha: ZMulti, 2018. 113 p.
13. KUSTER-CID, André et al. *Dicionário Português-Renano ("Hunsrückisch"). Portugiisich-Rhainisch ("Hunsrikisch") Werderbuch*. Marechal Floriano: Grafisana, 2014.
14. MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã: histórias e memórias*. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. 136 p.
15. MÜLLER, Telmo Lauro. *História da imigração alemã para crianças*. Porto Alegre : EST; Correio Riograndense, 1996. 126 p. [edição trilingüe português-alemão- Hunsrückisch]
16. MÜLLER, Helmut. *Gedichte & Geschichten aus dem Hunsrück - Erinnerungen an W.O. von Horn*. Horn: Offsetdruckerei Jäger, 2013. 95 p.
17. PEIL, Josef¹⁷. *Herrgotts Routeplaner - Die 10 Gebote uff Hunsrücker Platt*. Editado pelo centro de mídia da igreja evangélicas em Rheinland.
18. PEIL, Josef; HÖRPEL, Horst; WERNER, Thomas e MÜLLER-SCHULTE, Willi. *Use Vadder im Hiemel - Das Vater Unser uff Hunsrücker Platt*. Oferecido pelo círculo de igrejas de Simmern-Trarbach, <<http://www.eich-kann-platt.de/buecher---mein-hobby/vater-unser/index.html>>
19. PEIL, Josef et al. *Zeit zu reden - Hunsrücker erinnern sich*. Organizado por Lesebühne Schiefertafel, Rhein-Mosel-Verlag, 2017, 212 p.
20. PEIL, Josef. *Eich kann Pl@tt - von A wie Arwet bis Z wie zwerich*. Neuerkirch: Eigenverlag, 2011, 20 p. [Acompanha CD com as histórias narradas pelo autor.]
21. PEIL, Josef. *Eich kann Pl@tt Band II - Das hom-mer gere*. 90 p. [Acompanha CD de 72 min.]
22. PEIL, Josef. *Vun häi noh looI - Hunsrücker Nawwi*. Baden-Württemberg: Tintenfass, 2016, 20 p.
23. RAMBO, Pe. Balduino. *O rebento do carvalho: contos dialetais*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. [Edição em 2 volumes – vol 1. = 340p. vol. 2 = 358 p.]
24. ROTTMANN, Peter Joseph. *Gedichte in Hunsrücker Mundart*. Trier: Jacob Lintz K.-G., 1950. 319 p.
25. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *De klä Prinz*. Tradução de Josef Peil. Baden-Württemberg: Tintenfass, 2018, 96 p.

117 Foi ator na série *Heimat - Eine deutsche Chronik* (1984), direção de Edgar Reitz.

26. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Te kleene Prins*. Tradução de Solange Hamester Johann. Baden-Württemberg: Tintenfass, 2014, 93 p.
27. SCHULZE, Walter. *Hunsrücker Schimpfwörter*. Aachen: Helio Verlags- und Buchvertriebsgesellschaft, 1995. 74 p.
28. WINTER, Gilberto R. *Truff Catuch! José Rudi Plitzlamp*. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
29. ZIMMERMANN, Leonídio. *Meyne Sproch, Meyne Seele*. Blumenau: Nova Letra, 2011.

Além da publicação em livros e artigos, encontramos nas pesquisas de campo do IHLBrI, em uma série de jornais locais e regionais, diferentes colunas escritas, ainda hoje, em Hunsrückisch. Entre essas, citamos as seguintes, para dar uma ideia do alcance desse tipo de texto:

1. *Der Friedolin*, de Wolfgang Hans Collischonn, no jornal *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul - RS;
2. *Deutsche Sprache*, também de Collischonn, no jornal *O Informativo*, de Lajeado - RS;
3. *Hunsrik*, de Pronila Krug, no jornal *O Diário da Encosta da Serra*, de Ivoti - RS;
4. *Der Hunsrücker aus Rondon*, no jornal *Evangelische Zeitung*, editado em Porto Alegre - RS;
5. *Das Wort zum Sonntag*, no *Jornal Globo Regional* de São João do Oeste - SC;
6. *Espaço para Cultura*, de Ovídio Hillebrand, no *Jornal de Nova Petrópolis*;
7. Coluna de Maria Noemia B. Assmann no jornal semanal *Primeira Hora*, de Bom Princípio - RS;
8. Textos em periódicos diversos, em especial na revista *Sankt Paulusblatt*, periódico mensal editado em RS06 - Nova Petrópolis.

Embora seu conteúdo seja predominantemente de cunho humorístico, e muitas vezes o autor alterne entre trechos em português e em Hochdeutsch, essas colunas assumem um significado simbólico importante, no sentido de que fomentam o uso e identificação com a língua de origem. Elas também valem como indício de que a língua continua viva. Alguns autores chegam a reunir seus textos em livro, como é o caso de Pronila Krug, de RS02 - Ivoti. Em suas crônicas, descreve vivências, memórias, valores e crenças, presentes em temas do cotidiano, como *Das Oostrefest* 'A festa da Páscoa', *Nochmol Kerb* 'De novo o Kerb', *De Johannes Tooch* 'O dia de São João' e *De Lakat in de Stad* 'O lagarto na cidade'.

A consideração de textos dessa natureza também tem recebido a atenção em publicações como a *A saga dos alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*, de Erni Engelmann, em que este apresenta poesias de Lily Clara Koetz (Igrejinha - RS). O mesmo vale para páginas como o blog *Deutsche Hunsrücker*, de Pio Rambo (São Sebastião do Caí - RS), ou ainda o blog *Riograndenser Hunsrückisch*, de Paul Beppler.

Mas também no campo da lexicografia, encontram-se alguns sinais. Vale citar o *Dicionário do hunsriqueano brasileiro-português*, de Piter Kehoma Boll (2010), e o *Dicionário Português-Renano („Hunsrückisch“)*. *Portugiisich-Rhainisch („Hunsrikisch“)* *Werderbuch*, de André Kuster-Cid et al. No âmbito de ALMA-H, está em construção um dicionário trilingue Hunsrückisch-português-alemão standard que busca registrar a variação do Hunsrückisch e promover a reflexão sobre os diferentes usos da língua (ANSCHAU, 2010). Digno de menção, nesse terreno, e fonte de consulta imprescindível para um trabalho lexicográfico bem fundamentado é o *Pfälzisches Wörterbuch* (PfWb, 1965-1998), iniciado por Ernst Christmann e ampliado e revisado por Rudolf Post, e o *Rheinisches Wörterbuch* (RhWb, 1928; 1931-1971), iniciado por J. Franck e editado por Josef Müller. Vale mencionar ainda, como fonte de consulta importante, o dicionário de Diener (1971; também, para a questão dos costumes, DIENER, 1962 [1925]).

Nas comunidades visitadas pelo IHLBrI, não se pode esquecer a presença escrita do alemão/Hunsrückisch na paisagem linguística. Fazem parte desse cenário por exemplo letreiros em estabelecimentos, placas de trânsito e indicações turísticas, inscrições em lápides, cartazes (por exemplo de festas ou bailes), entre outros. Mas também a toponímia se oferece como campo de análise especialmente interessante, como mostram os exemplos da fig. 41:

Fig. 41 – Toponímia na paisagem linguística das áreas de imigração alemã



Fonte: Acervo ALMA-H / IHLBrI

Grande parte do uso escrito presente na paisagem linguística se dá nos letreiros do comércio, como o Restaurante *Frühstück* em Lomba Grande, RS01 - Novo Hamburgo, e o Posto de Saúde *Alles gut*, em RS09 - Teutônia. Em algumas cidades onde a cultura alemã é uma atração turística, também encontramos o alemão escrito nas placas de rua, como nos clássicos portais com a inscrição *Willkommen*. Em RS04 - Santa Maria do Herval, onde o Hunsrückisch é

cooficializado, encontramos os seguintes dizeres em uma placa de um posto de saúde: “Acolher com amor e servir com alegria - *Aufnehmen mit Liebe und dienen mit Freude*”. Em RS11 - Forquethina, também encontramos placas bilíngues, com menção à toponímia local.

Outra característica recorrente nos municípios visitados pelo IHLBrI é a presença de cartazes com nomes de festas em alemão. O turismo tem visto nessas designações uma forma de chamar a atenção e atrair turistas, para quem elas soam exóticas. O mesmo acontece com outros ícones característicos, como o uso da escrita gótica (*Frakturschrift*) e das marcas da arquitetura enxaimel (*Fachwerk*). A lista dos nomes de festas, para os quais coletamos cartazes, é extensa. Aqui, alguns exemplos, para meramente ilustrar esse fenômeno: *Frühlingsfest* (RS06 - Nova Petrópolis), *Früchtifest* (RS07 - Harmonia), *Kaffeeschmeizfest* (RS06 - Picada Café), *Kartoffelfest* (RS04 - Santa Maia do Herval), *Septemberfest* (RS11 - Linha Perau / Marquês de Souza), *Oktoberfest* (RS13 - Santa Cruz do Sul, RS01 - Porto Alegre, RS07 - Maratá, RS05 - Igrejinha, SC06 - Itapiranga etc.), *Blumenfest* (ES01 - Domingos Martins; RS18 - Selbach), *Christkindfest* (RS13 - Santa Cruz do Sul), *Deutsche Woche* (SC06 - São João do Oeste). O *Kerb*, tradicional festa alemã, também é comemorado em muitos municípios (p.ex. *Kerbfest*, em RS08 - São Vendelino). Em RS02 - Dois Irmãos, é famoso o “*Kerb* de São Miguel”, conhecido como *Michelskerb*.¹¹⁸

Embora muitas das manifestações da escrituralidade dos hunsriqueanos ocorram na norma escrita do alemão *standard*, ou no mínimo de um *Hochdeutsch* local, encontramos exemplos escritos também em Hunsrückisch, como pudemos ver. Mas nem sempre é possível separar as duas normas. O mesmo pode ser constatado em materiais audiovisuais que analisamos a seguir.

3.4.9 Ambientes virtuais, mídia e produção audiovisual

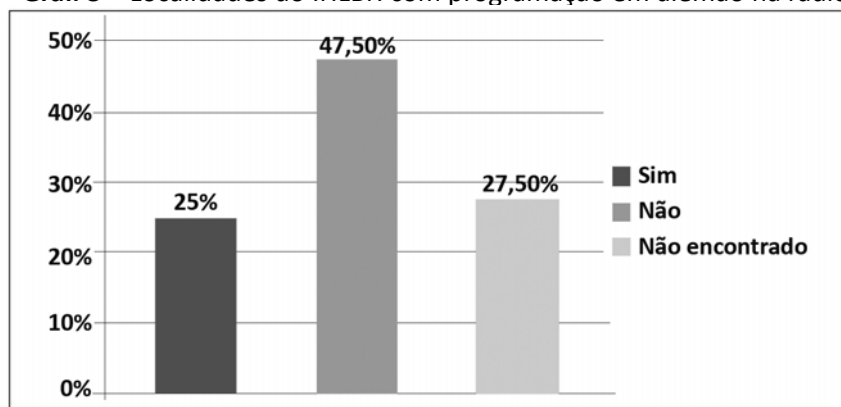
Tem crescido, nos últimos anos, a presença da língua de imigração Hunsrückisch em meios audiovisuais, especialmente em filmes, documentários, *sites*, *blogs* e páginas de redes sociais. Contudo, apesar dos avanços tecnológicos desses meios de comunicação, a rádio ainda hoje é a mídia mais presente nas localidades pesquisadas. Desde que surgiu nos anos vinte, o hábito de ouvir rádio acompanha a vida de muitas famílias nessas áreas coloniais. E é principalmente através da oferta musical que a maioria das rádios se aproximam dos ouvintes. No cotidiano, tornou-se assim um hábito de muitos falantes entrevistados para o Inventário levar, quando vão à lavoura, junto um radinho de pilhas.

A rádio mais mencionada durante nossas saídas de campo no Rio Grande do Sul foi a Rádio Imperial, de Nova Petrópolis, fundada em 1989. A rádio Imperial, para além de Nova Petrópolis, é também muito ouvida pelos municípios do seu

118 Sobre a história por trás desse *Kerb*, veja-se Dreher (2014b).

entorno e, ainda, através da internet, por pessoas que têm algum vínculo com as colônias velhas ou que se interessam pela cultura local. Encontramos falantes de Hunsrückisch na região das Missões, em Santa Catarina e, até mesmo, no Mato Grosso que costumam ouvir essa rádio. A seguir, pode-se observar o quantitativo de rádios encontradas nas localidades do IHLBrI.

Gráf. 3 – Localidades do IHLBrI com programação em alemão na rádio



Fonte: IHLBrI

Embora esses números tenham que ser vistos com parcimônia, tendo em vista a dinamicidade dessa área e as dificuldades para obter dados seguros, têm-se evidências de que esses programas, que fazem uso da língua alemã (local ou não) ainda cumprem uma função regional, ou melhor, a busca de audiência sugere que a língua está presente e possui falantes que justificam a realização de um programa específico. Por outro lado, a imprecisão dos dados também nos permite especular sobre a possibilidade de existir uma quantidade de programações em alemão ainda maior do que as que encontramos.

Podemos observar, analisando o gráfico acima, que ao menos um quarto das localidades abrangidas pela pesquisa dispõe de rádios que veiculam alguma programação em alemão ou em alemão local - seja um programa de músicas relacionadas à cultura alemã, seja um programa no qual se contem histórias/piadas/notícias. A lista a seguir não pretende ser exaustiva, mas sim apenas dar um panorama de como se comporta essa área de uso e veiculação da língua.

RS

1. Programa “Bom tarde Imperial” com músicas alemãs - das 13h às 14h (Rádio Imperial, Nova Petrópolis).
2. Programa “manhã alegre” - aos sábados às 11h30. Com a participação do humorista Xucrute, que conta piadas em Hunsrückisch (Rádio Imperial, Nova Petrópolis).
3. Programa “Wenn die Musik spield” - música alemã - das 8h às 9h, aos domingos (Rádio Imperial, Nova Petrópolis)
4. Programa “Festival de bandinhas” - das 11h às 13h, aos domingos (Rádio Imperial, Nova Petrópolis).



5. Rádio União 105.3 FM vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.
6. Rádio ABC 900 AM - aos domingos de manhã (Novo Hamburgo).
7. Rádio Estância FM 105,9 - aos domingos de manhã (Estância Velha).
8. Rádio Ivoti (Ivoti).
9. Rádio Taquara AM 1490 com programa em alemão - aos sábados entre 13h e 20h (Taquara).
10. Rádio Liderança FM - domingos à noite (Bom Princípio).
11. Rádio do Vale, com programação em alemão. Reinaugurada em 2011, antiga Rádio Alto-Taquari, fundada em 1948 (Estrela).
12. Rádio Popular com programa em alemão - domingos pela manhã. Fundada em 1989 (Teutônia).
13. Rádio Germânia com programa em alemão aos domingos. Fundada em 1989 (Teutônia).
14. Rádio Independente (Lajeado).
15. Programas “Encontro Alegre” e “Sábado Alegre” - de 2^a a sábado das 13h15 às 15h. Apresentado por Marcelo Frey. (Rádio Venâncio Aires, Venâncio Aires).
16. Programa “Deutsche Musik” - aos sábados à tarde. (Rádio Comunitária Santa Cruz, Santa Cruz do Sul)
17. Programa “Folclore Tradição do Centro Cultural 25 de Julho” - aos sábados à tarde. No ar há 30 anos (Rádio Gazeta, Santa Cruz do Sul).
18. Rádio Vera Cruz AM com programa em alemão - aos sábados à tarde (Vera Cruz).
19. Rádio Princesa AM, sábados à noite (Candelária).
20. Programa AHAI – “A Hora Alemã Intercomunitária/Die deutsche Stunde der Gemeinden”. Apresentado por Silvio Aloysio Rockenbach (Rádio Agudo, Agudo).
21. Programa “Hora Alemã e Imigrantes” - aos domingos de manhã (Rádio Sorriso, Panambi)
22. Rádio Cerro Azul AM - domingos à noite (Cerro Largo).
23. Programa Grünerthal Stimmen. Responsável é Rosa Postai Ostwald (Rádio Ativa FM, Campina das Missões).
24. Rádio Acesa FM (Santo Cristo).
25. Rádio Metrópole AM - sábados à tarde (Crissiumal).
26. Rádio Vera Cruz AM - sábados à tarde (Horizontina).
27. Rádio Atual FM - domingos de manhã (Novo Machado).
28. Programa “Bandinhas da 98” - segunda à sexta, das 12h às 13h (Rádio Verdes Campos, Ernestina).

29. Programação com músicas alemãs - domingos de manhã (Rádio Santa Rosa AM, Santa Rosa).
30. Programação com músicas alemãs - domingos de manhã (Rádio Salete AM, Marcelino Ramos).
31. Programação com músicas alemãs - domingos de manhã (Rádio Comunitária Liberdade FM, Três Palmeiras).
32. Programação com músicas alemãs - domingos de manhã (Rádio Alto Jacui FM 104,9, Victor Graeff).
33. Programação com músicas alemãs - domingos à tarde (Rádio Germânica FM, Arroio do Padre).
34. Programa “AHAI – A Hora Alemã Intercomunitária”, das 13h40h às 15h, aos domingos (Rádio Simpatia AM, Arroio do Padre).

SC

35. Programa “Bandinhas em desfile” - aos domingos pela manhã (Rádio Sintonia, Ituporanga).
36. Programa “Encontro com as bandinhas” - aos domingos das 7h às 9h (Rádio Piratuba FM, Piratuba).
37. Programa “Viva a banda” - de segunda à sexta-feira, com destaque para a cultura alemã, bandas e conjuntos germânicos locais e regionais (Rádio Porto Feliz AM, Mondai).
38. Programa “Bandas em festa” - aos sábados, com destaque para a cultura alemã, bandas e conjuntos germânicos locais e regionais (Rádio Porto Feliz AM, Mondai).
39. Programa “Desfile de bandas”, aos sábados, com destaque para a cultura alemã, bandas e conjuntos germânicos locais e regionais, incluindo apresentações ao vivo dos artistas (Rádio Porto Feliz AM, Mondai).
40. Programa “Wen die music spield” - diário, das 11h20 às 12h. Locutor Adrian Juver (Rádio Cultura Comunitária, São João do Oeste).
41. Programa “Deutsche Musik” - diário, das 12h às 13h. Automático (Rádio Cultura Comunitária, São João do Oeste).
42. Programa “Onda Alemã” - aos domingos, das 9h30 às 11h30. Locutor Vandoir Oeschler (Rádio Cultura Comunitária, São João do Oeste).
43. Programa “Música e cultura alemã” - aos sábados (Rádio Oeste FM, Iporã do Oeste).
44. Programação com músicas alemãs - sábados às 12h (Rádio Araguaia 970 AM, Brusque).
45. Programação com músicas alemãs, domingos de manhã (Rádio São Bento AM, São Bento do Sul).

46. Programação alemã aos sábados - das 18h às 20h. Locutora Clarí Wehrmann (Rádio Oeste FM 89.5, Iporã do Oeste).

PR

47. Programação com músicas alemãs - aos domingos de manhã (Rádio Cristalina FM, Nova Santa Rosa).

Além do canal das rádios, também o âmbito da produção de filmes e documentários tem contribuído para colocar em evidência línguas minoritárias. Em relação ao Hunsrückisch, o primeiro filme em que os personagens usam essa língua, foi gravado em 1978, com o título *Os Mucker*, sob direção de Wolf Gauer & Jorge Bodanzky. Nessa produção, houve um cuidado especial no registro das falas dos personagens, que confere realismo e autenticidade às cenas: a maioria dos diálogos, no filme, acontece em Hunsrückisch, enquanto as comunicações oficiais, com o delegado, por exemplo, são em português. Padres vindos da Argentina, por sua vez, falam espanhol. O filme retrata o episódio conhecido como Revolta dos Muckers, ocorrido em 1870 no cenário das colônias velhas a partir do Morro ferrabrás, em RS01 - Sapiranga. Muitos dos atores do longa-metragem de 115min. eram descendentes dos Mucker e falavam Hunsrückisch. Entre os atores, se destaca a participação de Telmo Lauro Muller, historiador da imigração alemã no sul do Brasil.

Após 1978, depois de um intervalo bastante significativo, somente em 2007, segundo pudemos apurar, surge os documentários de Rejane Zilles, sobre *O Livro de Walachai* (2007, 16min.) e *Walachai* (2009, 85min.), que vão recolocar esse meio de difusão da cultura no cenário das produções sobre o Hunsrückisch. Esses dois documentários registram a história e o cotidiano dos moradores da localidade de Walachai, no interior de RS04 - Morro Reuter. A língua Hunsrückisch faz parte da vida dos moradores do local; a diretora e entrevistadora Rejane Zilles, atriz e diretora de cinema com ascendência hunsriqueana, percebe a relevância da língua que é parte de suas próprias raízes.

Como nosso foco é o levantamento da produção audiovisual que contenha a língua Hunsrückisch, não nos detemos em produções sobre a imigração alemã que, mesmo tratando de pessoas que falam Hunsrückisch, não possuem a língua como aspecto essencial. É o caso, por exemplo, do filme *A ferro e fogo – tempo de solidão* (2007, 182min.), dirigido por Gilberto Perin. Outro exemplo é *Heimatland & A História do Kerb* (2009, 47min.), de autoria de Ernoy Luiz Mattiello.

A língua falada em Westfália (RS10) é, por outro lado, o tema do documentário *Berlim Brasil* (2009, 70min.), dirigido por Martina Dreyer e Renata Heinz. O longa-metragem entrevista moradores da cidade e pergunta sobre a variedade de alemão mais tradicional dali, o sapato-de-pau, ou vestfaliano. O Hunsrückisch, como língua em contato, aparece apesar disso com bastante destaque, pois é a língua de comunicação com as outras comunidades alemãs.

Um tema que recebe bastante atenção no documentário é o período de proibição da língua alemã durante a Segunda Guerra.

Fig. 42 – Capas dos documentários *Os Mucker* (1978), *Berlim Brasil* (2009) e *Walachai* (2009)



Fonte: Acervo IHLBRI

Fora do Brasil, as produções cinematográficas de maior destaque sobre o tema da língua Hunsrückisch são, sem dúvida, as de Edgar Reitz, ele próprio originário do Hunsrück. Em seu último filme, *Die andere Heimat - Chronik einer Sehnsucht* (2013, 222min.), que dá sequência à trilogia *Heimat*, Edgar Reitz reconstrói a situação de extrema miséria que leva os habitantes do Hunsrück a buscar sua sorte no novo mundo, mas o irmão lhe toma a frente, obrigando Jakob a permanecer com a mãe adoentada. A emigração para o Brasil é, portanto, retratada na sua fonte, com os personagens falando no Hunsrückisch de origem – uma marca do realismo de Reitz – O filme nos oferece, assim, uma oportunidade inequívoca de refletir, como em nenhum outro filme, sobre as origens da língua Hunsrückisch. No *Making of Heimat – ein Dokumentarfilm mit Edgar Reitz* (2013), dirigido por Anja Pohl & Jörg Adolph (119min.), descreve-se o processo de montagem do filme, que exigiu adaptar uma vila da região do Hunsrück, na Alemanha, às condições sociais do ano de 1840. Também o processo de escolha dos atores para os papéis principais é debatido. Reitz comenta que era fundamental que os atores falassem a variedade dialetal do Hunsrück, para aumentar a verossimilhança do filme.

Um dos atores do filme de Reitz é Josef Peil, um alemão que escreve em Hunsrückisch e que lançou um DVD, narrando algumas histórias em dialeto (*Platt*): *Eich kann Pl@tt - von A wie Arwet bis Z wie zwerich* (2018).

Em 2014, surgem dois novos documentários, muito bem recebidos pela crítica, nos quais o uso Hunsrückisch é igualmente central. Trata-se dos documentários de Clarissa Beckert & Pedro Henrique Risse: *Land Schaffen* (2014, 25min.) e *meio – o que é ser brasileiro? o que é ser alemão? um filme sobre identidade, memória e imaginário* (2014, 20min.). O primeiro descreve a relação do colono com a terra e as mudanças que as relações de trabalho acarretam em sua vida. O segundo tematiza a comunicação entre a geração mais velha, dos avós, sem

proficiência fluente em português, e a geração mais nova, crianças em vias de fazer uma viagem de intercâmbio à Alemanha, que no entanto não possuem sempre os conhecimentos do “alemão de casa”, embora estudem o alemão na escola. Trata-se de um documentário de extrema profundidade e sensibilidade para a compreensão intercultural e interlinguística.

Fig. 43 – Capas dos documentários *Land schaffen* e *meio*



Fonte: Acervo IHLBRI

Mais recentemente, o grupo Sinos produziu o documentário *Für Immer* (2017, 18min.), em que retrata a vida dos imigrantes alemães no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul. O documentário teve uma repercussão tão grande que, no ano seguinte, foi lançada a continuação: *Für Immer - Gerações* (2018, 46min.), dirigido por Marcelo Collar, com roteiro de Marcelo Collar, Moacir Fritzen, Fernando Gusmão e Jeison Rodrigues. Em entrevista ao projeto IHLBrI, Moacir Fritzen comenta a realização do documentário:

F1: *Unn ehm, jetzt mit denne Documentário, wo mea gemacht honn, woo viel wichtig fa uns, well ich honn ooch dodemit gelennt, well dohie mit unsre Freunde tut'ma wenig Hunsrickisch spreche, né, sprecht'ma der mehrst dehemm, mit unsre Mutter, meine Schwester, awer nicht mit annre Freunde, wenig. Unn dann dodeweche mit der Arbeit, wo mea gemacht honn, mit dem Documentário, honn ich schon nochmo viel Werter gelennt, die'ma schon vergess harre.* (Moacir Fritzen – RS01 - Novo Hamburgo).¹¹⁹

Em outro documentário, em que o uso do Hunsrückisch aparece nas falas dos depoimentos, *Glaube, Liebe und Hoffnung - Fé, amor e esperança* (2018, 52 min.), a diretora Vivian Schäfer descreve a busca das raízes de sua família. O Hunsrückisch do Brasil se reencontra com o Hunsrück dos antepassados. O documentário coloca, portanto, no centro da atenção a história da família Schäfer e sua relação com a língua Hunsrückisch, os apagamentos que sofreu no passado, e a busca por suas origens.

119 Tradução: F1: E, agora com este Documentário que nós fizemos, foi bem importante pra nós, porque eu também aprendi com isso, porque aqui com nossos amigos, se fala pouco em Hunsrückisch, né, falo mais em casa, com minha mãe, minha irmã, mas não com outros colegas, pouco. E então, por isso, com o trabalho que fizemos com o Documentário, eu novamente aprendi muitas palavras, que já tinha esquecido. (Moacir Fritzen - Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul).

Há ainda produções audiovisuais – que tratam de outras variedades de imigrantes – que no entanto não são o foco deste Inventário. Como exemplo, contudo, vale citar o documentário *Receitas da memória* (2016, 52min.), produzido por Peter Lorenzo. Seu foco são as imigrações europeias no Vale do Itajaí, Santa Catarina, retratadas por meio das suas línguas de imigração – alemão, italiano e polonês – que são transmitidas às próximas gerações como as receitas das memórias dos avós.

Por fim, o âmbito das produções culturais com audiovisuais tem ainda à sua disposição outros canais tecnológicos, como a internet. Não são raros vídeos no Youtube e blogs que disponibilizam dados sobre o Hunsrückisch: já citamos o *blog* de Paulo Beppler, que registra conversas com sua mãe e monólogos travados na língua que ele denomina de *Riograndenser Hunsrückisch*; o blog de Pio Rambo, que registra falantes de Hunsrückisch, piadas e reflexões; o blog da “*equipehunsrik*”; o blog “*biguassu*”, que registra entrevistas em Bigaçu – SC; além de outros canais de interlocução, de cunho humorístico, como *O alemão de Lageode*. Somam-se ainda as redes sociais como o Facebook, além de outros canais de comunicação como o WhatsApp, em que temos observado a presença do Hunsrückisch.

Não cabe aqui fazer uma análise e avaliação desses espaços virtuais. Para o Inventário, interessa antes de tudo observar esse tipo de atividade como manifestação social, dando destaque às manifestações que envolvem uma elaboração mais reflexiva e que envolvem também outros espaços culturais como o teatro, como se coloca a seguir.

3.4.10 Espaços e atividades culturais em Hunsrückisch

A diversidade cultural é a manifestação da identidade expressa em diferentes formas – imaterial, como a língua, ou material, como memoriais, prédios, entre outros. Por essa diversidade representar a identidade de um determinado grupo, a Declaração Universal da Diversidade Cultural a caracteriza como patrimônio comum da humanidade (UNESCO, 2002, art. 1). Sendo assim, os espaços culturais do Hunsrückisch (re)significam o valor simbólico que a comunidade imigrante traz de sua história, de sua família e de sua língua.

Seguindo a mesma linha de análise sobre os usos das línguas em diferentes domínios e espaços públicos, indagamos sobre a participação ou não dos entrevistados da amostra com Questionário Individual em atividades sócio-culturais nas quais o Hunsrückisch e o alemão padrão/gramatical eram usados. Houve, neste caso, mais respostas negativas do que positivas, ou seja, a maioria disse que não participa de atividades envolvendo o uso dessas línguas. A única exceção é São João do Oeste. Apresentamos nas tabelas a seguir os resultados.



Tab. 27 - Atividades sócio-culturais em que o Hunsrückisch é usado

Participa de atividades em que o Hunsrückisch/dialeto/alemão daqui é utilizado?	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim	96	52	45	11	16	6	226
Não	86	73	61	22	87	20	349
se sim, quais?							
concurso de poesias/contos	1	0	0	0	0	0	1
Coral	5	9	1	0	2	0	17
grupo de jovens	3	0	0	0	0	0	3
grupos de terceira idade	9	12	1	0	0	0	22
grupo musical	17	0	1	0	0	0	18
missa / culto	3	0	18	1	12	2	25
preparação de festas, cozinhas, etc.	11	2	13	0	9	3	38
programa de rádio	9	0	0	0	0	0	9
Teatro	1	0	0	0	0	0	1
não se aplica	36	56	56	24	85	17	

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Tab. 28 - Atividades em que o alemão padrão/gramatical é usado

Participa de atividades em que o alemão padrão é utilizado?	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Sim	21	10	20	4	8	7	
Não	73	107	75	25	92	17	
se sim, quais?							
concurso de poesias/contos	0	0	0	0	0	0	0
Coral	1	5	3	0	1	1	11
grupo de jovens	0	0	0	0	0	0	
grupos de terceira idade		0	1		0		1
grupo musical	4	0	0	0	1	0	5
missa / culto	18	2	7	0	2	5	34
preparação de festas, cozinhas, etc.	5	0	3	0	0	0	8
programa de rádio	2	0	0	0	0	0	2
Teatro	2	0	0	0	1	0	3
não se aplica	53	83	70	25	96	12	

Fonte: Questionário individual (QI) IHLBr

Como se pode ver, o Hunsrückisch é com mais frequência mencionado como sendo usado na preparação de festas, na cozinha (38), nos grupos de terceira idade (22) no grupo musical (18) e no coral (17), bem como em programas de rádio (9). O alemão padrão/gramatical, por outro lado, é também citado como sendo usado na missa ou culto (34) e é usado no coral (11) e, por fim, na preparação de festas (8). Chama a atenção a menção do uso de ambas as línguas no culto, fato que pode estar relacionado à própria história da língua e da percepção que os falantes

têm da variedade que falam, conforme descrevemos no cap. 1. No entanto, em todas as entrevistas realizadas com os pastores das igrejas, todos foram unânimes em afirmar que usam o alemão padrão ou gramatical.

Em relação à língua pomerana falada em ES01 - Marechal Floriano e Domingos Martins e ES02 - Santa Leopoldina, apenas 8 falantes afirmaram participar de atividades em que ela é usada, sendo elas a missa ou culto (7 ocorrências) e a preparação de festas e cozinhas (2 ocorrências).

Embora esses números se refiram a uma amostra restrita (apenas seis pontos), é de se esperar que na ampla maioria das comunidades de referência do Inventário no RS ocorra o mesmo tipo de relação: uso informal do Hunsrückisch, na interação social, e uso formal do Hochdeutsch ou alemão padrão em eventos de fala como o culto ou a missa.

O **teatro**, em muitos relatos coletados, chegou a ser, no passado, uma prática familiar em algumas famílias, lembrada em cartas de imigrantes como sendo o ponto alto por exemplo de uma comemoração de Natal (ver ALTENHOFEN, STEFFEN & THUN, 2018). Mas também encontramos grupos de teatro, como o grupo *Curto Arte*, de RS02 - Dois Irmãos. Esse grupo, fundado em 1992, conta em seu currículo oito peças que fazem parte de seu projeto “Raízes”: *Retrato*, *Thiltapes*, *a caçada final*, *Nós somos mesmo maravilhosas*, *Receitas da Tia Herta*, *Natal na Colônia*, *Meu sonho de Natal*, *Esperando o Thiltapes* e *A Sapataria*. Suas peças vão a lugares – nas colônias – onde não é comum uma peça de teatro, onde por isso essa se torna uma vivência inesquecível. O grupo, além disso, gravou e lançou em DVD a peça *Retrato*, apresentada totalmente em Hunsrückisch, o que também possibilita que pessoas que não possam ir até o local das apresentações assistam à peça. De acordo com a região em que os espetáculos são apresentados, a língua usada varia entre português e alemão e os usos que são feitos da língua alemã nas peças geralmente estão relacionados aos costumes e à história de antepassados imigrantes alemães. O ator, autor e diretor do grupo, Carlos Alberto Klein, relata o seguinte sobre as motivações em usar Hunsrückisch no teatro:

“Quando iniciamos as atividades como CIA de teatro, participávamos muito de festivais de teatro, com textos de grandes poetas brasileiros, tínhamos um sotaque muito forte, e sempre éramos questionados por isto. Até que em um dos festivais, eu, como diretor e autor, pergunto aos jurados se eles sabem que somos de origem alemã, onde moramos, que no recreio das escolas ainda falamos em dialeto, e que este sotaque para nós é cultural. Percebi, então, que não tínhamos nada nas artes cênicas que falasse do nosso povo e de como ele vive. Assim surgiu o projeto Raízes.” (Entrevista IHLBrI)

Carlos Alberto Klein também publicou três peças escritas por ele no livro *Projeto Raízes: O Retrato, Esperando o Thiltapes e Natal na Colônia* (2013).

O teatro aparece também como espaço de reflexão cultural e linguística no Festival de Teatro em Língua Alemã, organizado pela Associação Riograndense

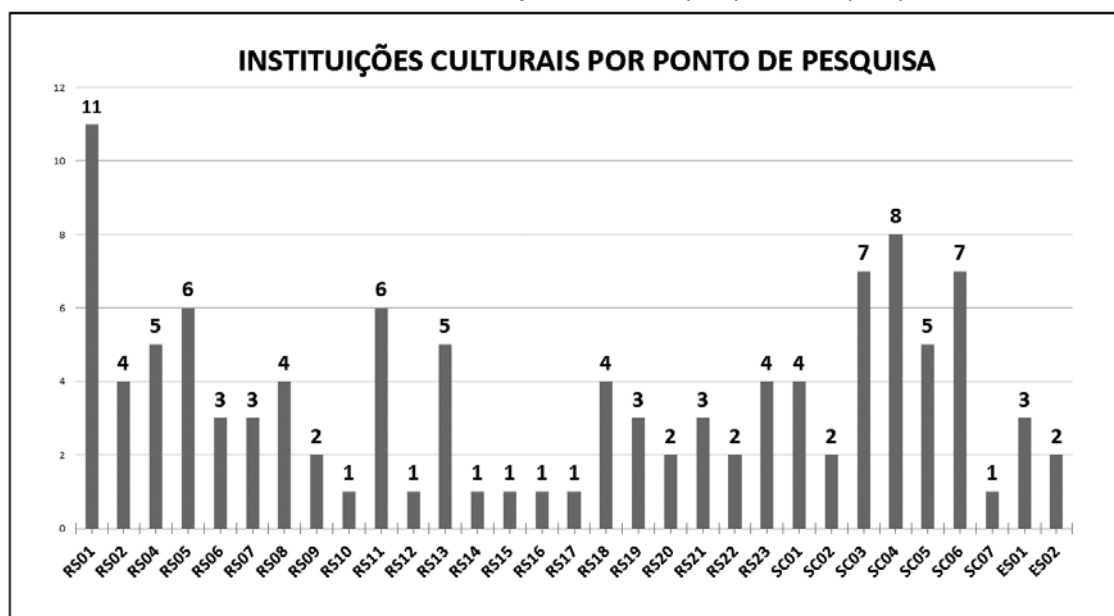


de Professores de Alemão (ARPA). São comuns *sketchs* em língua Hunsrückisch, apresentados por alunos de escolas, e que concorrem na categoria “dialeto”.

Poderíamos somar à experiência do teatro apresentações como as que se organizam, em alguns caso, em eventos como as festas, na medida em que não se restringem apenas a apresentações de dança e de música. Um exemplo foram os concursos de piadas em Hunsrückisch promovidos pela *Deutsche Woche - Semana Alemã* em SC06 - São João do Oeste, em parte também gravados em DVD, ao menos na 1ª e 3ª edições (respectivamente, 2009, 86min.; e 2011, 170 min.). Registros de outras edições podem ser vistos na página do Youtube.

Paralelamente ao teatro como linguagem cultural, também **museus, casas de cultura e memoriais dos contextos de imigração** configuram espaços de promoção da língua como patrimônio cultural imaterial. Apesar das dificuldades, encontramos na visita às comunidades de referência do Inventário uma série de iniciativas locais para a salvaguarda e promoção de seu patrimônio. Em nosso levantamento, foram identificadas 42 instituições culturais distribuídas conforme o gráfico a seguir.

Gráf. 4 – Número de instituições culturais por ponto de pesquisa



Fonte: Acervo IHLBrI

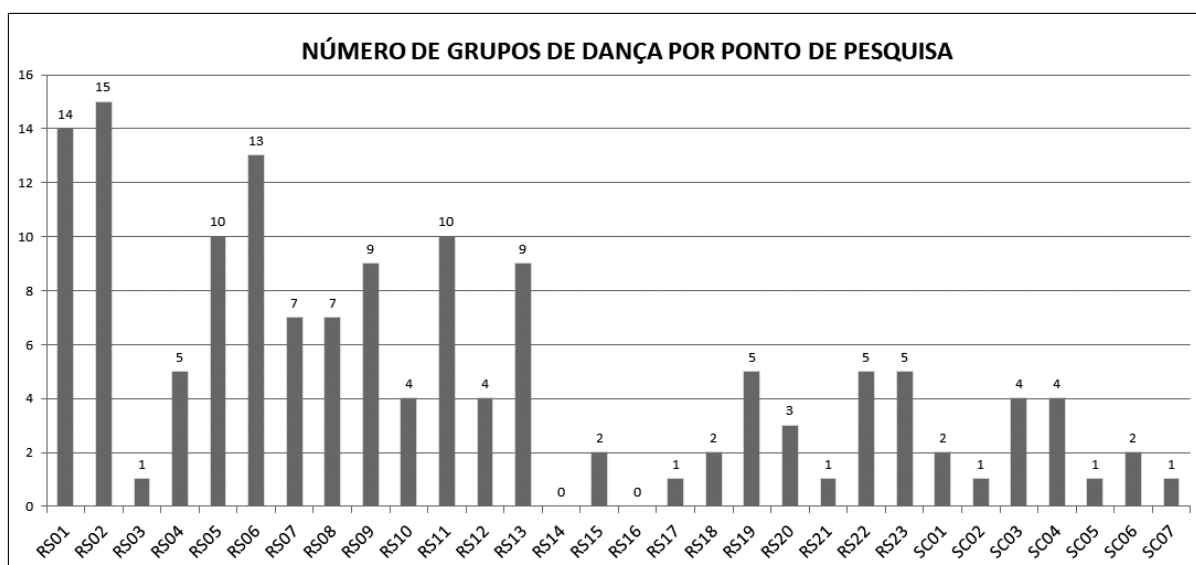
Conforme mostra o gráfico acima, a concentração das instituições culturais levantadas varia conforme o tamanho da cidade e sua população. Se destacam, por isso, pontos como RS01 - Novo Hamburgo e São Leopoldo, ou RS11 - Lajeado, ou ainda RS13 – Santa Cruz do Sul. Em São Leopoldo, merece destaque o Museu Visconde de São Leopoldo. Fundado em 1959, é o primeiro no sul do Brasil a ocupar-se com a história da imigração alemã e dos grupos étnicos em contato - índios, negros, entre outros (cf. página do Museu na internet). Para além da tradição museológica do patrimônio cultural material, o Museu Visconde de São Leopoldo tem alargado o campo de atuação também para o patrimônio imaterial,

com cursos de línguas e organização de eventos que dialogam com a temática língua e história.

Mas os números mostram ainda pouco e são apenas um termômetro da atividade cultural que não abarca tudo. Não raro encontramos um museu fechado. Mas também encontramos combinações originais de museus de família integrados com uma pousada. Essa prática se sobressai nas regiões turísticas, como é o caso de RS06 – Nova Petrópolis. Também aqui, encontramos o Memorial Hunsrück, junto com um museu da família Weber.

Nova Petrópolis também pode ser considerado o berço dos grupos de dança alemã. Foi precisamente na comunidade de Pinhal Alto (hrs. *Tannenwald*) que se teve a ideia de criar um grupo de danças, “para entretenimento dos jovens no fim de semana”. Inspirado nos grupos de dança gauchesca, refletiu-se no entanto se não deveria ser um grupo com danças alemãs, em virtude da origem local. O primeiro passo consistiu então em pesquisar trajes originais, isto é, os trajes da região de origem no lugar das bombachas e vestidos de prenda dos gaúchos. E assim, faltavam apenas as danças, que também foram pesquisadas e ensaiadas. Deste modo surgiu o grupo e com ele vários novos grupos que se difundiram para outras municipalidades. Em nossos levantamentos, chama a atenção não apenas que a ampla maioria dos pontos de pesquisa possui um grupo de dança local, como também possui mais de um, ou mais de dois (12 de um total de 30 pontos). Também fica claro, no gráf. 5 a seguir, que as colônias velhas (RS01 a RS13) do Rio Grande do Sul configuram a área par excellence dos grupos de dança alemã.

Gráf. 5 – Grupos de danças folclóricas nos pontos de pesquisa do RS e SC



Fonte: Acervo IHLBrl

A dança e o canto são partes constituintes das manifestações culturais identitárias nos contextos de imigração. Como forma simbólica de expressar a identidade local, crianças, jovens, adultos e idosos interagem de forma a repensar sobre sua cultura, história e língua. Neste sentido, grupos de danças, coros e

sociedades de canto podem configurar igualmente territorialidades da língua local e, deste modo, formar comunidades de prática da língua (ECKERT, 2004; 2006). Ou substituí-la, uma vez que a expressão da identidade já dispõe de outros ícones e valores.

Enquanto os grupos de dança identificados pelo IHLBrI apresentam uma maioria de crianças e jovens, sendo poucos os grupos de dança das gerações mais velhas, os coros e sociedades de canto são formados, majoritariamente, por idosos. E são esses grupos que utilizam o canto e a música como forma de manter vivo o Hunsrückisch, de lembrar e também aprender o alemão *standard*, além de demarcar com isso a sua origem e sua identidade plural. O depoimento a seguir, de um falante de Hunsrückisch de RS20, quando perguntado sobre uma sociedade de canto, acabou cantando, juntamente com a esposa, um trecho de uma canção. Em seguida, relatou a saudade da infância e dos pais que a música lhe trazia.

F1: *Ja, ich singe in die Keerich, gehn ich vor. Grupo de Canto dos Idosos cada domingo de manhã. Mia wolle enn Lied singe, das tut enn mechtig viel verlangre, nach die Zeit von unsere Eltre, wo mia in unsre Heimat gewohnt honn. Die Eltre sinn jetzt niemme do, das giebt enn mechtig viel verlangre. Wenn mia das Lied singe, das tut enn weh bis ans Hetz.*

F1 e F2: *“Nach meiner Heimat jetzt ziehe ich wieder
Es ist die alte Heimat noch
Die schönste Lust, die schöne frohe Liebe
und alles ist mein Heimatland”* (RS20 - São José do Inhacorá)¹²⁰

Em suma, os grupos de dança, coros e sociedades de canto, assim como também o teatro e outras expressões artísticas ao lado da literatura (como a pintura e a escultura), representam um potencial de enorme significado para a conscientização da língua e sua manutenção que, apesar das manifestações encontradas na história, ainda permanece bastante adormecido para o tema “língua de imigração, língua materna”. Futuros editais e ações como a que proporciona o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) devem abrir novos horizontes, compatíveis com a importância e o valor que o plurilinguismo representa nos dias atuais.

3.5 O Hunsrückisch como patrimônio cultural e língua cooficial

Além do aspecto de salvaguarda, já salientado na seção sobre espaços culturais (v. 3.4.10), o Hunsrückisch tem sido uma língua com forte promoção do

120 Tradução: F1: Sim, eu canto na igreja, me apresento. Grupo de Canto dos Idosos, cada domingo de manhã. Nós queremos cantar uma música que nos dá muita saudade do tempo dos nossos pais, quando nós ainda morávamos na nossa terra natal. Nossos pais não estão mais aqui, isso nos dá muita saudade. Quando cantamos essa música, nos dá uma dor até no coração. / F1 e F2: “Para nossa terra natal, agora eu retorno. Ela ainda é nossa velha terra natal. O ar mais bonito, os belos e felizes amores, e tudo é minha terra natal”.

seu estatuto no âmbito das políticas de patrimônio cultural e, em menor escala, no campo da política de cooficialização de línguas por municípios.

Em nosso levantamento, identificamos as seguintes ações:

- (1) O Hunsrückisch é considerado patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul pela lei 14.069, de 23 julho de 2012¹²¹ (v. ANEXO 2).
- (2) O Hunsrückisch é considerado patrimônio cultural imaterial de Santa Catarina, pela Lei Estadual nº 16.987, de 03 de agosto de 2016 (v. ANEXO 3).
- (3) O Hunsrückisch é cooficializado em Antônio Carlos pela lei 132 de 21 de setembro de 2010 (v. ANEXO 4).
- (4) O Hunsrückisch é declarado patrimônio histórico e cultural do município de São Pedro de Alcântara pela lei 1.001 de 21 de setembro de 2015 (v. ANEXO 5).
- (5) O alemão é cooficializado em São João do Oeste pela lei 1.685 de 12 de julho de 2016, apesar de não ser diretamente a variedade local, a lei dispõe sobre ela no parágrafo único como meio de comunicação informal no território municipal (v. ANEXO 6).
- (6) O Hunsrückisch é inserido nas escolas de Santa Maria do Herval pelo decreto 005 de 5 de fevereiro de 2009 (v. ANEXO 7).
- (7) Alemão é cooficializado em Pomerode em 01 de setembro de 2010 e em 23 de maio de 2017, esse município cooficializa também o pomerano.

Esse quadro indica importantes avanços na consolidação de políticas de reconhecimento e de garantia de direitos de usos da língua aos falantes, revertendo uma posição histórica do Estado Brasileiro que foi de reprimir e silenciar todas essas línguas. A expansão dessas ações tende a criar uma sinergia muito positiva para a promoção das línguas brasileiras. No que diz respeito às ações dos municípios, instâncias com as quais dialogamos de modo central em todo o processo do Inventário, constatamos um crescimento muito importante no número de municípios que cooficializaram línguas. Há atualmente no Brasil 30 municípios com línguas cooficiais (7 indígenas e 4 alóctones ou de imigração), repercutindo uma iniciativa do município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, que em 2002 cooficializou três línguas indígenas: tukano, nheengatu e baniwa (MORELLO, 2015; <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>).

121 Na lei, o Hunsrückisch é referido como “Língua Hunsrik”, denominação essa não adotada neste Inventário por pressuposto teórico diferente daquele que dá suporte ao Projeto Hunsrik, o qual serviu de consultor para a formulação dessa lei. Todavia, entende-se que é a mesma língua e que conquistas em prol da língua de imigração Hunsrückisch serão sempre vistas na perspectiva de somatória e não de subtração.



O engajamento em legislar é fruto de um trabalho coletivo de pessoas preocupadas em fomentar as línguas locais. Entretanto, a lei de cooficialização em si não garante avanços. É necessário que os municípios regulamentem as leis. Somente São Gabriel da Cachoeira deu esse passo. Os demais não. A regulamentação permite justamente identificar os pontos de maior fragilidade e maior potencialidade dentro de um planejamento discutido coletivamente. A regulamentação permite traçar estratégias para a implementação da lei, dando condição para que as ações se concretizem. Trata-se, fundamentalmente, de enfrentar dificuldades por meio de um planejamento que preveja ações, atores e recursos para atingir as metas estabelecidas. A título de exemplo, a lei de regulamentação pode prever a espacialização da língua por meio de placas nas cidades, prevendo os encargos financeiros necessários. Pode ainda prever editais e ações de ensino e sensibilização; pode dirigir a política de ensino prevendo a inserção da língua alemã e/ou a variedade do alemão local nas escolas, de modo a adotar uma pedagogia do plurilinguismo, com base na consciência plurilinguística dos alunos e não no ensino da escrita (cf. ALTENHOFEN & BROCH, 2011; BROCH, 2014) ou ainda na direção de uma pedagogia via pesquisa que qualifica e forma professores, como proposto pelo IPOL.

Em síntese, pode-se avançar no campo jurídico em direção a uma legitimação social das leis, de modo a garantir o conhecimento e o reconhecimento do plurilinguismo como um bem cultural de valor, do qual os falantes possam fazer uso de forma consciente e esclarecida, sem medo de discriminações, e pelo qual não-falantes também possam se interessar por fazer parte de seu contexto social e de trabalho (cf. SOUZA, 2017, p. 103).

Como afirmamos, a existência de leis e medidas jurídicas visando a reconhecer e valorizar as línguas brasileiras como um bem constitutivo da sociedade e da cidadania é muito recente no Brasil. Tradicionalmente, a maior parte das leis dispõe sobre o patrimônio material histórico e cultural, como os prédios tombados. O olhar para os bens imateriais, entre os quais está a língua, carrega, no entanto, um conjunto de valores quase sempre intangíveis, e muitas vezes só tocados e visibilizados pela própria ação que os tematiza, que os coloca como foco de atenção. Podemos dizer, todo o processo do Inventário agiu nessa direção, constituindo, em si, um importante foro de produção de conhecimento sobre a língua.

3.6 “O Hunsrückisch está deixando de ser falado pelas crianças”: O que esperam os falantes para o futuro de sua língua?

Para concluir este capítulo, em diálogo com a perspectiva adotada pelo IHLBrI, reservamos um espaço, para que os falantes expressassem sua opinião em relação ao *Hunsrückisch* e alemão daqui, *Plattdeutsch*, *dialeto* e *Hochdeutsch* e fizessem sugestões para ampliar o uso e reconhecimento da língua como capital cultural de direito.

No conjunto das respostas e depoimentos coletados, ganhou relevância a percepção generalizada de que há muitos falantes, mas que “apenas os mais velhos falam”. Há o entendimento não apenas de que poucos adultos falam, como também é consenso a diminuição do número de crianças que falam a língua. Por fim, também se compartilha da opinião de que há também falantes em potencial que, no entanto, não usam a língua. Em síntese, tem-se a percepção de que a competência e o uso da língua estão decrescendo. Embora, portanto, possamos afirmar a existência de um grande número de falantes, a interrupção nos usos da língua entre os mais jovens e as crianças, em alguns pontos mais do que em outros, demanda atenção. Daí se deduz que uma ação de promoção e revitalização da língua pode e deve focalizar, justamente, essa população.

Ao serem consultados sobre as ações que poderiam ser feitas para fortalecer e valorizar o Hunsrückisch, foram mencionadas na pesquisa com o Questionário Individual aplicado pela equipe IPOL em 04 localidades de SC e 02 localidades do ES, as seguintes sugestões, em ordem decrescente:

- O ensino da língua na escola;
- A oferta de cursos de língua Hunsrückisch abertos à população;
- A cooficialização da língua;
- A introdução do Hunsrückisch na missa ou em cultos e
- A ampliação dos usos da língua na internet.

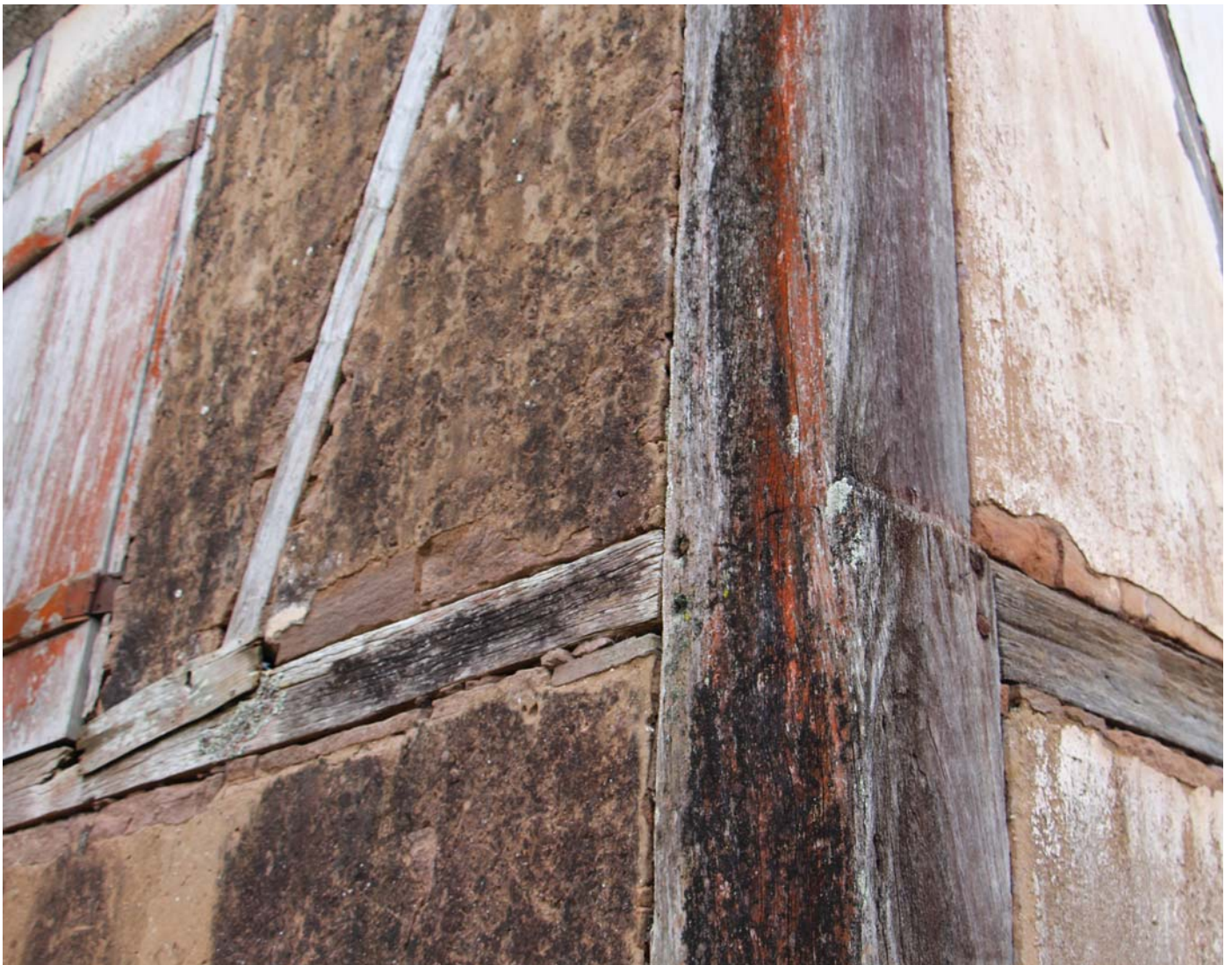
Com exceção do uso do Hunsrückisch na missa (sermão), as demais sugestões envolvem o alçamento do Hunsrückisch a novos espaços como o do ensino e da internet, e sinalizam para a importância da elevação do seu estatuto como língua cooficial. De fato, explicitam-se nessas sugestões vias possíveis para que os municípios atuem na valorização de suas línguas criando condições para que a vitalidade do Hunsrückisch seja preservada.

Paralelamente, observou-se sobretudo nas comunidades de referência do RS uma ênfase em ações de promoção da língua via educação e área cultural. O Rio Grande do Sul é o Estado com o maior número de bilíngues, como vimos na estimativa geral (seção 3.2), e está entre os Estados com o maior número de línguas de imigração diferentes, além da presença de situações de contato linguístico diverso, que ainda incluem áreas de fronteira, quilombolas e reservas indígenas. Relevante, para a política de inventário, reconhecimento, salvaguarda e promoção da língua é, no entanto, o fato que precisa ser considerado de que o Rio Grande do Sul possui o maior número de escolas com ensino de alemão (mais de 200 escolas) e já realiza uma série de ações, no plano educacional e cultural, que incluem grupos de teatro, festival de teatro e de cinema em língua alemã (organizados pela ARPA – Associação Rio-grandense de Professores de Alemão), acervos representativos da língua, encontros de falantes de diferentes variedades, produção representativa de documentários, programas de rádio em língua alemã.



Estas ações, no entanto, se mostram insuficientes e são ainda pouco conhecidas, para solucionar os casos de discriminação ou inadequação de tratamento do plurilinguismo, incluindo aí o Hunsrückisch. Sua ampliação e aprofundamento demanda um esforço coletivo, em consonância com o conjunto das línguas que compartilham o espaço social e geográfico do Rio Grande do Sul. Nessa tarefa está empenhado o Colegiado da Diversidade Linguística do RS, recém-criado em junho de 2018, com a participação de representantes de diferentes línguas da sociedade civil que compõem o plurilinguismo do Estado. Ela inclui ações de educação plurilinguística e formação de professores para a atuação em contextos plurilíngues.

O presente Inventário constitui uma dessas etapas dos quatro pilares que sustentam a mesa de negociação, e que repetimos aqui mais de uma vez, para dar um norte: inventariar (para conhecer), reconhecer (para assegurar direitos), salvaguardar (para manter o patrimônio cultural) e promover (para fortalecer e visibilizar). O capítulo final que se segue busca fazer um balanço das principais contribuições que irão subsidiar as ações futuras.





Fotos: Cléo Vilson Altenhofen



Foto: Cléo Vilson Altenhofen

O Hunsrückisch após o Inventário: resultados e perspectivas

A realização de um inventário linguístico pressupõe, já desde sua concepção como projeto, um conjunto de ações e produtos que visem, sobretudo, a salvaguarda e promoção da língua inventariada. Este livro configura, por exemplo, um produto que está associado à ação implementada há dois anos, de realização do Inventário. Ele coroa o relatório final que, através da publicação e circulação de conhecimentos sobre a língua inventariada, também se populariza e atinge o público-alvo ao qual se destina, que são as comunidades de falantes. O balanço que fazemos dos produtos e ações realizados pelo IHLBrI nos deixa, na nossa avaliação, extremamente felizes e satisfeitos, tanto que somos tentados a enxergar neste Inventário um marco da política de promoção do Hunsrückisch, no Brasil. Os produtos e ações produzidos não seriam possíveis sem o IHLBrI e o apoio recebido pelo IPHAN. Contudo, sem abrir mão da busca incessante para aprimorar as reflexões teóricas e procedimentos metodológicos adequados aos diferentes tipos de contexto plurilíngue em questão, pode-se dizer também que o real valor e impacto dos resultados do Inventário só poderá ser medido de modo mais concreto, daqui a alguns anos, quando os desdobramentos deste trabalho se farão sentir com mais clareza.

4.1 Concurso Literário e Livro 1 com os textos selecionados

Em final de 2017, o projeto IHLBrI realizou o 1º Concurso Literário de Poesia e Conto em Hunsrückisch. Sendo o primeiro, não se fazia ideia quantos autores inscreveriam algum texto, nem a quantidade de textos que a comissão avaliadora teria para examinar. Outra dúvida recaiu sobre o padrão de escrita em que esses textos estariam escritos. Ao final, chamou a atenção que a quase totalidade seguia mais ou menos os princípios de escrita sugeridos pelo ESCRITHU (ALTENHOFEN *et al.*, 2007), que é o sistema de escrita do Hunsrückisch desenvolvido pelo projeto ALMA-H a partir da tradição de escrita do Hunsrückisch ao longo de sua história no Brasil. O princípio básico do ESCRITHU é o diálogo com a escrita do alemão *standard* adaptada à pronúncia do Hunsrückisch, com suas diferentes variantes. Com isso, almeja-se, de um lado, otimizar as competências plurilíngues dos



falantes, desenvolvendo a autoconsciência, autoestima e conhecimento de sua língua materna, e, de outro lado, criam-se condições para não-falantes, entre os quais aprendizes de alemão *standard*, profissionais em contato com as comunidades, ou mesmo pesquisadores de diferentes áreas, que se confrontam com dados e documentos nessa língua, compreenderem melhor a Língua Hunsrückisch.

Paralelo a essa expectativa do tipo de escrita, esperávamos também uma quantidade maior de textos inscritos. Isso pode ter dois motivos: ou foi um problema de divulgação, e a informação não chegou a muitos potenciais autores, ou muitos não se atreveram a “escrever em sua língua materna”, por não terem um padrão de escrita mais estabelecido. Para essa segunda possível explicação, utilizamos o próprio livro resultante do concurso, para inserir uma introdução sobre a tradição histórica da escrita do Hunsrückisch, escrita por Gerson Neumann, e sobre a proposta atual de escrita do Hunsrückisch, texto elaborado por Cléo Altenhofen, Jussara Habel e Angélica Prediger, expondo as regras e princípios para escrever o Hunsrückisch, conforme o ESCRITHU (ver seção 1.3.5).

Contudo, os textos do livro em si, que seguem o padrão de escrita do ESCRITHU, apresentam também as variantes individuais dos autores, que foram amplamente respeitadas pela comissão avaliadora. Realizar o Concurso com a possibilidade de publicar os textos foi, neste sentido, um diferencial de enorme significado para a imagem da língua. O livro resultante desse 1º Concurso, intitulado *Hunsrückisch em prosa & verso*, reúne assim 14 poemas e 14 textos em prosa de 17 autores, no total. Na leitura desses textos, o leitor tem a oportunidade de se familiarizar com a escrita; ao mesmo tempo, os textos são um incentivo à reflexão e produção escrita individual. A excelente produção gráfica, que contou com a editoração e capa de Leandro Bierhals Bezerra com belíssimas ilustrações em aquarela de Sara Winckelmann, fazem jus à função que o livro cumpre para a imagem e autoestima da língua Hunsrückisch e de seus falantes. Com 1.000 exemplares impressos, além de uma versão em *ebook*, espera-se um maior alcance do livro. A julgar pelo *feedback* que já recebemos, vemos muitos falantes se lançando à criatividade e dando vazão às suas ideias e angústias na reflexão sobre sua língua e cultura. O 1º Concurso Literário de Poesia e Conto em Hunsrückisch abre, neste sentido, a perspectiva de novos concursos dessa natureza. Considerando o seu êxito, são, além disso, um tema e uma ação de grande impacto que justificam a abertura de editais específicos para a sua realização.

Fig. 44 – Capa do livro *Hunsrückisch em Prosa & Verso* resultante do Concurso Literário

Fonte: Acervo IHLBrI

4.2 Consolidação da escrita do Hunsrückisch

A realização do 1º Concurso Literário de Poesia e Conto em Hunsrückisch auxiliou, conforme já se aludiu, na consolidação do sistema de escrita do Hunsrückisch, chamado de ESCRITHU. Esse sistema havia sido criado para os fins da transcrição de dados de pesquisa do ALMA-H, mas agora adicionalmente recebia o aval dos falantes.

Evidentemente, nenhuma escrita se aprende da noite para o dia, nem mesmo a do português ou de qualquer outra língua materna. O que deve ficar claro é que a leitura precede à escrita, pelo menos em termos de dificuldades. Nossa convicção é de que a circulação da informação através da produção de textos, tanto impressos quanto virtuais, que sigam um padrão razoavelmente sério e sistemático são umas das tarefas de gestão da língua mais fundamentais, no processo de manutenção e salvaguarda do Hunsrückisch, como de qualquer língua minoritária. Tal fato é atestado pela história da língua alemã no Brasil, que, especialmente no Rio Grande do Sul, contou com um suporte significativo da imprensa em língua alemã (ver ALTENHOFEN, 2016, p. 125, tab. 4; também DREHER, RAMBO & TRAMONTINI, 2004). Foi em grande parte esse suporte que explica a vitalidade linguística do Hunsrückisch como língua de imigração, nas colônias velhas e novas do Rio Grande do Sul.

No sentido de oportunizar uma compreensão melhor dos fundamentos em jogo na escrita do Hunsrückisch, elaboramos no âmbito do IHLBrI um *workshop* que se apoia em uma apresentação em *power point* dos princípios e regras do ESCRITHU, oferecendo também exercícios de reflexão e fixação dos pontos essenciais. Um resumo dos principais aspectos enfatizados nesse *workshop* foi



apresentado na seção 1.3.5. Vale, no entanto, reiterar que o respeito às variantes e intenções do falante são fundamentais nesse *workshop*, oferecido em caráter experimental já em algumas escolas. Seu objetivo central é despertar a reflexão sobre o papel da escrita e leitura e dos aspectos que a definem, na relação com o sistema da língua como um todo. Nossa expectativa é que grande parte das dúvidas restantes será resolvida com a prática e o uso da língua.

Fig. 45 – Excertos do *workshop* de escrita do Hunsrückisch

[A escrita como um sistema / Die Schrift wie en Sistem]

1. As línguas se ESTRUTURAM, têm uma GRAMÁTICA própria, isto é, um SISTEMA DE REGRAS. A escrita também.

Isso SIGNIFICA: nenhuma palavra se escreve dissociada do todo da língua, de seu sistema. EXEMPLOS:

→ **relação entre singular e plural**

Teer 'porta' >>> Pl. **Teere** (hdt. *Tür*, Pl. *Türe*)

SOLUÇÃO: manter a simetria entre funções gramaticais.

Workshop:
„Alemão entre linhas: reflexões para a fala e a escrita / Deutsch uff'em Papier: iwer Spreche unn Schreiwe nohdenke“

Pela Equipe UFRGS

Atividade do
“Inventário do Hunsrückisch (Hunsriqueano) como Língua Brasileira de Imigração” (IHLBrI)
(Coord. Cléo V. Altenhofen [UFRGS], Rosângela Morello [IPOL])

APOIO:

ipol | UFRGS | pro:pesq | ALMA H

Fonte: Acervo IHLBrI

4.3 Documentário “Viver no Brasil falando Hunsrückisch”

A realização de um documentário sobre a língua inventariada é condição prevista no Guia do INDL. Coube a Gabriel Schmitt e Ana Winckelmann elaborar o documentário do IHLBrI, que leva o título de “Viver no Brasil falando Hunsrückisch”. A partir das inúmeras viagens de pesquisa a campo, em que se ouviu / deu ouvidos a um sem-número de falantes e se reuniu um acervo de cerca de 1.925 vídeos, os dois estudantes do Curso de Letras Alemão da UFRGS desenvolveram um roteiro que mostra a relação de falantes de Hunsrückisch de diferentes lugares do Brasil com a sua língua. Separados, muitas vezes, por milhares de quilômetros, as opiniões, memórias e sentimentos se entrelaçam. Além do cotidiano, história e cultura desses falantes, o documentário focaliza a língua e suas particularidades, procurando registrar qual a sua importância na trajetória de vida dessas pessoas. A chegada à escola e a dificuldade na hora de aprender o português, a relação com o alemão *standard*, a convivência com outros tipos de alemão, são alguns dos desafios e compartilhados por esses falantes.

Fig. 46 – Capa do documentário “Viver no Brasil falando Hunsrückisch”, elaborado por Ana Winkelmann e Gabriel Schmitt, para o IHLBrI



Fonte: IHLBrI

A produção deste documentário se deu a partir dos questionários linguísticos aplicados em campo pela equipe do projeto no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. A presença de falantes de Hunsrückisch na equipe de pesquisadores foi crucial para conquistar a confiança dos entrevistados, que muitas vezes tinham vergonha de falar em Hunsrückisch e ficaram surpresos pelo nosso interesse na sua língua de casa. Foi muito importante ver que eles venciam a vergonha ao reconhecer a importância de um registro sério da sua língua, para ações futuras de promoção da língua.

Foram registradas diferentes situações de usos do Hunsrückisch, expressando a forte presença da língua nestes municípios, tanto no meio familiar como na administração, na imprensa, no comércio, em manifestações culturais, na educação e na religião. A partir das entrevistas gravadas, foram selecionados trechos onde os falantes abordam temas essenciais para o entendimento da formação da identidade nas comunidades alemãs no Brasil, como as diferentes denominações, a grande variação interna da língua e o contato com outras variedades de alemão, bem como a presença da língua alemã na igreja, no ensino, em festas e músicas tradicionais.

Viver no Brasil falando Hunsrückisch procura ouvir e entender o que os falantes de Hunsrückisch no Brasil sentem em relação a si e sua língua. O documentário foi lançado durante o III Encontro de Falantes de Hunsrückisch, em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Foram produzidos 1.000 exemplares físicos em DVD e o documentário também estará disponível *online*.



4.4 Encontros de Falantes e Encontros do Inventário

Com vistas a apresentar resultados prévios do Inventário e, ao mesmo tempo, colher sugestões e demandas das comunidades de falantes, foram promovidos pelo IHLBrI dois Encontros de Falantes e dois Encontros do Inventário. Como, em 2012, no âmbito das atividades do Portas Abertas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o projeto ALMA-H já havia organizado um I Encontro de Falantes do Hunsrückisch, a numeração desses encontros seguiu a partir desse primeiro, razão por que os encontros organizados pelo IHLBrI passaram a ser o 2º e 3º encontros. Futuros encontros poderão ser promovidos em qualquer período e por qualquer comunidade interessada, mas espera-se que sigam essa ordem de numeração, para respeitar a história e a gestão compartilhada da língua.

Assim, foi realizado, nos dias 24 e 25 de agosto de 2018, em Florianópolis, Santa Catarina, o **II Encontro de Falantes do Hunsrückisch e I Encontro do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)**. Nos dias 12 e 13 de outubro de 2018, seguiu-se com o **III Encontro de Falantes do Hunsrückisch e II Encontro do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)**, em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Este Encontro incluiu a premiação dos autores do Concurso Literário, complementada por um sarau com a leitura de poemas e contos pelos autores presentes. Foi um momento em que se percebeu o poder da literatura, aqui expressa na língua materna, com a qual autores e ouvintes leitores puderam rememorar sua infância, a vida na colônia e a família. Ao final de cada Encontro, produziu-se uma Carta de Recomendações (v. ANEXOS 8 e 9), na qual os participantes reivindicaram ações de fomento do plurilinguismo e do patrimônio cultural imaterial.

Fig. 47 – Momento do Sarau de Leitura de textos do livro *Hunsrückisch em Prosa & Verso*, por autores presentes



Fonte: Acervo IHLBrI

Vale ressaltar que os Encontros ajudaram a criar uma rede de contatos entre os falantes de Hunsrückisch e motivaram os participantes a dar continuidade às ações de salvaguarda em seus municípios. A experiência dos encontros realizados comprova sua eficácia e êxito na promoção de uma consciência plurilíngue e gestão da língua. Ao mesmo tempo, foi um espaço de vivência cultural e de circulação do conhecimento sobre a língua, que mobilizou diferentes áreas, desde a educação e a administração pública até o terreno das artes. Os encontros servem, assim, aos interesses tanto de falantes, quanto de não-falantes, que podem deste modo se aproximar da língua.

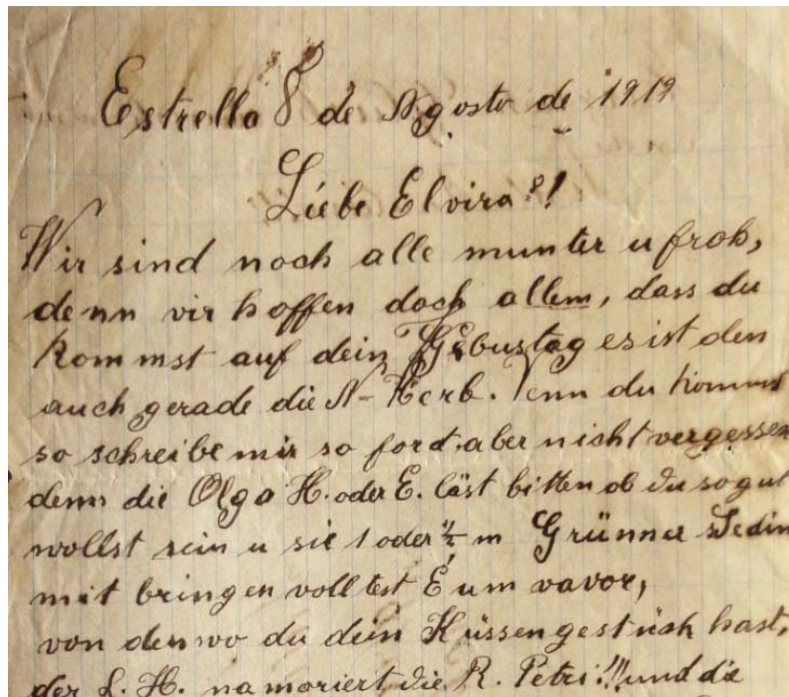
4.5 Livro 2: acervo de cartas de imigrantes

No inventário linguístico, o caminho histórico percorrido pela língua inventariada desempenha papel relevante na sua formação, bem como na formação da brasilidade da língua, tendo em vista também sua historicidade no Brasil. O grande problema, para muitas línguas, é a falta de fontes fidedignas, para escrever sua história. Dos primeiros imigrantes não temos nenhuma gravação, mas temos um sem-número de cartas de imigrantes, isto é, de um gênero de cartas privadas escritas no contexto da imigração.

A partir de um *corpus* de cerca de 1.000 cartas recolhidas há alguns anos, tanto nos levantamentos de dados do ALMA-H, quanto especialmente na pesquisa implementada por Joachim Steffen, durante sua estada na UFRGS / Instituto de Letras, por meio do Programa Feodor Lynen, da Fundação Alexander von Humboldt (Alemanha), surgiu a publicação, no âmbito do IHLBrI, do livro *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*, organizado por Cléo Altenhofen (Porto Alegre), Joachim Steffen (Augsburg) e Harald Thun (Kiel). O livro reúne 82 cartas, ordenadas cronologicamente em quatro períodos básicos. O primeiro período, que precede a emigração ao Brasil, a partir de 1824, engloba 10 cartas inéditas de jovens hunsriqueanos recrutados para as tropas napoleônicas, escritas do local, onde estavam estacionados, para seus familiares no Hunsrück. Essas cartas foram coletadas por Harald Thun (Kiel, Alemanha) e René Wilkin (Liège, Bélgica) em diversos arquivos. As cartas dos períodos seguintes – 1824-1890, 1890-1940 e pós-1940 até os dias atuais – revelam uma progressiva integração na vida cultural brasileira, tanto pelos aspectos históricos que aparecem como pano de fundo, quanto pela inserção crescente de elementos linguísticos do Hunsrückisch e do português a uma base que originalmente buscava o alemão *standard* como modelo para a escrita. A carta privada, além de permitir um ordenamento cronológico e geográfico da produção escrita, propicia por sua natureza uma presença relativamente grande de elementos da oralidade no texto escrito.



Fig. 48 – Facsimile de uma carta de imigrante, escrita em Estrela – RS, 8 de agosto de 1919



Fonte: Acervo ALMA-Histórico

Entretanto, esse produto extremamente valioso e original, ao menos sob o enfoque linguístico, não só lança a base para uma história do Hunsrückisch e demais línguas de imigração alemã no Brasil. Ele contribui também para uma reflexão sobre o papel da língua de imigração na vida social dessas comunidades, além de despertar o interesse pela língua dos avós, na comunicação entre os membros das gerações passadas, ajudando com isso no desenvolvimento de uma consciência patrimonial.

4.6 Formação e apresentações da equipe

A realização de um Inventário Linguístico também mobiliza uma equipe considerável de pesquisadores e oportuniza a participação e formação de jovens estudantes da língua. No caso do IHLBrI, a identificação da equipe com os objetivos e propósitos do Projeto foi tal, que é possível ver neles futuros gestores e pesquisadores do plurilinguismo e de línguas e culturas em diálogo. Essa formação vai desde a participação e treinamento nas atividades de pesquisa tanto em laboratório, quanto em saída de campo, até o envolvimento e compreensão dos processos que regulam a vida de uma língua na sociedade. Neste sentido, pode-se constatar com satisfação que a grande maioria dos membros da equipe do IHLBrI chegou, inclusive, a apresentar trabalhos em eventos, entre os quais vale citar os seguintes:

1. *Alemão Entre Linhas: Reflexões para a Fala e a Escrita / Deutsch uff'en Papier: iwer Spreche unn Scheriwe nohdenke*, de Jussara Maria Habel & Angélica Prediger, realizado em 2016, no Colégio Mauá, em Santa Cruz do Sul/RS.
2. *Sprachvielfalt in Brasilien: Berichte über aktuelle Projekte*, de Angélica Prediger & Lucas Löff Machado, realizado em 18 de abril de 2018, no Departamento de Germanística da Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt, em Eichstätt, Alemanha.
3. *Das Deutsch von zu Hause: zur Nutzung von Vorkenntnissen im Deutschunterricht*, de Jussara Maria Habel, no 10º Congresso Brasileiro de Professores de Alemão (ABRAPA), realizado em 25, 26 e 27 de julho de 2018, na UFPR, em Curitiba/PR.
4. *Acervo Audiovisual e Documentação Linguística em Vídeo do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração*, de Ana Carolina Winckelmann & Gabriel Schmitt, no II Encontro de Falantes do Hunsrückisch e I Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 24 e 25 de agosto de 2018, em Florianópolis/SC.
5. *Diagnóstico Linguístico no Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração*, de Luana Cyntia S. Souza, no II Encontro de Falantes do Hunsrückisch e I Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 24 e 25 de agosto de 2018, em Florianópolis/SC.
6. *Contribuições do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)*, de Ana Carolina Winckelmann, no V CIDS – V Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, realizado de 11 a 14 de setembro de 2018, na UFBA, em Salvador/BA.
7. *Ferramentas de Pesquisa do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)*, de Gabriel Schmitt, no V CIDS – V Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, realizado de 11 a 14 de setembro de 2018, na UFBA, em Salvador/BA.
8. *Qual a língua dos catadores de café? Uma análise usando a ferramenta SprachGIS*, de Gabriel Schmitt, no XXII Simpósio de História da Imigração e Colonização, realizado de 25 a 28 de setembro de 2018, na Unisinos, em São Leopoldo/RS.
9. *A manifestação do Hunsrückisch na Vida Social e Cultural*, de Sofia Froehlich Kohl, no III Encontro de Falantes do Hunsrückisch e II Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 12 e 13 de outubro de 2018, em Nova Petrópolis/RS.
10. *Documentação Linguística do Hunsrückisch em Vídeo*, de Ana Carolina Winckelmann & Gabriel Schmitt, no III Encontro de Falantes do Hunsrückisch e II Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 12 e 13 de outubro de 2018, em Nova Petrópolis/RS.
11. *Etnografia do Alemão Falado no âmbito do Inventário do Hunsrückisch*, de Luana Cyntia S. Souza, no III Encontro de Falantes do Hunsrückisch



- e II Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 12 e 13 de outubro de 2018, em Nova Petrópolis/RS.
12. *Ferramentas para Tratamento de Dados Sociolinguísticos no Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração*, de Angélica Prediger, no III Encontro de Falantes do Hunsrückisch e II Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 12 e 13 de outubro de 2018, em Nova Petrópolis/RS.
 13. *O Papel dos Etnotextos para o Estudo da Língua Alemã Falada*, de Jussara Maria Habel, no III Encontro de Falantes do Hunsrückisch e II Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 12 e 13 de outubro de 2018, em Nova Petrópolis/RS.
 14. *Tradução de Palavras e Expressões em Hunsrückisch*, de Gerônimo Loss Bergmann, no III Encontro de Falantes do Hunsrückisch e II Encontro do Inventário do Hunsrückisch, realizado em 12 e 13 de outubro de 2018, em Nova Petrópolis/RS.
 15. *Inventário do Hunsrückisch: Língua Brasileira de Imigração*, de Rosângela Morello, Jussara Maria Habel, Luana Cyntia S. Souza, no Seminário da Diversidade Linguística e Patrimônio Cultural, realizado em 28 e 29 de novembro de 2018, em Belém/PA.
 16. *Erforschung deutscher Minderheiten in Brasilien und Dokumentation des Hunsrückisch als eine brasilianische Sprache*, de Angélica Prediger. Realização prevista para 13 de dezembro de 2018, no Departamento de Romanística da Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, em Kiel, Alemanha.

O núcleo central da equipe, na UFRGS e no IPOL, parceiros do Projeto, também participou ativamente das publicações previstas pelo IHLBrI, seja na revisão e edição técnica dos textos e na análise de dados, seja como coautores de direito, por seu empenho e conhecimento acumulado ao longo da pesquisa. Enfim, a formação concomitante à pesquisa constitui um resultado de enorme valor, com repercussão na qualidade do trabalho e nos seus possíveis desdobramentos e perspectivas futuras.

4.7 Banco de dados do Inventário

Felizmente, não podemos dizer que o Hunsrückisch configura uma língua ameaçada de extinção, se considerarmos a estimativa feita na seção 3.1.1, de cerca de 1.250.000 falantes, ou ainda a territorialidade dessa língua, que engloba uma área de presença extremamente grande, para uma língua que muitos, inclusive nós, costumam rotular de língua minoritária devido à sua posição em relação ao português. O que, no entanto, nos põe em alerta são as projeções no plano da transmissão diageracional. Muitos relatos, como vimos, dão conta de que os jovens – ou os seus filhos – não mais falam a língua de seus avós.

Esta constatação nos coloca o papel da documentação da língua, enquanto ainda há falantes. Ouvimos os falantes e registramos em papel, em áudio, em vídeo, em fotografia, enfim, em diferentes meios. Fazemos o que a sociedade poderia fazer espontaneamente: dar ouvidos a quem fala ou detém um patrimônio cultural imaterial que aos nossos olhos e ouvidos carrega um valor inestimável. Pois nossa memória não é muito diferente de um HD externo ou um computador; ela também armazena línguas e conhecimentos.

Essa dimensão do diálogo é o que mostra, de modo muito terno e simbólico, o documentário de Clarissa Beckert e Pedro Henrique Risse (2014, 20min), intitulado *meio – o que é ser brasileiro? o que é ser alemão? um filme sobre identidade, memória e imaginário*. O mundo moderno e globalizado nos coloca cada vez mais no *meio* de uma mudança que, ao mesmo tempo, também é o *meio* para superá-la. É preciso, para isso, ver formas de enxergar o meio, para dar-se conta do patrimônio cultural à sua volta. Perder uma língua, como mostra este documentário, equivale, neste sentido, à perda de uma parte significativa de si. E mais: ela traz a incapacidade de se comunicar consigo e com a sua história. Mas há meios de recuperá-la, como mostram as crianças do documentário *meio*. Além de reaprendermos quem somos, descobrimos o que fomos.

A documentação da língua faz parte desse processo de recuperação. Ela lembra o mito coletado por Alexander von Humboldt em uma tribo da América Central, em que todos os falantes tinham morrido. Certo dia, no entanto, veio voando um bando de papagaios que falavam justamente essa língua desaparecida da boca humana, mas que essas aves tinham aprendido com essa tribo, quando ali viviam. A documentação, ou o registro da língua inventariada, lembra esses papagaios; quando ninguém mais falar – queira Deus que não – está ali a voz como um sussurro de vida da língua, para nos oportunizar a revitalização da língua. Esta visão um tanto romantizada não quer aderir ao discurso fácil de que “tudo passa e é temporário”. Isso é algo óbvio. O que não é óbvio é a pergunta “se não é uma perda muito valiosa, a perda de um patrimônio cultural como no caso da língua dos avós, da língua da infância, da língua do afeto, da família”. Como se perdêssemos o conhecimento de como se retira a gasolina do petróleo, ou como se produz a luz elétrica, ou se perdêssemos um ente querido; quem define o valor de um bem cultural?

A documentação, como dissemos, cumpre o papel de quem poderia dar ouvidos ao conhecimento da língua, e não o faz. No Inventário, ela foi feita de diversas formas, e sistematicamente organizada, conforme os instrumentos de coleta dos dados definidos para o seu fim (v. cap. 2). O resultado foi um levantamento exaustivo, que resultou em um banco de dados que prima pelos números:¹²²

122 São, naturalmente, números aproximados, visto que, em muitos casos, é difícil medir concretamente determinados itens. Além disso, muitos dados ainda continuam em catalogação e são permanentemente etiquetados.



- a) 1.705 vídeos;
- b) Cerca de 50 horas de gravação em vídeo;
- c) Mais de 600 Gigabites de dados;
- d) Mais de 260 entrevistados;
- e) Cerca de 10.000 fotos do contexto cultural;
- f) Acervo de dados iconográficos (cartazes, objetos etc.);
- g) Acervo bibliográfico (publicações locais);
- h) Acervo de produtos áudio-visuais com ligação com a língua;
- i) Rede de contatos, potenciais gestores da língua.

Documentação, portanto, como os papagaios do mito coletado por Humboldt, cumpre a função de guardar uma “cópia de segurança da língua e cultura inventariada”. Assim como a língua dos antepassados, a língua da infância, a língua materna da identidade ainda pulsa nas comunidades na voz dos mais velhos, mas pode nos fugir dos ouvidos à medida que muitos falantes morrerem; assim também essa mesma língua pode manter uma chance de sobrevivida se ao menos guardarmos seu registro – em áudio e vídeo – para quem queira reavivá-la, quando não houver mais a geração de falantes – vivos – com quem se possa interagir. A esperança, no entanto, de que não se necessite apelar a essa cópia, a não ser para realizar pesquisas e produzir materiais e ações de promoção da língua, está na mão dos jovens, para que, como no documentário de Clarissa Beckert e Pedro H. Risse, despertem para o que está lhes escorregando das mãos, ou fugindo dos lábios.

4.8 Relatório final e Livro 3 do Inventário do Hunsrückisch

O relatório final é o último produto na organização de um inventário. Ele tem a finalidade de (a) apresentar todo conhecimento produzido durante a pesquisa; (b) debater as escolhas teórico-metodológicas que guiaram a formulação dos instrumentos e a coleta de dados; (c) relatar os desafios encontrados na aplicação do Inventário; (d) divulgar as deliberações e demandas da comunidade de falantes inventariada, seja por meio das entrevistas ou pelas cartas de deliberações e demandas produzidas durante os Encontros de Falantes (v. ANEXOS 8 e 9); (e) e, por último, o relatório, aqui materializado e tornado público por meio da publicação do livro final *Hunsrückisch: Inventário de uma língua do Brasil*, tem um importante espaço analítico “ideal para tratar das relações entre língua, contextos socioculturais, história, representações, memória e identidade” (cf. INDL, v. 2, 2016, p. 32). Nesse contexto, o IHLBrI configura um Inventário Amplo, a partir da categoria definida pelo INDL, e busca como tal ser uma obra de consulta e referência que alcance às comunidades de falantes de Hunsrückisch, além de comunidades de falantes de outras línguas e também pesquisadores de diferentes áreas.

4.9 Sínteses e conclusões

Após elencarmos os itens mais recorrentes e relevantes do levantamento extensivo de dados, entendemos que eles apontam uma forte tendência de os municípios desconhecerem as potencialidades do Hunsrückisch como língua brasileira de imigração. Essa interpretação se torna possível uma vez que a grande maioria das informações elencadas, especialmente através do Questionário Sociológico, são ligadas a um universo que alude à imigração alemã de forma amplificada e não, necessariamente, com relação direta ao grupo de falantes da língua em tela. Por exemplo, temos como um dos resultados da coleta uma gama considerável de grupos de danças, corais e festas típicas, que acabam sendo a referência direta à cultura alemã nos municípios. Estes coletivos acabam sendo os responsáveis pelo intercâmbio entre o que é considerado tradição germânica e a população falante, ainda que se trate, na maioria das vezes de visões mais hegemônicas e menos voltadas às particularidades do Hunsrückisch.

Dentre as ações propostas pelos municípios, há poucos, como São Pedro de Alcântara e São João do Oeste em Santa Catarina, por exemplo, que citam o Hunsrückisch em seus decretos municipais, embora com foco mais amplo do que apenas na língua. Foram ainda mais raros os municípios com decretos voltados especialmente para alguma ação de valorização linguística, como de Antônio Carlos, SC. Isso não significa que as municipalidades desconheçam a existência do Hunsrückisch, mas muitas vezes reflete o fato de que muitas das vezes é visto como dialeto e/ou variante dependente e de valor inferior ao chamado alemão padrão e/ou gramatical. E, desse modo, as ações oficiais da administração pública, tais como decretos e leis, acabam se reportando oficialmente à forma genérica da língua e não à especificidade de sua região.

Um exemplo é a lei de cooficialização da língua alemã no município de São João do Oeste, que em seu parágrafo único ressalta: “Será aceito o dialeto germânico ‘Hunsrück’ para comunicação informal em todo território municipal”. Assim, entende-se que não há conhecimento das potencialidades do Hunsrückisch como um sistema linguístico complexo e patrimônio cultural brasileiro, tanto pela administração municipal quanto, em alguns casos, pelos falantes que não apresentam uma atitude positiva diante de sua língua.

Entretanto, durante as visitas de campo nos deparamos com a presença do Hunsrückisch permeando os aspectos ordinários da vida cotidiana dos falantes, nas igrejas, no comércio, nas festividades, no encontro casual no meio da rua, ainda que, as políticas e ações municipais não contemplem essa multiplicidade linguística. Na prática, as iniciativas de fomento e proteção acabam se dando no âmbito do alemão padrão, é ele que entra no currículo escolar, na lei de cooficialização, nos panfletos, placas e vias (salvo raras exceções). O Hunsrückisch é reconhecido enquanto dialeto e variação do alemão, todavia, não se apresenta como opção rentável aos municípios, pois ainda circula fortemente a ideia de inferioridade e até atraso diante do alemão padrão.



Nesse sentido, a reflexão proposta por Hamers e Blanc (2000) pode ser oportuna por trazer à tona a discussão sobre as competências, usos e funções da língua. Para os autores, não basta falar, ler, ouvir e pensar na língua em que nos colocamos em contato. É preciso ter uma atitude positiva diante da língua, o candidato a falante tem que se colocar de maneira positiva diante dos desafios que o processo de aprendizagem vai lhe trazer.

Podemos ir um pouco adiante, no sentido da fala de Hornberger (2009), que defende que o uso de línguas tem que se adequar às histórias e aos contextos regionais. Para a autora o poder é um feixe vertical que perpassa todos os aspectos da língua, o que nos leva a pensar que privilegiar uma determinada língua, ou sua variante, é um posicionamento político que se acentua em regiões em que ocorrem disputas simbólicas.

De modo geral, somos levados a pensar que uma política linguística para ser eficaz tem que considerar as relações de poder implícitas no contexto, para não correremos o risco de haver um protecionismo de uma língua em relação à outra. As línguas, assim como os aspectos culturais, são dinâmicas e estão sempre em contato, sendo justamente esse dinamismo o que há de mais rico. É este contato, esta influência mútua especialmente no contexto de imigração que permite que o Hunsrückisch seja o mecanismo preterido para a transmissão de conhecimento intergeracional. Entretanto, todos os registros e informações encontradas em relação ao ensino da língua dão conta de que é o alemão padrão o eleito para compor o currículo escolar das localidades, muito embora, durante as atividades de campo, não tenha sido incomum ouvirmos relatos a respeito da presença das duas línguas (*Hunsrückisch* e *Hochdeutsch*) “misturadas” no ambiente escolar e cotidiano.

Essas duas perspectivas do mesmo alemão, às vezes voltadas para a fala, às vezes para a escrita, são uma das especificidades do Inventário do Hunsrückisch. Elas às vezes se confundem e sugerem uma funcionalização para usos linguísticos diferentes; são usos que se complementam. Há contextos em que o Hunsrückisch se mostra mais adequado e leva vantagem; e há contextos que o Hochdeutsch alcança com mais eficácia. Ambas as línguas alemãs se complementam. A história do Hunsrückisch no Brasil ensinou isso, apesar das muitas incompreensões que sofreu e vem sofrendo. Este Inventário quer ajudar a compreender o que é essa língua e o que representa em nossa bagagem cultural.

A construção de políticas para a salvaguarda do Hunsrückisch é fundamental para oxigenar a língua. Neste sentido, é primordial pensarmos em estratégias que envolvam não só as populações falantes e seus ciclos sociais de convívio, mas que também tornem instituições como Secretarias de Educação, Cultura e correlatas parceiras no fomento de ações que envolvam as gerações e promovam a valorização não só do Hunsrückisch como língua brasileira de imigração, mas de todo o sistema cultural narrado e transmitido em língua materna.

Referências Bibliográficas

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *A aprendizagem do português em uma comunidade bilingüe do Rio Grande do Sul. Um estudo de redes de comunicação em Harmonia*. Dissertação (Mestrado) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/109237>. Acesso em: 17.03.2015.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português)*. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil*. In: Nicolaidis, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen*. In: Lenz, Alexandra N. (Hg.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V & R unipress; Vienna University Press, 2016. p. 103-130.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien*. In: Ammon, Ulrich; Sambe, Shinichi; Schmidt, Gabriele (Hrsg.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte [Arbeitstitel]*. Berlin: de Gruyter, [2018]. No prelo.

ALTENHOFEN, Cléo V. & BROCH, Ingrid K. *Fundamentos para uma “pedagogia do pluri-linguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness)*. In: Behares, Luis (org.). *V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas*. Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo / Núcleo Educación para la Integración, 2011. p. 15-22.

ALTENHOFEN, Cléo V.; FREY, Jaqueline; KÄFER, Maria Lidiani; KLASSMANN, Mário; NEUMANN, Gerson R.; SPINASSE, Karen Pupp. *Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil*. In: Revista Contingentia, v. 2 (nov.), p. 73-87, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3867/2166>.

ALTENHOFEN, Cléo V. & MORELLO, Rosângela. *Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas*. In:



Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas (6. : 2013 nov. 23-25: Porto Alegre, RS). FARENZENA, Nalú (org.). Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 19-26.

ALTENHOFEN, Cléo V.; PREDIGER, Angélica; HABEL, Jussara Maria. *A Escrita do Hunsrückisch*. In: ALTENHOFEN, Cléo; NEUMANN, Gerson; HABEL, Jussara; PREDIGER, Angélica. *Hunsrückisch em Prosa e Verso: Textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017*. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras – UFRGS, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184118#>.

ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. *Cartas de Imigrantes de Fala Alemã: Pontes de Papel dos Hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018.

ALTENHOFEN, Cléo V. & THUN, Harald. *A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.

ANSCHAU, Fábio. *Bases teórico-metodológicas para a elaboração de um dicionário do Hunsrückisch falado no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/117599>.

ARMBRUST, L. *Hunsrücker Ortsnamen in den Kreisen Simmern und Zell*. Bonn: Hanstein, 1897.

BAHLOW, Hans. *Deutschlands geographische Namenwelt. Etymologisches Lexikon der Fluß- und Ortsnamen alteuropäischer Herkunft*. Frankfurt a.M.: Klostermann, 1965.

BANDEIRA, Marta Helena Tessmann. *Vantagens bilíngues? Um estudo sobre as diferenças nas funções executivas - controle inibitório e atenção entre monolíngues e bilíngues*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2014. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/377>.

BANDEIRA, Marta Helena Tessmann. *Diferenças entre crianças monolíngues e multilíngues no desempenho de tarefas de funções executivas e na transferência de padrões de VOT (Voice Onset Time) entre as plosivas surdas do pomerano, do português e do inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/106>.

BARROS, Fernando Hélio Tavares de. *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos - MT: configurações do multilinguismo em fronteira de Amazônia*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/114428>.

BETZ, Werner. *Deutsch und Lateinisch. Die Lehnbildungen der althochdeutschen Benediktinerregel*. Bonn: Bouvier, 1949.

BILLIG, Johanna Dagobert. *Impacto do bilinguismo nas redes de atenção, no acesso lexical e na memória de trabalho em adultos e idosos*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/90172>.

- BROCH, Ingrid Kuchenbecker. *Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102190>.
- CHRISTMANN, Ernst. „Hundsrück(en)“ und „Unter“. In: *Rheinisch-westfälische Zeitschrift für Volkskunde*, Bonn/Münster, n. 7, p. 222-227, 1960.
- COCHLAEUS, Johannes. *Brevis Germanie Descriptio (1512) mit der Deutschlandkarte des Erhard Etzlaub von 1512*. Hrsg., übers. und komment. von Karl LANGOSCH. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1960. [1512].
- CÔRTEZ, Ten.-Cel. Geraldo de Menezes. *Migração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1958.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. In: *Cuadernos de Lingüística*; 8. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- COSERIU, Eugenio. “Língua histórica” e “dialeto”. Trad. Carolina Falck Grimm. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, p.9-27, jan./jun. 2017. [1980] Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>.
- CUNHA, Jorge Luiz da. *Imigração e colonização alemã*. In: *História Geral do Rio Grande do Sul*. v. 2: Império. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 279-300.
- DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt a. M.; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien: Lang, 1997.
- DIENER, G. Walter. *Hunsrücker Volkskunde*. 2., neubearb. Aufl. Mit 78 Abb. auf Tafeln u. im Text u. 13 Notenbeispielen. Bonn: Röhrscheid, 1962. [1925]
- DIENER, G. Walter. *Hunsrücker Wörterbuch*. Niederwalluf: Sändig, 1971. 274 p.
- DREHER, Martin N. (org.). *500 anos de Brasil e igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST; CEHILA, 2002.
- DREHER, Martin N. *Protestantismos na América Latina*. In: DREHER, Martin N. (org.). *500 anos de Brasil e igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST, 2002. p. 115-138.
- DREHER, Martin. *Os 180 anos da imigração alemã*. In: *História, Cultura e Memória: 180 anos de imigração alemã*. ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (Orgs.). São Leopoldo: Editora Oikos, 2005.
- DREHER, Martin N. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. 2.ed. São Leopoldo: Oikos, 2014a.
- DREHER, Martin N. *Lenda e fatos na instituição do Kerb de São Miguel dos Dois Irmãos*. In: RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel C. & WITT, Marcos A. (orgs.). *Festas, comemorações e rememorações na imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2014b. p. 366-384.
- DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). *Imigração & imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.



- ECKERT, Penelope. *Variation and a sense of place*. In: FOUGHT, Carmen (ed.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 107-118.
- ECKERT, Penelope. *Communities of practice*. In: BROWN, Keith (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006. p. 683-685.
- EDWARDS, Viv & NEWCOMBE, Lynda. *Back to basics: marketing the benefits of bilingualism to parents*. In: García, Ofelia; Skutnabb-Kangas, Tove & Torres-Guzmán, Maria E. (eds.). *Imagining multilingual schools: languages in education and glocalization*. Clevedon et al.: Multilingual Matters, 2006. p. 137-149.
- ENGELMANN, Erni G. *A Saga dos alemães – do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*, Igrejinha: S.e., 2004. Vol. 1, 2 e 3.
- FAUSEL, Erich. *Hochdeutsch, Mundart und Mischsprache bei den Deutschen in Brasilien*. In: *Wirkendes Wort*, Düsseldorf, n. 12, p. 210-217, 1962.
- FAUSEL, Erich. *O alemão falado no Rio Grande do Sul e suas transformações*. In: Separata da Revista Organon, Porto Alegre, n. 8-9, p. 49-73, Apr. 1966. [1961, conferência] Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1637/1577.
- FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Schmidt, 1959.
- FISHMAN, Joshua A. *The relationship between micro- and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when*. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, Janet [eds.]: *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 15-32.
- FRINGS, Theodor. *Sprache und Geschichte*. Bd. 1-2-3. Halle (Saale): Niemeyer, 1956. [1926]
- GARCÍA, Ofelia. *Language policy*. In: WRIGHT, J. D. (ed.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2. ed., v. 13. Oxford: Elsevier, 2015. p. 353-359. Disponível em: <https://ofeliagarciaidotorg.files.wordpress.com/2011/02/languagepolicy.pdf>.
- GENEALOGIARS. *Famílias de origem alemã no Rio Grande do Sul: volume II*. Porto Alegre: EST Edições, 2017a.
- GENEALOGIARS. *Famílias de origem alemã no Estado de Santa Catarina: volume I. Familien deutscher Abstammung in Santa Catarina: Band I*. Porto Alegre: EST Edições, 2017b.
- GENEALOGIARS. *Famílias de origem alemã no Rio Grande do Sul: volume I*. Porto Alegre: EST Edições, 2015.
- GERTZ, René. *Imprensa e imigração alemã*. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). *Imigração e imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p. 100-122.
- GEWEHR-BORELLA, Sabrina. *A influência da fala bilingue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2010. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/96>.

- GEWEHR-BORELLA, Sabrina. “*Tu dampém fala assim?*”: *Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/108953>.
- GROSS, Alfredo. *Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache*. Porto Alegre: S.e., 2001.
- GRÜTZMANN, Imgart. *O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile*. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). *Imigração e imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p. 48-90.
- HABEL, Jussara Maria. “*Das böhmische deutsch*”: *perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017a. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/172378>.
- HABEL, Jussara Maria. *Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração*. In: *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, 2017b, p. 314-330.
- HAMERS, J. BLANC, M. *Biliguallity and bilingualism*. New Yorque: Cambridge, 2000.
- HÉLOT, Christine & YOUNG, Andréa. *Imagining multilingual education in France: A language and cultural awareness project at primary level*. In: GARCÍA, Ofelia et al. (eds.). *Imagining multilingual schools. Languages in education and glocalization*. Clevedon; Buffalo; Toronto: Multilingual Matters, 2006. p. 69-90.
- HEYE, Jürgen. *Brasildeutsch, or Diglossia Revisited*. Paper presented to the Sixth International Congress of Applied Linguistics, Lund 9.-15. August 1981. 1981.
- HORNBERGER, Nancy H. *La educación multilingüe, política y práctica: Diez certezas*. *Revista Guatemalteca de Educación* 1(1): 1-44, 2009.
- HUNSCHE, Carlos H. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: A Nação, 1975.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Ano de 1826 da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estudos sobre as línguas estrangeiras e aborígenes faladas no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950.
- IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL - Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Vol. 1: Patrimônio cultural e diversidade linguística*. Brasília: IPHAN, 2014a. Disponível em: http://issuu.com/designcasa8/docs/indl_guia_vol.1_21.
- IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL - Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Vol. 2: Formulário e roteiro de pesquisa*. Brasília: IPHAN, 2014b. Disponível em: http://issuu.com/designcasa8/docs/indl_guia_vol.2_28.



JOCHEM, Toni. *Visibilidade étnica dos imigrantes do Hunsrück em Santa Catarina – Brasil (1829-1889)*. In: IX CAAL – Encontro das comunidades de fala alemã da América latina, 2011, Frutillar, Chile; Águas Mornas: Prefeitura de Águas Mornas, 2011. p. 1-27. Disponível em: <http://www.aguasmornas.sc.gov.br/imigracao/Palestra-ChileToni.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

JUNGANDREAS, Wolfgang. *Historisches Lexikon der Siedlungs- und Flurnamen des Mosellandes*. Trier: Lintz, 1962.

KLEIN, Carlos Alberto. *Projeto Raízes: O Retrato, Esperando o Thiltapes e Natal na Colônia*. São Leopoldo: Editora Oikos, 2013. 88p.

KOCH, Walter. *Notas etnológico-lingüísticas sobre a moenda de cana-de-açúcar nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*. In: *Separata da Revista Organon*, Porto Alegre, UFRGS, n. 14, p. 51-58, 1970.

KOCH, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, 1974.

KOCH, Walter. *Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien. Möglichkeiten und Probleme ihrer Untersuchung*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [eds.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 307-322.

KOCH, Walter & ALTENHOFEN, Cléo-Vilson. *Projeto de mapeamento do bilingüismo no Rio Grande do Sul*. In: Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Lingüística da Região Sul (5. : 1986 : Florianópolis). *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1986. p. 211-221.

KREUTZ, Lúcio. *Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio*. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 15, p. 159-176, 2000.

KRUG, Pronila. *Crônicas da Pronila / Pronila Chroniken*. Estância Velha: Zmulti, 2018.

LAMELI, Alfred. *Strukturen im Sprachraum: Analysen zur arealtypologischen Komplexität der Dialekte in Deutschland*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2013.

LARA, Claudia Camila. *Variação fonético-fonológica e atitudes linguísticas: o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/159078>.

LIMBERGER, Bernardo Kolling. *Processamento da leitura multilíngue e suas bases neurais: um estudo sobre o hunsriqueano*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.) Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7952>.

MACHADO, Lucas Löff. *Standard e substandard do alemão em contato com o português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/139447>.

MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania*. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina

(UFSC), Centro de Comunicação e Expressão, 2003. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85489>.

MEYER, Henrique (org.). *Porto dos Gaúchos: os primórdios da colonização da Gleba Arinos, na Amazônia brasileira*. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2015.

MORELLO, Rosângela; SEIFFERT, Ana Paula (Org.). *Inventário da Língua Guarani Mbya*. Florianópolis: Garapuvu, 2011.

MORELLO, Rosângela & SEIFFERT, Ana Paula. *O Censo Linguístico de Antônio Carlos (SC): metodologia, resultados e implicações para as Políticas Linguísticas*. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de & RODRIGUES, Luana Ferreira (Orgs.). *Atas do VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas*. Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina; AUGM - Associação de Universidades Grupo Montevidéu – Núcleo Educação para a Integração, 2017. p. 43-54.

MORTARA, Giorgio. *Immigration to Brazil: some observations on the linguistic assimilation of immigrants and their descendents in Brazil*. In: Cultural Assimilation of Immigrants. Supplement to Population Studies. London / New York, Cambridge University Press, 1950.

MRhSA = BELLMANN, Günter; HERRGEN, Joachim & SCHMIDT, Jürgen Erich. *Mittelrheinischer Sprachatlas (MRhSA)*. Unter Mitarb. von Georg Drenda. Tübingen: Niemeyer, 1994 (Bd. 1), 1995 (Bd. 2), 1997 (Bd. 3), 1999 (Bd. 4), 2002 (Bd. 5).

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia Alemã: 160 anos de História*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

NAJAB, Fayçal. *O sujeito bilíngüe; abordagem cognitiva*. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. *Multilingüismo*. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 1989. p. 221-245.

NEUMANN, Gerson Roberto. *A tradição escrita do Hunsrückisch e a produção literária*. In: ALTENHOFEN, Cléo; NEUMANN, Gerson; HABEL, Jussara; PREDIGER, Angélica (orgs.). *Hunsrückisch em Prosa e Verso*. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras – UFRGS, 2018. p. 11-22.

OBERACKER, Carlos H. *Vocabulário de palavras que os descendentes de colonos alemães acolheram na língua vulgar*. In: Revista de Sociologia, São Paulo, 1(3), p. 96-104, 1939.

OBERACKER JR., Carlos H. *Transformações da língua alemã no Brasil*. In: Revista de Antropologia, São Paulo, v. 5(n. 1), p. 1-36, 1957.

OBERACKER JR., Carlos H. *Transformações da língua alemã no Brasil*. In: Humboldt, Hamburg, n. 3/8, p. 18-34, 1963.

PEITZ, Christiane. „Die andere Heimat“ - Regisseur Edgar Reitz: „Wer lesen konnte, wollte weg“. In: Tagesspiegel, Kultur, 30.09.2013. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/kultur/die-andere-heimat-regisseur-edgar-reitz-wer-lesen-konnte-wollte-weg/8868846.html>. Acesso em 02.11.2018.

PfWb = *Pfälzisches Wörterbuch*. Begründet von Ernst CHRISTMANN, fortgeführt von Julius KRÄMER, bearbeitet von Rudolf POST unter Mitarbeit von Sigrid BINGENHEIMER



und Josef SCHWING. 6 Bände und ein Beiheft. Wiesbaden/Stuttgart: Steiner, 1965-1998. Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de/PfWB/>

POST, Rudolf. *Romanische Entlehnungen in den westmitteldeutschen Mundarten: diatopische, diachrone und diastratische Untersuchungen zur sprachlichen Interferenz am Beispiel des landwirtschaftlichen Sachwortschatzes*. Wiesbaden: Steiner, 1982.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 1-24.

RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira: gênese e natureza*. In: Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, a. 21, n. 86, p. 3-109, 1985.

RAMBO, Arthur Blásio. *A história da imprensa teuto-brasileira*. In: CUNHA, Jorge Luiz da & GÄRTNER, Angelika (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 59-79.

RAMBO, Arthur Blásio. *Somando forças: o projeto social dos jesuítas no Sul do Brasil*. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2011.

RAMBO, Arthur Blásio. *Jesuítas no sul do Brasil: o projeto pastoral*. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013.

RAMBO, Pe. Balduino. *O rebento do carvalho: contos dialetais (1937 a 1961)*. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS): Ed. UNISINOS, 2002 [1937-1961]. v. 1 [340 p.], v. 2 [358 p.]

RhWb = *Rheinisches Wörterbuch*. Im Auftrag der preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde und des Provinzialverbandes der Rheinprovinz. Auf Grund d. v. J. FRANCK begonnenen, von allen Kreisen d. Rheinischen Volkes unterstützten Sammlung. Bearb. u. hrsg. von Josef MÜLLER. 9 v. Bonn: Klopp, v. 1, 1928. v. 2ss. Berlin, 1931-1971. Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de/RhWB/>

ROCHE, Jean. *As bases físicas da ocupação do solo no Rio Grande do Sul*. In: AB'SÁBER, Aziz Nacib & ROCHE, Jean (orgs.). *Três estudos rio-grandenses*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Faculdade de Filosofia, 1966. p. 29-64.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995. [1989]

SCHADEN, Egon. *Aculturação lingüística numa comunidade rural*. In: *Jornal de Filologia*, São Paulo, n. 1, p. 29-44, 1953. [1942]

SCHADEN, Egon. *Aculturação de alemães e japoneses no Brasil*. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 4(1), p. 41-46, 1956.

SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurélio. *Questionamentos e discussões essenciais acerca de um possível sistema de escrita para o Hunsrückisch brasileiro*. In: *Revista Trama*, v. 14, n. 31, p. 122-134, 2018. Disponível em: <http://schaumloeffel.net/wp/wp-content/uploads/2018/02/Hunsr%C3%BCckisch-schreiben.pdf>.

- SCHELLACK, Gustav. *Was bedeutet das Wort Hunsrück?* In: Hunsrücker Heimatblätter, Simmern, Jg. 15, Nr. 33, p. 103-109, 1975.
- SCHMIDT, Jürgen Erich & HERRGEN, Joachim. *Sprachdynamik: Eine Einführung in die moderne Regionalsprachenforschung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2011.
- SCHMIDT, Jürgen Erich. *A língua alemã standard: uma variedade - três normas de oralização*. Trad. Lucas Löff Machado. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.40, p. 28-58, jan./jun. 2017. [2005] Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87179/50003>.
- SCHNEIDER, Maria Nilse. *Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilingües alemão-português do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); PPG-Letras, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/13098>.
- SCHOOF, Wilhelm. *Noch einmal der Name Hunsrück*. In: Rheinisch-westfälische Zeitschrift für Volkskunde, Bonn/Münster, n. 7, p. 122-125, 1960.
- SEIFFERT, Ana Paula. *Censo, diagnóstico, inventário e observatório linguísticos: aspectos metodológicos e papel político-linguístico*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2014.
- SKUTNABB-KANGAS, Tove. *Multilingualism and the education of minority children*. In: SKUTNABB-KANGAS, Tove & CUMMINS, Jim (eds.). *Minority education: from shame to struggle*. Clevedon / Avon: Multilingual Matters, 1988. p. 9-44 (Multilingual Matters; 40).
- SOUZA, Luana Cyntia S. *Revitalização de línguas minoritárias em contextos plurilíngues: o pomerano em contato com o português*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/173786>.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. *Das brasilianische Hunsrückische: Soziolinguistische Aspekte einer durch Sprachkontakt geprägten Minderheitensprache*. In: LENZ, Alexandra N. (Hg.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V & R unipress; Vienna University Press, 2016. p. 81-102.
- STAUB, Augustinus. *O empréstimo lingüístico. Um estudo de caso. (Empréstimos portugueses no "Hunsrück" falado em São Martinho, município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.)* Porto Alegre: Acadêmica; Revista Letras de Hoje, 1983.
- STEFFEN, Joachim & ALTENHOFEN, Cléo V. *Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachnetzungen im mehrsprachigen Raum*. In: ZDL (Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik), Stuttgart, Bd. 81, Heft 1, p. 34-60, 2014.
- STUHL, Kaspar. *Hunsrück oder Hunsding*. In: Zeitschrift des Vereins für rheinische und westfälische Volkskunde, 11. Jg., 4. Heft. Elberfeld, 1914. p. 242-253.
- SULZBACH, Luciana. *Eine empirische Untersuchung zweier Varietäten des Brasildeutsch*. Tese (Doutorado). Hannover: Universität Hannover; Fakultät für Geistes- und Sozialwissenschaften, 2004.
- THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera*.



- In: RADTKE, Edgar / THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.
- THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.: 1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998.
- THUN, Harald. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.
- THUN, Harald. *Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.
- THUN, Harald. *Variação na interação entre informante e entrevistador*. Trad. Cléo Vilson Altenhofen / Filipe Neckel. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.40, p. 82-107, jan/jun 2017. [2005] Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>.
- THUN, Harald & WILKIN, René. *A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napeolônico (1805-1813)*. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. *Cartas de Imigrantes de Fala Alemã: Pontes de Papel dos Hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 31-78.
- THIERFELDER, Franz. *Deutsche Sprache im Ausland*. In: *Deutsche Philologie im Aufriß*. Hrsg. von STAMMLER, Wolfgang unter Mitarb. zahlreicher Fachgelehrter. Berlin; Bielefeld: Schmidt, 1952. Bd. 1, Sp. 499-580.
- WIESINGER, Peter. *Die Einteilung der deutschen Dialekte*. In: BESCH, Werner et al. (Hrsg.) *Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung*. 2. Halbbd. Berlin; New York: de Gruyter, 1983.
- WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- WILLEMS, Emílio. *Linguistic changes in German-Brazilian communities*. In: *Acta Americana*, n. 1, p. 448-463, 1943.
- WILLEMS, Emílio. *Acculturation and the horse complex among German-Brazilians*. In: *American Anthropologist N. S.*, New York, v. 46, n. 2, p. 153-161, 1944.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed., ilustr., rev. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional; [Brasília]: INL, 1980. 467 p. (1. ed. 1946) (Brasiliana; v. 250.)
- ZIMMER, Rudolf. *Brasilien ist ein gesegnetes Land. Sieben Briefe des Auswanderers Cornelius Wickert aus Buch im Hunrück und seines Sohnes Jacob an die Hunsrücker Verwandten (1870-1894)*. In: *Jahrbuch für westdeutsche Landesgeschichte*, 41. Jg., p. 295-333, 2015.
- ZSCHOCKE, Reinhart. *Die Kulturlandschaft des Hunsrücks und seiner Randlandschaften in*

der Gegenwart und in ihrer historischen Entwicklung. Mit 34 Karten. Wiesbaden: Steiner, 1970. XI, 268 p., Kartenanhang. (Kölner Geographische Arbeiten; 24.).

Outras fontes

BIRS – BILINGUISMO NO RIO GRANDE DO SUL. Dados de 1990. Coordenação Walter Koch.

BRASIL. Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013.

BRASILALEMANHA. *Encontros de família*. Disponível em: http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/paginas/encontros-de-familia. Acesso em 02.11.2018.

CAMINHO DO IMIGRANTE: SANTA LEOPOLDINA/ SANTA TERESA. *O Caminho do Imigrante*. Disponível em: <http://www.caminhodoimigrante.es.gov.br/html/ocaminho.html>. Acesso em: 2018.

CESPRO: PROCESSAMENTO DE DADOS. Disponível em: <http://www.cespro.com.br/>. Acesso em: 2018.

CONOMALI - Colonizadora Noroeste Matogrossense S/A. Disponível em: <http://conomali.com.br/>. Acesso em: 2018.

DOCUMENTO do Colegiado da Diversidade Linguística do RS: inventariar, reconhecer, salvaguardar, promover. SEDACTEL (Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2018.

MUSEU VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Disponível em: <http://www.museuhistoricosl.com.br/mostraconteudo.cfm?id=historico&atalhos=atalhosMenuInst>. Acesso em 08 nov. 2018.

PIONEIRO. *Memória: encontro da família Rauber em Feliz*. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2018/04/memoria-encontro-da-familia-rauber-em-feliz-10318429.html>. Acesso em: 02.11.2018.

Relatório da Audiência Pública da Diversidade Linguística do Brasil. Brasília – DF: Assembleia Legislativa, 13.12.2007.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Estadual nº 14.061, de 23 de julho de 2012.

SANTA CATARINA. Lei Estadual nº 16.987, de 03 de agosto de 2016.

UNESCO. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. UNESCO. 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em 10 nov. 2018.



Fotos: Cléo Vilson Altenhofen

Anexos



ANEXO 1

DECRETO Nº 7.387, DE 9 DE DEZEMBRO DE 2010.

Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea “a”, da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sob gestão do Ministério da Cultura, como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Parágrafo único. O Inventário Nacional da Diversidade Linguística será dotado de sistema informatizado de documentação e informação gerenciado, mantido e atualizado pelo Ministério da Cultura, de acordo com as regras por ele disciplinadas.

Art. 2º As línguas inventariadas deverão ter relevância para a memória, a história e a identidade dos grupos que compõem a sociedade brasileira.

Art. 3º A língua incluída no Inventário Nacional da Diversidade Linguística receberá o título de “Referência Cultural Brasileira”, expedido pelo Ministério da Cultura.

Art. 4º O Inventário Nacional da Diversidade Linguística deverá mapear, caracterizar e diagnosticar as diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira, sistematizando esses dados em formulário específico.

Art. 5º As línguas inventariadas farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público.

Art. 6º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios serão informados pelo Ministério da Cultura, em caso de inventário de alguma língua em seu território, para que possam promover políticas públicas de reconhecimento e valorização.

Art. 7º O Ministério da Cultura instituirá comissão técnica com a finalidade de examinar as propostas de inclusão de línguas no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, integrada por representantes dos Ministérios da Cultura, da Educação, da Justiça, da Ciência e Tecnologia e do Planejamento, Orçamento e Gestão.

§ 1º Os membros da comissão técnica serão indicados pelos titulares dos órgãos que o integram e designados pelo Ministro de Estado da Cultura.

§ 2º A comissão técnica poderá convidar representantes dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios que possuam línguas cuja inclusão no Inventário Nacional da Diversidade Linguística tenha sido indicada, bem como especialistas para participarem de suas discussões e atividades.

§ 3º A comissão técnica poderá contratar consultores, de acordo com a legislação aplicável, para a discussão e exame de questões específicas.

§ 4º A coordenação da comissão técnica será exercida pelo Ministério da Cultura, que prestará o apoio administrativo e os meios necessários à execução das atividades do colegiado.

§ 5º A participação na comissão técnica será considerada prestação de serviço público relevante, não remunerada.

Art. 8º Poderão propor a inclusão de línguas no Inventário Nacional da Diversidade Linguística à comissão técnica, órgãos e instituições públicas federais, estaduais, distritais e municipais, entidades da sociedade civil e de representações de falantes, conforme normas a serem expedidas pelo Ministério da Cultura.

Art. 9º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de dezembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto

Fernando Haddad

Paulo Bernardo Silva

João Luiz Silva Ferreira

Sergio Machado Rezende

**ANEXO 2****LEI N.º 14.061, DE 23 DE JULHO DE 2012.**

(publicada no DOE nº 142, de 24 de julho de 2012)

Declara integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul a “Língua Hunsrik”, de origem germânica.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1.º Fica declarada integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado a “Língua Hunsrik”, de uso comum entre os descendentes de imigrantes germânicos chegados há quase dois séculos da Alemanha ao Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 23 de julho de 2012.

FIM DO DOCUMENTO

ANEXO 3**LEI Nº 16.987, DE 3 DE AGOSTO DE 2016**

Procedência: Dep. Pe. Pedro Baldissera

Natureza: PL./0508.2/2015

DOE: 20.354 de 04/08/2016

Fonte: ALESC/Coord. Documentação.

Declara integrante do patrimônio cultural imaterial do Estado de Santa Catarina a língua de imigração *Hunsrückisch*.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica declarada integrante do patrimônio cultural imaterial do Estado de Santa Catarina, a língua de imigração *Hunsrückisch*, originada dos descendentes alemães.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, 3 de agosto de 2016.

JOÃO RAIMUNDO COLOMBO
Governador do Estado

**ANEXO 4****LEI LEGISLATIVA 132/2010**

EDSON LAIR DECKER, Presidente da Câmara Municipal de Antônio Carlos, no uso de suas atribuições legais, faz saber a todos os habitantes deste Município, que a Câmara Municipal aprovou a seguinte Lei:

Art. 1º A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.

Parágrafo Único – Fica instituído o Hunsrückisch como língua co-oficial no Município de Antônio Carlos.

Art. 2º O status de língua co-oficial estabelecido por esta lei, visa incentivar e apoiar o aprendizado e o uso da língua nas escolas da rede pública municipal.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, ficando o poder Executivo Municipal, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, responsável pela sua regulamentação e elaboração de leis complementares que porventura sejam necessárias.

Art. 4º Ficam revogadas as disposições em contrário.

Antônio Carlos, 21 de setembro de 2010.

EDSON LAIR DECKER
Presidente

Lei sancionada e publicada no dia 05 de outubro de 2010.

GERALDO PAULI
Prefeito Municipal

ANEXO 5**LEI Nº 1.001, DE 21 DE SETEMBRO DE 2015**

“Declara Integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do Município de São Pedro de Alcântara, a “Língua Hunsrik” de origem Germânica”.

JUCELIO KREMER, Prefeito Municipal de São Pedro de Alcântara, Estado de Santa Catarina, faz saber a todos os habitantes deste Município que a Câmara de Vereadores, aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica declarada integrante do patrimônio histórico e cultural do Município de São Pedro de Alcântara a “Língua Hunsrik”, de uso comum entre os descendentes de imigrantes germânicos chegados há quase dois séculos da Alemanha ao Município de São Pedro de Alcântara.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

São Pedro de Alcântara, 22 de setembro de 2015.

Jucelio Kremer
Prefeito Municipal



ANEXO 6

LEI Nº 1685, DE 12/07/2016.

DISPÕE SOBRE A CO-OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA ALEMÃ NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO OESTE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Prefeito Municipal de São João do Oeste, estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições legais, submete para apreciação do Legislativo Municipal, o seguinte Projeto de Lei:

Art. 1º - Fica instituída a língua alemã como idioma co-oficial no município de São João do Oeste, respeitando a língua portuguesa como o idioma oficial da República Federativa do Brasil.

Parágrafo único. Será aceito o dialeto germânico “Hunsrück” para comunicação informal em todo o território municipal.

Art. 2º - Serão observadas algumas questões em razão da instituição da língua alemã como co-oficial secundária:

I - Incentivar o atendimento ao público na língua alemã, em especial para as pessoas que não tiverem o domínio da língua portuguesa;

II - Estimular o aprendizado da língua alemã nas escolas da rede municipal, bem como sua utilização no atendimento aos turistas;

III - Estimular o uso da língua alemã nas placas de sinalização de trânsito, em logradouros públicos e na identificação dos espaços públicos;

IV - Incentivar o uso da língua alemã no comércio local, bem como, na identificação dos estabelecimentos comerciais do município.

Parágrafo único. As pessoas jurídicas estabelecidas no município, poderão aplicar a presente lei, de acordo com seus interesses, para atendimento a seus clientes, inclusive em materiais publicitários.

Art. 3º - O uso da língua alemã, nos termos da presente lei, não poderá ensejar qualquer forma ou motivo de discriminação, tendo por finalidade única, preservar a cultura e a tradição alemã, herdada dos colonizadores de nossa região.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

São João do Oeste, 12 de julho de 2016.

SÉRGIO LUÍS THEISEN
Prefeito Municipal

ANEXO 7**DECRETO MUNICIPAL Nº 005, DE 05/02/2009****DISPÕE SOBRE A COMUNICAÇÃO EM HUNSRIK NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM SANTA MARIA DO HERVAL.**

RODRIGO FRITZEN, Prefeito Municipal de Santa Maria do Herval, RS, no uso de suas atribuições legais, conferidas pela Lei Orgânica Municipal vigente; e

CONSIDERANDO as Orientações Didáticas do PCN Vol. 10, 2001, Pluralidade Cultural, página 95, que orienta que se organizem projetos didáticos que cabe às equipes técnicas e aos educadores priorizar e acrescentar conteúdos segundo sua realidade particular, propiciando um ambiente acolhedor que inclua a possibilidade do aluno trazer à sala de aula seu próprio repertório linguístico e cultural, permitindo a integração entre o vivido e o aprendido;

CONSIDERANDO o disposto na Declaração Universal dos Diretos Linguísticos de Barcelona, com patrocínio da UNESCO, mormente em seus artigos 23 a 30 e 41 a 46;

DECRETA:

Art. 1º Autoriza a comunicação em língua Hunsrik, nas Escolas da Rede Municipal de Ensino, até a 4ª Série do Ensino Fundamental, em até 50% (cinquenta por cento) de tempo, de acordo com o Projeto Pedagógico a ser implantado.

Art. 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE SANTA MARIA DO HERVAL, RS, 05 DE FEVEREIRO DE 2009.

RODRIGO FRITZEN,
PREFEITO MUNICIPAL

NAIR HAUBERT SCHNEIDER,
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



ANEXO 8



Carta do I Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e II Encontro de Falantes do Hunsrückisch

O Brasil, país bilíngue desde 2005 (português/Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS), é muito rico em diversidade linguística. Apesar de uma história orientada para o monolingüismo que oficializou e aparelhou somente a língua portuguesa como língua de ensino e oficial, o censo demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta a existência de cerca de 274 línguas indígenas no país, inclusive línguas indígenas de sinais, como a dos Ka'apor. Pesquisas indicam, ainda, aproximadamente 56 línguas faladas por descendentes de imigrantes, há pelo menos três gerações, em vários municípios brasileiros, como é o caso do talian, pomerano, hunsrückisch, polonês, russo, entre outras. Igualmente há as línguas afro-brasileiras e as que se intercalam, como é o caso dos crioulos Galibi Marworno, Karipuna do Norte e Palikur, falados na região do Oipoque, na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, e do Portunhol, na fronteira com países hispano falantes.

De um ponto de vista geodemográfico, há regiões claramente multilíngues. Na faixa de fronteira são faladas as línguas oficiais dos países fronteiriços (espanhol, guarani, inglês e francês), línguas indígenas e línguas alóctones, além de ser espaço propício para processos dinâmicos de interferências entre línguas e de crioulição, como indicado. Nas regiões Norte e Centro Oeste há forte presença de línguas indígenas, e nas Sul e Sudeste há grande número de línguas alóctones ou de imigração, decorrente de processos imigratórios iniciados na primeira metade do século XIX.

Nos últimos anos, esse multilingüismo tem sido tematizado no país, culminando em políticas públicas voltadas à promoção das línguas.

Em 1988, a Constituição Federal garantiu para a população indígena o seu direito às práticas educacionais e culturais nas suas línguas.

Em 2002, a lei federal no. 10.436 instituiu o direito à educação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para a população surda, e sua regulamentação pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 valorizou e ampliou os espaços de usos dessa língua.

Nesta mesma década, comunidades de falantes do Talian (vêneto brasileiro) e instituições fizeram demandas para que sua língua, não contemplada na Constituição de 1988, recebesse atenção do Estado pelo fato de constituir referência cultural para o Brasil.

Em 2004, inspirado na política de reconhecimento e registro dos bens imateriais desenvolvida pelo Ministério da Cultura (MinC), o IPOL encaminhou uma demanda à Comissão de Educação

e Cultura da Assembleia Legislativa Federal para que fossem tomadas providências para que também as línguas brasileiras, em sua totalidade – indígenas, alóctones (imigração), crioulas, afro-brasileiras e de sinais – fossem consideradas parte do patrimônio imaterial da nação. Era o início de um processo que resultaria na Política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) destinada a conhecer as realidades multilíngues do país e reconhecer as línguas brasileiras como patrimônio cultural e imaterial, conduzida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Instituído em 2010 pelo Decreto Federal 7.387/2010, o INDL acarretou a realização de debates e seminários públicos, a formulação de um guia metodológico e a realização de projetos pilotos. Em 2014, em seminário aberto, foram entregues os 3 (três) primeiros certificados de *Referência Cultural Brasileira* aos falantes das línguas Guarani Mbya, Assurini do Trocará e Talian. Desde então, somam-se 7 (sete) línguas reconhecidas - Guarani-Mbyá (regiões sul e sudeste), Assurini do Trocará (Tocantins); Matipu, Nahukwa, Kuikuro e Kalapalo (Alto-Xingu) e Talian (região sul: colônias velhas) - e 4 (quatro) outras se encontram em processo de inventário - Hunsrückisch (Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo); Libras (Grande Florianópolis e amostragem em todo o país); Ianomami (Médio Rio Negro, Amazonas, e fronteira Brasil/Venezuela) e Pomerano (Espírito Santo e amostragem de outros Estados).

Além da política do INDL iniciou-se, também em 2002, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, a política de cooficialização de línguas. Por meio de uma lei municipal, as línguas tukano, nheengatu e baniwa tornaram-se cooficiais no município, juntamente com o português. Essa ação inaugurou uma nova jurisprudência para os direitos linguísticos no país, uma vez que somente o português gozava, até então, do estatuto de língua oficial. Um dos efeitos dessa política se fez sentir no ensino superior com a oferta, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) da licenciatura Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável, que funciona também nas línguas cooficiais nheengatu, tukano e baniwa. Um outro efeito é a forte aderência social da cooficialização de línguas. Prova disso é o fato de haver, neste ano de 2018, 30 (trinta) municípios com línguas cooficializadas, sendo 7 (sete) indígenas (tukano, nheengatu e baniwa, akwê xerente, guarani, wapixana e macuxi) e 4 (quatro) alóctones (pomerano, alemão, talian e hunsrückisch).

Considerando esse quadro de multilinguismo e de políticas que reconhecem as línguas brasileiras como *Referência Cultural Brasileira* e como cooficial em vários municípios e tendo em vista que são políticas de gestão compartilhada em todos os níveis de governo, os participantes do I Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e II Encontro de Falantes do Hunsrückisch, reunidos em Florianópolis em 24 e 25 de agosto de 2018, recomendam:

1. Ao IPHAN, que institua um comitê ou grupo interinstitucional, interministerial e com participação da sociedade civil, para propor uma forma de execução da política do INDL visando a contemplar, em um curto espaço de tempo, toda a diversidade linguística brasileira;
2. Ao IPHAN, que fomenta as línguas já inventariadas e reconhecidas por meio de ações de valorização e salvaguarda;
3. Ao IPHAN, que promova uma política de divulgação e informação sobre o INDL direcionada especialmente aos gestores municipais e estaduais;
4. Às Secretarias de Educação e de Cultura de estados e municípios que



coloquem em pauta ações de sensibilização, valorização e fortalecimento da diversidade linguística como forma de quebrar preconceitos e promover a inclusão de cidadãos que não são falantes do português como primeira língua;

5. Aos governos dos Estados, que criem, nos moldes do que existe no Estado do Rio Grande do Sul, um colegiado da diversidade linguística com foro propositivo e deliberativo, que atenda às especificidades e demandas do plurilinguismo que compõe a sua realidade;
6. Às instituições de ensino, municipais estaduais e federais, em todos os níveis, que implementem medidas de mapeamento do repertório linguístico de seu corpo discente, docente e funcionários (identificar as línguas de professores, alunos e funcionários);
7. Às instituições federais, estaduais e municipais de fomento de pesquisas que promovam pesquisas multilíngues e criem linhas de apoio para ações voltadas à diversidade linguística;
8. Ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que implemente em seu censo escolar o levantamento das línguas faladas pelos alunos, professores e funcionários das escolas;
9. Ao IBGE, reforçando a consulta pública recente, que implemente a investigação sobre as línguas faladas pela totalidade dos cidadãos brasileiros no censo demográfico a partir de 2020;
10. Aos municípios reconhecidamente plurilíngues, que instituem conselhos paritários para gestão das línguas;
11. Aos municípios reconhecidamente plurilíngues, que implementem ações de fortalecimento e de promoção da consciência histórica e cultural do seu patrimônio linguístico.

Estas recomendações, extraídas do conhecimento partilhado I Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e II Encontro de Falantes do Hunsrückisch, representam um entendimento comum dos participantes e visam a contribuir para a promoção da diversidade linguística brasileira.

Florianópolis, 25 de agosto de 2018.

ANEXO 9



Carta dos I e II Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e II e III Encontro de Falantes do Hunsrückisch

O Brasil, país bilíngue desde 2005 (português/Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS), é muito rico em diversidade linguística. Apesar de uma história orientada para o monolinguismo que oficializou e aparelhou somente a língua portuguesa como língua de ensino e oficial, o censo demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta a existência de cerca de 274 línguas indígenas no país, inclusive línguas indígenas de sinais, como a dos Ka'apor. Pesquisas indicam, ainda, aproximadamente 56 línguas faladas por descendentes de imigrantes, há pelo menos três gerações, em vários municípios brasileiros, como é o caso do talian, pomerano, hunsrückisch, polonês, russo, entre outras. Igualmente há as línguas afro-brasileiras e as que se intercalam, como é o caso dos crioulos Galibi Marworno, Karipuna do Norte e Palikur, falados na região do Oipoque, na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, e do Portunhol, na fronteira com países hispano falantes.

De um ponto de vista geodemográfico, há regiões claramente multilíngues. Na faixa de fronteira são faladas as línguas oficiais dos países fronteiriços (espanhol, guarani, inglês e francês), línguas indígenas e línguas alóctones, além de ser espaço propício para processos dinâmicos de interferências entre línguas e de criouliização, como indicado. Nas regiões Norte e Centro Oeste há forte presença de línguas indígenas, e nas Sul e Sudeste há grande número de línguas alóctones ou de imigração, decorrente de processos migratórios iniciados na primeira metade do século XIX.

Nos últimos anos, esse multilinguismo tem sido tematizado no país, culminando em políticas públicas voltadas à promoção das línguas.

Em 1988, a Constituição Federal garantiu para a população indígena o seu direito às práticas educacionais e culturais nas suas línguas.

Em 2002, a lei federal no. 10.436 instituiu o direito à educação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para a população surda, e sua regulamentação pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 valorizou e ampliou os espaços de usos dessa língua.

Nesta mesma década, comunidades de falantes do Talian (vêneto brasileiro) e instituições fizeram demandas para que sua língua, não contemplada na Constituição de 1988, recebesse atenção do Estado pelo fato de constituir referência cultural para o Brasil.

Em 2004, inspirado na política de reconhecimento e registro dos bens imateriais desenvolvida pelo Ministério da Cultura (MinC), o IPOL encaminhou uma demanda à Comissão de Educação



e Cultura da Assembleia Legislativa Federal para que fossem tomadas providências para que também as línguas brasileiras, em sua totalidade – indígenas, alóctones (imigração), crioulas, afro-brasileiras e de sinais – fossem consideradas parte do patrimônio imaterial da nação. Era o início de um processo que resultaria na Política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) destinada a conhecer as realidades multilíngues do país e reconhecer as línguas brasileiras como patrimônio cultural e imaterial, conduzida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Instituído em 2010 pelo Decreto Federal 7.387/2010, o INDL acarretou a realização de debates e seminários públicos, a formulação de um guia metodológico e a realização de projetos pilotos. Em 2014, em seminário aberto, foram entregues os 3 (três) primeiros certificados de *Referência Cultural Brasileira* aos falantes das línguas Guarani Mbya, Assurini do Trocará e Talian. Desde então, somam-se 7 (sete) línguas reconhecidas - Guarani-Mbyá (regiões sul e sudeste), Asuriní do Trocará (Tocantins); Matipu, Nahukwa, Kuikuro e Kalapalo (Alto-Xingu) e Talian (região sul: colônias velhas) - e 4 (quatro) outras se encontram em processo de inventário - Hunsrückisch (Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo); Libras (Grande Florianópolis e amostragem em todo o país); Ianomami (Médio Rio Negro, Amazonas, e fronteira Brasil/Venezuela) e Pomerano (Espírito Santo e amostragem de outros Estados).

Além da política do INDL iniciou-se, também em 2002, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, a política de cooficialização de línguas. Por meio de uma lei municipal, as línguas tukano, nheengatu e baniwa tornaram-se cooficiais no município, juntamente com o português. Essa ação inaugurou uma nova jurisprudência para os direitos linguísticos no país, uma vez que somente o português gozava, até então, do estatuto de língua oficial. Um dos efeitos dessa política se fez sentir no ensino superior com a oferta, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) da licenciatura Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável, que funciona também nas línguas cooficiais nheengatu, tukano e baniwa. Um outro efeito é a forte aderência social da cooficialização de línguas. Prova disso é o fato de haver, neste ano de 2018, 30 (trinta) municípios com línguas cooficializadas, sendo 7 (sete) indígenas (tukano, nheengatu e baniwa, akwê xerente, guarani, wapixana e macuxi) e 4 (quatro) alóctones (pomerano, alemão, talian e hunsrückisch).

Considerando esse quadro de multilinguismo e de políticas que reconhecem as línguas brasileiras como *Referência Cultural Brasileira* e como cooficial em vários municípios e tendo em vista que são políticas de gestão compartilhada em todos os níveis de governo, os participantes do I Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e II Encontro de Falantes do Hunsrückisch, reunidos em Florianópolis em 24 e 25 de agosto de 2018, recomendam:

1. Ao IPHAN, que institua um comitê ou grupo interinstitucional, interministerial e com participação da sociedade civil, para propor uma forma de execução da política do INDL visando a contemplar, em um curto espaço de tempo, toda a diversidade linguística brasileira;
2. Ao IPHAN, que fomente as línguas já inventariadas e reconhecidas por meio de ações de valorização e salvaguarda;
3. Ao IPHAN, que promova uma política de divulgação e informação sobre o INDL direcionada especialmente aos gestores municipais e estaduais;
4. Às Secretarias de Educação e de Cultura de estados e municípios que coloquem em pauta ações de sensibilização, valorização e fortalecimento

- da diversidade linguística como forma de quebrar preconceitos e promover a inclusão de cidadãos que não são falantes do português como primeira língua;
5. Aos governos dos Estados, que criem, nos moldes do que existe no Estado do Rio Grande do Sul, um colegiado da diversidade linguística com foro propositivo e deliberativo, que atenda às especificidades e demandas do plurilinguismo que compõe a sua realidade;
 6. Às instituições de ensino, municipais estaduais e federais, em todos os níveis, que implementem medidas de mapeamento do repertório linguístico de seu corpo discente, docente e funcionários (identificar as línguas de professores, alunos e funcionários);
 7. Às instituições federais, estaduais e municipais de fomento de pesquisas que promovam pesquisas multilíngues e criem linhas de apoio para ações voltadas à diversidade linguística;
 8. Ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que implemente em seu censo escolar o levantamento das línguas faladas pelos alunos, professores e funcionários das escolas;
 9. Ao IBGE, reforçando a consulta pública recente, que implemente a investigação sobre as línguas faladas pela totalidade dos cidadãos brasileiros no censo demográfico a partir de 2020;
 10. Aos municípios reconhecidamente plurilíngues, que instituam conselhos paritários para gestão das línguas;
 11. Aos municípios reconhecidamente plurilíngues, que implementem ações de fortalecimento e de promoção da consciência histórica e cultural do seu patrimônio linguístico.

Os participantes do II Encontro Regional do Inventário do Hunsrückisch e III Encontro de Falantes do Hunsrückisch, reunidos em Nova Petrópolis, RS, em 12 e 13 de outubro de 2018, ratificam as recomendações anteriormente apresentadas e também aquelas presentes no documento divulgado pelo Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul e acrescentam as seguintes:

12. Ao Conselho Nacional de Educação e ao Ministério da Educação, que contemplem diretrizes para modalidade de ensino bilíngue ou plurilíngue em suas normativas;
13. Aos Conselhos Estaduais e Municipais de Cultura, bem como à Federação Nacional dos Conselhos Estaduais de Cultura - CONECTA, que incluam a diversidade linguística em sua pauta e fomentem ações de valorização das línguas;
14. Aos municípios notadamente plurilíngues, que promovam formações de professores de diversas disciplinas com vistas à valorização das línguas existentes nas localidades e sua utilização nos processos de ensino-aprendizagem;
15. Às instituições e representantes responsáveis pelos eventos de comemoração dos 200 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul, que incluam nas programações a temática da diversidade linguística como uma oportunidade de conscientização linguística e promoção das línguas brasileiras, com especial atenção às línguas de imigração alemã.



Estas recomendações, extraídas do conhecimento partilhado nos referidos eventos com falantes do hunsrückisch, representam um entendimento comum dos participantes e visam a contribuir para a promoção da diversidade linguística brasileira.

Nova Petrópolis, 13 de outubro de 2018.

Este livro reúne um conhecimento amplo sobre a origem, variação, formação, difusão, uso, estudos e significado da língua Hunsrückisch (hunsriqueano), língua de referência de mais de um milhão de brasileiros e que tem por base o alemão falado por imigrantes da região do Hunsrück e Palatinado, vindos a partir de 1824 ao Brasil. O conhecimento aqui reunido como requisito para o reconhecimento do Hunsrückisch como Referência Cultural Brasileira é, ao mesmo tempo, resultado e instrumento de conscientização linguística sobre o papel do plurilinguismo em nossa sociedade, além de representar mais uma contribuição fundamental da Política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística.



Inventário Nacional da Diversidade Linguística

